



**José Fleuri Queiroz**

(pesquisador/divulgador)

**MEDICINA ESPÍRITA - CIÊNCIA MÉDICA**

**PARAPSIKOLOGIA**

***MEDIUNIDADE CURADORA***

***“ALLAN KARDEC”***

A **MEDIUNIDADE CURADORA** é uma aplicação dos princípios espíritas às doenças em geral, por intermédio dos **MÉDIUNS CURADORES**.

A **MEDICINA ESPÍRITA**, entretanto, é o que Kardec chamava: “Uma aplicação dos princípios espíritas no **PLANO CULTURAL**, ou seja, na **MEDICINA**, o que só pode ser feito por **MÉDICOS**”.

\*

**CAUSAS MATERIAIS E ESPIRITUAIS DAS DOENÇAS**  
(Métodos de Prevenção e Cura Segundo a Ciência Espírita)

\*

**OBSESSÃO - SUBJUGAÇÃO - POSSESSÃO.**  
(Causas. Conseqüências mórbidas Físicas e Espirituais. Curas)

\*

**PERFEIÇÃO MORAL E SAÚDE PERFEITA**  
“MENTE SÃ E CORPO SÃO”  
(CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA – ‘Código Fleurí’)

\*

Matéria selecionada por José Fleurí Queiroz, das magníficas obras dos autores abaixo,  
de interesse da Ciência Médica, das Faculdades de Medicina, dos espíritas e do público em geral:

**ALLAN KARDEC**

**J. HERCULANO PIRES**

**EMMANUEL (Espírito)**

## **AGRADECIMENTOS**

***AGRADEÇO A TODOS QUE, DE UMA FORMA OU DE OUTRA, TÊM  
CONTRIBUÍDO PARA QUE EU CONTINUE TENTANDO SER ÚTIL.***

## APRESENTAÇÃO

Para quem ainda não o conhece, apresento o “Menino Fleurí”. Mas quem é ele? E o que significa este livro?

Muito bem, veja no livro “Código de Direito Natural Espírita” – *Código Fleurí* - (Projeto comentado, de José Fleurí Queiroz – Editora Mundo Jurídico), o que escrevi sobre o mesmo.

Quanto à obra presente, nada mais é do que uma seqüência dos demais trabalhos anteriores, pela mesma Editora: “A Educação Como Direito e Dever À Luz da Filosofia e do Direito Natural”, o Código referido, “Suicídio É Ou Não É Crime?” (em co-autoria com Allan Francisco Queiroz, nosso filho), “A Violência. A Criminalidade. O Criminoso. A Superlotação Carcerária” (no prelo). Todos com um único propósito: demonstrar que a Filosofia e Ciência Espíritas estão incrustadas em todas as áreas do Conhecimento, que só se torna completo com a sua inserção no Meio Cultural. Este trabalho, em princípio é de interesse da Ciência Médica; os demais, À Ciência e Filosofia do Direito. E, no conjunto, interessam a todos nós, que estamos em busca da Verdade.

O “Menino Fleurí”, nos últimos anos, tem passado dias, noites, feriados, fins de semana e feriados debruçado em exaustivas pesquisas, seleção de textos, etc., procurando reunir o que encontra na vasta Literatura Espírita para associar à toda Cultura que ainda se ressentem das injunções do Materialismo

Ele não tem nenhum vínculo com a Medicina – só quando fica doente -, mas é Espírita militante há muitos anos e dirigente do Centro Espírita Sinhaninha – Liceu Allan Kardec, em nossa cidade (Buri-SP), onde eu fiscalizo seus trabalhos, como Assessora e Esposa; nesse mister, temos observado, em conjunto, os resultados da Mediunidade Curadora associada à Assistência Médica. Daí, obviamente, e dos estudos profundos, resultou este livro, que, também, tem parte de minha vida, uma vez que me roubou muitas horas de “papo-furado”, etc., com o pesquisador “Menino Fleurí”.

Não tenho a menor dúvida que todos serão beneficiados com esta leitura!

DOMITILA MEIRA DE VASCONCELLOS

Esposa vigilante (porque oro e vigio).

## ÍNDICE NO FINAL

## INTRODUÇÃO E RESUMO

Lancei, pela Editora Mundo Jurídico, três livros com o propósito de colaborar na divulgação da Doutrina Espírita no meio acadêmico e cultural. O primeiro, em 2.003, “A Educação Como Direito e Dever – À Luz da Filosofia e do Direito Natural”, minha Dissertação de Mestrado em Filosofia do Direito e do Estado, pela PUC-SP; o segundo, em 2.006, “Código de Direito Natural Espírita” (Projeto Comentado); o terceiro, em 2.007, “Suicídio É ou Não é Crime?”, em parceria com meu filho Allan Francisco Queiroz. O quarto, em vias de publicação, “A Violência. A Criminalidade. O Criminoso. A Superlotação Carcerária”. Todos eles enquadrados na Filosofia do Direito, sendo que o último envolvendo, também, elementos da Ciência Jurídica.

Volto, agora, com este trabalho: “Medicina Espírita/Parapsicologia/Ciência Médica/Mediunidade Curadora”, resultado de profundas pesquisas na literatura Espírita e nos recursos atualizados que nos proporciona a Internet, dirigindo-me, principalmente, a outro segmento Cultural, ou seja, à nobre classe Médica e estudantes de Medicina, procurando fornecer subsídios que possam contribuir para o aperfeiçoamento dessa Ciência, em prol da Humanidade sofredora.

Dirigi-me, anteriormente, à classe dos Juristas, à qual, também, honrosamente pertenço na qualidade de Advogado Criminalista, Professor Universitário em Filosofia do Direito e do Estado e Auditor Fiscal da Receita Federal (aposentado em 1991), procurando, da mesma forma, colaborar para o enriquecimento da Ciência e Filosofia do Direito, através dos princípios do Direito Natural Espírita, fartamente explicitados no Código de Direito Natural Espírita já referido.

Viso, no momento, como já esclarecido, a honrosa Classe Médica e o meio estudantil respectivo, na condição de espírita atuante e observador direto dos ótimos resultados de cura pela “Mediunidade Curadora” nos Centros Espíritas de nossa cidade de Buri - SP: “Amor, Fé e Caridade”, sendo presidente a Sra. Hélia Rodrigues, “Discípulos de Jesus”, cujo presidente é o Sr. João Tomáz e, ainda, no “Centro Espírita Sinhaninha – Liceu Allan Kardec”, do qual sou dirigente, em companhia de minha esposa Dra. Domitila, há mais de dez anos, acrescentando, também, que por mais de 10 anos fui colaborador junto à “Federação Espírita do Estado de São Paulo”, em nossa capital, onde freqüentei todos os Cursos lá ministrados e atuei em vários Departamentos da mesma. Assim, aliando teoria e prática, fiquei encorajado para este empreendimento.

Naturalmente, como aconteceu com os livros anteriores, muitos, antes mesmo de consultarem a este, o repelirão, por tratar-se de Espiritismo e por ignorarem que esta Doutrina é resultado de observações experimentais de fatos reais, o mesmo processo utilizado na Ciência tradicional e, em particular, pela Ciência Médica. E o caráter científico do Espiritismo pode ser facilmente comprovado se, antes do repúdio, se derem ao trabalho de examinarem e estudarem as obras básicas da Codificação de Allan Kardec e os doze volumes da Revista Espírita, por ele também redigidos, num período não inferior a quinze anos de exaustivos trabalhos.

Meu entusiasmo em direcionar o resultado das pesquisas à Classe Médica, que sempre hostilizou o Espiritismo, e ainda o faz nos dias de hoje, foi estimulado pela observação de José Herculano Pires, no tocante à Mediunidade Curadora, em seu livro “Mediunidade”, lançado pela Edicel, 3ª. Edição, 1980, onde ele afirma:

*“A Medicina Espírita não é uma aplicação pura e simples da Mediunidade Curadora a casos de doenças incuráveis, nem uma forma de Curandeirismo. É o que Kardec chamava ‘uma aplicação dos princípios espíritas no plano cultural. No caso, aplicação específica à Medicina, o que só pode ser feito por médicos’”.*

Além da repescagem nas obras de Kardec, selecionei dos livros de José Herculano Pires – “o metro que melhor mediu Kardec”, nas palavras de Emmanuel (Espírito) -, os temas específicos por ele desenvolvidos, incluindo os constantes de sua magnífica e atualizadíssima obra (apesar de sua 1ª edição ser de 1.965, pela Edicel) “Parapsicologia Hoje e Amanhã” (relembremos, aqui, que J. Herculano Pires participou ativamente na criação do Instituto Paulista de Parapsicologia, em 1963, o primeiro científico em todo o país, chegando a presidi-lo), corroborando todas as conclusões de Allan Kardec, bem como da Parapsicologia nos dias atuais, que caminha, embora lentamente, mas sem desmentir quaisquer dos princípios estabelecidos na Doutrina Espírita, e quase nada mais ter acrescentado além do que Herculano registrou em suas obras.

Por falar em Parapsicologia, vasculhei todo o acervo literário atual, incluindo a Internet, relativo à Parapsicologia/Medicina Espiritual/Ciência Médica, constatando que, elas estão aquém dos resultados obtidos por Allan Kardec há mais de 150 anos e, que, os escritos de José Herculano Pires, até o ano de 1979, no tocante à Parapsicologia, também continuam plenamente em vigor e aguardando, como as obras de Kardec, o avanço desta; o que, inegavelmente, contribuirá para a vinculação da Medicina Espírita à Ciência Médica, abreviando a conquista da plena saúde espiritual e física da sofrida Humanidade.

Nas obras de Emmanuel (Espírito), encontramos claramente delineados os caminhos para essa conquista futura (Mente Sã e Corpo Sã), ratificando as conclusões das pesquisas de Allan Kardec, José Herculano Pires e outros eminentes estudiosos, encarnados e desencarnados, que não foram registrados por falta de espaço.

Por derradeiro, mencionei os extraordinários trabalhos e conclusões, também atuais, através da Internet, da AME – Associação Médico-Espírita de São Paulo, entidade magistralmente dirigida pela Dra. Marlene Nobre (Presidente AME - Brasil), que congrega médicos de renome nacional e internacional, promovendo Congressos no país e no exterior.

Este trabalho, como já enfatizado, pretende fornecer subsídios para estudos e experimentações, e, conseqüentemente, facilitar o desenvolvimento e vinculações da Medicina Espírita, Parapsicologia e Ciência Médica, pois reúne temas, pesquisas, afirmações, conclusões e princípios que estavam dispersos na vasta Ciência Espírita, em sua literatura complementar, bem como constantes, em parte,

na coleção da Revista Espírita que, ainda, é quase desconhecida para muitos Espíritos militantes.

Espero, assim, mais uma vez, ter contribuído para a divulgação da Ciência e Filosofia Espíritas no meio acadêmico e profissional, colaborando para sua integração ao Processo Cultural, como pretendiam os Espíritos Superiores, Allan Kardec e José Herculano Pires.

Buri-SP, julho de 2.008.

José Fleurí Queiroz



## CONSIDERAÇÕES GERAIS

### *MEDICINA. ESPIRITISMO. PARAPSIKOLOGIA*

#### 1 – MEDICINA E ESPIRITISMO

##### J. HERCULANO PIRES

(Livro: Curso Dinâmico de Espiritismo. Ed. Paidéia, 1ª. Ed., 1979).

#### **A Medicina Espírita abre novas e grandiosas perspectivas para o desenvolvimento da Medicina.**

Por que motivo o Espiritismo, desde o início da sua elaboração doutrinária, teve de enfrentar a mais cerrada oposição das corporações médicas em todo o mundo? Por estranho que pareça, o motivo fundamental é simplesmente este: a Ciência Espírita abre novas e grandiosas perspectivas para o desenvolvimento da Medicina, oferecendo-lhe nada menos do que a metade desconhecida da realidade humana e das possibilidades terapêuticas de que ela necessita. Pasteur, que não era médico, mas químico, teve de enfrentar a mesma oposição por motivo semelhante. No seu tempo, a Medicina dispunha apenas de um quarto da realidade humana e Pasteur lhes oferecia mais um quarto. Foi ridicularizado e espezinhado por esse gesto de atrevimento.

Kardec era professor de ciências médicas e clinicou em Paris, como o demonstra André Moreil em sua recente biografia do Codificador. Mas nem por isso escapou da excomunhão científica. É curioso o paralelo entre eles. Pasteur descobriu e revelou, provando-o cientificamente, a existência do mundo invisível das bactérias microbianas, que respondem, juntamente com as viroses, pela totalidade das doenças infecto-contagiosas, e descobriu a maneira científica de prevenir e curar essas doenças. Kardec descobriu e revelou cientificamente o mundo invisível dos espíritos infestadores; descobriu a maneira científica de prevenir e curar as infestações. Esses dois mundos invisíveis não estão localizados no Além, mas aqui mesmo, na Terra, envolvendo e interpenetrando o mundo visível. Mas a Medicina é um organismo vivo do mundo das ciências e, como todos os organismos biológicos ou conceituais, é dotado do instinto de conservação, repelindo instintivamente qualquer interferência estranha em sua estrutura.

Além disso, temos de considerar que descobertas dessa natureza rompem, sempre, ameaçadoras brechas na estrutura maior das civilizações. A civilização científica, que nascera de brechas abertas na civilização teológica, enfrentando batalhas impiedosas para se desenvolver, reagiu com a mesma violência instintiva na defesa da sua estrutura. Remy de Chauvin, diretor de laboratório do Instituto de Altos Estudos de Paris, considerou, recentemente, a existência de uma doença no meio científico e a chamou de *alergia ao futuro*. É essa alergia, novo nome do instinto de conservação, que ainda hoje mantém acesa a luta defensiva da Medicina contra o Espiritismo, não obstante as comprovações científicas atuais de toda a realidade espírita.

**É grande o número atual de médicos espíritas e existem, até mesmo, Associações de Medicina e Espiritismo.**

O Espiritismo aliou-se à Medicina desde o início, a partir das investigações sobre as curas espíritas, realizadas na Clínica do Dr. Demeure, em Paris, a pedido de Kardec. A terapêutica espírita desenvolveu-se à revelia da Medicina, ao contrário do que Kardec desejava, revestindo-se de aspectos antiespíritas. Mas, apesar disso, os espíritas não tomaram, salvo raras exceções, geralmente individuais e de pessoas incultas, a posição das religiões e seitas terapêuticas milagreiras. É grande o número atual de médicos espíritas e existem até mesmo associações de Medicina e Espiritismo, como as do Rio e São Paulo. Esse é o aspecto institucional do problema, sem dúvida importante, porque dele depende, em grande parte, a aceitação da verdade espírita nos meios culturais oficiais, o que talvez possa ocorrer no próximo milênio, com o desenvolvimento da Civilização do Espírito.

**A Filosofia Espírita goza de cidadania oficial, enquanto a Ciência Espírita e a Religião Espírita continuam em posição marginal.**

A situação atual é curiosa: só a Filosofia Espírita goza de cidadania oficial, enquanto a Ciência Espírita e a Religião Espírita continuam em posição marginal. Essa marginalização é a mesma que o Cristianismo sofreu no mundo romano, agora atenuada pelas conquistas do mundo moderno no tocante aos direitos humanos. O Espiritismo não é nem pode fazer-se religião institucionalizada e muito menos oficializada em parte alguma, porque os seus princípios são contrários a toda sistemática fingida e fechada. O que importa no Espiritismo, como Kardec acentuou desde o início, não é a forma, mas a substância. Toda tentativa de institucionalização exige hierarquia, que implica autoridade e ação autoritária. O fundamento ético do Espiritismo é a liberdade, sem a qual não há atividade criadora nem responsabilidade individual. Por isso, só a associação livre convém ao Espiritismo, que perde com isso em representação social, mas ganha, em compensação, no tocante à responsabilidade individual.

Em suas relações com as instituições sociais e políticas da atualidade, o Espiritismo encontra muitas dificuldades, mas a liberdade tem o seu preço. É preferível lutar com dificuldades externas a expor-se ao perigo das congestões internas. Por toda parte, em nosso mundo, pululam os mestres pretensiosos e os tiranetes vaidosos, prontos a servir-se de títulos e cargos oficiais para esmagar a liberdade. Muitos espíritas não compreendem esse problema e tentam sujeitar o movimento espírita a cúpulas pretensiosas. Tratando desse tipo de institucionalização, fatalmente dogmática, Kardec recomendou a multiplicidade dos Centros Espíritas pequenos, unidos por laços de fraternidade, e Emmanuel, através da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, declarou numa mensagem orientadora: *A Religião organizada é o cadáver da Religião*. Isso porque a organização religiosa está sempre sujeita à dominação dos fanáticos e ambiciosos. A ambição do poder asfixia o espírito democrático. O Espiritismo iniciou no campo religioso a era democrática que Jesus lançara no seu tempo, mas que morreu asfixiada com o fracasso da Comunidade Apostólica.

**A mediunidade é fonte inesgotável de recursos espirituais no combate às doenças; não deve ser renegada pelos médicos.**

No tocante às relações do Espiritismo com a Medicina, a institucionalização espírita igrejeira cortaria qualquer possibilidade de entendimento. O Espiritismo não tem por objetivo opor-se à Medicina, mas ajudá-la na melhor compreen-

são da natureza humana e dos recursos naturais de que esta pode dispor para o seu maior progresso. Completando a imagem parcial do homem, de que a Medicina dispõe, o Espiritismo a levará, como já está levando, à utilização dos recursos insuspeitados do espírito. A mediunidade, fonte inesgotável de recursos espirituais no combate às doenças, seria renegada pelos médicos. A finalidade do Espiritismo, nesse campo, é colocar os recursos mediúnicos nas mãos de médicos esclarecidos, para o benefício de toda a Humanidade. As descobertas de Kardec seriam postas à disposição de todos, como o foram as de Pasteur. Esse é um dos motivos da exigência kardeciana de mediunidade gratuita. A profissionalização mediúnica seria um atentado à própria finalidade do Espiritismo, sempre aberto a todas as investigações para melhor servir a todos e, em todos os tempos.

Kardec intuiu desde logo esse problema, recorrendo à Clínica Demeure para o controle dos casos de mediunidade curadora. Disso resultou a conjugação médico-espírita, hoje em franco desenvolvimento, evitando o divinismo fanático das seitas religiosas que proíbem aos adeptos recorrer à medicina. Não somos apenas espíritos, mas espíritos encarnados, dotados do corpo material que é objeto dos estudos e da terapêutica médica. A maioria absoluta dos espíritas utiliza-se de ambos os recursos, o médico e o mediúnico, no tratamento das doenças. Compreendem que os recursos em causa atendem aos dois elementos da constituição humana, o material e o espiritual, sendo por isso necessário conjugar as duas ações terapêuticas, agindo cada uma no seu campo específico. Na proporção em que se acentuar a evolução espiritual do homem, os recursos espirituais se intensificarão no plano mediúnico, contribuindo para a espiritualização da Medicina. A Medicina espiritualizada pertence aos mundos superiores, entre os quais a Terra brilhará um dia, como planeta vitorioso, apesar de todas as incompreensões e dificuldades desta fase de transição. Compreenderemos, então, que Deus concede os seus recursos ao homem, na medida em que ele se torna capaz de utilizá-los sem deitar-se na camargueira do comodismo e da irresponsabilidade.

**A mediunidade curadora é hoje mais perigosa do que benéfica aos médiuns curadores (excita a vaidade e a ambição dos invigilantes).**

A mediunidade curadora é hoje mais perigosa do que benéfica em nosso mundo, porque excita a vaidade e a ambição dos médiuns e de seus familiares, além dos agudos interesses políticos sempre despertados na comunidade, envolvendo os médiuns em manobras sutis que acabam por afetar a sensibilidade mediúnica e desviar o médium de sua verdadeira missão. Na maioria dos médiuns de cura, os primeiros sucessos provocam espanto e humilde respeito pelos espíritos que os assistem, mas a continuidade dos sucessos torna os fatos corriqueiros e o médium acaba se convencendo de que age por si mesmo. A fascinação do dinheiro e do prestígio social e político leva o médium à exploração simoniaca dos seus dons. Ao benefício das curas materiais opõe-se, então, o malefício das enfermidades espirituais, criando dificuldades e conflitos de toda espécie. O pior desses males é a situação contraditória em que o médium acaba caindo, fingindo humildade e cultivando a arrogância, e não raro, na falta da assistência espiritual, que se afasta, entregando-se á prática de expedientes condenáveis.

As condições morais do nosso mundo ainda não permitem a constância da terapêutica mediúnica ostensiva no planeta. Os médiuns de cura são voluntários da

espiritualidade que se julgam capazes de vencer essas condições adversas, mas na maioria fracassam, cedo ou tarde, caindo nas mãos de exploradores visíveis e invisíveis. Com isso aumentam as suspeitas e desconfianças da Medicina, acrescidas pelo ambiente de competição entre médiuns e médicos. Lutas mesquinhas se desenvolvem, envolvendo famílias e comunidades, num torvelinho absorvente de ódios e disputas desesperadas. O que era bênção transforma-se em maldição. Esses os motivos porque a mediunidade curadora de grande eficácia é rara, aparece esporadicamente, o que também contribui para afastar o interesse científico puro desse campo de tantas e tão grandiosas possibilidades para o desenvolvimento da Medicina.

**Quando os médiuns resistem a todas as tentações, não escapam às calúnias, perseguições, processos criminais e prisões.**

Quando os médiuns resistem a todas as tentações, não escapam às calúnias, perseguições, processos criminais e prisões, como já acontecia na era apostólica. Os métodos de combate aos fatos mediúnicos inegáveis continuam a ser os mesmos em nossos dias.

Para superar essas dificuldades milenares, os Espíritos Superiores preferem agir em silêncio nos processos de curas espirituais diretas, geralmente despercebidos, em que a Medicina só considera a ação espontânea dos recursos naturais do organismo do doente. Nessa cômoda posição hipotética, a maioria dos médicos não percebe a contradição em que cai, atribuindo poderes sobrenaturais ao organismo carnal dos doentes, onde ocorrem os milagres da fé ingênua, com a violação, pela própria natureza humana, das leis naturais. As relações medicina-espiritismo são de importância básica para ambos, e particularmente para a Humanidade. Mas não poderão melhorar enquanto os espíritas não tomarem consciência de sua responsabilidade doutrinária e os médicos não superarem os seus preconceitos, mais profissionais do que científicos, em relação aos problemas espirituais e em particular ao Espiritismo e à mediunidade curadora, hoje comprovada em sua realidade auspiciosa nos grandes centros universitários do mundo. Os conceitos do sagrado e do sobrenatural, de um lado, e os preconceitos científicos de outro, ainda pesam esmagadoramente sobre a nossa cultura, que terá de alijar esse fardo para sobreviver.

\*

## **2 – MEDICINA ESPÍRITA**

### **J. HERCULANO PIRES**

**(Livro: Mediunidade - Vida e Comunicação. Ed. EDICEL, 3ª. Ed., 1980).**

#### **A Medicina Espírita é um processo em desenvolvimento.**

A Medicina Espírita é um processo em desenvolvimento. Começou com Kardec e o Dr. Demeure, em Paris, na segunda metade do século passado (XIX). As experiências e observações realizadas com médiuns terapeutas na Clínica do Dr. Demeure figuram, em parte, na *Revista Espírita*, coleção de doze volumes dos doze anos em que Kardec dirigiu e redigiu, praticamente sozinho, os fascículos mensais da publicação por ele fundada.

A Medicina Espírita é uma decorrência natural da natureza e das finalidades do Espiritismo. Tanto no campo científico, quanto no filosófico e religioso, a Doutrina Espírita se revelou como uma forma de Humanismo Ativo, destinado não apenas a estabelecer princípios humanistas, mas também a agir no homem e pelo homem, decifrando-lhe os mistérios do corpo e do espírito e proporcionando-lhe os recursos culturais para a humanização do mundo. Os problemas da saúde humana não podiam escapar do seu enfoque universal. Nesse plano, como em todos os demais, Kardec agiu com prudência e sabedoria, pesquisando, observando, estudando e por fim orientando. O materialismo dominante nas Ciências e na Medicina repeliu a Medicina Espírita. Kardec, por sua vez, sobrecarregado com os múltiplos encargos doutrinários, não teve tempo para cuidar especificamente desse problema e da Pedagogia, dois campos em que militou com sucesso, tendo suas obras adotadas pela Universidade de França. Não deixou o tratado de Medicina Espírita e o de Educação e Pedagogia Espírita que desejava elaborar. Completada a obra da Codificação do Espiritismo, lançou-se ao campo das aplicações doutrinárias, segundo suas próprias palavras, com a elaboração do livro *A Gênese*, de importância fundamental nos três campos fundamentais do Espiritismo. Mas deixou, com *A Gênese*, um modelo do que ele chamou aplicação dos princípios e dos dados do Espiritismo às diversas áreas da cultura.

Como médico, pouco sabemos de suas atividades, a não ser o que informa Henri Sausse, seu contemporâneo e amigo, e, posteriormente, as pesquisas e a esquematização notável da vida do codificador no livro *Vida e Obra de Allan Kardec*. Seu interesse pelo Espiritismo o afastou de todas as demais atividades, como do cargo de diretor de estudos da Universidade de França. Cabia-lhe iniciar no mundo as pesquisas científicas dos fenômenos mediúnicos, o que fez com critério invulgar e plena abnegação. Charles Richet, diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de França, Prêmio Nobel de Fisiologia, prestaria mais tarde sua homenagem a Kardec, reconhecendo, no *Tratado de Metapsíquica*, o critério científico de Kardec, que jamais expusera questões ou elaborara princípios que não se baseassem em rigorosas pesquisas.

Apesar desse início promissor, a Medicina Espírita não conseguiu avançar como devia, em virtude das barreiras que contra ela levantaram todas as forças dominantes na época: científicas, filosóficas e religiosas, num verdadeiro conluio em que destacaram os elementos clericais e os médicos com suas sociedades profissionais e científicas. Não obstante, os sucessos das pesquisas científicas de Richet, Crookes, Notzing, Zöllner e tantos outros, no campo dos fenômenos mediúnicos, e, recentemente, a comprovação da realidade fenomênica pela Parapsicologia, deram novo alento às possibilidades da Medicina Espírita.

### **A Medicina Espírita é uma realidade inegável na atualidade científica do mundo.**

Hoje, há várias associações de Medicina e Espiritismo e de médicos espíritas no Brasil e no mundo, grandes redes hospitalares espíritas e notáveis trabalhos publicados por cientistas e médicos espíritas, particularmente nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Itália, na Alemanha e na Suíça. O interesse das ciências soviéticas também se manifestou, apesar das objeções ideológicas, e o Dr. Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou, projetou-se mundialmente como investigador

dos fenômenos mediúnicos através da Parapsicologia, interessando-se especialmente pelo problema da reencarnação, sob a hábil designação de *reencarnações sugestivas*, como ocorrências de tipo psiquiátrico que precisam ser esclarecidas.

Nos países da órbita soviética, o interesse cresceu de maneira surpreendente. Na Romênia chegou-se a criar uma nova corrente científica, designada como Psicotrônica (psicotrônico: diz-se de ou substância dotada de ação estimulante do psiquismo), mas que na verdade não passa de Parapsicologia disfarçada para escapar aos preconceitos materialistas já levantados contra a Ciência de Rhine e MacDougal. A maior conquista dos soviéticos, nesse campo, foi a descoberta científica e tecnológica, na famosa Universidade de Kirov, no Afeganistão, da existência do corpo bioplásmico das plantas, dos animais e do homem. Esse corpo, que corresponde em estrutura e funções, plenamente, ao *perispírito* ou corpo espiritual do Espiritismo, que representa uma revolução copérnica na Biologia e na Medicina. Infelizmente, o Estado interferiu na questão e as pesquisas foram suspensas por questão de segurança ideológica do Estado Soviético. Apesar disso, o livro de Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, da Universidade de Prentice Hall (EUA), lançado por essa Universidade e, posteriormente, pela Editora Bentam Books, de Nova York, contendo entrevistas comprobatórias dos cientistas responsáveis, continua a circular no Ocidente. (Este importante relato das duas pesquisadoras norte-americanas foi lançado no Brasil pela Editora Cultrix, com o título *Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro. N.E.*). Os cientistas revelaram a sua convicção de que essa descoberta abre novas perspectivas para as ciências e, particularmente, para a Medicina, pelo que foram punidos.

O capítulo da Medicina Espírita, nas ciências soviéticas, apesar de oficialmente condenado, abre imensas perspectivas no campo científico mundial. Chegou-se a noticiar a realização, em Moscou, de um simpósio científico sobre as obras de Allan Kardec, mencionado como *um racionalista* do século passado (XIX), na França, que já havia se referido ao corpo-bioplásmico.

A Medicina Espírita, portanto, é uma realidade inegável na atualidade científica do mundo, e sua biografia apresenta-se dramática, implicando até mesmo problemas internacionais. Essa realidade se enriqueceu com o episódio brasileiro do chamado Caso Arigó, do famoso médium curador de Congonhas do Campo, Minas Gerais, pesquisado por uma equipe de cientistas e médicos de várias Universidades norte-americanas. As pesquisas provaram a existência real de diagnósticos, curas de doenças incuráveis, como casos de câncer desenganados, e intervenções cirúrgicas sem assepsia nem anestesia de qualquer espécie. Arigó foi caluniado, após a sua morte acidental, por autoridades eclesiásticas, como charlatão, mas consagrado pelos cientistas como um dos maiores casos de mediunidade curadora do mundo. Morreu num desastre de automóvel, precisamente quando esperava a visita de uma equipe de cientistas suíços e outra de cientistas japoneses, interessados em pesquisá-lo. Tivemos em mãos os pedidos de licença dessas equipes, tendo Arigó nos convidado para ajudá-lo na recepção dos pesquisadores, que deviam permanecer várias semanas em Congonhas do Campo.

### **ASSOCIAÇÕES DE MÉDICOS ESPÍRITAS**

**A MEDICINA ESPÍRITA NÃO É UMA APLICAÇÃO PURA E SIMPLES DA MEDIUNIDADE CURADORA A CASOS DE DOENÇAS INCURÁVEIS, NEM UMA FORMA DE CURANDEIRISMO. É O QUE**

**KARDEC CHAMAVA: “UMA APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS ESPÍRITAS  
NO PLANO CULTURAL. NO CASO, APLICAÇÃO ESPECÍFICA À  
MEDICINA, O QUE SÓ PODE SER FEITO POR MÉDICOS”.**

A Medicina Espírita não é uma aplicação pura e simples da mediunidade curadora a casos de doenças incuráveis, nem uma forma de curandeirismo. É o que Kardec chamava uma aplicação dos princípios espíritas no plano cultural. No caso, aplicação específica à Medicina, o que só pode ser feito por médicos. O Espiritismo contribui com a mediunidade e a Medicina com o saber e a experiência dos médicos. Há casos dessa dupla contribuição se conjugarem numa só pessoa: o caso dos médicos espíritas que são também médiuns. Por isso, as sociedades de médicos espíritas são importantes, pois podem liderar movimentos de arregimentação de elementos dos dois campos e encetar trabalhos de estruturação científica da Medicina Espírita. Os médiuns representam os médicos espirituais, que através deles dão a contribuição das observações do outro lado da vida. Os médicos representam a Medicina da atualidade e procuram estabelecer as ligações necessárias para um esforço comum em benefício da Humanidade. Temos assim, um aspecto importante do ideal espírita de Kardec: a conjugação do mundo espiritual com o mundo material no trabalho comum de elevação da Terra. Temos, ainda, a confirmação da tese de Léon Denis, segundo a qual o Espiritismo realiza uma síntese do espiritual e do material no mundo. E, também, a previsão de Sir Oliver Lodge, o grande cientista inglês, de que no Espiritismo, através do *túnel da mediunidade*, os espíritos e os homens se encontram para tentar em conjunto a solução dos problemas humanos. O que ontem parecia utopia, hoje se mostra como realidade.

A Medicina Espírita implica, portanto, o problema da mediunidade curadora em toda a sua globalidade de manifestações. Havendo sinceridade nessa conjugação, estaremos em face de um dos momentos mais significativos da evolução humana na Terra. Os benefícios que dela podem resultar para o bem da saúde humana são simplesmente incalculáveis. Caberia à Sociedade de Médicos Espíritas de São Paulo encabeçar essa iniciativa cada vez mais necessária.

**MEDIUNIDADE CURADORA: A MAIS PERIGOSA DE TODAS,  
PARA OS MÉDIUNS.**

Entre todas as formas de manifestações mediúnicas, a mais perigosa para os médiuns é a curadora. Não porque os exponham a riscos de saúde, que praticamente não existem numa mediunidade bem controlada, mas porque os expõem à fascinação das vantagens materiais. Todo médium curador é inevitavelmente assediado por pessoas que querem agradá-lo, que o elogiam, dizem-se seus amigos, dão-lhe presentes e assim por diante. Pouco a pouco o médium se deixa envolver, convence-se da sua importância, torna-se vaidoso e ambicioso. Com isso desliga-se dos amigos e companheiros desinteressados para cair nas malhas dos interesseiros e tornar-se, por sua vez, um deles. Os laboratórios lhe oferecem comissões no receituário dos seus produtos. Todas as facilidades vão se abrindo para ele e, se não tiver em conta os princípios da moral mediúnica, em breve se transformará num explorador do próximo a que deve auxiliar com desinteresse. O meio espírita conhece muitos desses casos dolorosos, em que excelentes e humildes médiuns curadores acabaram traindo-se a si mesmos.

## TIPOS DE MEDIUNIDADE CURADORA

### **(Médiuns: Passista, Receitista, Vidente-diagnosticador, Operador, Médiun-cirurgião).**

São muito variados os tipos de mediunidade curadora, desde o simples passista e o receitista, o vidente-diagnosticador, até o operador, o médiun-cirurgião, que tanto pode agir com instrumentos ou apenas com imposição das mãos, ou ainda os que praticam a cirurgia-simpatética, um dos fenômenos mais estranhos e complexos de todo o fenomenismo paranormal. O desenvolvimento desse tipo de mediunidade processa-se de maneira discreta, geralmente disfarçado na produção de efeitos físicos, de vidência, de doenças súbitas e sem motivo aparente que o atacam e de repente desaparecem. Tem-se a impressão, não raro, de caso de obsessão. Na verdade, o médiun está sendo submetido a uma espécie de experimentação de suas possibilidades psicofísicas e de preparação para as suas futuras atividades. Anésio Siqueira, famoso na década de 30, sofreu grave enfermidade que o levou à proximidade da morte. Os médicos o desenganaram, de repente recuperou-se e começou a fazer curas. Não conhecia o Espiritismo e nunca o aprendeu, dava passes fumando, o cigarro entre os dedos, e realizou curas espantosas, tanto espirituais (desobsessão) quanto materiais. José Arigó, roceiro, já na infância via e ouvia os espíritos; na adolescência começou a sentir terrores noturnos, foi perseguido por visões assustadoras. Na juventude (era católico) empolgou-se pelo ideal de pureza e santidade e ouvia vozes que lhe aconselhavam a castidade. Ao entrar na maturidade, casou-se e passou por uma fase de equilíbrio em que se mostrava despreocupado, alegre e brincalhão. Um dia teve de socorrer um amigo que se havia engasgado. Começou aí a sua espantosa mediunidade-cirúrgica. E, com ela, todos os problemas de um homem que era procurado por doentes das mais diversas moléstias e a todos queria atender. Guiado por um espírito autoritário, mas generoso, que se dizia o médico alemão Dr. Fritz, morto na primeira guerra mundial, tornou-se ríspido, exigente, de uma franqueza rude, dando a idéia de um novo João Batista que surgia na cidadezinha arcaica e carismática de Congonhas do Campo. Seus modos rústicos pareciam uma couraça destinada a afastar todas as tentações de sua perigosa mediunidade. Foi um dos médiuns mais autênticos e de mediunidade mais produtiva que já passaram entre nós. Mas acabou nas ciladas dos interesseiros e morreu tragicamente, ainda moço e vigoroso.

### **Cirurgia simpatética ou simpática. Mediunidade cirúrgica. Bernarda Torrúbio, José Arigó.**

A cirurgia simpatética ou simpática é assim chamada por sua semelhança com a magia-simpatética. Arigó a produzia, mas somente em casos especiais. No geral, agia de maneira violenta, com faca ou canivete, cortando o doente de maneira brusca, sem anestesia nem assepsia e comandando com segurança espantosa o fluxo do sangue. Trabalhava às claras, no meio do povo e na presença de médicos conhecidos ou não e, muitas vezes, chamava os médicos para assistirem de perto o que ele fazia. O Dr. Sérgio Valle, cirurgião ocular e especialista em hipnose clínica, residente em São Paulo, presenciou de perto várias de suas operações e declarou: “Arigó aplica uma supercirurgia que não conhecemos e não usa a hipnose nem conhece as técnicas hipnóticas”. Na prática da cirurgia simpatética, Arigó agia sem tocar no doente. Procedia como a médiun Bernarda Torrúbio, mulher do



campo, esposa de José Torrúbio, sitiante de Garça, na Alta Paulista. Fazia uma prece, pedindo assistência aos espíritos. Estendia as mãos sobre o doente, sem tocá-lo. Este sentia que mexiam por dentro em seus órgãos doentes, ocorriam-lhe ânsias de vômito, mas quem vomitava era a médium. Vômito geralmente espesso, com grande quantidade de pus e sangue e pedaços de matérias orgânicas. O doente se sentia fraco, abatido, como se tivesse passado por uma intervenção cirúrgica. As dores internas confirmavam essa impressão. Durante uns poucos dias as dores continuavam, mas logo começavam a diminuir e desapareciam. A recuperação era rápida e total.

### **A mediunidade-cirúrgica e outros fenômenos ocasionais de efeitos físicos**

A mediunidade-cirúrgica é, muitas vezes, acompanhada de fenômenos ocasionais de efeitos físicos. Isso é natural, pois a própria cura e as operações pertencem a essa classificação mediúnica. Bernarda Torrúbio manifestava estranhos fenômenos de transporte de objetos à distância e, aparentemente, através de portas e janelas fechadas. Em reuniões com Urbano Assis Xavier, em Marília, houve notáveis ocorrências dessa natureza, inteiramente inesperadas. Nas pesquisas parapsicológicas, esses fenômenos se confirmaram. O Prof. Rhine fez decisivas experiências com animais, para evitar o problema da sugestão, e conseguiu êxitos comprobatórios, dentro de todas as exigências de metodologia científica. As pesquisas de Geley e Osty, na França, mostraram que em todas essas ocorrências existe a emanção de ectoplasma. Geley chamou de *controladores* os espíritos que agem nessas ocasiões, provendo e regulando a saída de ectoplasma do organismo mediúnico. Nas experiências soviéticas, os cientistas consideraram o ectoplasma como energia radiante emitida pelo perispírito ou corpo espiritual do médium. Crookes chamou-o de força psíquica e Notzing colheu porções de ectoplasma e submeteu-os a análises de laboratório, provando que a porção morta desse elemento, dissociada do médium, compunha-se de células e outros materiais orgânicos. Não há, pois, milagre, no sentido místico da palavra, nessas ocorrências. Há leis naturais que pouco a pouco vão sendo esclarecidas pelas pesquisas científicas.

### **A constante vigilância dos médiuns.**

Os médiuns dotados dessas faculdades precisam ser instruídos doutrinariamente para saberem como se portar na vida comum e para terem consciência de que os fenômenos não são produzidos por eles, mas por ação dos espíritos. Com isso se livrarão da vaidade tola que os leva a crer em seus poderes pessoais, julgando-se donos deles e capazes de controlá-los por si mesmos. Essa idéia de posse individual os leva também a cair mais facilmente nas ciladas dos aproveitadores. Essa mediunidade exige constante vigilância do médium no tocante aos seus deveres morais e espirituais e a mais plena consciência de suas responsabilidades doutrinárias.

### 3 – ALLAN KARDEC

REVISTA ESPÍRITA – OUTUBRO DE 1867  
 Editora EDICEL. Trad. de Júlio Abreu Filho

#### SENHORA CONDESSA ADELAIDE DE CLÉRAMBERT, *MÉDIUM-MÉDICO*

A senhora condessa de Clérambert morava em Saint-Symphorien-sur-Coise, departamento do Loire; ela morreu há alguns anos com uma idade avançada. Dotada de uma inteligência superior, havia, desde a juventude, mostrado um gosto particular pelos estudos médicos, e se comprazia na leitura das obras que tratavam desta ciência. Nos últimos vinte anos de sua vida, esteve consagrada ao alívio do sofrimento com um devotamento todo filantrópico e da mais inteira abnegação. As numerosas curas que ela operava sobre pessoas reputadas incuráveis lhe tinham dado uma certa reputação; mas, tão modesta quanto caridosa, disto ela não tirava nem vaidade nem proveito.

Aos seus conhecimentos médicos adquiridos, dos quais ela fazia uso, sem dúvida, em seus tratamentos, ela juntava uma faculdade de intuição que não era outra, senão, uma mediunidade inconsciente, porque ela tratava, freqüentemente, por correspondência, e, sem ter visto os doentes, descrevia perfeitamente a doença; de resto, ela mesma dizia que recebia instruções, sem explicar sobre a maneira pela qual lhe eram transmitidas. Teve muitas vezes manifestações materiais, tais como transportes, deslocamento de objetos e outros fenômenos deste gênero, embora não conhecesse o Espiritismo. Um dia um de seus doentes lhe escreveu que lhe tinha sobrevivendo abscesso, e, para lhe dar uma idéia, dele talhou o molde sobre um folha de papel; mas, tendo esquecido de juntá-lo à sua carta, essa senhora lhe respondeu pelo retorno do correio: "O molde do qual me anunciaste o envio, não estando em vossa carta, pensei que foi um esquecimento de vossa parte; venho de encontrá-lo uma manhã em minha gaveta, que deve ser semelhante ao vosso e que vos remeto." Com efeito, esse molde reproduzia exatamente a forma e o tamanho do abscesso.

Ela não tratava nem pelo magnetismo, nem pela imposição das mãos, nem pela intervenção ostensiva dos Espíritos, mas pelo emprego de medicamentos que, o mais freqüentemente, ela mesma preparava, depois das indicações que lhe eram fornecidas. Sua medicação variava para a mesma doença, segundo os indivíduos; ela não tinha receita secreta de uma eficácia universal, mas se guiava segundo a circunstância. O resultado era, algumas vezes, quase instantâneo, e, em certos casos, não se obtinha senão depois de um tratamento continuado, mas sempre curto relativamente à medicina comum. Ela curou radicalmente um grande número de epiléticos e de doentes atingidos de afecções agudas ou crônicas, abandonados pelos médicos.

A senhora de Clérambert não era, pois, um *Médium* curador no sentido ligado a esta palavra, mas um *Médium médico*. Ela gozava de uma clarividência que lhe fazia ver o mal, e a guiava nas aplicações dos remédios que lhe eram inspirados, secundada, além disto, pelo conhecimento que tinha da matéria médica, e, sobretudo, das propriedades das plantas. Por seu devotamento, seu desinteresse moral e material, que jamais foram desmentidos, pela sua inalterável benevolência

por aqueles que a ela se dirigiam, a senhora de Clérambert, do mesmo modo que o abade príncipe de Hohenlohe, deveu conservar até o fim de sua vida a preciosa faculdade que lhe havia sido concedida, que, sem dúvida, ela teria visto se enfraquecer e desaparecer, se não tivesse perseverado no nobre uso que dela fazia.

Sua posição de fortuna, sem ser muito brilhante, era suficiente para tirar todo pretexto a uma remuneração qualquer; ela não pedia, pois, absolutamente nada, mas recebia dos ricos reconhecidos de terem sido curados, o que entendiam dever dar, e ela o empregava para suprir ás necessidades daqueles que a quem faltava do necessário.

Os documentos da nota acima foram fornecidos por uma pessoa que foi curada pela senhora de Clérambert, e foram confirmados por outras pessoas que a conheceram. Tendo esta notícia sido lida na Sociedade Espírita de Paris, a senhora de Clérambert deu a resposta adiante.

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de abril de 1867. Méd. Sr. Desliens.)

*Evocação.* - O relato que acabamos de ler nos dá naturalmente o desejo de conversar convosco, e de vos contar entre os Espíritos que consentem concorrer à nossa instrução. Esperamos que consintais atender ao nosso chamado, e, neste caso, tomamos a liberdade de vos dirigir as perguntas seguintes:

1 Que pensais da notícia que se acaba de ler e das reflexões que a acompanham?

2 Qual é a origem do vosso gosto inato pelos estudos médicos?

3 Por que via recebíeis as inspirações que vos eram dadas para o tratamento dos doentes?

4 Podeis, como Espírito, continuar a prestar os serviços que prestáveis como encar-nada, quando fordes chamada por um doente, com a ajuda de um Médium?

*Resposta.* - Eu vos agradeço, senhor presidente, pelas palavras benevolentes que consentistes pronunciar em minha intenção, e aceito de boa vontade o elogio que fizestes de meu caráter. É, creio, a expressão da verdade, e não teria o orgulho ou a falsa modéstia de recusá-lo. Instrumento escolhido pela Providência, sem dúvida, por causa de minha boa vontade e da aptidão particular que favorecia o exercício de minha faculdade, não fiz senão o meu dever em me consagrando ao alívio daqueles que reclamavam o meu socorro. Recebendo algumas vezes pelo reconhecimento, freqüentemente pelo esquecimento, meu coração não mais se orgulhava dos apoios de um que não sofreu da ingratidão dos outros, tendo em vista que já sabia muito bem ser indigna de uns e me colocar acima dos outros.

Mas bastante se ocupou de minha pessoa; vejamos a faculdade que me valeu a honra de ser chamada no meio desta Sociedade simpática, onde se gosta de repousar sua visão, sobretudo quando se esteve como eu alvo da calúnia e dos ataques malévolos daqueles aos quais se melindrou as crenças ou embarçou seus interesses. Que Deus os perdoe como eu mesma o fiz!

Desde a minha mais tenra infância, e por uma espécie de atração natural, ocupei-me do estudo das plantas e de sua ação salutar sobre o corpo humano. De onde me veio es-te gosto comumente pouco natural ao meu sexo? Eu o ignorava então, mas sei hoje que não foi a primeira vez que a saúde humana foi objeto das minhas mais vivas preocupa-ções: eu havia sido médico. Quanto à faculdade particular que me permitia ver à distância o diagnóstico das afecções de certos doentes (porque eu não via por todo o mundo), e de prescrever os medicamentos que deveriam restituir a saúde, ela era muito semelhante à de vossos Médiuns médicos atuais; como eles, eu estava em relação com um ser oculto que se dizia Espírito, e cuja influência salutar me ajudou poderosamente a aliviar os infortunados que reclamavam a mim. Ele me havia prescrito o desinteresse mais completo, sob pena de perder instantaneamente uma faculdade que fazia a minha felicidade. Não sei por qual razão, talvez porque teria sido prematuro revelar a origem de minhas prescri-ções, ele havia igualmente me recomendado, da maneira mais formal, não dizer de quem eu tinha a receita que dirigia aos meus doentes. Enfim, considerou o desinteresse moral, a humildade e abnegação como uma das condições essenciais à perpetuação de minha faculdade. Segui seus conselhos, e com isto me achei muito bem.

Tendes razão, senhor, de dizer que os médicos serão chamados um dia a desem-penharem um papel da mesma natureza que o meu, quando o Espiritismo tiver tomado influência considerável que o fará, no futuro, o instrumento universal do progresso e da felicidade dos povos! Sim, certos médicos terão faculdades dessa natureza, e poderão prestar serviços tanto maiores quanto seus conhecimentos adquiridos lhes permitirão as-similar espiritualmente mais facilmente as instruções que lhes serão dadas. Há um fato que deveis ter notado, é que as instruções que tratam de assuntos especiais são tanto mais facilmente e tanto mais largamente desenvolvidas, quanto os conhecimentos pesso-ais do Médiun estejam mais aproximados da natureza daquelas que está chamado a transmitir. Também, certamente, eu poderia prescrever os tratamentos aos doentes que a mim se dirigissem para obter sua cura, mas eu não o faria com a mesma facilidade com todos os instrumentos; ao passo que uns transmitiriam facilmente minhas receitas, outros não poderiam fazê-lo senão incorretamente ou incompletamente. No entanto, se meu concurso puder vos ser útil, em qualquer circunstância que seja, me farei um prazer vos ajudar em vossos trabalhos segundo a medida de meus conhecimentos, ai! bem limitados fora de certas atribuições especiais.

ADÉLE DE CLÉRAMBERT.

*Nota.* O Espírito assina *Adéle*, ao passo que, quando viva, ela se chamava *Adelaide*; tendo-lhe perguntado a razão, ela respondeu que *Adéle* era seu verdadeiro nome, e que não era senão por um hábito de infância que se a chamava *Adelaide*.

---

## *MÉDICO-MÉDIUM*

A senhora condessa de Clérambert, da qual falamos no artigo precedente, oferecia uma das variedades da faculdade de curar, que se apresenta sob uma infinidade de aspectos e de nuances apropriadas às aptidões especiais de cada indivíduo. Ela era, em nossa opinião, o tipo que poderiam ser muitos médicos; daquele que muitos serão, sem dúvida, quando entrarem no caminho da espiritualidade que o Espiritismo lhes abre, porque muitos verão se desenvolver, neles, as faculdades intuitivas que lhes serão de um precioso socorro na prática.

Dissemos, e repetimos, seria um erro crer que a mediunidade curadora venha a des-tronara medicina e os médicos; ela vem lhes abrir um novo caminho, mostrar-lhes, na Natureza, os recursos e as forças que eles ignoram, e com a qual podem beneficiar a ciência e seus doentes; provar-lhes, em uma palavra, que não sabem tudo, uma vez que há pessoas que, fora da ciência oficial, obtêm o que eles mesmos não obtêm. Portanto, não temos nenhuma dúvida de que não haja um dia *os médicos-médiuns*, como há *os médiuns-médicos*, que, à ciência adquirida, juntam o dom de faculdades medianímicas especiais.

Somente como essas faculdades não têm valor efetivo senão pela assistência dos Espíritos, que podem paralisar-lhes os efeitos em retirando seu concurso, que desmancham à sua vontade os cálculos do orgulho e da cupidez, e é evidente que não prestaram sua assistência àqueles que os negam, e entendem se servirem deles secretamente, em proveito de sua própria reputação e de sua fortuna. Como os Espíritos trabalham para a Humanidade, e não vêm para servir os interesses egoístas individuais; que agem, em tudo o que fazem, tendo em vista a propagação das doutrinas novas, são-lhes necessários soldados corajosos e devotados, e não têm o que fazer com covardes que têm medo da sombra da verdade. Eles secundam, pois, aqueles que colocam, sem reticência e *pensa-mento dissimulado*, suas aptidões ao serviço da causa que se esforçam por fazer prevalecer.

O desinteresse material, que é um dos atributos essenciais da mediunidade curadora, será também uma das condições da medicina medianímica? Como, então, conciliar as exigências da profissão com uma abnegação absoluta?

Isto demanda algumas explicações, porque a posição não é mais a mesma.

A faculdade do médium curador nada lhe custou; não exigiu dele nem estudo, nem trabalho, nem despesas; ele a recebeu gratuitamente para o bem de outrem, e deve dela usar gratuitamente. Como lhe é preciso viver antes de tudo, se não tem, por si mesmo, recursos que lhe dêem independência, ele deve procurar-lhe os meios em seu trabalho comum, como o teria feito antes de conhecer a mediunidade; ele não dá ao exercício de sua faculdade senão o tempo que pode materialmente consagrar-lhe. Se toma este tempo de seu repouso, se emprega, para ser útil aos seus semelhantes, o que seria consagrado às distrações mundanas, é do verdadeiro devotamento, e disto não tem senão mais mérito. Os Espíritos dele não pedem mais e não exigem nenhum sacrifício insensato. Não se poderia considerar como devotamento e abnegação o abandono de sua condição de viver para se entregara um trabalho menos penoso e mais lucrativo. Na proteção que lhe concedem, os Espíritos, aos quais não se pode lhe impor, sabem perfeitamente distinguir os devotamentos reais dos devotamentos factícios.

Toda outra seria a posição dos médicos-médiuns. A medicina é uma das carreiras sociais que se abraça para dela fazer uma profissão, e a ciência médica não se adquire senão a título oneroso, por um trabalho assíduo, freqüentemente penoso; o saber do médico é, pois, uma aquisição pessoal, o que não é o caso da mediunidade. Se, ao saber humano, os Espíritos acrescentam seu concurso pelo dom de uma aptidão medianímica, é para o médico um meio a mais de se esclarecer, de agir mais seguramente e mais eficazmente, do que deve ser reconhecido, mas por isto não é menos sempre médico; é seu estado que não o deixa para se fazer médium; ele não tem, pois, nada de repreensível em que continue disso viver, e isso com tanto mais razão quanto mais a assistência dos Espíritos é freqüentemente inconsciente, intuitiva, e que a sua intervenção se confunde, às vezes, com o emprego dos meios comuns de cura.

Do fato de que um médico se torne médium e seja assistido pelos Espíritos no tratamento de seus doentes, não se seguiria, pois, que deve renunciara toda remuneração, o que o obrigaria a procurar fora da medicina os meios de existência, e pelo fato de renunciar à sua profissão. Mas se ele está animado de um sentimento das obrigações que lhe impõe o favor que lhe foi concedido, saberá conciliar seus interesses com os deveres da Humanidade.

Não ocorre o mesmo com o desinteresse moral que pode e deve em todos os casos ser absoluto. Aquele que, em lugar de ver na faculdade medianímica um meio a mais de ser útil aos seus semelhantes, não procuraria nela senão uma satisfação de amor-próprio; quem se fizesse um mérito pessoal os sucessos que obtêm por esse meio, dissimulando a causa verdadeira, faltaria ao seu primeiro dever. Aquele que, sem negar os Espíritos, não visse em seu concurso, direto ou indireto, senão um meio de suprir à insuficiência de sua clientela produtiva, de alguma aparência filantrópica que se cobre aos olhos dos homens, faria, por isto mesmo, ato de exploração; em um e no outro caso tristes decepções lhe seriam a conseqüência inevitável, porque os simulacros e os subterfúgios não podem enganar os Espíritos que lêem no fundo do pensamento.

Dissemos que a mediunidade de cura não matará nem a medicina nem os médicos, mas ela não pode deixar de modificar profundamente a ciência médica. Sem dúvida, ha-verá sempre médiuns curadores porque deles sempre os houve, e que esta faculdade está na Natureza; mas serão menos numerosos e menos procurados à medida que o número dos *médicos-médiuns* aumentar, e quando a ciência e a mediunidade se prestarem mútuo apoio. Ter-se-á mais confiança nos médicos quando forem médiuns, e mais confiança nos médiuns quando forem médicos.

Pode-se contestar as virtudes curativas de certas plantas e outras substâncias que a Providência colocou sob a mão do homem, pondo o remédio ao lado do mal; o estudo dessas propriedades é da alçada da medicina. Ora, como os médiuns curadores não agem senão pela influência fluídica, sem o emprego de medicamento, se devessem um dia suplantam a medicina, isto resultaria que, dotando as plantas de propriedades curativas, Deus teria feito uma coisa inútil, o que não é admissível. É preciso, pois, considerar a mediunidade curadora como um modo especial e não como um meio absoluto de cura; o fluido, como um novo agente terapêutico aplicado a certos casos, e vindo acrescentar um novo recurso à medicina; conseqüentemente, a mediunidade curadora e a medicina, como devendo do-

ravante caminhar concorrentemente, destinada a se entre ajudarem, a se suprir e a se completar uma pela outra. Eis porque pode-se ser médico sem ser médium curador, e médium curador sem ser médico.

Então, por que esta faculdade se desenvolve hoje quase exclusivamente entre os ignorantes antes que entre os homens de ciência? Pela razão muito simples que, até o presente, os homens de ciência a repelem; quando a aceitarem, vê-la-ão se desenvolver entre eles como entre os outros. Aquele que a possuísse hoje iria proclamá-la? Não; ele a esconderia com maior cuidado. Uma vez que seria inútil em suas mãos, porque lha dar? tanto valeria dar um violão a um homem que não sabe ou não quer tocá-lo.

A este estado de coisas, há um outro motivo capital. Dando aos ignorantes o dom de curar os males que os sábios não podem curar, é para provar a estes que não sabem tu-do, e que há leis naturais fora daquelas que a ciência reconhece. Quanto mais a distância entre a ignorância e o saber é grande, mais o fato é evidente. Quando se produz naquele que nada sabe, é uma prova certa de que o saber humano ali não está por nada.

Mas como a ciência não pode ser um atributo da matéria, o conhecimento do mal e dos remédios por intuição, assim como a faculdade vidente, não podem ser os atributos senão do Espírito; eles provam no homem a existência do ser espiritual, dotado de percepções independentes dos órgãos corporais, e, freqüentemente, dos conhecimentos adquiridos anteriormente, numa precedente existência. Esses fenômenos têm, pois, ao mesmo tempo, por consequência de serem úteis à Humanidade, e de provar a existência do princípio espiritual.

### **O CHEFE HASSAN, CURADOR TRIPOLITANO**

#### *OU A BÊNÇÃO DO SANGUE.*

O fato seguinte, publicado no *Tour du monde*, páginas 74 e seguintes, foi tirado dos *Promenades dans la Tripolitaine*, pelo Sr. barão de Krafft.

"Tenho freqüentemente por guia e por companhia de passeio em minhas voltas fora da cidade o *cavas-bachi* (chefe dos janízaros) do consulado da França, que o cônsul geral tem a obrigação de pôr à minha disposição. É um magnífico negro do Ouadaí, com a altura de seis pés, e que, apesar de sua barba grisalha, conservou toda a atividade e toda a energia da juventude. O chefe Hassan não é um homem comum: ele governou durante dezoito anos, ao tempo dos Caramanlys, atribudos Querchéfâna, e ninguém soube me-lhor do que ele controlar essa população inquieta. Bravo até a temeridade, sempre defen-deu os interesses de seus administrados contra as tribos vizinhas, e, sendo preciso, contra o seu próprio governo; mas, ao mesmo tempo, os seus não podiam mais se entregar aos seus caprichos, e não se gracejava com a severidade do chefe *Hassam*. Para ele, a vida do homem era apenas mais preciosa do que um carneiro, e certamente se lhe embaraçava muito em lhe pedindo o número exato das cabeças que se faziam tombar de sua mão, tanto sua consciência é tranqüila a esse respeito. Excelente homem, de resto, e to-do devotado ao consulado, ao qual serve há dez anos.

"Numa de nossas primeiras saídas, vi um grupo de cinco ou seis mulheres se aproximar dele com ar suplicante. Duas dentre elas tinham nos braços pobres

filhinhos de pei-to, cujo rosto, a cabeça e o pescoço estavam cobertos de uma placa herpética e de cros-tas purulentas. Era horrível e repugnante para ver.

"- Nosso pai, disseram as mães desoladas ao magistrado Hassam, foi o profeta de Deus que te conduziu junto de nossa casa, porque queríamos ir à cidade para te encontrar, e eis bem dez dias que esperamos a ocasião. O *Djardoun* (pequeno lagarto branco muito inofensivo) passou sobre nosso seio, e envenenou nosso leite; vê o estado de tuas crianças e cura-as para que Deus te abençoe.

"- És-tu, pois, médico? disse ao meu companheiro"- Não, respondeu-me ele, mas tenho a *bênção do sangue* nas mãos, e quem a tem como eu pode, como eu, curar essa doença. É um dom natural de todo homem cujo braço cortou algumas cabeças. -Vamos, as mulheres, dai-me o que é preciso.

"E logo, uma das mães apresentou ao doutor uma galinha branca, sete ovos e três moedas; depois, ela se agachou ao seus pés, elevando acima de sua cabeça o pequeno paciente. Hassan tirou seriamente de sua cintura seu fuzil e sua pedra de afiar, como se quisesse acender uma pipa. *Bismillah!*( em nome de Deus!) disse ele, e se pôs a fazer jorrar do sílex numerosas faíscas sobre a criança doente, tudo em recitando o *sourat-el-fatéha*, o primeiro capítulo do Corão.

"Terminada a operação, a outra criança teve a sua vez, mediante a mesma oferta, e as mulheres partiram felizes depois de terem beijado respeitosamente a mão que vinha de restituir a saúde aos seus filhos.

"Parecia que meu rosto revelava claramente a minha incredulidade, porque o chefe Hassan, tudo recolhendo, para levá-los, os honorários de sua cura maravilhosa, gritou aos seus clientes: "Não deixeis de vir em sete dias me apresentar vossos filhos na *skifa* do consulado." (A *s/r/fa* é o vestibulo exterior, a sala de espera nas grandes casas.)

"Com efeito, uma semana mais tarde, as pequenas criaturas me foram apresentadas; uma estava completamente curada, a outra não tinha mais que algumas cicatrizes de uma aparência muito satisfatória, indicando uma cura muito próxima. Eu fiquei estupefato, mas não convencido; no entanto, mais de vinte experiências semelhantes forçaram-me a crer na incrível virtude das mãos abençoadas pelo sangue."

Há pessoas que os fatos, mesmo os mais patentes, não podem convencer; é preciso, todavia, convir que, neste, é logicamente permitido de não crer na eficácia da *bênção do sangue*, obtida sobretudo em tais condições, não mais do que nas das faíscas do fuzil. No entanto, o fato material da cura, por isto não existe menos; se não tiver esta causa, deverá ter uma outra; se vinte experiências semelhantes, do conhecimento do narrador, vieram confirmá-lo, essa não pode ser fortuita, e deve proceder de uma lei; ora, essa lei não é outra do que a faculdade curativa da qual este homem estava dotado. Em sua ignorância do princípio, ele atribuía essa faculdade ao que chamava a *bênção do sangue*, crença em relação com os costumes do país onde a vida de um homem é contada por nada. O fuzil e as outras fórmulas são acessórios que não têm valor senão em sua imaginação, e que servem, sem dúvida, pela importância que ele lhes liga, dando-lhe mais confiança em si mesmo, e, em consequência, aumentando a sua força fluídica.



Este fato levanta naturalmente uma questão de princípio tocando o o dom da faculdade de curar, e ao qual responde a comunicação seguinte dada a este respeito.

(Sociedade de Paris, 23 de fevereiro de 1867, méd. Sr. Desliens.)

Espanta-se algumas vezes, com uma aparência de razão, de encontramos indivíduos indignos faculdades notáveis desenvolvidas, e que pareceriam dever ser, de preferência, o quinhão dos homens virtuosos e desprovidos de preconceitos; e, no entanto, a história dos séculos passados apresenta, quase em cada página, exemplos de mediunidades notáveis possuídas por Espíritos inferiores e impuros, por fanáticos sem razão! Qual pode ser o motivo de uma tal anomalia? No entanto, não há nada lá que possa espantar, e um estudo um pouco sério e refletido do problema dele dará a chave.

Quando fenômenos salientes, pertencentes à ordem extra corpórea, são produzidos, o que acontece com efeito? - É que individualidades encarnadas servem de *órgãos de transmissão* à manifestação. Elas são os instrumentos movidos por uma vontade exterior. Ora, perguntar-se-ia a um simples instrumento o que lhe exigiria o artista que o põe em vibração?... Se é evidente que um bom piano é preferível àquele que estivesse defeituoso, não o é menos que se o distinguiu, no outro, o toque do artista daquele do escolar. - Se, pois, o Espírito que intervém na cura encontram um bom instrumento, dele se servirá de boa vontade; senão, empregará aquele que se lhe oferecer, por defeituoso que seja.

É preciso também considerar que, no exercício da faculdade medianímica, e em particular no exercício da mediunidade curadora, podem se apresentar dois casos muito distintos: ou o médium pode ser curador por sua própria autoridade, ou pode não ser senão o agente mais ou menos passivo de um motor extra corpóreo.

No primeiro caso, ele não poderá agir senão se suas virtudes e sua força moral lhe permitirem. Ele será um exemplo em sua conduta privada ou pública, um modelo, um missionário vindo para servir de guia ou de sinal de união aos homens de boa vontade. O Cristo é a personificação suprema do curador.

Quanto àquele que não é senão médium, sendo instrumento, ele pode ser mais ou menos defeituoso, e os atos que se operam por seu intermédio não o impedem, de nenhum modo, de ser imperfeito, egoísta, orgulhoso ou fanático. Membro da grande família humana, ao mesmo título que a generalidade, ele participa em todas as suas fraquezas.

Lembrai-vos destas palavras de Jesus: "Não são aqueles que passam bem que têm necessidade de médico." É preciso, pois, ver uma marca de bondade da Providência nessas faculdades que se desenvolvem nos meios e nas pessoas imperfeitas; é um meio de lhes dar a fé que os conduzirá, cedo ou tarde, ao bem; se não for hoje, isso será amanhã; são sementes que não estão perdidas, porque, vós, Espíritas, sabeis que nada se perde para o Espírito.

Se não é raro encontrar, nas naturezas mais rudes, moral e fisicamente, faculdades transcendentais, isto prende-se igualmente a que essas individualidades, não tendo se-não pouco ou nada de vontade pessoal, se limitam a deixar agir a influência que os dirige. Poder-se-ia dizer que operam de instinto, ao passo que uma

inteligência mais desenvolvi-da, querendo se dar conta da causa que a põe em movimento, às vezes, coloca-se em condições que não permitiriam um cumprimento tão fácil dos desígnios providenciais.

Por estranhos e inexplicáveis que sejam os efeitos que se produzem sob vossos olhos, estudai-os atentamente antes de considerá-los um só como uma infração às leis e-ternas do Senhor supremo! Não há um deles que não afirme sua existência, sua justiça e sua sabedoria eternas, e, se a aparência diz o contrário, crede que não é senão uma aparência que desaparecerá para dar lugar à realidade, com estudo mais aprofundado das leis conhecidas e o conhecimento daquelas cuja descoberta está reservada ao futuro.

CLÉLIE DUPLANTIER.

---

### **OZUAVO JACOB**

A faculdade curadora estando na ordem do dia, não será surpresa que lhe tenhamos consagrado a maior parte deste numero, e, seguramente, estamos longe de ter esgotado o assunto; é porque a ele retornamos.

Para fixar primeiramente as idéias de um grande número de pessoas interessadas na questão relativa ao Sr. Jacob, e que nos escreveram ou poderão nos escrever sobre este assunto, dizemos:

1 Que as sessões do Sr. Jacob foram suspensas; que, assim, seria inútil se apresentar no lugar onde eles as tinha, rua da Roquette, 80, e que não as tem, até o presente, retomado em nenhuma parte. O motivo foi o atravancamento excessivo que embarçava a circulação numa rua muito frequentada e num beco sem saída, ocupado por um grande número de industriais que se achavam impedidos em seus negócios, não podendo nem receber os clientes, nem expedir as suas mercadorias. Neste momento, o Sr. Jacob não tem sessões nem públicas, nem particulares.

2 Tendo em vista a afluência, cada um devendo esperar a sua vez por muito tempo, àqueles que nos pediram, ou gostariam de nos pedir no futuro, se, conhecendo pessoalmente o Sr. Jacob, com nossa recomendação poderiam obter uma forma de favor, dire-mos que jamais lhe pedimos e que não o pediremos jamais, sabendo que isto seria inútil. Se as formas de favor tivessem sido concedidas, teria sido um prejuízo daqueles que esperam, e isto não teria deixado de levantar reclamações fundadas. O Sr. Jacob não faz exceção para ninguém; o rico deve esperar como o infeliz, porque, em definitivo, o infeliz sofre tanto quanto o rico; não há, como este, o confortável por compensação, e mais, frequentemente ele espera a saúde para ter do que viver. Nisto felicitamos o Sr. Jacob, e se não tivéssemos assim agido, não teríamos feito, em solicitando um favor, uma coisa que teríamos censurado nele.

3 Aos doentes que nos pediram, ou poderiam nos pedir, se lhes aconselharmos fazer a viagem a Paris, dizemos: o Sr. Jacob não cura todo o mundo, assim como ele mes-mo declara; ele não sabe jamais antecipadamente se curará ou não um doente; não é senão quando está em sua presença que ele julga da ação fluídica, e vê o resultado; é porque ele nunca promete nada e não responde nada.

Induzir alguém a fazer a viagem a Paris, seria tomar uma responsabilidade sem certeza de sucesso. É, pois, uma chance a correr, e não se obtendo resultado, se está quites por suas despesas de viagem, ao pas-so que se despende, freqüentemente, em consultas, somas enormes sem maior sucesso. Se se não está curado, não se pode dizer que se pagou os cuidados em pura perda.

4 Àqueles que nos perguntam se, indenizando o Sr. Jacob de suas despesas de vi-agem, uma vez que não quer aceitar honorários, ele consentiria em ir em tal ou tal locali-dade para cuidar de um doente, nós respondemos: o Sr. Jacob não atende aos convites desse gênero, pelas razões acima desenvolvidas. Não podendo responder antecipada-mente pelo resultado, ele olharia como uma indelicadeza induzir em despesa sem certe-za; e, em caso de não conseguir, isso seria dar motivo à crítica.

5 Àqueles que escrevem ao Sr. Jacob, ou que nos enviam cartas para fazer chegar a ele, dizemos: o Sr. Jacob tem em sua casa um armário cheio de cartas que não lê, e não responde a ninguém. Que poderia dizer, com efeito? ele não cura em outra parte por correspondência. Fazer frases? não é o seu gênero; dizer se tal doente foi curado por e-le? disto ele nada sabe; do fato de que ele curou uma pessoa de tal doença, não se se-gue que ele curaria a mesma doença numa outra pessoa, porque as condições fluídicas não são mais as mesmas; indicar um tratamen-to? ele não é médico, e muito se guardaria de não dar essa arma contra si.

Escrever-lhe é, pois, trabalho inútil. A única coisa a fazer, no caso em que retomasse as suas sessões, que erradamente se têm qualificado de consultas, uma vez que não se o consulta, é de se apresentar ali como qualquer um, tomar seu lugar, esperar paciente-mente e disso correr a chance. Se não se é curado, não se pode lamentar de ter sido en-ganado, uma vez que não promete nada.

Há fontes que têm a propriedade de curar certas doenças; ali se vai; uns nelas se acham bem; outros não são senão aliviados, outros, enfim, não sentem nada de todo. É preciso considerar o Sr. Jacob como uma fonte de fluidos salutareis, à influência dos quais se vai submeter-se, mas que, não sendo uma panacéia univer-sal, não cura todos os ma-les, e pode ser mais ou menos eficaz, segundo as condi-ções do doente.

Mas, enfim, houve curas? um fato responde a esta pergunta: Se ninguém houvesse sido curado, a multidão para lá não teria ido, como o fez.

Mas a multidão crédula não pode ter sido enganada por falsas aparências, e ali ir sobre a fé de uma reputação usurpada? Os compadres não podem ter simula-do doenças para terem o ar de ser curados?

Sem dúvida, isto se viu e se vê todos os dias, quando os compadres têm interesse em representar a comédia. Ora, aqui, que proveito eles teriam tirado? Quem os teria pa-go? Seguramente, não foi o Sr. Jacob que pagou os músicos zu-avos; não foi mesmo em lhes fazendo um desconto no preço de suas consultas, uma vez que não recebia nada. Compreende-se que aquele que quer se fazer uma clientela a todo o custo, empregue semelhantes meios; mas o Sr. Jacob não tinha nenhum interesse em atrair a multidão a ele; ele não a chamou, foi ela que veio a ele, e se pode dizer que com seu desagrado. Se não tivesse havido fatos, ninguém

teria vindo, uma vez que não chamaria ninguém. Os jornais, sem dúvida, contribuíram para aumentar o número dos visitantes, mas dele fala-ram porque a multidão já existia, sem isto dele não teriam dito nada, o Sr. Jacob não lhes tendo pedido para falar de si, nem pago para lhe fazer a propaganda. É preciso, pois, afastar toda idéia de subterfúgios que não teriam tido nenhuma razão de ser, na circunstância da qual se trata.

Para apreciar os atos de um indivíduo, é preciso procurar um interesse que pode so-licitá-lo em sua maneira de agir; ora, foi averiguado que não tinha nenhum interesse da parte do Sr. Jacob; que ali não tivera vantagem para o Sr. Dufayet, que dava seu local gratuitamente, e colocava seus empregados aos serviços dos doentes, para levantar os enfermos, e isto em prejuízo de seus próprios interesses; enfim, que os compadres nada teriam a ganhar.

As curas operadas pelo Sr. Jacob, nestes últimos tempos, sendo do mesmo gênero daquelas que obteve no último ano, no campo de Châlons, e tendo os fatos *se* passado quase da mesma maneira, somente em uma maior escala, reenviamos nossos leitores aos relatórios e às apreciações que dele demos na *Revista* de outubro e de novembro de 1866. Quanto aos incidentes particulares deste ano, não poderíamos senão repetir o que todo o mundo soube pela via dos jornais. Nós nos limitaremos, pois, quanto ao presente, a algumas considerações gerais sobre o fato em si mesmo.

Há mais ou menos dois anos, os Espíritos nos tinham anunciado que a mediunidade curadora tomaria grandes desenvolvimentos, e seria um poderoso meio de propagação para o Espiritismo. Até ali não havia tido senão curadores operando, por assim dizer, na intimidade e em silêncio. Dissemos aos Espíritos que, para que a propagação fosse mais rápida, seria preciso que deles surgissem muitos poderosos para que as curas tivessem ressonância no público. - Isso ocorrerá, nos foi respondido, e deles haverá mais de um.

Esta previsão teve um começo de realização no ano passado, no campo de Châlons, e Deus sabe se a ressonância faltou este ano nas curas da rua da Roquette, não só na França, mas no estrangeiro.

A emoção geral que esses fatos causaram foi justificada pela gravidade das questões que eles levantam. Não é preciso enganar-se, não esta aqui um desses acontecimentos de simples curiosidades que apaixonam um momento a multidão ávida de novidades e de distração. Não se distrai ao espetáculo das misérias humanas; a visão desses milhares de doentes correndo atrás da saúde, que não puderam encontrar nos recursos da ciência, nada tem de divertido, e leva-nos a fazer sérias reflexões. Sim, há aqui outra coisa mais do que um fenômeno vulgar. Sem dúvida, admira-se de curas obtidas em condições tão excepcionais, que elas parecem dever-se ao prodígio; mas o que impressiona mais ainda do que o fato material, é que ali se apresenta a revelação de um princípio no-vo cujas conseqüências são incalculáveis, de uma dessas leis por muito tempo permanecidas veladas no santuário da Natureza, que, em seu aparecimento, mudam o curso das idéias e modificam profundamente as crenças.

Uma secreta intuição diz que se os fatos em questão são reais, é mais do que uma mudança nos hábitos, mais do que uma transferência de indústria: é um

elemento novo introduzido na sociedade, uma nova ordem de idéias que se estabelece.

Se bem que os acontecimentos do campo de Châlons tenham preparado o que veio de se passar, em consequência da inatividade do Sr. Jacob durante um ano, se os havia quase esquecido; a emoção foi acalmada; quando, de repente, os mesmos fatos se manifestam no seio da capital, e tomam subitamente proporções estranhas. Está-se, por assim dizer, despertado como no dia seguinte de uma revolução, e não se abordava senão perguntando: Sabeis o que se passa na rua da Roquette? Tendes novidades? Passavam aos jornais como se tratasse de um grande acontecimento. Em quarenta e oito horas, toda a França foi instruída.

Há, nesta instantaneidade alguma coisa de notável e mais importante do que se crê.

A impressão do primeiro momento foi a de estupor; *ninguém riu*. A própria imprensa facciosa simplesmente relatou os fatos e os boatos sem comentários; cada dia ela dava deles um boletim, sem se pronunciar nem pró nem contra, e se pode notar que a maioria dos artigos não eram feitos no tom de zombaria; eles exprimiam a dúvida, a incerteza sobre a realidade de fatos tão estranhos, mas pendendo antes para a afirmação do que para a negação. É que o assunto, por si mesmo, era sério; tratava-se do sofrimento, e o sofrimento tem alguma coisa de sagrado, que impõe o respeito; em semelhante caso o gracejo estaria deslocado e universalmente reprovado. Jamais se viu a verve zombadora se exercer diante de um hospital, mesmo de loucos, ou um comboio de feridos. Os homens de coração e de sentimento não podiam deixar de compreender que, numa coisa que toca uma questão de humanidade, a zombaria teria sido imprópria, porque teria sido insultar a dor. Também é com um sentimento de pena e uma espécie de desgosto que se vê hoje o espetáculo desses infelizes enfermos reproduzidos grotescamente nos teatros de feiras e traduzidos em canções burlescas. Em admitindo de sua parte uma credulidade pueril e uma esperança mal fundada, não é uma razão para faltar ao respeito que se deve ao sofrimento.

Em presença de uma tal ressonância, a negação absoluta era difícil; a dúvida só é permitida àquele que não sabe ou que não viu; entre os incrédulos de boa-fé por ignorância, muitos compreenderam que haveria imprudência em se inscrever prematuramente em falso contra os fatos que poderiam, um dia ou outro, receber uma consagração e lhes dar um desmentido. Sem, pois, nada negar nem afirmar, a imprensa está geralmente limitada a consignar o estado das coisas, deixando à experiência o cuidado de confirmá-las ou de desmentí-las, e, sobretudo, explicá-las; era o partido mais sábio.

O primeiro momento de surpresa passado, os adversários obstinados de toda coisa nova que contrarie suas idéias, aturdidos pela violência da irrupção, tomaram coragem, sobretudo quando viram que o zuavo era paciente e de humor pacífico; começaram o ataque, empregando contra ele uma carga pesada e apressada, com as armas habituais daqueles que não têm boas razões para opor: a zombaria e a calúnia exagerada; mas sua polêmica acrimoniosa mostravam a cólera e um evidente embaraço, e seus argumentos que, para a maioria, levam à falsidade e sobre alegações notoriamente inexatas, não são daqueles que convencem, porque se refutam por si mesmos.

O que quer que seja, não se trata aqui de uma questão de pessoa; que o Sr. Jacob sucumba ou não na luta, é uma questão de princípio que está em jogo, que está colocada com uma imensa repercussão, e que seguirá o seu curso. Ela faz lembrar os inumeráveis fatos do mesmo gênero, que história faz menção, e que se multiplicam em nossos dias. Se é uma verdade, ela não está encarnada num homem, e nada poderia abafá-la; a própria violência dos ataques prova que se tem medo que isso não seja uma verdade.

Nesta circunstância, aqueles que testemunham menor surpresa e se comovem me-nos, são os Espíritas, pela razão que essas espécies de fato não têm nada do que não se dêem perfeitamente conta; conhecendo a causa, não se admiram do efeito.

Quanto àqueles que não conhecem nem a causa do fenômeno, nem a lei que o re-ge, se perguntam naturalmente se é uma ilusão ou uma realidade; se o Sr. Jacob era um charlatão; se curava realmente todos os doentes; se está dotado de um poder sobrenatural e de quem o tem; se chegamos ao tempo dos milagres? vendo a multidão que o assiste e o segue, como outrora a que seguia Jesus na Galiléia, alguns se perguntam mesmo se não seria o Cristo reencarnado, ao passo que outros pretendem que a sua faculdade é um presente do diabo.

Todas essas questões estão há muito tempo resolvidas pelos Espíritas, que delas têm a solução nos princípios da Doutrina. No entanto, como disso podem sair vários ensinamentos importantes, nós os examinaremos num próximo artigo, no qual faremos igualmente ressaltar a inconseqüência de certas críticas.

## **DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.**

### *CONSELHOS SOBRE A MEDIUNIDADE CURADORA.*

1 (Paris, 12 de março de 1867, grupo Oesliens; Méd. Sr. Desliens.)

#### **I**

Como vos foi dito muitas vezes, em diferentes instruções, a mediunidade curadora, com a ajuda da faculdade vidente, está chamada a desempenhar um grande papel no período atual da revelação. São os dois agentes que cooperam com maior força para a regeneração da Humanidade, e à fusão de todas as crenças em uma única crença, tolerante, progressiva, universal.

Quando, recentemente, comuniquei-me em uma reunião da Sociedade, onde se me havia evocado, eu o disse e repito, todo o mundo possui, mais ou menos, a faculdade curadora, e se cada um quisesse se consagrar seriamente ao estudo desta faculdade, aqueles médiuns que se ignoram poderiam prestar serviços úteis aos seus irmãos em humanidade. O tempo não me permite então desenvolver todo o meu pensamento a este respeito; aproveitaria do vosso pedido para fazê-lo hoje.

Em geral, aqueles que procuram a faculdade curadora têm por único desejo o restabelecimento da *saúde material*, de dar a liberdade de sua ação a tal *órgão* impedido em suas funções por uma *causa material* qualquer. Mas, sabei-o bem, aí está o menor dos serviços que esta faculdade está chamada a prestar, e não a conheceríeis senão em suas premissas e de maneira inteiramente rudimentar, se lhe assinalais este único papel... Não, a faculdade curadora tem uma missão mais no-

bre e mais extensa!... Se ela pode dar aos corpos o vigor da saúde, deve também dar às almas toda a pureza das quais sejam suscetíveis, e é somente neste caso que ela poderá ser chamada *curativa* no sentido ab-soluto da palavra.

Foi-vos dito com freqüência, e vossos instrutores não saberiam mais repeti-lo, o efei-to aparentemente material, o sofrimento, tem quase constantemente uma causa mórbida e material, residindo no estado moral do Espírito. Se, pois, o médium curador ataca o cor-po, ele não ataca senão o efeito, e a causa primeira do mal permanecendo, o efeito pode se reproduzir, seja sob sua forma primordial, seja sob qualquer aparênci-a. Freqüentemen-te, aí está uma das razões pelas quais tal doente, subitamente curado pela influência de um médium, reaparece com todos os seus acidentes, desde que a influência benfazeja se afaste, porque não fica nada, absolutamente nada para combater a causa mórbida.

Para evitar esses retornos, é preciso que o remédio espiritual ataque o mal em sua base, como o fluido material o destrói em seus defeitos; é preciso, em uma palavra, tratar ao mesmo tempo o corpo e a alma. Para ser bom médium curador, é preciso que não só o corpo esteja apto a servir de canal aos fluidos materiais reparadores, mas é preciso ain-da que o Espírito possua uma força moral que ele não pode adquirir senão pela sua pró-pria melhoria. Para ser médium curador, é preciso, pois, para isto se preparar, não só pela prece, mas pela depuração de sua alma, a fim de tratar fisicamente o corpo por meios físicos, e de influenciar a alma pela força moral.

Uma última reflexão. Aconselha-se-vos procurar de preferência os pobres que não têm outros recursos do que a caridade do hospital; eu não sou inteiramente desta opinião. Jesus dizia que o médico tem por missão cuidar dos doentes e não daqueles que estão saudáveis; lembrai-vos que em caso de saúde moral, a doentes por toda a parte, e que o dever do médico é de ir por toda a parte onde seu socorro é necessário.

Abade Príncipe de Hohenlohe.

## II

(Sociedade de Paris, 15 de março de 1867; Méd. Sr. Desliens.)

Em uma comunicação recente, falei da mediunidade curadora do ponto de vista am-plo que ela não foi considerada até aqui, e a fiz consistir antes no tratamento moral do que no tratamento físico dos doentes, ou pelo menos reuni esses dois tratamentos num só. Eu vos pedirei para dizer algumas palavras a esse respeito.

O sofrimento, a doença, a própria morte, nas condições sob as quais as conheceis, não são mais especialmente o quinhão dos mundos habitados pelos Espíritos inferiores ou pouco avançados? O desenvolvimento moral não tem por objetivo principal conduzir a Humanidade à felicidade, em lhe fazendo adquirir conhecimentos mais completos, em a desembaraçando das imperfeições de toda natureza, que retardam sua marcha ascensio-nal para o infinito? Ora, em melhorando o Espírito dos doentes, não se os coloca em me-lhores condições para suportarem seus sofrimentos físicos? Em atacando os vícios, os maus pendores, que são a fonte de quase todas as desorganizações físicas, não se colo-cam essas desorganiza-

ções na impossibilidade de se reproduzirem? Destruindo-se a causa, impede-se necessariamente o efeito de se manifestar de novo.

A mediunidade curadora pode, pois, comportar duas formas, e esta faculdade não estará em seu apogeu, naqueles que a possuem, senão quando neles reunirem essas duas maneiras de ser. Ela pode compreender unicamente o alívio material dos doentes, e então se dirige aos encarnados; ela pode compreender a melhoria moral dos indivíduos, e, neste caso, se dirige tão bem aos Espíritos quanto aos homens; ela pode compreender, enfim, a melhoria moral como o alívio material, e neste caso a causa como o efeito pode-rão ser combatidos vitoriosamente. O tratamento dos Espíritos obsessores é outra coisa, com efeito, que uma espécie de influência semelhante à mediunidade curadora exercida em conjunto por médiuns e Espíritos sobre uma personalidade desencarnada?

A mediunidade curadora abarca, pois, ao mesmo tempo, a saúde moral e a saúde fí-sica, o mundo dos encarnados e o dos Espíritos.

Abade Príncipe de Hohenlohe.

### III

(Paris, 24 de março de 1867. Médiun, Sr. Rui.)

Venho continuara instrução que dei a um médium da Sociedade. Porque duvidastes que eu viesse ao vosso chamado? Não sabeis que um bom Espírito é sempre feliz em ajudar os seus irmãos da Terra, no caminho da melhoria e do progresso?

Conheceis hoje o que eu disse do papel extenso reservado à mediunidade curadora; sabeis que, segundo o estado de vossa alma e as aptidões de vosso organismo, pode-reis, se Deus vo-lo permitir, curar, sejam as dores físicas, sejam os sofrimentos morais, ou ambos. Duvidais de serdes capazes de fazer um ou o outro, porque conheceis as vossas imperfeições; mas Deus não pede a perfeição, a pureza absoluta aos homens da Terra. A esse título, nenhum de vós seria digno de ser médium curador.

Deus pede para vos melhorar, fazer esforços constantes para vos purificar, e vos tem em conta a vossa boa vontade.

Uma vez que desejais seriamente aliviar os vossos irmãos que sofrem fisicamente e moralmente, tende confiança, esperai que o Senhor vos concederá esse favor. Mas, eu vo-lo repito, não sejais exclusivos na escolha de vossos doentes; todos, quaisquer que sejam, ricos ou pobres, crentes ou incrédulos, bons ou maus, todos têm direito ao vosso socorro. Acaso o Senhor priva os maus do calor benfazejo do Sol que aquece, que reani-ma, que vivifica? Acaso a luz é recusada a quem não se prosterne diante da bondade do Todo-Poderoso? Curai, pois, quem sofra, e aproveitai do bem que haveis dado ao corpo para purificar a alma sofredora ainda e ensiná-la a orar. Não vos desanimeis pelas recusas que encontrardes; fazei sempre a vossa obra de caridade e de amor, e não duvideis de que o bem, embora retardado para alguns, jamais será perdido. Melhorai-vos pela pre-ce, pelo amor ao Senhor, de vossos irmãos, e não duvideis que o Todo-Poderoso não vos dê as ocasiões freqüentes de exercer a vossa faculdade medianímica. Sede felizes quando, depois da cura, vossa mão apertará a de vosso irmão reconhecido, e que



ambos, prosternados aos pés de vosso Pai celeste, orardes juntos para agradecer-lhe e para ado-rá-lo; mais feliz ainda, quando, acolhido pela ingratidão, depois de ter curado o corpo, im-possibilitado de curar a alma endurecida, elevardes o vosso pensamento ao Criador, por-que a vossa prece será a primeira centelha destinada a alumiar, mais tarde, o facho que brilhará aos pés de vosso irmão curado de sua cegueira, e direis a vós mesmos que quanto mais um doente sofre, mais o médico deve lhe dar cuidados.

Coragem, irmão, esperai *e* esperai, que os bons Espíritos que vos dirigem, vos inspi-rem quando deveis começar, junto aos vossos irmãos que sofrem, a aplicação de vossa nova faculdade medianímica. Até lá orai, progredi pela caridade moral, pela influência do exemplo, e jamais deixeis fugir à menor ocasião de esclarecer os vossos irmãos. Deus vela sobre cada um de vós, e aquele que hoje é o incrédulo, amanhã, poderá ser o mais fervoroso e o mais crente.

Abade Príncipe de Hohenlohe.

### 3 - ENSAIO TEÓRICO DAS CURAS INSTANTÂNEAS

ALLAN KARDEC

(Revista Espírita – Março/1868. Edit. Edicel, SP. Tradução de Júlio Abreu Filho; poesias traduzidas por J. Herculano Pires))

**As curas instantâneas são um fato que se não poderia por em dúvida.**

De todos os fenômenos espíritos, um dos mais extraordinários é, sem qualquer dúvida, o das curas instantâneas. Compreende-se as curas produzidas pela ação continuada de um bom fluido. Mas pergunta-se como esse fluido pode operar uma transformação súbita no organismo e, sobretudo, porque o indivíduo que possui essa faculdade não tem acesso sobre todos os que são atingidos pela mesma moléstia, admitindo que haja especialidades. A simpatia dos fluidos é uma razão, sem dúvida, mas não satisfaz completamente, porque nada tem de positivo, nem de científico. Entretanto, as curas instantâneas são um fato que se não poderia por em dúvida. Se se não tivesse em apoio senão os exemplos dos tempos remotos, poder-se-ia, com alguma aparência de fundamento, considerá-los como lendários ou, pelo menos, como ampliados pela credulidade; mas quando os mesmos fenômenos se reproduzem aos nossos olhos, no século mais cético a respeito das coisas sobrenaturais, a negação já não é possível, e se é forçado a neles ver não um efeito miraculoso, mas um fenômeno que deve ter sua causa nas leis da natureza, ainda desconhecidas.

**Explicação deduzida das indicações fornecidas por um médium em sonambulismo espontâneo.**

A explicação seguinte, deduzida das indicações fornecidas por um médium em sonambulismo espontâneo, está baseada em considerações fisiológicas, que nos parecem jogar luz nova sobre a questão. Ela foi dada por ocasião de uma pessoa atingida por graves enfermidades e que perguntava se um tratamento fluídico poderia ser-lhe salutar.

Por mais racional que nos pareça esta explicação, não a damos como absoluta, mas a título de hipótese e como tema de estudo, até que tenha recebido a dupla sanção da lógica e da opinião geral dos Espíritos, único controle válido das doutrinas espíritas e que possa assegurar-lhe a perpetuidade.

Na medicação terapêutica são necessários remédios apropriados ao mal. Não podendo o mesmo remédio ter virtudes contrárias: ser, ao mesmo tempo, estimulante e calmante, aquecer e esfriar, não pode convir a todos os casos. É por isto que não existe um remédio universal.

Dá-se o mesmo com o fluido curador, verdadeiro agente terapêutico, cujas qualidades variam conforme o temperamento físico e moral dos indivíduos que o transmitem. Há fluidos que superexcitam e outros que acalmam, fluidos fortes e outros suaves e de muitas outras nuances. Conforme as suas qualidades o mesmo fluido, como o mesmo remédio, poderá ser salutar em certos casos, ineficaz e até prejudiciais em outros; de onde se segue que a cura depende, em princípio, da adequação das qualidades do fluido à natureza e à causa do mal. Eis o que muitas pessoas não compreendem e porque se admiram que um curador não cure todos os males. Quanto às circunstâncias que influem nas qualidades intrínsecas dos flui-

dos, foram suficientemente desenvolvidas no Cap. XIV, da *Gênese*, para que seja supérfluo aqui as relembrar.

**A maioria das moléstias, como todas as misérias humanas, são expiações do presente ou do passado, ou provações para o futuro.**

A esta causa inteiramente física das não-curas, há que acrescentar uma, inteiramente moral, que o Espiritismo nos dá a conhecer. É que a maioria das moléstias, como todas as misérias humanas, são expiações do presente ou do passado, ou provações para o futuro; são dívidas contraídas, cujas conseqüências devem ser sofridas, até que tenham sido resgatadas. Não pode ser curado aquele que deve suportar sua provação até o fim. Este princípio é um motivo de resignação para o doente, mas não deve ser uma excusa para que o médico procurasse, na necessidade da provação, um meio cômodo de abrigar a sua ignorância.

Consideradas unicamente do ponto de vista fisiológico, as doenças têm duas causas, que até hoje não foram distinguidas, e que não podiam ser apreciadas antes de novos conhecimentos, trazidos pelo Espiritismo. É da diferença destas duas causas que ressalta a possibilidade das curas instantâneas, em casos especiais, e não em todos.

**Possibilidade das curas instantâneas.**

Certas doenças têm sua causa original na alteração mesma dos tecidos orgânicos; é a única admitida pela ciência até hoje. E como, para as remediar, até hoje só conhece as substâncias medicamentosas tangíveis, não compreende a ação de um fluido impalpável, tendo a vontade como propulsor. Entretanto, aí estão os curadores magnéticos, para provar que não é uma ilusão.

Na cura das moléstias desta natureza, pelo influxo fluídico, há substituição das moléculas orgânicas mórbidas por moléculas sadias. É a história de casa velha, cujas pedras carcomidas são substituídas por boas pedras: tem-se sempre a mesma casa, mas restaurada e consolidada. A torre Saint-Jacques e Notre-Dame de Paris acabam de sofrer um tratamento deste gênero.

A substancia fluídica produz um efeito análogo ao da substância medicamentosa, com a diferença que, sendo maior a sua penetração, em razão da tenuidade de seus princípios constitutivos, age mais diretamente sobre as moléculas primeiras do organismo do que o podem fazer as moléculas mais grosseiras das substâncias materiais. Em segundo lugar, sua eficácia é mais geral, sem ser universal, porque suas qualidades são *modificáveis pelo pensamento*, ao passo que as da matéria são fixas e invariáveis e não se podem aplicar senão a casos determinados.

**Remédios *in natura*. Remédios homeopatas. Fluidos magnéticos.**

Tal é, em tese geral, o princípio sobre o qual repousam os tratamentos magnéticos. Ajuntemos sumariamente, e de memória, pois não podemos aqui aprofundar o assunto, que a ação dos remédios homeopatas em doses infinitesimais (extremamente pequenas), é baseada no mesmo princípio: a substância medicamentosa, levada pela divisão ao estado atômico, até certo ponto adquire as propriedades dos fluidos, menos, entretanto, o princípio anímico (espiritualizado), que

existe nos fluidos animalizados e lhes dá qualidades especiais (os remédios homeopatas não chegam a tanto).

Em resumo, trata-se de reparar uma desordem orgânica pela introdução, na economia (orgânica), de materiais sãos, substituindo materiais deteriorados. Esses materiais sãos podem ser fornecidos pelos medicamentos ordinários *in natura*; por esses mesmos medicamentos em estado de divisão homeopática; enfim pelo fluido magnético, que não é senão matéria espiritualizada. São três modos de reparação, ou melhor, de introdução e de assimilação dos elementos reparadores; todos os três estão igualmente na natureza, e têm sua utilidade, conforme os casos especiais, o que explica porque um tem êxito onde outro fracassa, porque seria parcialidade negar os serviços prestados pela medicina ordinária. Em nossa opinião, são três ramos da arte de curar, destinados a se suplementar e se completar, conforme as circunstâncias, mas das quais nenhum tem o direito de se julgar a panacéia universal do gênero humano.

Cada um dos meios poderá, pois, ser eficaz, se empregado a propósito e adequado à especialidade do mal; mas, seja qual for, compreende-se que a substituição molecular, necessária ao restabelecimento do equilíbrio, só se pode operar gradualmente, e não por encanto e por um golpe de batuta; se possível, a cura não pode deixar de ser senão o resultado de uma ação contínua e perseverante, mais ou menos longa, conforme a gravidade dos casos.

**As curas instantâneas são um fato: ação sobre os maus fluidos. Medicina terapêutica. Medicina fluídica. Medicina homeopática.**

Entretanto, as curas instantâneas são um fato; e como não podem ser mais miraculosas que as outras, é preciso que se realizem em circunstâncias especiais. O que o prova é que não se dão indistintamente para todas as doenças, nem para todos os indivíduos. É, pois, um fenômeno natural, cuja lei há que buscar. Ora, eis a explicação que se lhe dá. Para a compreender, era preciso ter o ponto de comparação que acabamos de estabelecer.

Certas afecções, mesmo muito graves e passadas ao estado crônico, não têm como causa primeira a alteração das moléculas orgânicas, mas a presença de um mau fluido, que as desagrega, por assim dizer, e perturba a sua economia.

Há aqui, como num relógio, cujas peças todas estão em bom estado, mas cujo movimento é parado ou desregulado pela poeira; nenhuma peça deve ser substituída e, contudo, ele não funciona; para restabelecer a regularidade do movimento basta purgar o relógio do obstáculo que o impedia de funcionar.

Tal é o caso de grande número de doenças, cuja origem é devida aos fluidos perniciosos, dos quais é penetrado o organismo. Para obter a cura, não são moléculas deterioradas que devem ser substituídas, mas um corpo estranho que se deve expulsar; desaparecida a causa do mal, o equilíbrio se restabelece e as funções retomam o seu curso.

Concebe-se que em semelhantes casos os medicamentos terapêuticos, por sua natureza destinada a agir sobre a matéria, não tenham eficácia sobre um agente fluídico. Assim, a medicina ordinária é inoperante em todas as doenças causadas por fluidos viciados, e elas são numerosas. À matéria pode opor-se a matéria, mas a um fluido mau há que opor um fluido melhor e mais poderoso. *A medicina tera-*

*pêutica* naturalmente falha contra os agentes fluídicos; pela mesma razão a *medicina fluídica* falha onde há que opor matéria a matéria; a *medicina homeopática* nos parece ser o intermediário, o traço de união entre esses dois extremos e deve, particularmente, ter êxito nas afecções que poderiam chamar-se mistas.

Seja qual for a pretensão de cada um destes sistemas à supremacia, o que há de positivo é que, cada um de seu lado, obtém incontestáveis sucessos, mas que, até agora, nenhum justificou estar na posse exclusiva da verdade; de onde há que concluir que todas têm sua utilidade, e que o essencial é as aplicar adequadamente.

### **Causa pela qual o tratamento fluídico pode levar à cura instantânea.**

Não temos que nos ocupar aqui dos casos em que o tratamento fluídico é aplicável, mas da causa pela qual esse tratamento, por vezes, pode ser instantâneo, ao passo que em outros casos exige uma ação continuada.

Esta diferença se deve à mesma natureza e à causa primeira do mal. Duas afecções que apresentam, na aparência, sintomas idênticos, podem ter causas diferentes; uma pode ser determinada pela alteração das moléculas orgânicas e, neste caso, é necessário reparar, substituir, como me disseram, as moléculas deterioradas por outras sãs, operação que só se pode fazer gradualmente; a outra, por infiltração, nos órgãos sãos, de um fluido mau, que perturba as suas funções. Neste caso não se trata de reparar, mas expulsar. Esses dois casos requerem, no fluido curador, qualidades diferentes. No primeiro, é preciso um fluido mais suave que violento, sobretudo rico em princípios reparadores; no segundo, um fluido enérgico, mais próprio à expulsão do que à reparação; segundo a qualidade desse fluido, a expulsão pode ser rápida e como por efeito de uma descarga elétrica. Subitamente livre da causa estranha que o fazia sofrer, o doente sente-se aliviado imediatamente, como acontece na extirpação de um dente estragado. Não estando mais obliterado, o órgão volta ao seu estado normal e retoma as suas funções.

Assim podem explicar-se as curas instantâneas, que não são, na realidade, senão uma variedade da ação magnética. Como se vê, elas repousam num princípio essencialmente fisiológico e nada têm de mais miraculoso que os outros fenômenos espíritos. Compreende-se, desde logo, porque essas espécies de curas não são aplicáveis a todas as doenças. Sua obtenção se deve, ao mesmo tempo, à causa primeira do mal, que não é a mesma em todos os indivíduos, e às quantidades especiais do fluido que se lhe opõe. Disso resulta que tal pessoa que produz efeitos rápidos, nem sempre é indicada para um tratamento magnético regular, e que excelentes magnetizadores são impróprios para curas instantâneas.

Esta teoria pode assim resumir-se:

**“Quando o mal exige reparação de órgãos alterados, necessariamente a cura é lenta e requer uma ação contínua e um fluido de qualidade especial; quando se trata da expulsão de um mau fluido, ela pode ser rápida e, mesmo instantânea.”**

### **Causas simultâneas: exigem reparação e expulsão.**

Para simplificar a questão, não consideramos senão os dois pontos extremos; mas entre os dois há nuances infinitas, isto é, uma multidão de casos em que

as duas causas existem simultaneamente em diferentes graus, e com mais ou menos preponderância de cada uma; em que, por conseqüência, é necessário, ao mesmo tempo expulsar e reparar. Conforme aquela das duas causas que predomina, a cura é mais ou menos lenta; se for a do mau fluido, após a expulsão é preciso reparação; se for a desordem orgânica, após a reparação é necessária a expulsão. A cura só é completa após a destruição das duas causas. É o caso mais comum; eis porque os tratamentos terapêuticos muitas vezes necessitam ser completados por tratamento fluídico e reciprocamente; eis, também, porque as curas instantâneas, que ocorrem nos casos em que a predominância fluídica é, por assim dizer, exclusiva, jamais poderão tornar-se um meio curativo universal; não são, conseqüentemente, chamadas a suplantarem a medicina, nem a homeopatia, nem o magnetismo ordinário.

**A cura instantânea radical e definitiva pode ser considerada como um caso excepcional, visto que é raro:**

**1º. – que a expulsão do mau fluido seja completa no primeiro golpe;**

**2º. – que a causa fluídica não seja acompanhada de alguma alteração orgânica, o que obriga, num caso, como no outro, a olhar várias vezes.**

#### **Os maus fluidos e a obsessão.**

Enfim, não podendo os maus fluidos provir senão de maus Espíritos, sua introdução na economia se liga muitas vezes à obsessão. Daí resulta que, para obter a cura é preciso tratar, ao mesmo tempo, o doente e o Espírito obsessor.

#### **Aliança do Espiritismo e da Ciência.**

Estas considerações mostram quantas coisas há que levar em conta no tratamento das moléstias, e quanto ainda resta a aprender a tal respeito. Além, disso, vêm confirmar um fato capital, que ressalta da obra *A Gênese*: é a aliança do Espiritismo e da Ciência. O Espiritismo marcha no mesmo terreno que a Ciência, até os limites da matéria tangível; mas, ao passo que a Ciência se detém neste ponto, o Espiritismo continua seu caminho e procede suas investigações nos fenômenos da natureza com o auxílio dos elementos que colhe no mundo extra-material; só aí está a solução das dificuldades contra as quais se choca a Ciência.

*Nota.* A pessoa cujo pedido motivou esta explicação está no caso das doenças de causa complexa. Seu organismo está profundamente alterado, ao mesmo tempo que saturado de fluidos os mais perniciosos, que a tornam incurável apenas pela terapêutica ordinária. Uma magnetização violenta e muito enérgica apenas produziria uma super excitação momentânea, logo seguida de maior prostração, ativando o trabalho da decomposição. Ser-lhe-ia necessária uma magnetização suave, continuada por muito tempo, um fluido reparador penetrante, e não um fluido que abala, mas nada repara. Ela é, pois, inacessível à cura instantânea.

*ALLAN KARDEC.*

## 4 - CURAS POR MÉTODOS NÃO- CONVENCIONAIS

### PARAPSICOLOGIA

ERIVAM FELIX VIEIRA

#### Resumo

Este trabalho é uma síntese e adaptação da última parte de uma pesquisa em curso sobre “Curandeirismo: a eficácia simbólica das práticas rituais”.

Pretendemos demonstrar que no fenômeno da cura há vários ângulos de percepção nem sempre convergentes, já abordados em nosso trabalho “A mentalidade mágico-supersticiosa no curandeirismo” (1996). O resultado leva a atitudes de incompreensão diante dessas novas perspectivas postas em discussão.

Destaca a necessidade de se levar em consideração a natureza simbólica da vida social, enfatizando que as atividades interativas dos indivíduos produzem as significações sociais.

Finalizando, adverte para o fato de que não é aconselhável estudar psi sem um estudo multidisciplinar, que proporcionaria outras visões de sua realidade, como ocorrências do cotidiano, que seria lastimoso ignorar.

#### Abstrat

This paper is a synthesis and adaptation of the last part of a on going research about curanderism: the symbolic efectiveness of ritual pratices.

We intend to show that in the cure phenomena there are several perception angles, not all convergent, as we have already introduces in our book “The supertitious and magic mind in curanderism” (1996). It results in uncomprehensive attitudes before the new perspectives.

It emphasizes the need to consider the symbolic nature of social life, focusing that the individual interactive activities produce social significance.

The conclusion is that it is not advisable to study psi without a multidisciplinary, approach in order to show other views of reality, such as in daily occurrences, that we would regret if they were not considered.

#### Curas por métodos não convencionais (1)

“A energia curativa natural que existe em cada um de nós é o principal fator de regeneração”. Hipócrates

### 1. O enigma da cura

Em um sentido mais abrangente, a cura continua sendo um enigma. Até estudos realizados no âmbito da medicina moderna têm o seu suporte fortalecido em observações que, em sua essência, são aparentemente inexplicáveis. Torna-se, perfeitamente, claro, que muitos médicos empenham-se, convenientemente, em ignorar tal fato, preferindo acreditar que o “status” de

médico confere para si a supremacia e a plena sapiência. É lamentável que estejam atraídos pelo “canto das sereias”.

Pensamos que o corpo pode ser curado por uma gama de modalidades processuais. Não importa de onde e como ocorre a cura, o mais essencial é que estabeleçamos conexões entre os diversos conhecimentos e técnicas terapêuticas, para que possamos definir um quadro pluridimensional da cura.

Existem muitas formas de interação entre a mente e o corpo que desconhecemos completamente e que nos deixam perplexos.

Um outro aspecto que também devemos ter sempre presente para maior entendimento dos fatos: a religião, por exemplo, que é o maior fato social.

Durkheim (1996), em sua tese antropológica sobre a religião, diz que “no divino os homens concebem a autoridade moral, à qual se submetem, que lhes pressiona o comportamento, acarretando-lhes constrangimento, sacrifícios, além de provocar a sensação de dependência permanente e torná-los agradecidos”.

Levando em consideração esta perspectiva antropológica predominante, nunca se deve menosprezar a tendência humana para o metafísico, para o religioso, porque exporia o caráter humano a inaptações sociais.

A religião, portanto, é parte do sistema de vida de um povo. Um compartilhar coletivo de crenças que, por sua vez, é essencial às representações coletivas.

Certamente os resultados serão bem mais sucedidos, quando cuidamos dos doentes de acordo com os métodos da sua cultura. Devemos, portanto, levar em conta a origem cultural do paciente e os dispositivos terapêuticos. Se o paciente é um religioso, por exemplo, o que nos impede de tratá-lo também de acordo com suas crenças?

Nossas experiências permitiram-nos constatar que existe uma forte evidência que a crença que expressamos através da fé espiritual é a responsável pelas curas denominadas de extraordinárias. Entre a prática de cura e a religião, existe uma relação, historicamente, estabelecida. De forma incisiva, o “habitus” que os religiosos incorporam à sua atividade opõe-se ao “habitus” médico.

## **2. Casos**

### **Caso I (2)**

Em 1962, um senhor chamado Vitório Michelli foi internado no hospital militar de Verona, Itália, com um grande tumor canceroso do lado esquerdo do quadril. Após o diagnosticarem como um caso sem cura, os médicos o mandaram para casa. Dez meses depois, seu quadril se desintegrou completamente.

Sem mais esperança de cura através dos meios convencionais, viajou para Lourdes onde se banhou na fonte. Sentiu uma sensação de calor percorrendo o seu corpo. Ele se banhou várias vezes, durante alguns dias, e então voltou para casa. Após um mês, o tumor desapareceu e o seu osso começou a se regenerar. No segundo mês, ele estava andando e, nos anos seguintes, seu osso se reconstituiu completamente.



Uma comissão médica do Vaticano, uma equipe internacional de médicos, fundada para investigar tais assuntos, tem confirmado a autenticidade de diversas curas na fonte de Lourdes, ao longo dos anos.

### **Caso II (3)**

O Dr. William Tufts Brigham, diretor do Museu Bishop em Honolulu, dedicado pesquisador dos fenômenos psi, registrou um caso de cura instantânea de um osso quebrado, efetuada por uma xamã (kahuna) nativa do Havai.

O caso foi testemunhado por um amigo de Brigham, chamado J. A. K. Combs. A avó da sua esposa era considerada uma das mulheres kahunas mais poderosas da ilha.

Certa vez, um determinado senhor escorregou e, ao cair, sofreu uma fratura exposta em uma das pernas. Pela severidade da fratura, Combs sugeriu que levassem o homem ao hospital imediatamente, tendo o conselho sido ignorado pela Kahuna que estava presente ao local. Aproximando-se do homem, ela endireitou sua perna e fez pressão sobre a área afetada. Depois de rezar e meditar por alguns minutos, levantou-se e comunicou que o homem estava curado. Ele se levantou e conseguiu andar. Além de ficar completamente curado, a sua perna não mostrou nenhum indício de fratura.

### **Caso III**

Este caso ocorreu com o Senhor Samuel (pseudônimo), residente na cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco.

No ano de 1999, teve diagnosticado pelo médico, após vários exames realizados, um tumor na próstata. Imediatamente realizou os exames pré-operatórios, visto que a gravidade do caso exigia uma urgente intervenção cirúrgica. O senhor Samuel, muito preocupado, dirigiu-se ao Centro espírita que sempre frequentara, à procura de ajuda espiritual. Lá chegando, encontrou uma jovem senhora a quem se atribui a capacidade de diagnosticar doenças e, também, a mediunidade de cura (fluidoterapia). Sensibilizada com o caso do Senhor Samuel, concentrou-se e, conforme ocorre nesses estados alterados de consciência, sentiu como se estivesse vendo através do corpo do Senhor Samuel. Descreveu como se fosse um corpo energético escurecido. Concentrando sua visualização numa determinada região, refere ver o interior do corpo. Naquela ocasião, visualizou a sua próstata, tendo observado que pequenas partículas escuras se concentravam sobre a mesma. Imaginou que as tivesse retirando e transferindo-as para a natureza, até que a próstata obtivesse uma nova textura e coloração. As sessões de tratamento se repetiram por cinco vezes, num espaço de quinze (15) dias, sendo utilizado o mesmo procedimento, acrescido de um forte sentimento, como que de si exalasse algo que selecionava uma parte para repor, em substituição às partículas “retiradas”. Na última sessão de tratamento, não mais viu a região escurecida nem o órgão volumoso, mas com novas texturas e coloração. Naquela oportunidade, a médium sugeriu ao senhor Samuel que, antes de se submeter à cirurgia, pedisse ao seu médico que solicitasse novos exames, tendo o mesmo acatado a sugestão. Para surpresa sua e do médico, constatou-se

uma regeneração da próstata, o que levou o médico a solicitar nova bateria de exames que confirmaram a completa recuperação do órgão canceroso. (Entrevista concedida pela médium).

Constam, em nosso poder, documentos que comprovam os diagnósticos médicos, antes e após a cura. Comprovamos, também, que nenhum tratamento médico regular foi praticado anteriormente ou durante as sessões de tratamento.

Conforme procedimentos adotados em pesquisas anteriores, verificamos os conceitos que as pessoas citadas, no caso, tinham da entrevistada, sem constarmos discrepâncias entre os relatos, o que muito nos favoreceu para a complementação dos nossos propósitos.

Apreciando os casos apresentados, observa-se, claramente, que as pessoas estão sedentas de magia. O sentido mitológico da crença parece renascer diante da perspectiva de agonia e de sofrimento.

Os relatos revelam, notadamente, não apenas a capacidade que a mente humana tem para agir sobre o organismo, alterando o sistema endócrino, mas, sobretudo, curas que se distinguem, por características particulares, das demais curas, sugerindo tratar-se de experiências de uma nova forma de consciência que possui uma lógica própria, desafiando a lógica formal.

São as evidências dessas características que mantêm a esperança do êxito. Mesmo que não conduzam à cura, essa maneira de ser enseja sempre uma proposta para o enigma da fé que passa a ter um significado bem real e transparente: Deus já não é mais essa categoria do infinito inatingível e remota que escapa aos nossos sentidos. Já existe um pacto, através do seu representante estabelecido. E não pode negar-se a irredutibilidade do mistério que o homem tem querido penetrar através das portas da religião.

### **3. A eficácia simbólica da cura**

Tradicionalmente, a procura aos centros de cura é considerada de grande utilidade, apresentando, em alguns casos, resultados satisfatórios de alívio dos males e até de curas.

Admite-se que toda cura tem uma dimensão de eficácia simbólica. Esta eficácia consiste, precisamente, numa propriedade indutora garantindo a harmonia entre mito, rito e cura. Como indica Baczko (1984), “o imaginário social se expressa por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos”.

As correlações simbólicas das práticas rituais têm, assim, a base de suas verosimilhanças, firmadas em padrões muito mais sólidos do que, a princípio, poder-se-ia pensar.

As experiências cotidianas, e não apenas as religiosas, são permeadas por ritos. O simbólico se faz presente em toda vida social na situação familiar, econômica, religiosa, política etc, sem que, às vezes, percebamos.

“A presença de um curador com palavras de encorajamento e atitudes afetivas provoca um processo sugestivo, motivando a confiança do indivíduo e, naturalmente, alterando sua condição psíquica, possibilitando readquirir o vigor normal. O que equivale dizer que a fé no poder curador foi o responsável em produzir as alterações orgânicas que resultaram na recuperação ou

cura” (4). Nessas circunstâncias, a força mágica do mito é fortalecida: o curador se torna a encarnação do velho sábio.

O curador investido do papel do velho sábio, “inspirado por Deus”, sempre simboliza, para quem o procura, a medida de todas as coisas, a representação do divino.

O risco deste tipo de cura consiste em que, muitas vezes, não existe a cura real: o paciente apenas sente-se bem pela sugestão. Porém a enfermidade pode continuar seu curso sem apresentar sinais ou sintomas.

Supondo, também, que exista uma fraude, todo esforço será feito no sentido de convencer o consulente de que foi ou está sendo curado. Embora considerando-se curado, em consequência de uma aparente melhora dos sintomas ou desaparecimento dos mesmos, algum tempo após voltará a sentir as mesmas sintomatologias. E poderá até apresentar uma situação mais grave, acarretando complicações, onde haja a necessidade de uma correta e ágil conduta diagnóstica e terapêutica, com alguns casos de intervenção cirúrgica de urgência.

Precavendo-se contra fatos dessa natureza, em alguns países, entre eles Alemanha, França e Suíça, determinadas instruções, de natureza acadêmica, sobre anatomia, histologia, higiene, patologia e diagnóstico, são ministradas aos curandeiros, podendo ser autorizados como curadores práticos, porém, com um acompanhamento médico. Recebem, também, orientações, de caráter rigoroso, sobre a necessidade de encaminhar o paciente ao médico, caso a enfermidade exceda os limites de sua capacidade.

A teoria holográfica do cérebro pode ser usada para explicar também esses fenômenos. “Num cérebro que funciona holograficamente a imagem lembrada de uma coisa pode ter tanto impacto sobre os sentidos quanto a própria coisa”. (Talbot, 1991).

Michael Talbot (1991) afirma ainda que “na ordem implícita (5), como no próprio cérebro, a imaginação e a realidade, na verdade, são indistinguíveis e portanto não deveriam ser nenhuma surpresa para nós que as imagens, na mente, possam, conseqüentemente, manifestar-se como realidades no corpo físico”.

Diante do exposto, conclui-se que não apenas a consciência, mas também o corpo pode responder ao significado. O significado pode, assim, servir como elo ou ponte entre esses dois lados da realidade, conforme afirma David Bohm, considerado um dos maiores físicos especulativos do mundo: “Este elo é indivisível, no sentido de que a informação contida no pensamento, que sentimos estar no lado mental, é, ao mesmo tempo, uma atividade física, química e neurofisiológica, que é claramente o que representa este pensamento no lado material” (6).

Danah Zohar no seu livro “O ser quântico”, enfatiza: “Embora, sob muitos aspectos, a consciência seja a coisa mais conhecida e acessível que cada um de nós possui ela continua como um dos fenômenos menos compreendido deste mundo”. Enfatiza, também, que “não existe nenhuma anatomia ou fisiologia da consciência, muito menos uma física” (Zohar, 1990).

Mediante tais evidências, somos motivados a ingressar numa fase de reavaliação de conceitos e valores, assumindo uma postura pluridimensional da realidade e, intrinsecamente, dinâmica do universo, em que se constata o aspecto essencial que representa a mente. Não esqueçamos, pois, que tudo isso envolve

uma abundante seqüência de fatos, valores, idéias, inclinações ou ocorrências latentes nas profundas e enigmáticas camadas da mente humana.

#### 4. A perspectiva parapsicológica

Os estudos parapsicológicos começam agora a desfrutar um interesse não usual de círculos, cada vez mais, consideráveis do público.

Em Universidades, Centros de Pesquisas ou Institutos do mundo, há preconceitos entre técnicas ou conhecimentos mais destacados pela ciência, da forma como a concebemos, e outras com características diferentes.

O preconceito é tão forte que, de um certo modo, impossibilita reverter a postura daqueles que rejeitam, mesmo quando são apresentadas todas as informações que lhes faltavam.

Essa postura, conforme se verifica, é uma conseqüência da ignorância existente acerca da Parapsicologia, em parte sob influência dos estereótipos da comunicação.

Por outro lado, esses mesmos críticos de postura negativa (7), em certas ocasiões, longe do meio acadêmico, quando explicamos que a Parapsicologia tem como objeto de estudo os fenômenos psi (aqueles em que os relacionamentos entre o homem e o outro ou entre o homem e o meio ambiente, ocorrem sem a utilização das funções sensorio-motoras convencionais), cedem um pouco ao radicalismo e até nos relatam algumas experiências por que passaram, solicitando explicações.

Entretanto, percebe-se claramente, após aquele momento, o receio de que, alterando a postura, é como se pusesse em risco a reputação acadêmica.

Esquecem esses ilustres pesquisadores que devemos considerar as teorias dos grandes cientistas, não como descrições de uma verdade absoluta, mas unicamente como descrições de um protótipo da verdade, o que corresponde a uma enorme diferenciação.

Os grandes cientistas tentam somente desvendar o conteúdo da “caixa preta”.

A ciência que se mantiver atrelada a uma lógica dogmática, pagará um elevado tributo por essa postura que, inevitavelmente, a conduzirá a uma destruição motivada por suas incoerências internas.

Atualmente há em todo mundo universidades, institutos e centros dedicados ao estudo da Parapsicologia. No Brasil ainda existem poucas instituições, entre elas o Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas - I.P.P.P onde, atualmente, diversos trabalhos de estudo e pesquisa têm sido realizados por sua equipe, cujo propósito visa abrir novas perspectivas no setor do conhecimento do homem e o entendimento de outros estados de consciência, até agora, pouco vislumbrados, como é o caso das curas por meios paranormais.

Ronaldo Dantas Lins, médico e parapsicólogo, define cura por meios paranormais: “como uma ação física da mente sobre os seres vivos, sem a utilização de qualquer extensão ou instrumento de natureza material, produzindo o restabelecimento da saúde a este sistema” (Lins, 1995).

É possível, pois, alguém curar por meios paranormais?

Sob o ponto de vista parapsicológico, apesar de muito rara, a cura é possível em decorrência de uma ação psi-kapa, ou ainda, o agente psi confiável (paranormal) poderá revitalizar um organismo debilitado através de uma ação telérgica (exteriorização de energia do agente psi transmitida a uma pessoa).

Esses esforços, sem dúvida, levam o curador a atuar independentemente do fator psíquico do doente. Ele parece transmitir algo de si, e independe do conhecimento que tenha sobre o processo.

Outra hipótese é a da sugestão telepática de estimulação e encorajamento, permitindo que, embora o nível consciente não tome conhecimento, o doente utilize o seu próprio psiquismo para uma recuperação ou cura.

Em estado alterado de consciência, o curador consegue um estado de unidade com o doente, estimulando as suas faculdades auto-restauradoras, sendo o próprio doente o agente da sua própria cura através da aceleração de suas próprias faculdades restauradoras orgânicas, que existem em estado latente.

“Os sinais psigâmicos sendo captados podem não se manifestar em nível consciente, no entanto, a sugestão telepática positiva pode manifestar-se e influir de tal forma que o metabolismo da pessoa pode ser inconscientemente afetado pelos sentimentos captados telepaticamente. A atuação dessas forças mentais sobre as pessoas está intrinsecamente ligada à sensibilidade do percipiente. O elemento mágico-religioso está latente à espera de um ambiente propício que o estimule. Em outras palavras, a confiança no curador e em seus poderes constitui uma sugestão que já se encontra no psiquismo das pessoas que o procuram em potencial” (8).

Assim, também, outros fatores ambientais podem produzir e/ou intensificar, nas pessoas, um estado emocional capaz de inspirar-lhes a confiança de que serão curados.

Em alguns casos, o doente, por si mesmo, coloca, em atuação, essas faculdades por ocasião de um choque psicológico (forte emoção) ou fisiológico (imersão brusca em água fria) etc. Ou, simultaneamente, os dois fatores (como ocorre em Lourdes e em outros grandes centros de cura do planeta).

O psiquismo desempenha um papel bem definido em nossa vida, mas que, seguidamente, atua de forma sutil e inconsciente e é utilizado dessa maneira com o objetivo de buscar informações úteis e satisfazer certas necessidades.

Freqüentemente, certas coincidências que ignoramos completamente, achando-se incompreensíveis, têm, no entanto, algum significado e fazem com que acreditemos ser obra da casualidade.

“Embora em determinadas ocasiões não tenhamos como definir certas curas, aparentemente inexplicáveis, ou apresentar uma explicação plausível no âmbito da medicina, e concorrendo até para que, hipoteticamente, atribua-se às forças sobrenaturais, estamos conscientes de que tal fato requer um estímulo para o aprimoramento da pesquisa, evitando, desta forma, os mesmos erros cometidos, inconscientemente, por certos pioneiros, pesquisadores que se enveredaram no emaranhado das evidências culturais do seu tempo, entre seus correspondentes estereótipos religiosos” (9).

Um fato não podemos negar: o fenômeno psi existe e desafia o rigor científico. As provas experimentais e inúmeros casos espontâneos registrados confirmam a sua existência.

### 5. Considerações finais

Para os pesquisadores que enveredam no campo da fenomenologia psi, sem o conhecimento da Parapsicologia, é possível que passem despercebidos alguns aspectos mais complexos da psique humana e das leis da sugestionabilidade (10).

Acreditamos que o meio mais adequado para captar essa realidade é não atermos exclusivamente a estudos sob a perspectiva médica unilateral. Não é aconselhável estudar todos aspectos paranormais dos seres humanos sem um estudo multidisciplinar.

Convém, portanto, ressaltar que as observações têm revelado a existência de curas por meios paranormais, que se distinguem por características particulares das demais. Como pesquisadores, naturalmente, precisamos adotar uma postura crítica, sem, no entanto, esquecermos que seria uma atitude um tanto quanto pueril ignorá-las como se não existissem.

Conforme foi evidenciado em trabalho anterior (11): afirmar que apenas merece a nossa atenção aquilo que é explicitado lógica e racionalmente, expressa uma visão paupérrima do que seja uma verdadeira investigação científica. Não menos verdade é que tal procedimento estaria a infringir uma das regras básicas do método científico, que consiste em observar sem preconceitos.

### Notas

1. Adaptação e resumo do último capítulo do trabalho intitulado “Curandeirismo: a eficácia simbólica das práticas rituais”, pesquisa realizada na cidade do Recife, durante os anos de 2001 e 2002.

2. Caso I \_ Síntese do relato constante do livro “O universo holográfico” de Michael Talbot, páginas 136 a 139.

3. Caso II – Ibid., página 162.

4. Vieira, Erivam Felix. A mentalidade mágico-supersticiosa no curandeirismo. In: Anuário Brasileiro de Parapsicologia, nº 1 - 9/36.

5. Ordem implícita – “Realidade mais profunda, em que todas as coisas estão conectadas” (Lins, Ronaldo. Teoria parapsicológica geral).

6. **TALBOT, Michael. (1991), *O universo holográfico*. São Paulo, Best Seller.**

7. Diversos professores de Universidades e membros de outras Instituições acadêmicas, ao longo do nosso convívio, têm manifestado grande interesse pelo estudo da fenomenologia paranormal, solicitando, inclusive,

explicações após relatos de algumas experiências que passaram. Contudo, sempre mantêm uma cuidadosa reserva, como se tal postura pusesse em risco a reputação acadêmica.

8. Vieira, Erivam Felix. (1994), A feitiçaria: aspectos psigâmicos de um problema sócio-cultural. Recife, Bagaço.

9. Vieira, Erivam Felix. A mentalidade mágico-supersticiosa no curandeirismo. In: Anuário Brasileiro de Parapsicologia, nº 1 - 9/36.

10. Sugestionabilidade – “Refere-se a maior ou menor propensão pelo hipnotizado de acatar as sugestões” (Lins, 1995).

11. Vieira, Erivam Felix. (1997), Paranormalidade e cultura: uma perspectiva histórico-social. Olinda. ASPEP.

### **Bibliografia**

1. BACZKO, Bronislaw. (1984), Os imaginários sociais. Memória e esperanças coletivas. Paris, Payot..

2. DURKHEIM, Émile. (1996), As formas elementares da vida religiosa. Tradução Paulo Neves. São Paulo, Martins fontes.

3. LINS, Ronaldo Dantas. (1995), Curas por meios paranormais: realidade ou fantasia? Recife, IPPP.

4. TALBOT, Michael. (1991), O universo holográfico. Tradução Maria de Fátima S. Marques. São Paulo, Best Seller.

5. VIEIRA, Erivam Felix. (1997), Paranormalidade e cultura: uma perspectiva histórico-social. Olinda, ASPEP.

6. \_\_\_\_\_. (1996), “A mentalidade mágico-supersticiosa no curandeirismo”. In: Anuário Brasileiro de Parapsicologia, nº 1 - 9/36

7. \_\_\_\_\_. Parapsicologia, saúde e curandeirismo. Palestra apresentada no 1º Congresso Internacional e Brasileiro de Parapsicologia . Recife, 01 de novembro de 1997.

8. \_\_\_\_\_.”Curandeirismo: a eficácia simbólica das práticas rituais”. Pesquisa realizada na cidade do Recife, durante os anos de 2001 e 2002.

9. ZOHAR, Danah. (1990), O ser quântico. São Paulo, Best Seller.

## **PRIMEIRA PARTE**

### **A CIÊNCIA ESPÍRITA GENERALIDADES**

*I - ALLAN KARDEC*

*II - JOSÉ HERCULANO PIRES*

*III - EMMANUEL (Espírito)*

\*



## PRIMEIRA PARTE

### A CIÊNCIA ESPÍRITA

#### I - ALLAN KARDEC

(Revista Espírita – Novembro/1864)

#### *O Espiritismo é uma Ciência Positiva –*

(Alocução do Sr. Allan Kardec aos Espíritas de Bruxelas e Antuérpia, em 1864 – Revista Espírita, Novembro de 1864, Editora Edicel, tradução de Júlio A-breu Filho, págs. 319-326).

(...) Minhas visitas aos centros espíritas, naturalmente, têm por objetivo principal ajudar os irmãos em crença em suas tarefas. Assim, as aproveito para lhes dar instruções que possam necessitar, como desenvolvimento teórico ou aplicação prática da doutrina, tanto quanto me é possível fazê-lo. O fim dessas visitas é sério e exclusivamente no interesse da doutrina; assim, não busco ovações, que nem são do meu gosto, nem do meu caráter. Minha maior satisfação é encontrar-me com amigos sinceros, devotados, com os quais a gente se pode entreter sem constrangimento e se esclarecer mutuamente, por uma discussão amistosa, em que cada um leva o contributo de suas próprias observações. Nessas excursões não vou pregar aos incrédulos; jamais convoco o público para o catequizar. Numa palavra, não vou fazer propaganda: só apareço em reuniões de adeptos, nas quais meus conselhos são desejados e podem ser úteis; eu os dou de boa vontade aos que julgam deles necessitar; abstenho-me com os que se julgam bastante esclarecidos para os dispensar. Só me dirijo aos homens de boa vontade. Se nessas reuniões, excepcionalmente, se insinuam pessoas apenas atraídas pela curiosidade, ficarão desapontadas, pois aí nada encontrarão que as pudesse satisfazer; e se estivessem animadas de um sentimento hostil ou de denegrimento, o caráter eminentemente sério, sincero e moral da assembléia e dos assuntos aí tratados tiraria qualquer pretexto plausível para a sua malevolência. Tais são os pensamentos que expreso nas diversas reuniões a que devo assistir, a fim de que se não equivoquem quanto às minhas intenções.

#### *O Espiritismo tem sua fonte nos fatos da natureza: fatos positivos.*

Disse de começo que eu não era senão o representante da doutrina. Algumas explicações sobre o seu verdadeiro caráter naturalmente chamarão a vossa atenção para um ponto essencial que, até agora, não foi considerado suficientemente. Certo que, vendo o rápido progresso desta doutrina, haveria mais glória em dizer-me seu criador; meu amor-próprio aí encontraria seu crédito; mas não devo fazer minha parte maior do que ela é; longe de o lamentar, eu me felicito, porque, então, a doutrina não passaria de uma concepção individual, que poderia ser mais ou menos justa, mais ou menos engenhosa, mas que, por isso mesmo, perderia sua autoridade. Poderia ter partidários, talvez fazer escola, como muitas outras, mas certamente não teria, em poucos anos, adquirido o caráter de universalidade que a distingue. Eis um fato capital, senhores, que deve ser proclamado bem alto. Não: o Espiritismo não é concepção individual, um produto da imaginação; não é uma te-

oria, um sistema inventado para a necessidade de uma causa. Tem sua fonte nos fatos da natureza mesma, em fatos positivos, que se produzem aos nossos olhos e a cada instante, mas cuja origem não se suspeitava. É, pois, resultado da observação, numa palavra, uma ciência: a ciência das relações entre os mundos visível e invisível; ciência ainda imperfeita, mas que diariamente se completa por novos estudos e que, tende certeza, tomará posição ao lado das ciências positivas. Digo positivas, porque toda ciência que repousa sobre fatos é uma ciência positiva, e não puramente especulativa.

***O Espiritismo vem mostrar uma nova lei, uma nova força da natureza, a que reside na ação do Espírito sobre a matéria.***

O Espiritismo nada inventou, porque não se inventa o que está na natureza. Newton não inventou a lei da gravitação: esta lei universal existia antes dele; cada um a aplicava e lhe sentia os efeitos, posto não a conhecessem. Por sua vez, o Espiritismo vem mostrar uma nova lei, uma nova força da natureza: a que reside na ação do Espírito sobre a matéria, lei tão universal quanto à da gravitação e da electricidade, contudo ainda desconhecida e negada por certas pessoas, como o foram todas as outras leis no momento de sua descoberta. É que os homens geralmente sentem dificuldade em renunciar às suas idéias preconcebidas e, por amor-próprio, custa-lhes concordar que estavam enganados, ou que outros tenham podido encontrar o que eles próprios não encontraram. Mas como, em definitivo, esta lei repousa sobre fatos e contra os fatos não há negação que possa prevalecer, terão que render-se à evidência, como os mais recalcitrantes tiveram que o fazer quanto ao movimento da Terra, à formação do globo e aos efeitos do vapor. Por mais que taxem os fenômenos de ridículos, não podem impedir a existência daquilo que é.

***O médium: instrumento de pesquisa do Espiritismo.***

Assim, o Espiritismo procurou a explicação dos fenômenos de uma certa ordem e que, em todas as épocas, se produziram de maneira espontânea. Mas o que, sobretudo, o favoreceu nessas pesquisas, é que lhe foi dado o poder de os produzir e os provocar, até um certo ponto. Encontrou nos médiuns instrumentos adequados a tal efeito, como o físico encontrou na pilha e na máquina elétrica os meios de reproduzir os efeitos do raio. Compreende-se que isto é uma comparação e não uma analogia. Há aqui uma consideração de alta importância: é que, em suas pesquisas, ele não procedeu por via de hipóteses, como o acusam; não supôs a existência do mundo espiritual, para explicar os fenômenos que tinha sob as vistas; procedeu pela via da análise e da observação; ‘dos fatos remontou à causa e o elemento espiritual se apresentou como força ativa; só o proclamou depois de o haver constatado’.

***O Espiritismo deverá provocar uma Revolução Moral que deve transformar a humanidade e mudar a face do mundo.***

Como força e como lei da natureza, a ação do elemento espiritual abre, assim, novos horizontes à ciência, dando-lhe a chave de uma porção de problemas incompreendidos. Mas se a descoberta de leis puramente materiais produziu no mundo revoluções materiais, a do elemento espiritual nele prepara uma revolução moral, porque muda totalmente o curso das idéias e das crenças mais arraigadas; mostra a vida sob um outro aspecto; mata a superstição e o fanatismo; desenvolve o pensamento e, o homem, em vez de se arrastar na matéria, de circunscrever sua

vida entre o nascimento e a morte, eleva-se ao infinito; sabe de onde vem e para onde vai; vê um objetivo para o seu trabalho, para os seus esforços, uma razão de ser para o bem; sabe que nada do que aqui adquire em saber e moralidade lhe é perdido, e que o seu progresso continua indefinidamente no além-túmulo; sabe que há sempre um futuro para si, sejam quais forem a insuficiência e a brevidade da presente existência, ao passo que a idéia materialista, circunscrevendo a vida à existência atual, dá-lhe como perspectiva o nada, que nem mesmo tem por compensação a duração, que ninguém pode aumentar à sua vontade, desde que podemos cair amanhã, em uma hora, e então o fruto de nossos labores, de nossas vigílias, dos conhecimentos adquiridos estarão para nós perdidos para sempre, muitas vezes sem termos tido tempo de os desfrutar.

Repito, demonstrando o Espiritismo, não por hipótese, mas por fatos, a existência do mundo invisível e o futuro que nos aguarda, muda completamente o curso das idéias; dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque não mais trabalha apenas pelo presente, mas pelo futuro; sabe que se não gozar hoje, gozará amanhã. Demonstrando a ação do elemento espiritual sobre o mundo material, alarga o domínio da ciência e, por isto mesmo, abre uma nova via ao progresso material. Então terá o homem uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral na terra; compreenderá melhor a solidariedade que existe entre os seres deste mundo, desde que esta se perpetua indefinidamente; a fraternidade deixa de ser palavra vã; ela mata o egoísmo, em vez de ser morta por ele e, muito naturalmente, imbuído destas idéias, o homem a elas conformará as suas leis e suas instituições sociais.

O Espiritismo conduz inevitavelmente a essa reforma. Assim, pela força das coisas, realizar-se-á a revolução moral que deve transformar a humanidade e mudar a face do mundo; e isto muito simplesmente pelo conhecimento de uma nova lei da natureza, que dá um outro curso às idéias, uma significação a esta vida, um objetivo às aspirações do futuro, e faz encarar as coisas de outro ponto de vista.

***Os detratores do Espiritismo, quando o conhecerem, o aclamarão como um socorro providencial.***

Se os detratores do Espiritismo – falo dos que militam pelo progresso social, dos escritores que pregam a emancipação dos povos, a liberdade, a fraternidade e a reforma dos abusos – conhecessem as verdadeiras tendências do Espiritismo, seu alcance e seus inevitáveis resultados, em vez de o atacar, como o fazem, de lançar incessantemente obstáculos no seu caminho, nele vissem a mais poderosa alavanca para chegar à destruição dos abusos que combatem, em vez de lhes serem hostis, o aclamariam como um socorro providencial. Infelizmente, na sua maioria, crêem mais em si do que na Providência. Mas a alavanca age sem eles e apesar deles, e a força irresistível do Espiritismo será tanto melhor constatada quanto mais tiver que combater. Um dia deles dirão – o que não será para sua glória – o que eles próprios dizem dos que combateram o movimento da Terra e dos que negaram a força do vapor. Todas as negações, todas as perseguições não impediram que estas leis naturais seguissem o seu curso, como todos os sarcasmos da incredulidade não impedirão a ação do elemento espiritual, que é, também, uma lei da natureza.

Considerado desta maneira, o Espiritismo perde o caráter de misticismo, que lhe censuram os detratores ou, pelo menos, os que não o conhecem. Não é mais a ciência do maravilhoso e do sobrenatural ressuscitada, é o domínio da natureza, enriquecido por uma lei nova e fecunda, uma prova a mais do poder e da sabedoria do Criador; são, enfim, os limites recuados do conhecimento humano.

*Tal é, em resumo, senhores, o ponto de vista sob o qual se deve encarar o Espiritismo.*

Nesta circunstância, qual foi o meu papel? Não é nem o de inventor, nem o de criador. Vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e lhes deduzi as conseqüências: eis toda a parte que me cabe. Aquilo que fiz outro poderia ter feito em meu lugar. Em tudo isto fui apenas um instrumento dos pontos de vista da Providência, e dou graças a Deus e aos bons Espíritos por terem querido servir-se de mim. É uma tarefa que aceitei com alegria, e da qual me esforcei por me tornar digno, pedindo a Deus me desse as forças necessárias para a realizar segundo a sua santa vontade. A tarefa, entretanto, é pesada, mais pesada do que podem supô-la; e se tem para mim algum mérito, é que tenho a consciência de não haver recuado ante nenhum obstáculo e nenhum sacrifício; será a obra de minha vida até meu último dia, pois ante um objetivo tão importante, todos os interesses materiais e pessoais se apagam, como pontos diante do infinito.

\*

## A CIÊNCIA ESPÍRITA

### II - JOSÉ HERCULANO PIRES

#### O Desenvolvimento Científico e a Ciência Espírita.

(Explicação de José Herculano Pires em seu livro “Ciência Espírita”, Editora Paidéia, 1<sup>a</sup>. edição, 1979, Introdução):

A inquietação do mundo atual, na busca de novas soluções para os problemas humanos, abrange todos os setores de nossas atividades e teria necessariamente de afetar o meio espírita. Mas a nossa Doutrina não é uma realidade enraizada nas estruturas atuais. É um arquétipo carregado de futuro, um vir-a-ser que se projeta precisamente no que ainda não é, na rota das aspirações em demanda. Confundi-la com as estruturas peremptas deste momento de transição e querer sujeitá-la às normas e modelos do que já foi é tentar prendê-la no círculo vicioso dos abortos culturais. O Espiritismo, rejeitado pelo mundo agora agonizante, não é cúmplice nem herdeiro, mas vítima inocente desse mundo como Jesus e o Cristianismo o foram no seu tempo. Se não tomarmos consciência dessa realidade histórica, com a lucidez necessária, não saberemos como sair do labirinto em que o Minotauro nos espera. O fio de Ariadne da salvação está nessa tomada de consciência. Na verdade, não é o fio mitológico, mas o fio racional das proposições doutrinárias de Kardec, limpidamente científicas. A prova disso ressalta aos olhos dos estudiosos e dos pesquisadores experientes, que não se deixam levar pelo sopro da vaidade em seus precários balões de ensaio. Porque a hora é propícia às inovações nefelibáticas do tipo de Rabelais. Para andar nas nuvens os nefelibáticos não precisam mais de subir ao céu, basta-lhes tomar o elevador de um arranha-céu. Não

podemos adaptar o Espiritismo às exigências dos que negaram e negam a existência dos espíritos, aviltando o princípio inteligente e a razão nas correntes de Prometeu.

**A Revelação Espiritual veio pelo Espírito da Verdade, mas a Ciência Espírita (revelação humana) foi obra de Kardec.**

Ele mesmo proclamou essa distinção e se entregou de corpo e alma ao trabalho científico, sacrificial e único, de elaboração da Ciência Admirável que Descartes percebeu por antecipação em seus famosos sonhos premonitórios. Cientista, Pedagogo, diretor de estudos da Universidade de França, médico e psicólogo, ele se serviu de sua experiência e seu saber onímodo para organizar a Nova Ciência, que se iniciara desdobrando as dimensões espaciais e humanas da Terra. Em meados do século XIX, às portas do grande avanço científico do Século XX, os cientistas ainda não percebiam a sua total ignorância da estrutura real do planeta, de suas várias dimensões físicas e de sua população oculta. O peso esmagador da tradição teológica vendava os olhos da Ciência, que tinha de andar às cegas como a própria justiça humana. Essa Ciência, trôpega e bastarda, não obstante os seus pressupostos atrevidos, contava em seu seio com os pioneiros do futuro. À frente desses pioneiros se colocou Kardec, dotado de uma coragem assustadora, que lhe permitiu enfrentar com a insolência dos gênios todas as forças culturais da época. Graças à sua visão genial o solitário da Rua dos Mártires, conseguiu despertar os maiores cientistas do tempo para a realidade dos fenômenos espíritas, hoje estrategicamente chamados paranormais. Fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas como entidade científica e não religiosa. Dedicou-se a pesquisas exaustivas e fundou a “Revista Espírita” para divulgação ampla e sistemática dos resultados dessas pesquisas. Sua coragem serviu de amparo e estímulo aos cientistas que, surpreendidos pela realidade dos fenômenos, fizeram os primeiros rasgos na cortina de trevas que cercava as mais imponentes instituições científicas. Foi para contestá-lo e estigmatizá-lo como inimigo das Ciências, comparsa dos bruxos medievais, restaurador das superstições, que cientistas como Crookes, Schrenk-Notzing, Richet e outros resolveram atender aos apelos angustiados das Academias e Associações científicas. Dessa atitude corajosa resultou o escândalo das batalhas que romperam o impasse científico, revelando que o bruxo agia com o conhecimento e a segurança dos mais reputados cientistas. Era impossível desmenti-lo ou derrotá-lo. Kardec rompera definitivamente as barreiras dos pressupostos para firmar em bases lógicas e experimentais os princípios da Ciência Admirável dos sonhos de Descartes e das previsões de Frances Bacon.

**Os fenômenos extra físicos exigiam metodologia científica adequada ao objeto.**

A metodologia científica, minuciosa e mesquinha, desdobrou-se no campo do paranormal e aprofundou-se na pesquisa do inteligível com audácia platônica. Kardec não se perdeu, como Wundt, Werner e Fechner, no sensível das pesquisas epidérmicas do limiar das sensações. Percebeu logo que os métodos não podiam ser aplicados a fenômenos extra físicos e estabeleceu o princípio da adequação do método ao objeto. Quando alguns membros da “Société Parisien” quiseram desviá-lo para a pesquisa biofísica das materializações, ele se recusou a fazê-lo, alegando que essa tarefa cabia aos especialistas das ciências materiais. Os objetivos que

perseguia eram psicológicos e deu à Revue o subtítulo de “Jornal de Estudos Psicológicos”. Quando Zöllner, em Leipzig, realizou suas pesquisas psicofísicas com o ectoplasma e o problema da quarta-dimensão, tornou-se evidente que o mestre estava no caminho certo. Era preciso penetrar nos segredos da alma, deixando para os físicos as questões materiais. Sua firmeza metodológica denunciava o gênio de visão segura e posição inabalável. Ele criava, como declarou, a Ciência dos Espíritos, sua natureza, suas relações com a matéria e com os homens. Se não foi colocado oficialmente entre os pioneiros da Ciência, foi porque a sua posição era de rebeldia consciente e declarada contra o materialismo científico. Afirmava em seus escritos e palestras que os cientistas se empolgavam com o campo objetivo dos efeitos materiais, fugindo à pesquisa das causas profundas como o Diabo fugia da cruz. Mais tarde Richet, o fisiologista implacável, reconhecera o rigor das suas pesquisas, a firmeza da sua posição, sem as quais a Ciência não se libertaria da poeira da terra. Kant lhe opunha a barreira de sua autoridade ao afirmar que a Ciência só era possível no plano dialético (Dialética: método de raciocínio que consiste em analisar a realidade, pondo em evidência suas contradições e buscando superá-las). A proposição kantiana pesa até hoje na limitação das atividades científicas. Mas a audácia de Kardec o levou à vitória. Richet observou, numa carta histórica a Ernesto Bozzano, o grande metapsiquista italiano, que a posição kardeciana deste contrastava decisivamente com as “teorias que atravancam o caminho da Ciência”.

**Kardec provara que as Ciências não deviam temer os fantasmas, mas enfrentá-los e explicá-los.**

As teorias podem ser as mais brilhantes – como observou Bozzano –, mas não podem prevalecer contra a realidade dos fatos. E Lombroso, que combatia tenazmente a volta às superstições, acabaria se penitenciando do seu erro nas páginas da revista “Luce e Ombra”, de Milão. Os frutos da tremenda batalha kardeciana começava a modificar a mentalidade científica temerosa dos absurdos teológicos. Kardec provara que as Ciências não deviam temer os fantasmas, mas enfrentá-los e explicá-los. Nenhuma autoridade era mais elevada, para ele, do que a realidade dos fatos comprováveis pela experiência científica e objetiva das pesquisas. Os cientistas mais audaciosos aprenderam com ele a superar os condicionamentos do formalismo acadêmico e enfrentar o mundo como ele é. Richet reconheceria no “Tratado de Metapsíquica”, que Kardec jamais fizera uma afirmativa que não tivesse sido provada pelas pesquisas. O criador da Ciência atual e de sua metodologia eficiente e eficaz, queiram ou não os alérgicos ao futuro, na expressão recente de Remy Chauvin, foi precisamente Kardec, o homem do século XIX que revelou, numa batalha sem tréguas, estes dois princípios fundamentais da nossa mundividência: 1 – A realidade é una e indivisível, firmada na Unidade Pitagórica que se revela na multiplicidade da Década. 2 – Tudo se encadeia no Universo, sem solução de continuidade. Os que tentam fragmentar essa unidade orgânica estão presos às falíveis condições do sensorio humano.

**A Ciência Admirável elaborada por Kardec (o “bruxo parisiense”) continua a pesar nas preocupações e no desenvolvimento da Ciência atual, que avança inelutavelmente sobre o seu esquema científico.**

No desenvolvimento atual das Ciências, muitas cabeças gregas e troianas formularão novas, fascinantes e complexas teorias, mas só prevalecerão as que fo-

rem sancionadas pelas profecias fatais de Cassandra. O fatalismo, no caso, não decorre da natureza trágica das previsões, mas da comprovação dos fatos. A figura de Kardec continua suspensa sobre o panorama científico atual como o orientador indispensável dos novos caminhos do conhecimento, na rota cósmica das constelações. Em recente congresso realizado em Moscou, provocado pelas controvérsias sobre a descoberta do corpo bioplásmico do homem, Kardec foi considerado como um racionalista francês do século XIX que antecipou diversas conquistas da tecnologia moderna. Nossos jornais noticiaram a realização desse congresso, mas os dados a respeito foram escassos. Pesava sobre o congresso a suspeição de atitudes que pudessem perturbar as relações entre a Ciência Soviética e os interesses básicos da ideologia fundamental do Estado. Na Romênia marxista a Parapsicologia mudou de nome, passando a chamar-se Psicotrônica, e isso com a finalidade declarada de aproximar das ciências paranormais os materialistas mais ferrenhos ou mais cautelosos, que não desejam ver-se envolvidos em complicações espíritas. Todos esses fatos provam que a Ciência Admirável elaborada pelo ‘bruxo parisiense’ continua a pesar nas preocupações e no desenvolvimento da Ciência atual, que avança inelutavelmente sobre o esquema científico de Kardec. Este é o fato mais significativo dos nossos dias, que os espíritas não podem ignorar. As próprias pesquisas da Astronáutica têm seguido – sem querer e sem saber – o esquema de Kardec na ‘Société Parisien’. Das comunicações mediúnicas de Mozart, Bernard Palissy, Georges e outras entidades, na Société, referindo-se à Lua, à Marte e Júpiter, até à remessa de homens à Lua e sondas soviéticas e norte-americanas à Marte e Júpiter, mostram que o mapa das incursões possíveis foi decalcado, de maneira inconsciente, mas evidente, no mapa kardeciano. Além disso, as próprias descrições desses corpos celestes, feitas pelos espíritos comunicantes em Paris, que Kardec considerou com reservas, têm geralmente coincidido com os dados atuais das pesquisas astronáuticas. No tocante à Lua há um problema referente à sua posição na órbita em torno da Terra. Mas Kardec acentuou, no seu tempo, com o apoio do famoso astrônomo Flammarion, que os dados espirituais davam a única teoria existente na época sobre o problema. O esquema kardeciano não foi feito intencionalmente. Resultou de comunicações espirituais espontâneas, que Kardec recebeu com reservas, acentuando que esse fato não se enquadrava nas pesquisas da Société e eram recebidos como curiosidades significativas, sujeitas a confrontos futuros no processo de desenvolvimento das Ciências.

Também nessa atitude evidencia-se o critério científico de Kardec, interessado nos casos gratuitos, mas reservando a sua verificação real ao futuro. Aos que, na época, entusiasmados com essa possível revelação de problemas cósmicos, diziam a Kardec que as utopias de hoje se realizam amanhã, Kardec respondia que deviam esperar a transformação da utopia em realidade para depois as aceitar. Os dados positivos, os fatos, a realidade evidente e a lógica de clareza meridiana eram os elementos preferenciais do seu trabalho. Suas obras nos mostram a limpidez clássica do pensamento francês. Era o mestre por excelência. Sua didática resalta de toda a sua obra. Richet lhe censurou a aparente facilidade com que aceitava a realidade dos fenômenos mediúnicos e da vida após a morte, mas acabou reconhecendo que ele nunca fizera uma só afirmação que não estivesse respaldada pelas pesquisas.

**Não dispunha dos recursos atuais da pesquisa tecnológica, mas tocou a verdade com a ponta dos dedos, como Tomé. Tudo quanto afirmou no seu tempo permanece válido até hoje.**

A instabilidade das hipóteses e das teorias científicas não existiu para ele. Os cientistas atuais não conseguiram abalar o edifício das suas conclusões. Giram ainda hoje como borboletas noturnas no fogo da sua verdade mil vezes comprovada em todo o mundo. Esse problema da comprovação é freqüentemente levantado pelos contraditores da doutrina e até mesmo por adeptos pouco informados, que alegam a impossibilidade de repetição dos fenômenos para atender às exigências do método científico. Com esse velho chavão nas mãos, pensando haver descoberto a chave do mistério, declaram com ênfase que a Ciência Espírita não é ciência, mas apenas um apêndice espúrio da doutrina. Com isso agridem a competência de Kardec e de todos os grandes cientistas que, desde o século XIX até o presente, de Crookes a Rhine, submetem os fenômenos às formas possíveis de repetição. Basta a leitura das anotações de Kardec em ‘Obras Póstumas’, o episódio do seu encontro com o fenômeno das mesas-girantes, para se ver a falácia dessa acusação. A impossibilidade de repetição dos fenômenos espíritas implicaria a impossibilidade da pesquisa. Todos os anos da pesquisa sistemática, minuciosa e exaustiva de Kardec, e os anos de pesquisa exemplar de Crookes, Notzing, Gibier, Ochowicz, Aksakof, Myers, Geley e Osty, e assim por diante, são displicentemente atirados no baú das antiguidades estúpidas. Foi por essa e por outras que Richet escreveu o seu livro ‘O Homem Estúpido’. A repetição de experiências é medida corriqueira em qualquer pesquisa. Os que lançam mão dessa alegação para negar a existência da Ciência Espírita nos dão a prova gratuita da sua incapacidade para tratar do assunto.

**Houve interrupção no desenvolvimento da Ciência Espírita, alegam outros.**

Depois de Kardec ninguém mais pesquisou e os espíritas se entregaram a rememorar os feitos do passado. Se tivéssemos feito isso, simplesmente isso, já teríamos mantido viva a tradição doutrinária, vigorosamente apoiada em séries infindáveis de pesquisas mundiais, realizadas por nomes exponenciais das Ciências. Mas a verdade é que não houve solução de continuidade na investigação, mas simples diversificação das experiências em várias áreas culturais, acompanhada de renovações metodológicas. A Ciência Espírita projetou-se em direções diversas, desdobrou-se em outras coordenadas e deu nascimento a outras ciências. Atacada por todos os lados, por todas as forças culturais da época, a Ciência Espírita firmou-se nos seus princípios e multiplicou os seus meios de comunicação. A escassez do elemento humano interessado na busca da realidade pura não lhe permitiu a expansão necessária. O homem terreno continua ainda apegado aos interesses imediatistas e aos seus preconceitos, à sua vaidade sem razão e sem sentido. São poucas as pessoas de mente aberta e coração sensível, nesta humanidade egoísta e voraz. Esses elementos compreensivos e abnegados nem sempre dispõem de condições culturais suficientes para enfrentar a luta contra as fascinações do seu próprio passado e dos insufladores de idéias confusas e perturbadoras no meio espírita e nas áreas adjacentes. Mas tudo isso faz parte da lenta e difícil evolução humana. Estamos ainda nos arrancando dos instintos animais, dos mecanismos condicionados pelos milênios do passado genésico. O panorama atual do mundo nos dá a



medida exata do nosso atraso evolutivo. O contraste chocante entre os pesados lastros da barbárie e as aspirações renovadoras do futuro, geralmente desprovidas de recursos materiais para realizações concretas urgentes, revelam a densidade do nosso karma coletivo.

**Por isso a dor explode por toda a parte, em vagalhões enfurecidos. A dor aumentará, porque só ela pode arrancar os insensíveis de suas tocas.**

A preguiça mental e a atração magnética do passado encarceradas em si mesmas, mostram-se incapazes de um gesto de grandeza em favor de realizações urgentíssimas. Por isso a dor explode por toda a parte, em vagalhões enfurecidos. A dor aumentará, porque só ela pode arrancar os insensíveis de suas tocas. As leis da evolução são implacáveis e nada as deterá enquanto os homens não acordarem para o cumprimento dos seus deveres morais e espirituais. A Ciência Espírita está em nossas mãos e nos indica o roteiro a seguir. Mas nós a envolvemos em dúvidas e debates inúteis, ao invés de nos alistarmos em suas fileiras e de nos entregarmos generosamente ao seu estudo, à sua divulgação e à sua prática. Homens de recursos financeiros julgam-se agraciados por Deus para viverem ‘à tripa forra’, esquecidos das multidões de ignorantes, muitos deles ansiosos por elevação cultural, mas presos às grilhetas da chamada sociedade de consumo, que na verdade está consumindo o próprio planeta. Os privilégios sociais de uma ordem social estabelecida pela força e não pelo amor lhes dão a ilusão da graça divina. Desapareceram do mundo os antigos mecenas, que punham suas fortunas ao serviço da coletividade. Preferem socorrer os pobres com suas migalhas de sopas e assistências precárias, julgando que assim aumentam seu crédito nos Bancos da Eternidade. Não jogam com a caridade, mas com os cálculos de juros que não existem no Além. São os novos vendilhões do Templo, os cambistas da caridade fácil e supostamente rendosa. Chegarão no Além de mãos vazias e manchadas pelas nódoas da ambição desmedida e da insensibilidade moral.

**A Ciência Espírita necessita de escolas, de Universidades, de bibliografias especializadas.**

Não pode contar com os recursos comuns da simonia, em que se banqueteiam as religiões pomposas e mentirosas. Não existe no mundo uma única Universidade Espírita, em que a Ciência Admirável possa manter e desenvolver os seus trabalhos de pesquisa científica. De vez em quando, um potentado se sente tocado pela intuição de uma entidade benévola e faz doações generosas a um médium ou a uma instituição de assistência social. O médium, se honesto e sensível, passa a doação para outras instituições de caridade. Os serviços culturais continuam à míngua, sustentados apenas pelos que dão seu tempo, sua vida e seu sangue para a sustentação da cultura espírita. Certas instituições gastam os seus recursos em aviltamento da Doutrina, com a produção de obras espúrias, a serviço da mistificação. Respondem por essa situação precária da Ciência Espírita todos os que preferem os juros bancários ao desenvolvimento cultural. A Ordem Divina é regida por Deus, mas a ordem humana é dominada pelo homem, no aprendizado da vida terrena. Se não conseguirmos despertar os homens para o urgente desenvolvimento da Ciência Espírita, nada mais teremos do que a cultura terrena em que vivemos, de olhos fechados para o alvorecer dos novos tempos. Não veremos o raiar da Era Cósmica, porque teremos voluntariamente enterrado a cabeça na areia,

em pleno deserto, na hora das tempestades. E o que faremos, de nossa ignorância espiritual, ante a proliferação das Universidades das subculturas materialistas?

\*

## **PESQUISA CIENTÍFICA DA MEDIUNIDADE**

### **SESSÕES EXPERIMENTAIS**

**(Explicação de José Herculano Pires em seu livro “O Espírito e o Tempo”, Editora EDICEL, DF., 7ª. edição, 1995, págs.183-186.**

A pesquisa científica dos fenômenos mediúnicos foi iniciada e desenvolvida por Allan Kardec na parte psicológica. Embora os fenômenos físicos despertassem maior interesse em todo o mundo, Kardec dedicou maior atenção aos fenômenos psicológicos, partindo de um critério metodológico justificado pela sua posição filosófica. Formado e especializado em Pedagogia, na Escola de Pestalozzi, interessava-se profundamente pelos problemas da natureza humana. Assim como o Magnetismo, em voga na época, abriu-lhe novas perspectivas para a investigação das potencialidades anímicas do homem, os fenômenos mediúnicos revelavam-lhe novas possibilidades nesse sentido. Considerou os fenômenos físicos como simples efeito de uma causa que era naturalmente mais importante. Em 1854, quando observou pela primeira vez fenômenos mediúnicos de natureza física (movimentos de objetos, dança das mesas etc.) considerou-os como de origem possivelmente energética, produzidos por indução de correntes elétricas das pessoas presentes ou efeitos desconhecidos da lei de gravidade. Logo mais estabeleceu relações entre o psiquismo dos médiuns e essas forças, antecipando de vinte anos a Psicologia-Fisiológica de Wilhem Wundt, que surgiria em 1874. Experiências posteriores com as meninas Julia e Carolina Baudin e com a srta. Japhet lhe provaram a presença de inteligências estranhas na produção e orientação dos fenômenos. Kardec reconheceu a importância desse fato e desenvolveu métodos específicos de pesquisa, relacionando os fatores espirituais com os psíquicos (psiquismo dos médiuns) e anímicos (alma dos médiuns) e fisiológicos. Esse complexo de fatores antecipava a metodologia de Wundt e superava antecipadamente a metodologia experimental de Weber e Fechner.

**A posição de Kardec de iniciador da Psicologia Experimental (Wundt) e a de pioneiro da Psicologia Profunda (Freud). O desafio aos sábios. A Parapsicologia e a Física.**

Das experiências iniciais com médiuns diversos, em que obteve o material reunido em ‘O Livro dos Espíritos’ passou aos trabalhos sistemáticos da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, onde contava com a colaboração de Camille Flammarion, Alexandre e Gabriel Delanne, Victorien Sardou, Didier e outros. Recusou-se a fazer pesquisas físicas, deixando estas a cargo dos especialistas científicos que punham em dúvida a validade dos seus trabalhos. Sua convicção o levava a não desviar-se do rumo traçado e a lançar esse desafio aos adversários e críticos. A tenacidade e o rigor com que prosseguiu nas pesquisas, que qualificou justamente de psicológicas, e os resultados a que chegou, positivos e irrefutáveis, teriam lhe assegurado a posição de iniciador da Psicologia Experimental que deram a Wundt, e a de pioneiro da Psicologia Profunda, que deram a Freud. Ao tratar das manifestações anímicas dos médiuns revelou a existência do inconsciente, sua di-

nâmica e sua influência no comportamento humano, e isso quando Sigmund Freud não tinha mais do que um ano de idade. A catarse espírita de Kardec foi muito mais eficaz e profunda que a catarse psicanalítica de hoje. Albert De Rochas o provou na França e Wladimir Raikov, seguindo o método empregado por De Rochas, o comprova hoje na Universidade de Moscou, enquanto Ian Stevenson faz o mesmo na Universidade da Califórnia (EUA) embora sem o gênio e o rigor kardecianos. O preconceito científico (aberração nas ciências) e a alienação cultural ao materialismo, que colocou um pressuposto absurdo como base de toda a Ciência, negaram a Kardec o reconhecimento de sua contribuição ao desenvolvimento da Cultura. O desafio aos sábios, entretanto, surtia os seus efeitos. As pesquisas de William Crookes, Henry Sidgurick, Edmund Gurney, Oliver Lodge, Frederic Myers, Schrenk Notzing, Charles Richet, Gustave Geley, Eugene Osty, Friedrich Zöllner, Paul Gibier e tantos, tantos outros nomes exponenciais da Ciência comprovaram, nos anos sucessivos, a validade absoluta do trabalho pioneiríssimo de Kardec. Hoje a Parapsicologia e a própria Física, que rompeu o seu arcabouço de materialismo estratificado, mostraram, sem querer e sem saber, que as conclusões kardecianas são verdadeiras. Incumbiram-se os parapsicólogos e os físicos atuais da reparação científica devida inexoravelmente a Kardec.

#### **As pesquisas científicas dos fenômenos espíritas prosseguem na atualidade.**

Muitas pessoas reclamam da falta de pesquisas científicas dos fenômenos espíritas na atualidade, sem perceber que essas pesquisas prosseguem como deviam e como Kardec desejava, ou seja, nos laboratórios científicos de todos os grandes centros universitários do mundo, pela ‘força das coisas’, como escrevia Kardec, por necessidade absoluta do progresso científico e sem qualquer delimitação ideológica ou sectária. E enquanto os cientistas cumprem o seu dever de pesquisar sem preconceitos, os espíritas prosseguem na prática de suas atividades doutrinárias, socorrendo as vítimas do equívoco científico (os obsedados, fascinados e subjugados) através de suas simples e humildes sessões de assistência fraterna e gratuita. Isso não impede que os espíritas, no âmbito de suas instituições doutrinárias, realizem também suas sessões de pesquisas científicas. Mas as instituições espíritas, em geral, não dispõem de condições para esse trabalho especializado (diremos mesmo: especializadíssimo) que exige a participação de especialistas, de aparelhagem custosa, de todos os recursos de um laboratório de tipo universitário. Algumas instituições espíritas aventuram-se ingenuamente à promoção de pesquisas sem disporem de nada disso. Alimentam ainda as crendices religiosas do passado, esperando que o Alto (o mundo dos espíritos superiores) possa suprir as suas desoladoras deficiências culturais e conceptuais, no tocante ao problema espírita. Alguns graduados universitários pensam que seus canudos de bacharel ou licenciado são suficientes para lhes dar a habilitação especializada que não possuem. Criam institutos ‘científicos’ domésticos, sem recursos de espécie alguma para pesquisas complexas e refinadas, e passam a julgar-se e apresentar-se, até mesmo em televisões, como cientistas dignos de acato. Um pouco de bom-senso bastaria para lhes mostrar o erro em que incidem. Enquanto não tivermos uma Universidade suficientemente aparelhada – e pessoal especializado e competente e com aparelhagem técnica suficiente – não podemos promover sessões de materialização, efeitos físicos, ectoplasmia diversificada, psicofonia e escrita direta, que possam dar algum

resultado positivo no campo dos interesses científicos. O exemplo de Kardec deve servir de advertência aos que se aventuram nesse terreno escorregadio. Vivendo num tempo em que o problema científico era muito menos complexo do que hoje, assim mesmo ele se recusou a dedicar-se a trabalhos que poderiam desviá-lo do campo exigente da elaboração e divulgação da Doutrina Espírita, que precisava levar o seu socorro imediato ao povo, preparando a mente popular para a superação indispensável das concepções supersticiosas do passado. A tarefa principal de um espírita consciente, naquele tempo, como ainda hoje, era a de assentar as bases do novo edifício a construir.

**Todas as Ciências, enfim, já atravessaram o limiar do Mundo Espiritual e não podem mais recuar.**

Os meios científicos atuais já chegaram à compreensão de que os tabus materialistas foram pulverizados pelas explosões atômicas. A realidade espiritual se impõe de tal maneira que os materialistas são obrigados a sofismar e até mesmo a disfarçar suas conquistas científicas mais avançadas, para não darem a mão à palmatória implacável da Verdade. A História, a Filosofia, a Psicologia, a Antropologia, a Física, a Astronáutica – todas as Ciências, enfim – já atravessaram o limiar do Mundo Espiritual e não podem mais recuar. Já temos a pesquisa da reencarnação, dos fenômenos paranormais, especialmente dos chamados ‘fenômenos thêta’ (de manifestações e comunicações de espíritos) nos mais adiantados centros universitários do mundo, sem excluir sequer os da órbita soviética, onde o ‘corpo-bioplásmico’ é o novo fantasma, agora constituído de plasma físico, que apavora os remanescentes do Materialismo falecido por asfixia e reduzido a cinzas nos fornos crematórios da Verdade. Pensemos nisso, analisemos bem esses problemas, antes de nos aventurarmos a pioneiros de porão, na retaguarda do avanço científico e tecnológico dos nossos dias, que não estamos em condições de acompanhar.

\*

## A CIÊNCIA ESPÍRITA

### *III - EMMANUEL (Espírito)*

**(Livro: Emmanuel. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Ed. FEB. 18<sup>a</sup>. Ed., 1997).**

## DOUSTRINANDO A CIÊNCIA

### AS INVESTIGAÇÕES DA CIÊNCIA

Não é condenável, sob o ponto de vista do bom senso, sem quaisquer dogmatismos intransigentes, a dúvida que levou a Ciência da vossa época a se recolher nas realidades positivas; é claro que, segundo a opinião religiosa, o materialismo é pernicioso, debaixo de todas as modalidades em que se nos apresenta, mas é necessário vos convencerdes de que em qualquer circunstância predomina sempre a lei do progresso.

O ateísmo reinante deriva dos abusos dogmáticos que a intransigência de alguns sistemas tem pretendido impor à consciência humana, livre em suas íntimas expansões. Todavia, na certeza absoluta da evolução que se realiza, através de todos os óbices interpostos no seu caminho pela ignorância e pela má-fé, eis que, na atualidade, a própria dúvida serve de base ao monumento da fé raciocinada do futuro.

### O RESULTADO DAS INVESTIGAÇÕES

Vê-se a Ciência no dever de investigar, de estudar, e, no seu afã incessante de saber, rolam por terra idéias errôneas, mantidas até hoje como alicerces de todas as suas perquirições, como, por exemplo, a teoria da indivisibilidade atômica. Descobrimos centros imponderáveis de atração, como os electrônios componentes do átomo infinitesimal e os iônios, atinge a verdade, quanto às teorias da vibração, que preside, na base da matéria cósmica, a todos os movimentos da vida no Universo.

A ciência infatigável procura, agora, a matéria-padrão, a força-origem, simplificada, da qual crê emanarem todos os compostos, e é nesse estudo proveitoso que ela própria, afirmando-se atéia, descrente, caminha para o conhecimento de Deus.

### O FRACASSO DE MUITAS INICIATIVAS

Não são poucos os estudiosos que procuram investigar os domínios da ciência psíquica, na sede de encontrar o lado verdadeiro da vida; porém, se muitas vezes acham apenas o malogro das suas esperanças, o soçobro dos seus ideais, é que se entregam a estudos arriscados sem preparação prévia para resolver tão altas questões, errando voluntariamente com espírito de criticismo, muitas vezes justificável, já que não é filho de raciocínio acurado, profundo. O êxito no estudo de problemas tão transcendentais demanda a utilização de fatores morais, raramente encontrados; daí a improdutividade de entusiasmos e desejos que podem ser ardentemente e sinceros.

### O UTILITARISMO

A ausência de demonstrações histológicas (histologia: estudo da formação, da evolução e da composição dos tecidos dos seres vivos.) não implica a inexistência do Espírito. É essa certeza que compete à Ciência atingir.

Muitos obstáculos, contudo, se opõem à obtenção desse desiderato, aliando-se ao preconceito acadêmico. O utilitarismo desenfreado, que infesta a política e a religião; é o maior inimigo da expansão das verdades espiritualistas no mundo, porque oriundo de interesses inferiores e mesquinhos. A própria tendência ao ateísmo, imperante em quase todas as classes sociais, é um derivativo lógico do espírito de interesse, que tem destruído a beleza dos princípios religiosos, desvirtuados pelo utilitarismo de falsos missionários.

Mas, confiemos na influência do espiritualismo; em futuro próximo, a sua atuação eminentemente benéfica há de se fazer sentir, destruindo tudo quanto de nocivo e inútil encontrar em sua passagem.

### OS TEMPOS DO PORVIR

Marchamos, pois, para uma época de crença firme e consoladora, que deramará o bálsamo da fé pura e iluminada sobre as almas que adorarão o Criador, sem qualquer véu de formalidades inadequadas e obsoletas.

Semelhantes transformações serão efetuadas após muitas lutas, que encherão de receios e de espantos os espíritos encarnados. Lembremo-nos, porém, de que “Deus está no leme”.

É esse o porvir do orbe em que viveis. Contudo, quanto tempo decorrerá até que essa nova era brilhe nos horizontes do entendimento humano? Ignoramos. Conjuguemos, todavia, os nossos esforços a fim de alcançarmos esse desiderato.

Demonstrai, com o vosso exemplo, que a luz permanece em vossos corações e cooperareis conosco, em favor dessas mutações precisas.

Toda reforma terá de nascer no interior. Da iluminação do coração vem a verdadeira cristianização do lar, e do aperfeiçoamento das coletividades surgirá o novo e glorioso dia da Humanidade.

\*

### AOS TRABALHADORES DA VERDADE

Nos tempos atuais, todo o trabalho de quantos se devotam à disseminação das teorias espiritistas deve ser o da colaboração com os estudiosos da Verdade. Não é o desejo de proselitismo ou de publicidade que os deve animar, porém, a boa-vontade em cooperar com os seus atos, palavras e pensamentos, a favor da grande causa.

Todos nós objetivamos, com a nossa árdua tarefa, ampliar o conhecimento humano, com respeito às realidades espirituais que constituem a vida em si mesma, a fim de que se organize o ambiente favorável ao estabelecimento da verdadeira solidariedade entre os homens.

### A FENOMENOLOGIA ESPÍRITA

A fenomenologia, nos domínios do psiquismo, em vosso século, visa ao ensinamento, à formação da profunda consciência espiritual da Humanidade, constituindo, desse modo, um curso propedêutico (relativo à educação; que prepara para receber ensino mais completo) para as grandes lições do porvir. É por essa razão que necessitamos de operar ativamente para que a Ciência descubra, nos próprios planos físicos, as afirmações de espiritualidade.

Pode parecer que o materialismo separou para sempre a Ciência da Fé; isso, porém, não aconteceu, e o nosso trabalho de agora simboliza o esforço para que os investigadores cheguem a compreender o que o Céu tem revelado em todos os tempos.

### A PSICOLOGIA E A “MENS SANA”

A psicologia antiga pecava extremamente pela insuficiência dos seus métodos. O ser pensante achava-se para ela, isolado do corpo, estudando assim os seus fenômenos introspectivos de maneira deficiente e imperfeita.

A psicologia moderna vai mais longe. A sua metodologia avançada estuda racionalmente todos os problemas da personalidade humana, unindo os elementos materiais e espirituais, resolvendo uma das grandes questões dos cientistas de antanho.

O corpo nada mais é que o instrumento passivo da alma, e da sua condição perfeita depende a perfeita exteriorização das faculdades do espírito. Da cessação da atividade deste ou daquele centro orgânico, resulta o término da manifestação que lhe é correspondente: daí provém toda a verdade da “mens sana” e o grande subsídio que a psicologia moderna fornece aos fisiologistas como guia esclarecedor da patogenia (exame e pesquisa da maneira pela qual os agentes mórbidos provocam as doenças).

O corpo não está separado da alma; é a sua representação. As suas células são organizadas segundo as disposições perispiríticas dos indivíduos, e o organismo doente retrata um espírito enfermo. A patologia (parte da Medicina que estuda as origens, sintomas e natureza das doenças) está orientada por elementos sutis, de ordem espiritual.

### O PROGRESSO ANÍMICO

Os porquês da evolução anímica devem impressionar a quantos se consagram ao estudo. Os progressos da vida terrestre podem ser verificados pelos geólogos, pelos antropologistas. Há no planeta toda uma escala grandiosa de ascensão. No fundo de vossos oceanos ainda existem os infusórios, os organismos unicelulares, que remontam a um passado multimilenário e cujo aparecimento é contemporâneo dos princípios da vida organizada do orbe.

### A TRAJETÓRIA DAS ALMAS

Que longa tem sido a trajetória das almas!...

A origem do princípio anímico perde-se dentro de uma noite de labirintos; tudo, porém, dentro do dinamismo do Universo, se encadeia numa ordem equânime e absoluta.

Da irritabilidade à sensação, da sensação à percepção, da percepção ao raciocínio, quantas distâncias preenchidas de lutas, dores e sofrimentos!... Todavia, desses combates necessários promana o cabedal de experiências do Espírito em

sua evolução gloriosa. A racionalidade do homem é a suprema expressão do progresso anímico que a Terra lhe pode prodigalizar; ela simboliza uma auréola de poder e de liberdade que aumenta naturalmente os seus deveres e responsabilidades. A conquista do livre-arbítrio compreende as mais nobres obrigações.

Chegado a esse ponto, o homem se encontra no limiar da existência em outras esferas, onde a matéria rarefeita oferece novas modalidades de vida, em outras mais sublimes manifestações, as quais escapam naturalmente à insuficiência dos vossos sentidos.

## AS REALIDADES DO FUTURO

Os Espíritos se regozijam a cada novo passo de progresso da ciência humana, porque dos seus labores, das suas dedicações, brotará o conhecimento superior, que felicitará os núcleos de criaturas, porquanto ficará patente, plenamente evidenciada, a grande missão do Espírito como elemento criador, organizador e conservador de todos os fenômenos que regulam a vida material.

Quanto mais avançam os cientistas, mais se convencem das realidades de ordem subjetiva, nos fenômenos universais.

As palavras *natureza*, *fatalismo*, *tônus vital* não bastam para elucidar a alma humana, quanto aos enigmas da sua existência: faz-se mister a intervenção das sínteses (operação intelectual pela qual se reúne em um todo coerente, estruturado e homogêneo conhecimentos referentes a um domínio particular) espirituais, reveladoras das mais elevadas verdades.

É para essas grandiosas afirmações que trabalhamos em comum, e esse desiderato constituirá a luminosa coroa da Ciência do porvir.



## **SEGUNDA PARTE**

*EMMANUEL (ESPÍRITO)*

**DAS DOENÇAS E OBSESSÕES: - CAUSAS E CURAS.**

**CONSIDERAÇÕES PELO ESPÍRITO “EMMANUEL”**

**(Livro: “Emmanuel”. Ed. FEB. 18ª. Ed., 1997. Capítulo XXIII)**

## SEGUNDA PARTE

### EMMANUEL (Espírito)

#### *DAS DOENÇAS E OBSESSÕES: - CAUSAS E CURAS*

#### *CONSIDERAÇÕES GERAIS PELO ESPÍRITO “EMMANUEL”*

### 1 - A SAÚDE HUMANA

**(Livro: “Emmanuel”. Ed. FEB. 18ª. Ed., 1997. Capítulo XXIII)**

Justifica-se o esforço dos experimentadores da medicina tentando descobrir um caminho novo para atenuar a miséria humana; todavia, sem abstrairmos das diretrizes espirituais, que orientam os fenômenos patogênicos (que provocam doenças) nas questões das provas individuais, temos necessidade de reconhecer a imprescindibilidade da saúde moral, antes de atacarmos o enigma doloroso e transcendente das enfermidades físicas do homem.

#### A RENOVAÇÃO DOS MÉTODOS DE CURA

Em todos os séculos tem-se estudado o problema da saúde humana.

Até à metade do século XVIII, admitia-se plenamente a medicina da Idade Média que, por sua vez, representava quase integralmente o mesmo processo de cura dos egípcios, na antiguidade. Todas as moléstias eram atribuídas à vacilação dos humores (alteração dos líquidos do corpo), baseando-se a maior parte dos métodos terapêuticos na sangria e nas substâncias purgativas. No século XIX, as grandes descobertas científicas eliminaram esses antigos conhecimentos. Os aparelhos de laboratório perquirindo o mundo obscuro e vastíssimo da microbiologia, as novas teses anatomopatológicas (ciência que estuda as modificações orgânicas provocadas pela doença), apresentadas pelos estudiosos do assunto, estabelecem, com a severidade das análises, que as moléstias residem na modificação das partes sólidas do organismo, abandonando-se a teoria da alteração dos humores. Os médicos esqueceram, então, o estudo dos líquidos viciados do corpo, concentrando atenções e pesquisas na lesão orgânica, criando novos métodos de cura.

#### OS PROBLEMAS CLÍNICOS INQUIETANTES

Não obstante a nobreza e a sublimidade da missão de quantos se entregam ao sagrado labor de aliviar as amarguras alheias aí no mundo, reconhecemos que muitos estudiosos perdem um tempo precioso, mergulhados na discussão de mesquinhas rivalidades profissionais, quando não se acham atolados no pântano dos interesses exclusivistas e particulares, desconhecendo a grandiosidade espiritual do seu sacerdócio.

O que se torna altamente necessário nos tempos modernos é reconhecer-se, acima de todos os processos artificiais de cura da atualidade, o método indispensável da medicina natural, com suas potencialidades infinitas.

Analisando-se todos os descobrimentos notáveis dos sistemas terapêuticos dos vossos dias, orientados pelas doutrinas mais avançadas, em virtude dos novos conhecimentos humanos com respeito à bacteriologia, à biologia, à química, etc., reconhecemos que, com exceção da cirurgia, que teve com Ambroise Paré, e outros inteligentes cirurgiões de guerra, o mais amplo dos desenvolvimentos, pouco têm adiantado os homens na solução dos problemas da cura, dentro dos dispositivos da medicina artificial por eles inventada. Apesar do concurso precioso do microscópio, existem hoje questões clínicas tão inquietantes, como há duzentos anos. Os progressos regulares que se verificam na questão angustiosíssima do câncer e da lepra, da tuberculose e de outras enfermidades contagiosas, não foram além das medidas preconizadas pela medicina natural, baseadas na profilaxia e na higiene. Os investigadores puderam vislumbrar o mundo microbiano sem saber eliminá-lo. Se foi possível devassar o mistério da Natureza, a mentalidade humana ainda não conseguiu apreender o mecanismo das suas leis. É que os estudiosos, com poucas exceções, se satisfazem com o mundo aparente das formas, demorando-se nas expressões exteriores, incapazes de uma excursão espiritual no domínio das origens profundas. Sondam os fenômenos sem lhes auscultarem as causas divinas.

## MEDICINA ESPIRITUAL

A saúde humana nunca será o produto de comprimidos, de anestésicos, de soros, de alimentação artificialíssima. O homem terá de voltar os olhos para a terapêutica natural, que reside em si mesmo, na sua personalidade e no seu meio ambiente. Há necessidade, nos tempos atuais, de se extinguirem os absurdos da “fisiologia dirigida”. A medicina precisa criar os processos naturais de equilíbrio psíquico, em cujo organismo, se bem que remoto para as suas atividades anatômicas (relativas ao corpo humano), se localizam todas as causas dos fenômenos orgânicos tangíveis. A medicina do futuro terá de ser eminentemente espiritual, posição difícil de ser atualmente alcançada, em razão da febre maldita do ouro; mas os apóstolos dessas realidades grandiosas não tardarão a surgir nos horizontes acadêmicos do mundo, testemunhando o novo ciclo evolutivo da Humanidade. O estado precário da saúde dos homens, nos dias que passam, tem o seu ascendente na longa série de abusos individuais e coletivos das criaturas, desviadas da lei sábia e justa da Natureza. A Civilização, na sua sede de bem-estar, parece haver homologado todos os vícios da alimentação, dos costumes, do sexo e do trabalho. Todavia, os homens caminham para as mais profundas sínteses espirituais. A máquina, que estabeleceu tanta miséria no mundo, suprimindo o operário e intensificando a facilidade da produção, há de trazer, igualmente, uma nova concepção da civilização que multiplicou os problemas de saúde; há de ensinar às criaturas a maneira de viverem em harmonia com a Natureza.

## O MUNDO MARCHA PARA A SÍNTESE

(**Síntese:** operação intelectual pela qual se reúne em um todo coerente, estruturado e homogêneo, conhecimentos referentes a um domínio particular.)

Marcha-se para a síntese e não deve causar surpresa a ninguém a minha assertiva de que não vos achais na época em que a ciência prática da vida vos ensinará o método do equilíbrio perfeito, em matéria de saúde. Os corpos humanos serão alimentados, segundo as suas necessidades especiais, sem dispêndio excessivo de energias orgânicas. As proteínas, os hidratos de carbono e as gorduras, que constituem as matérias-primas para a produção de calorías (unidade de medida de energia) necessárias à conservação do vosso corpo e que representam o celeiro das economias físicas do vosso organismo, não serão tomados de maneira a prejudicar-se o metabolismo, estabelecendo-se, dessa forma, uma harmonia perfeita no complexo celular da vossa personalidade tangível, harmonia essa que perdurará até o fenômeno da desencarnação.

Mas, todas essas exposições objetivam a necessidade de aplicarmos largamente as nossas possibilidades na solução dos problemas humanos para a melhoria do futuro.

É verdade que, por muito tempo, teremos, em oposição ao nosso idealismo, a questão do interesse e do dinheiro, porém, trabalhemos confiantes na misericórdia divina.

Emprestemos o nosso concurso a todas as iniciativas que nobilitem (enobreçam) o penoso esforço das coletividades humanas, e não olvidemos que todo bem praticado reverterá em benefício da nossa própria individualidade. (A cada um segundo as suas obras).

Trabalhemos sempre com o pensamento voltado para Jesus, reconhecendo que a preguiça, a suscetibilidade e a impaciência nunca foram atributos das almas desassombradas (isentas de temores, corajosas) e valorosas.

\*

## 2 - CIÊNCIAS APLICADAS

### MEDICINA

**(Livro: “O Consolador”. Emmanuel. Ed. FEB. 19ª. Ed., 1998. Itens 94 a 107.)**

94 – *Como é considerada nos planos espirituais a medicina terrena?*

- A medicina humana, compreendida e aplicada dentro de suas finalidades superiores, constitui uma nobre missão espiritual. O médico honesto e sincero, amigo da verdade e dedicado ao bem, é um apóstolo da Providência Divina, da qual recebe a precisa assistência e inspiração, sejam quais forem os princípios religiosos por ele esposados na vida.

95 – *Em face dos esforços da Medicina, como devemos considerar a saúde?*

- Para o homem da Terra, a saúde pode significar o equilíbrio perfeito dos órgãos materiais; para o plano espiritual, todavia, a saúde é a perfeita harmonia da alma, para obtenção da qual, muitas vezes, há necessidade da contribuição preciosa das moléstias e deficiências transitórias da Terra.

96 – *Toda moléstia do corpo tem ascendentes espirituais?*

As chagas da alma se manifestam através do envoltório humano. O corpo doente reflete o panorama interior do espírito enfermo. A patogenia (origem das doenças) é um conjunto de inferioridades do aparelho psíquico. E é ainda na alma que reside a fonte primária de todos os recursos medicamentosos definitivos. A assistência farmacêutica do mundo não pode remover as causas transcendentes do caráter mórbido dos indivíduos. O remédio eficaz está na ação do próprio espírito enfermo.

Podeis objetar que as injeções e os comprimidos suprimem a dor; todavia, o mal ressurgirá mais tarde nas células do corpo. Indagareis, aflitos, quanto às moléstias incuráveis pela ciência da Terra e eu vos direi que a reencarnação, em si mesma, nas circunstâncias do mundo envelhecido nos abusos, já representa uma estação de tratamento e de cura e que há enfermidades da alma, tão persistentes, que podem reclamar várias estações sucessivas, com a mesma intensidade nos processos regeneradores.

97 – *Se as enfermidades são de origem espiritual, é justa a aplicação dos medicamentos humanos, a cirurgia, etc., etc.?*

- O homem deve mobilizar todos os recursos ao seu alcance, em favor do seu equilíbrio orgânico. Por muito tempo ainda, a Humanidade não poderá prescindir da contribuição do clínico, do cirurgião e do farmacêutico, missionários do bem coletivo. O homem tratará da saúde do corpo até que aprenda a preservá-lo e defendê-lo, conservando a preciosa saúde de sua alma.

Acima de tudo, temos de reconhecer que os serviços de defesa das energias orgânicas, nos processos humanos, como atualmente se verificam, asseguram a estabilidade de uma grande oficina de esforços santificadores no mundo. Quando, porém, o homem espiritual dominar o homem físico, os elementos medicamentosos da Terra estarão transformados na excelência dos recursos psíquicos e essa grande oficina achar-se-á elevada a santuário de forças e possibilidades espirituais junto das almas.

98 – *Nos processos de cura, como deveremos compreender o passe?*

- Assim como a transfusão de sangue representa uma renovação das forças físicas, o passe é uma transfusão de energias psíquicas (concernentes à psique, à alma), com a diferença de que os recursos orgânicos são retirados de um reservatório limitado, e os elementos psíquicos o são do reservatório ilimitado das forças espirituais.

99 – *Como deve ser recebido e dado o passe?*

- O passe poderá obedecer à fórmula que forneça maior porcentagem de confiança, não só a quem o dá, como a quem o recebe. Devemos esclarecer, todavia, que o passe é a transmissão de uma força psíquica e espiritual, dispensando qualquer contato físico na sua aplicação.

100 – *A chamada “benzedura”, conhecida nos meios populares, será uma modalidade do passe?*

- As chamadas “benzeduras”, tão comuns no ambiente popular, sempre que empregadas na caridade, são expressões humildes do passe regenerador, vulgarizado nas instituições espiritistas de socorro e de assistência.

Jesus nos deu a primeira lição nesse sentido, impondo as mãos divinas sobre os enfermos e sofredores, no que foi seguido pelos apóstolos do Cristianismo primitivo.

“Toda boa dádiva e dom perfeito vêm do Alto” – dizia o apóstolo, na profundidade de suas explanações.”

A prática do bem pode assumir as fórmulas mais diversas. Sua essência, porém, é sempre a mesma diante do Senhor.

101 – *Por que não será permitida às entidades espirituais a revelação dos processos de cura da lepra, do câncer, etc.?*

- Antes de qualquer consideração, devemos examinar a lei das provações e a necessidade de sua execução plena. Na própria natureza da Terra e na organização de fluidos inerentes ao planeta, residem todos esses recursos, até hoje inapreendidos pela ciência dos homens. Jesus curava os leprosos com a simples imposição de suas mãos divinas.

O plano espiritual não pode quebrar o ritmo das leis do esforço próprio, como a direção de uma escola não pode decifrar os problemas relativos à evolução de seus discípulos.

Além de tudo, a doença incurável traz consigo profundos benefícios. Que seria das criaturas terrestres sem as moléstias dolorosas que lhes apodrecem a vaidade? Até aonde poderiam ir o orgulho e o personalismo do espírito humano, sem a constante ameaça de uma carne frágil e atormentada?

Observemos as dádivas de Deus no terreno das grandes descobertas, mobilizadas para a guerra de extermínio, e contemplemos com simpatia os hospitais isolados e escuros, onde, tantas vezes, a alma humana se recolhe para as necessárias meditações.

102 – *Podem os Espíritos amigos atuar sobre a flora microbiana, nas moléstias incuráveis, atenuando os sofrimentos da criatura?*

- As entidades amigas podem diminuir a intensidade da dor nas doenças incuráveis, bem como afastá-la completamente, se esse benefício puder ser levado

a efeito no quadro das provas individuais, sob os desígnios sábios e misericordiosos do plano superior.

103 – *No tratamento ministrado pelos Espíritos amigos, a água fluidificada, para um doente, terá o mesmo efeito em outro enfermo?*

- A água pode ser fluidificada, de modo geral, em benefício de todos; todavia, pode sê-lo em caráter particular para determinado enfermo, e, neste caso, é conveniente que o uso seja pessoal e exclusivo.

104 – *Existem condições especiais para que os Espíritos amigos possam fluidificar a água pura, como sejam a presença de médiuns curadores, reuniões de vários elementos, etc., etc.?*

- A caridade não pode atender a situações especializadas. A presença de médiuns curadores, bem como as reuniões especiais, de modo algum podem constituir o preço do benefício aos doentes, porquanto os recursos dos guias espirituais, nessa esfera de ação, podem independer do concurso medianímico, considerando o problema dos méritos individuais.

105 – *O fato de um guia espiritual receitar para determinado enfermo, é sinal infalível de que o doente terá de curar-se?*

- O guia espiritual é também um irmão e um amigo que nunca ferirá as vossas mais queridas esperanças. Aconselhando o uso de uma substância medicamentosa, alvitando essa ou aquela providência, ele cooperará para as melhoras de um enfermo e, se possível, para o pleno restabelecimento de sua saúde física, mas não poderá modificar a lei das provações ou os desígnios supremos dos planos superiores, na hipótese da desencarnação, porque, dentro da Lei, somente Deus, seu Criador, pode dispensar.

106 – *A eutanásia é um bem, nos casos de moléstia incurável?*

- O homem não tem o direito de praticar a eutanásia, em caso algum, ainda que a mesma seja a demonstração aparente de medida benfazeja. A agonia prolongada pode ter finalidade preciosa para a alma e a moléstia incurável pode ser um bem, como a única válvula de escoamento das imperfeições do Espírito em marcha para a sublime aquisição de seus patrimônios da vida imortal. Além do mais, os desígnios divinos são insondáveis e a ciência precária dos homens não pode decidir nos problemas transcendentais das necessidades do Espírito.

107 – *Um hospital espírita tem utilidade para a família espírita?*

- A fundação de um hospital, em cujos processos de tratamento estejam vivos os princípios do Espiritismo evangélico, constitui realização generosa, na melhor exaltação dos ensinamentos consoladores dos mensageiros celestiais.

As edificações dessa natureza, todavia, exigem o máximo de renúncia por parte dos que as patrocinam, porquanto, dentro delas o médico do mundo é compelido a esquecer os títulos acadêmicos, para ser um dos mais legítimos missionários.

rios dAquele Médico das Almas que curou os cegos e os leprosos, os tristes e os endemoninhados, exemplificando o amor e a humildade na entrosagem de todos os serviços pelo bem dos semelhantes.

Um hospital espírita deve ser um lar de Jesus. Seu aparelhamento é uma maquinaria divina, exigindo idêntica superioridade nos operários chamados a movimentar-lhe as peças, de modo a que se não deturpe a grandeza profunda dos fins.

\*

### 3 - CAUSAS ESPIRITUAIS DAS DOENÇAS

(Livro: *Leis de Amor*. Emmanuel. Ed. FEESP, 15ª. Ed. 1993).

1 – *O que estrutura espiritualmente o corpo de carne?*

O corpo espiritual ou perispírito é o corpo básico, constituído de matéria sutil, sobre o qual se organiza o corpo de carne.

2 – *O erro de uma encarnação passada pode influir na encarnação presente, predispondo o corpo físico às doenças? De que modo?*

A grande maioria das doenças tem a sua causa profunda na estrutura semi-material do corpo espiritual. Havendo o espírito agido erradamente, nesse ou naquele setor da experiência evolutiva, vinca (marca de modo pronunciado) o corpo espiritual com desequilíbrios ou distonias, que o predis põem à instalação de determinadas enfermidades, conforme o órgão atingido.

3 – *Quais os dois aspectos da Justiça?*

A justiça na Terra pune simplesmente a crueldade manifesta, cujas consequências transitam nas áreas do interesse público, dilapidando a vida e induzindo à criminalidade; entretanto, esse é apenas o seu aspecto exterior, porque a justiça é sempre manifestação constante da Lei Divina, nos processos da evolução e nas atividades da consciência.

4 – *Qual a relação existente entre doenças e a Justiça?*

No curso das enfermidades, é imperioso venhamos a examinar a Justiça, funcionando com todo o seu poder regenerativo, para sanar os males que acalentamos.

5 – *O que faz o espírito, antes de reencarnar-se visando à própria melhoria?*

Antes da reencarnação, nós mesmos, em plenitude de responsabilidade, analisamos os pontos vulneráveis da própria alma, advogando em nosso próprio favor a concessão dos impedimentos físicos que, em tempo certo, nos imunizem, ante a possibilidade de reincidência nos erros em que estamos incursos.



6 – *Que pedem, para regenerar-se, os intelectuais que conspurcaram os tesouros da alma?*

Artífices do pensamento, que malversamos os patrimônios do espírito, rogamos empecos (obstáculos) cerebrais, que se façam por algum tempo alavancas coercitivas, contra as nossas tendências ao desequilíbrio intelectual.

7 – *Que medidas de reabilitação rogam os artistas que corromperam a inteligência?*

Artistas, que intoxicamos a sensibilidade alheia com os abusos da representação viciosa, imploramos moléstias ou mutilações, que nos incapacitem para a queda em novas culpas.

8 – *Que emendas solicitam os oradores e pessoas que influenciaram negativamente pela palavra?*

Tarefeiros da palavra, que nos prevalecemos dela para caluniar ou para ferir, solicitamos as deficiências dos aparelhos vocais e auditivos, que nos garantam a segregação providencial.

9 – *Que providências retificadoras pedem para si próprios aqueles que abraçaram graves compromissos do sexo?*

Criaturas dotadas de harmonia orgânica, que arremessamos os valores do sexo ao terreno das paixões aviltantes, enlouquecendo corações e fomentando tragédias, suplicamos as doenças e as inibições genéticas que, em nos humilhando, servem por válvulas de contenção dos nossos impulsos inferiores.

10 – *Todas as enfermidades conhecidas foram solicitadas pelo espírito do próprio enfermo, antes de renascer?*

Nem sempre o espírito requisita deliberadamente determinadas enfermidades de vez que, em muitas circunstâncias quais aquelas que se verificam no suicídio ou na delinqüência, caímos, de imediato, na desagregação ou na insanidade das próprias forças, lesando o corpo espiritual, o que nos constrange a renascer no berço físico, exibindo defeitos e moléstias congênitas, em aflitivos quadros expiatórios.

11 – *Quais são os casos mais comuns de doenças compulsórias, impostas pela Lei Divina?*

Encontramos numerosos casos de doenças compulsórias, impostas pela Lei Divina, na maioria das criaturas que trazem as provações da idiotia ou da loucura, da cegueira ou da paralisia irreversíveis, ou ainda, nas crianças-problemas, cujos corpos, irremediavelmente frustrados, durante todo o curso da reencarnação, se mostram na condição de celas regenerativas, para a internação compulsória daqueles que fizeram jus a semelhantes recursos drásticos da Lei. Justo acrescentar que todos esses companheiros, em transitórias, mas duras dificuldades, renascem

na companhia daqueles mesmos amigos e familiares de outro tempo que, um dia se acumpliciaram com eles na prática das ações reprováveis em que delinqüiram.

12 – *A mente invigilante pode instalar doenças no organismo? E o que pode provocar doenças de causas espirituais na vida diária?*

A mente é mais poderosa para instalar doenças e desarmonias do que todas as bactérias e vírus conhecidos. Necessário, pois, considerar, igualmente, que desequilíbrios e moléstias surgem, também, da imprudência e do desmazelo, da revolta e da preguiça. Pessoas que se embriagam a ponto de arruinar a saúde; que esquecem a higiene até se tornarem presas de parasitos destruidores; que se encolerizam pelas menores razões, destrambelhando os próprios nervos; ou que passam todas as horas em redes e leitos, poltronas e janelas, sem coragem de vencer a ociosidade e o desânimo pela movimentação do trabalho, prejudicando a função dos órgãos do corpo físico, em razão da própria imobilidade, são criaturas que geram doenças para si mesmas, nas atitudes de hoje mesmo, sem qualquer ligação com causas anteriores de existências passadas.

13 – *Qual a advertência de Jesus para que nos previnamos dos males do corpo e da alma?*

Assinalando as causas distantes e próximas das doenças de agora, destacamos o motivo por que os ensinamentos da Doutrina Espírita nos fazem considerar, com mais senso de gravidade, a advertência do Mestre: - “Orai e vigiai para não cairdes em tentação”.

\*

#### 4 - OBSESSÃO

1 – *Existe relação entre obsessão e correntes mentais?*

Quem se refere à obsessão há de reportar-se necessariamente às correntes mentais. O pensamento é a base de tudo.

2 – *Todos temos desafetos do pretérito?*

Inegável que todos carregamos ainda, do pretérito ao presente, enorme carga de desafetos.

3 – *Qual a nossa posição, depois de desencarnados, quando não somos integralmente bons, nem integralmente maus?*

Quando desencarnados, em condições relativamente felizes, guardadas as justas exceções, somos equiparados a devedores em refazimento, habilitando-nos, pelo trabalho e pelo estudo, ao prosseguimento do resgate dos compromissos de retaguarda.

4 – *Onde somos defrontados com mais freqüência pelos desafetos do passado, na Terra ou no Plano Espiritual?*

É compreensível que seja na esfera física que mais direta e frequentemente nos abordem aqueles mesmos espíritos a quem ferimos ou com quem nos acumulamos na delinquência.

*5 – Como poderíamos classificar aqueles que em outras existências nos foram inimigos ou de quem fomos adversários e que, no presente, desempenham, na base da profissão ou da família, o papel de nossos companheiros e de nossos parentes?*

São eles as testemunhas de nosso aperfeiçoamento, experimentando-nos as energias morais, quando não lhes suportamos o permanente convívio, por força das provas regenerativas que trazemos ao renascer. Acompanham-nos por instrumentos do progresso a que aspiramos, vigiam-nos as realizações e policiam-nos os impulsos.

*6 – Quando estaremos realmente em paz com todos aqueles que ainda são para nós aversões naturais ou pessoas difíceis?*

Um dia, chegaremos a agradecer-lhes a colaboração, imitando o aluno que, incomodado na escola, se rejubila, mais tarde, por haver passado sob as atenções do professor exigente.

*7 – Como se transformam para o bem os nossos adversários do passado?*

Nos processos da obsessão, urge reconhecer que os nossos opositores ou adversários se transformam para o bem, à medida que, de nossa parte, nos transformamos para melhor.

*8 – As sessões de desobsessão têm valor? Em que condições?*

Toda recomendação verbal e todo entendimento pela palavra, através das sessões de desobsessão, se revestem de profundo valor, mas somente quando autenticados pelo nosso esforço de reabilitação íntima, sem a qual todas as frases enternecedoras passarão, infrutíferas, qual música emocionante sobre a vasa do charco.

*9 – Em que tempo e situação nos podem atingir os fenômenos deprimentes da obsessão?*

Salientando-se que o pensamento é alavanca de ligação, para o bem ou para o mal, é muito fácil perceber que os fenômenos deprimentes da obsessão podem atingir-nos, em qualquer condição e em qualquer tempo.

*10 – É preciso que o obsidiado observe a própria vida mental para contribuir para as próprias melhoras?*

Sim. As correntes mentais são tão evidentes quanto as correntes elétricas, expressando potenciais de energias para realizações que nos exprimem: direção, propósito ou vontade, seja para o mal ou para o bem.

11 – *Qual o papel do desejo, da palavra, da atividade e da ação no fenômeno obsessivo?*

Cada um de nós é um acumulador por si, retendo as forças construtivas ou destrutivas que geramos. Desejo, palavra, atitude e ação representam eletroímãs, através dos quais atraímos forças iguais àquelas que exteriorizamos, no rumo dos semelhantes.

12 – *Quais as conseqüências para quem se detém em qualquer aspecto do mal?*

Deter-nos, em qualquer aspecto do mal, é aumentar-lhe a influência, sobre nós e sobre os outros.

13 – *Qual a relação entre as manifestações do sentimento aviltado e os desequilíbrios da personalidade?*

Todas as manifestações de sentimento aviltado, quais sejam a calúnia e a maledicência, a cólera e o ciúme, a censura e o sarcasmo, a intemperança e a licenciosidade, estabelecem a comunicação espontânea com os poderes que os representam, nos círculos inferiores da natureza, criando distonias e enfermidades, em que se levantam fobias e fixações, desequilíbrios e psicoses, a evoluírem para a alienação mental declarada.

14 – *O que nos acontece moralmente quando emitimos um pensamento?*

Emitindo um pensamento, colocamos um agente energético em circulação no organismo da vida, - agente esse que retornará fatalmente a nós, acrescido do bem ou do mal de que o revestimos.

15 – *Qual a relação entre os nossos pontos vulneráveis e o retorno do mal que praticamos?*

Compreendendo-se que cada um de nós possui pontos vulneráveis, no estado evolutivo deficitário em que ainda nos encontramos, toda vez que o mal se nos associe a essa ou àquela idéia, teremos o mal de volta a nós mesmos, agravando-se doenças e fraquezas, obsessões e paixões.

16 – *O que recebemos dos outros?*

Assimilamos dos outros o que damos de nós.

17 – *Que imagens reflete o espelho da mente?*

A mente pode ser comparada a espelho vivo, que reflete as imagens que procura.

18 – *Qual o nexó existente entre a obsessão e os interesses da criatura?*

A obsessão, em qualquer tipo pelo qual se expresse, está fundamente vinculada aos processos mentais em que se baseiam os interesses da criatura.

19 – *As companhias têm influência na obsessão?*

Assevera o Cristo: - “Busca e acharás”. Encontramos, sim, os companheiros que buscamos, seja para o bem ou para o mal.

20 – *Qual a solução mais simples ao problema da obsessão?*

Consagremo-nos à construção do bem de todos, cada dia e cada hora, porquanto caminhar entre espíritos nobres ou desequilibrados, sejam eles encarnados ou desencarnados, será sempre questão de escolha e sintonia.

\*

## 5 - O TRATAMENTO DAS DOENÇAS E O ESPIRITISMO

1 – *O Espiritismo pode contribuir para o tratamento das doenças?*

A Doutrina Espírita, expressando o Cristianismo Redivivo, não apenas descortina os panoramas radiantes da imortalidade, ante o grande futuro, mas é igualmente luz para o homem, a clarear-lhe o caminho; desse modo, desempenha função específica no tratamento das doenças que fustigam a Humanidade, por ensinar a medicina da alma, em bases no amor construtivo e reedificante. Nas trilhas da experiência terrestre, realmente, a cada trecho, surpreendemos desequilíbrios a se exprimirem por enfermidades individuais e coletivas.

2 – *Existe uma patologia (conjunto de sinais mórbidos, característicos de uma doença ou de um grupo de doença) da alma?*

Mágoas, ressentimentos, desesperos, atritos e irritações entretecem crises do pensamento, estabelecendo lesões mentais que culminam em processos patológicos, no corpo e na alma, quando não se convertem, de pronto, em pábulo da loucura ou em sombra da morte.

3 – *Por que acontece assim?*

Isso acontece porque milhões de criaturas, repostas no lar, recapitulam amargosas e graves experiências, junto àqueles que atormentaram ou que outrora lhes foram implacáveis verdugos; metamorfoseados em companheiros que, às vezes, trazem o nome de pais e figuram-se adversários intransigentes; respondem por filhos e mais se assemelham a duros algozes dos corações afetuosos que lhes deram o tesouro do berço; carregam a certidão de esposos e parecem forçados, em algema dupla na pedreira do sofrimento; fazem-se conhecidos por titulares da parentela e exibem-se, à feição de carrascos tranqüilos.

4 – *Como classificar o reduto doméstico, onde se reúnem sob os mesmos interesses e sob o mesmo sangue os inimigos de existências passadas?*

Do ponto de vista mental, os adversários do pretérito, reencarnados no presente, expandem entre si tamanha carga vibratória de crueldade e rebeldia, que transfiguram o ninho familiar em furna, minada por miríades de raios destrutivos de azedume e aversão.

*5 – Qual o papel dos princípios espíritas diante dos conflitos familiares?*

Diante dos conflitos familiares, surgem os princípios espíritas por medicação providencial.

*6 – Qual o ponto fundamental do socorro espírita nos males de origem doméstica?*

Claramente, na educação individual e, evidenciando a reencarnação, destaca o impositivo da tolerância mútua, por terapêutica espiritual imediata, a fim de que os pontos nevrálgicos do indivíduo ou do grupo sejam definitivamente sanados.

*7 – Como classifica a Doutrina Espírita as pessoas difíceis da convivência ou da consangüinidade?*

A Doutrina Espírita, proclamando o entendimento fraterno por medida inalienável, perante os ajustes precisos, catalogam os irmãos transviados na ficha dos enfermos carentes de compaixão e socorro.

*8 – Como funcionam os ensinamentos espíritas na cura dos males que infelicitam as criaturas humanas?*

Os ensinamentos espíritas, despertando a mente para a necessidade do trabalho e do estudo espontâneo, preparam a criatura, em qualquer situação, para a obra do aperfeiçoamento próprio e desvelando a continuidade da vida, para lá da morte, patenteiam ao raciocínio de cada um que a individualidade não encontrará, além-túmulo, qualquer prerrogativa e sim a felicidade ou o infortúnio que construiu para si mesma, através daquilo que fez aos semelhantes.

*9 – A caridade pode auxiliar nas curas dos males humanos?*

Fácil verificar, assim, que a Doutrina Espírita encerra a filosofia do pensamento reto, por agente preservativo da saúde moral, e consubstancia a religião natural do bem, cujas manifestações definem a caridade por terapêutica de alívio e correção de todos os males que afligem a existência.

*10 – Em que fórmulas essenciais se baseia a terapêutica Espírita?*

Com os ensinamentos espíritas aprendemos que os atos de bondade, ainda os mais apagados e pequeninos, são plantações de alegrias eternas e que o perdão incondicional das ofensas é fórmula santificante para a supressão da dor e renovação do destino.

*11 – Quais são os medicamentos do espírito?*

Nas atividades espíritas, colhemos do magnetismo sublimado benefícios imediatos, seja no clima do passe, sob o influxo da oração, ou no culto sistemático do Evangelho no lar, por intermédio dos quais, benfeitores e amigos desencarnados nos reequilibram as forças, através da inspiração elevada, apaziguando-nos os pensamentos, ou se valem de recursos mediúnicos esparsos no ambiente, a fim de nos proporcionarem socorro à alma aflita ou às energias exaustas.

Se abraçaste, pois, a Doutrina Espírita, perluastra-lhes (percorre-lhes) os ensinamentos e compreenderás que a humildade e a benevolência, o serviço e a abnegação, a paciência e a esperança, a solidariedade e o otimismo são medicamentos do espírito, transformando lutas em lições e dificuldades em bênçãos, porque no fundo de cada esclarecimento e de cada mensagem consoladora, que te fluem da inspiração, ouvirás a palavra do Cristo: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”.

\*

## 6 - CORPO

**(Livro: Pensamento e Vida. Emmanuel. Ed. FEB. 7ª. Ed., 1983).**

Abstendo-nos de qualquer digressão científica, porquanto os livros técnicos de educação usual são suficientemente esclarecedores no que reporta aos aspectos exteriores do corpo humano, lembremo-nos de que o Espírito, inquilino da casa física, lhe preside à formação e à sustentação, consciente ou inconscientemente, desde a hora primeira da organização fetal, não obstante quase sempre sob os cuidados protetores de Mensageiros da Providência Divina.

Trazendo consigo mesmo a soma dos reflexos bons e menos bons de que é portador, segundo a colheita de méritos e prejuízos que semeou para si mesmo no solo do tempo, o Espírito incorpora aos moldes reduzidos do próprio ser as células do equipamento humano, associando-as à própria vida, desde a vesícula germinal.

Amparado no colo materno, estrutura-se-lhe o corpo mediante as células referidas, que, em se multiplicando ao redor da matriz espiritual, como a limalha de ferro sobre o ímã, formam, a princípio, os folhetos blastodérmicos de que se derivam o tubo intestinal, o tubo nervoso, o tecido cutâneo, os ossos, os músculos, os vasos.

Em breve, atendendo ao desenvolvimento espontâneo, acha-se o Espírito materializado na arena física, manifestando-se pelo veículo carnal que o exprime. Esse veículo, constituído por bilhões de células ou individualizações microscópicas, que se ajustam aos tecidos sutis da alma, partilhando-lhes a natureza eletromagnética, lembra uma oficina complexa, formada de bilhões de motores infinitesimais, movidos por oscilações eletromagnéticas, em comprimento de onda específica, emitindo irradiações próprias e assimilando as irradiações do plano em que se encontram, tudo sob o comando de um único diretor: a mente.

Desde a fase embrionária do instrumento em que se manifestará no mundo, o Espírito nele plasma os reflexos que lhe são próprios.

Criaturas existem tão conturbadas além-túmulo com os problemas decorrentes do suicídio e do homicídio, da delinquência e da viciação, que, trazidas ao renascimento, demonstram, de imediato, os mais dolorosos desequilíbrios, pela disfunção vibratória que os cataloga nos quadros da patologia celular.

As enfermidades congênitas nada mais são que reflexos da posição infeliz a que nos conduzimos no pretérito próximo, reclamando-nos a internação na esfera física, às vezes por prazo curto, para tratamento da desarmonia interior em que fomos comprometidos.

Surtem, porém, outras cambiantes dos reflexos do passado na existência do corpo. Causas amargas de mutilações e doenças são guardadas na profundidade de nosso campo espiritual, como sementes de agressivo espinheiro que nós mesmos acalentávamos, no obscuro terreno da culpa disfarçada e dos remorsos ocultos. São plantações de tempo certo que a lei de ação e reação governa, vigilante, com segurança e precisão.

É por isso que, muitas vezes, consoante os programas traçados antes do berço, na pauta da dívida e do resgate, a criatura é visitada por estranhas provocações, em plena prosperidade material, ou por desastres fisiológicos de comovente expressão, quando mais irradiante se lhe mostra a saúde.

Contudo, é imperioso lembrar que reflexos geram reflexos e que não há pagamento sem justos atenuantes, quando o devedor se revela amigo da solução dos próprios débitos.

A prática do bem, simples e infatigável, pode modificar a rota do destino, de vez que o pensamento claro e correto, com ação edificante, interfere nas funções celulares, tanto quanto nos eventos humanos, atraindo em nosso favor, por nosso reflexo melhorado e mais nobre, amparo, luz e apoio, segundo a lei do auxílio.

\*

## 7 - SAÚDE

A saúde é assim como a posição de uma residência que denuncia as condições do morador, ou de um instrumento que reproduz em si o zelo ou a desídia das mãos que o manejam.

A falta cometida opera em nossa mente um estado de perturbação, ao qual não se reúnem simplesmente as forças desvairadas de nosso arrependimento, mas também as ondas de pesar e acusação da vítima e de quantos lhe associam ao sentimento, instaurando desarmonias de vastas proporções nos centros da alma, a percutirem sobre a nossa própria instrumentação.



Semelhante descontrolo apresenta graus diferentes, provocando lesões funcionais diversas.

A cólera e o desespero, a crueldade e a intemperança criam zonas mórbidas de natureza particular no cosmo orgânico, impondo às células a distonia pela qual se anulam quase todos os recursos de defesa, abrindo-se leira fértil à cultura de micróbios patogênicos nos órgãos menos habilitados à resistência.

É assim que, muitas vezes, a tuberculose e o câncer, a lepra e a ulceração (perda de substância do revestimento cutâneo ou mucoso) aparecem como fenômenos secundários, residindo a causa primária no desequilíbrio dos reflexos (resposta motora inconsciente ou involuntária provocada por uma estimulação sensorial) da vida interior.

Todos os sintomas mentais depressivos influenciam as células em estado de mitose (divisão celular na qual o núcleo forma cromossomos e estes se bipartem, produzindo dois núcleos filhos com o mesmo patrimônio original), estabelecendo fatores de desagregação.

Por outro lado, importa reconhecer que o relaxamento da nutrição constrange o corpo a pesados tributos de sofrimento.

Enquanto encarnados, é natural que as vidas infinitesimais que nos constituem o veículo de existência retratem as substâncias que ingerimos. Nesse trabalho de permuta constante adquirimos imensa quantidade de bactérias patogênicas que, em se instalando comodamente no mundo celular, podem determinar moléstias infecciosas de variegados caracteres, compelindo-nos a recolher, assim, de volta, os resultados de nossa imprevidência.

Mas não é somente aí, no domínio das causas visíveis, que se originam os processos patológicos multiformes.

Nossas emoções doentias mais profundas, quaisquer que sejam, geram estados enfermiços.

Os reflexos dos sentimentos menos dignos que alimentamos voltam-se sobre nós mesmos, depois de convertidos em ondas mentais, tumultuando o serviço das células nervosas que, instaladas na pele, nas vísceras, na medula e no tronco cerebral, desempenham as mais avançadas funções técnicas; acentue-se, ainda, que esses reflexos menos felizes, em se derramando sobre o córtex encefálico, produzem alucinações que podem variar da fobia oculta à loucura manifesta, pelas quais os reflexos daqueles companheiros encarnados ou desencarnados, que se nos conjugam ao modo de proceder e de ser, nos atingem com sugestões destruidoras, diretas ou indiretas, conduzindo-nos a deploráveis fenômenos de alienação mental, na obsessão comum, ainda mesmo quando no jogo das aparências possamos aparecer como pessoas espiritualmente sadias.

Não nos esqueçamos, assim, de que apenas o sentimento reto pode esboçar o reto pensamento, sem os quais a alma adoece pela carência de equilíbrio interior,

imprimindo no aparelho somático os desvarios e as perturbações que lhe são conseqüentes.

\*

## 8 - OBSESSÃO

Observando-se a mediunidade como sintonia, a obsessão é o equilíbrio de forças inferiores, retratando-se entre si.

Fenômeno de reflexão pura e simples, não ocorre tão-somente dos chamados *mortos* para os chamados *vivos*, porque, na essência, muita vez aparece entre os próprios Espíritos encarnados a se subjugarem reciprocamente pelos fios invisíveis da sugestão.

A mente que se dirige a outra cria imagens para fazer-se notada e compreendida, prescindindo da palavra e da ação para insinuar-se, porquanto, ambientando a repetição, atinge o objetivo que demanda, projetando-se sobre aquela que procura influenciar. E, se a mente visada sintoniza com a onda criadora lançada sobre ela, inicia-se vivo circuito de força, dentro do qual a palavra e a ação se incumbem de consolidar a correspondência, formando o círculo de encantamento em que o obsessor e o obsidiado passam a viver, agindo e reagindo um sobre o outro.

Não há, por isto, obsessão unilateral. Toda ocorrência desta espécie se nutre à base de intercâmbio mais ou menos completo. Quanto mais sustentadas as imagens inferiores de um Espírito para outro, em regime de permuta constante, mais profundo o poder da obsessão, de vez que se afastam da justa realidade para o circuito de sombra em que se entregam a mútuo fascínio.

É o mesmo que se verifica com a pedra quando em serviço de gravação. Quanto mais repetida a passagem do buril, mais entranhado o sulco destinado a perpetuar a minudência da imagem.

Lembremo-nos, ainda, do disco comum, em cujas reentrâncias sutis permanecem os sons fixados para repetição à nossa vontade. Muita vez a mente obsidiada se assemelha à chapa de ebonite, arquivando ordens e avisos do obsessor, notadamente durante o sono habitual, quando liberamos os próprios reflexos, sem o controle da nossa consciência de limiar (entrada, começo), ordens e avisos que a pessoa obsessa atende, de modo quase automático, qual o instrumento passivo da experiência magnética, no cumprimento de sugestões pós-hipnóticas.

Quanto mais nos rendamos a essa ou àquela idéia, no imo de nós mesmos, com maior força nos convertemos nela, a expressar-lhe os desígnios.

É assim que se formam estranhos desequilíbrios que, em muitas circunstâncias concretizam moléstia e desalento, aflição e loucura, quando não plasmam a crueldade e a morte.

Toda obsessão começa pelo debuxo (desenho, esboço) vago do pensamento alheio que nos visita, oculto. Hoje é um pingote de sombra, amanhã linha firme,

para, depois, fazer-se um painel vigoroso, do qual assimilamos apelos infelizes que nos aprisionam em turbilhões de trevas.

Urge, pois, que saibamos fugir, desassombrados, aos enganos da inércia, porque o espelho ocioso de nossa vida em sombra pode ser longamente viciado e detido pelas forças do mal que, em nos vampirizando, estendem sobre os outros as teias infernais da miséria e do crime.

Dar novo pasto à mente pelo estudo que eleve e consagrar-se em paz ao serviço incessante é a fórmula ideal para libertar-se de todas as algemas, pois que, na aquisição de bênçãos para o espírito e no auxílio espontâneo à vida que nos cerca, refletiremos sempre a Esfera Superior, avançando, por fim, da cegueira mental para a divina luz da Divina Visão.

\*

## **9 - ENFERMIDADE**

Ninguém poderá dizer que toda enfermidade, a rigor, esteja vinculada aos processos de elaboração da vida mental, mas todos podemos garantir que os processos de elaboração da vida mental guardam positiva influência sobre todas as doenças.

Há moléstias que têm, sem dúvida, função preponderante nos serviços de purificação do espírito, surgindo com a criatura no berço ou seguindo-a, por anos a fio, na direção do túmulo.

As inibições congeniais, as mutilações imprevistas e as enfermidades dificilmente curáveis catalogam-se, indiscutivelmente, na tabela das provações necessárias, como certos medicamentos imprescindíveis figuram na ficha de socorro ao doente; contudo, os sintomas patológicos na experiência comum, em maioria esmagadora, decorrem dos reflexos infelizes da mente sobre o veículo de nossas manifestações, operando desajustes nos implementos que o compõem.

Toda emoção violenta sobre o corpo é semelhante à martelada forte sobre a engrenagem de máquina sensível, e toda aflição animalhada é como ferrugem destruidora, prejudicando-lhe o funcionamento.

Sabe hoje a medicina que toda tensão mental acarreta distúrbios de importância no corpo físico.

Estabelecido o conflito espiritual, quase sempre as glândulas salivares paralisam as suas secreções, e o estômago, entrando em espasmo, nega-se à produção de ácido clorídrico, provocando perturbações digestivas a se expressarem na chamada colite (inflamação do cólon) mucosa. Atingido esse fenômeno primário que, muita vez, abre a porta a temíveis calamidades orgânicas, os desajustamentos gastrintestinais repetidos acabam arruinando os processos da nutrição que interessam o estímulo nervoso, determinando variados sintomas, desde a mais leve irritação da membrana gástrica até a loucura de abordagem complexa.

O pensamento sombrio adocece o corpo são e agrava os males do corpo enfermo.

Se não é aconselhável envenenar o aparelho fisiológico pela ingestão de substâncias que o aprisionem ao vício, é imperioso evitar os desregramentos da alma que lhe impõem desequilíbrios aviltantes, quais sejam aqueles hauridos nas decepções e nos dissabores que adotamos por flagelo constante do campo íntimo.

Cultivar melindres e desgostos, irritação e mágoa é o mesmo que semear espinheiros magnéticos e adubá-los no solo emotivo de nossa existência; é intoxicar, por conta própria, a tessitura da vestimenta corpórea, estragando os centros de nossa vida profunda e arrasando, conseqüentemente, sangue e nervos, glândulas e vísceras do corpo que a Divina Providência nos concede entre os homens, com vistas ao desenvolvimento de nossas faculdades para a Vida Eterna.

Guardemos, assim, compreensão e paciência, bondade infatigável e tolerância construtiva em todos os passos da senda, porque somente ao preço de nossa incessante renovação mental para o bem, com o apoio do estudo nobre e do serviço constante, é que superaremos o domínio da enfermidade, aproveitando os dons do Senhor e evitando os reflexos letais que se fazem acompanhar do suicídio indireto.

\*

## 10 - MORTE

Sendo a mente o espelho da vida, entenderemos sem dificuldade que, na morte, lhe prevalecem na face as imagens mais profundamente insculpidas por nosso desejo, à custa da reflexão reiterada, de modo intenso. Guardando o pensamento – plasma (formação, modelação) fluídico – a precisa faculdade de substancializar suas próprias criações, imprimindo-lhes vitalidade e movimento temporários, a maioria das criaturas terrestres, na transição do sepulcro, é naturalmente obcecada pelos quadros da própria imaginação, aprisionada a fenômenos alucinatórios, qual acontece no sono comum, dentro do qual, na maioria das circunstâncias, a individualidade reencarnada, em vez de retirar-se do aparelho físico, descansa em conexão com ele mesmo, sofrendo os reflexos das sensações primárias a que ainda se ajusta.

Todos os círculos da existência, para se adaptarem aos processos da educação, necessitam do hábito, porque todas as conquistas do espírito se efetuam na base de lições recapituladas.

As classes de aula são vastos setores de trabalho específico, plasmando (dando forma), por intermédio de longa repercussão, os objetivos que lhes são peculiares naqueles que as compõem.

É assim que o jovem destinado a essa ou àquela carreira é submetido, nos bancos escolares, a determinadas disciplinas, incluindo a experiência anterior dos orientadores que lhe precederam ao passos na senda profissional escolhida.

O futuro militar aprenderá, desde cedo, a manejar os instrumentos de guerra, cultuando as instruções dos grandes chefes de estratégia, e o médico porvindouro deverá repetir, por anos sucessivos, os ensinamentos e experimentos dos especialistas, antes do juramento hipocrático.

Em todas as escolas de formação, vemos professores ajustando a infância, a mocidade e a madureza aos princípios consagrados nesse ou naquele ramo de estudo, fixando-lhes personalidade particular para determinados fins, sobre o alicerce da reflexão mental sistemática, em forma de lições persistentes e progressivas.

Um diploma universitário é, no fundo, o pergaminho confirmativo do tempo de recapitulações indispensáveis ao domínio do aprendiz em certo campo de conhecimento para efeito de serviço nas linhas da coletividade.

Segundo o mesmo princípio, a morte nos confere a certidão das experiências repetidas a que nos adaptamos, de vez que cada espírito, mais ou menos, se transforma naquilo que imagina. É deste modo que ela, a morte, extrai a soma de nosso conteúdo mental, compelindo-nos a viver, transitoriamente, dentro dele. Se esse conteúdo é o bem, teremos a nossa parcela de céu, correspondente ao melhor da construção que efetuamos em nós, e se esse conteúdo é o mal estaremos necessariamente detidos na parcela de inferno que corresponda aos males de nossa autoria, até que se extinga o inferno de purgação merecida, criado por nós mesmos na intimidade da consciência.

Tudo o que foge à lei do amor e do progresso, sem a renovação e a sublimação por bases, gera o enquistamento mental, que nada mais é que a produção de nossos reflexos pessoais acumulados e sem valor na circulação do bem comum, consubstanciando as idéias fixas em que passamos a respirar depois do túmulo, à feição de loucos autênticos, por nos situarmos distantes da realidade fundamental.

É por esta razão que *morrer* significa penetrar mais profundamente no mundo de nós mesmos, consumindo longo tempo em despir a túnica de nossos reflexos menos felizes, metamorfoseados em região alucinatória decorrente do nosso monoideísmo na sombra, ou transferindo-nos simplesmente de plano, melhorando o clima de nossos reflexos ajustados ao bem, avançando em degraus conseqüentes para novos horizontes de ascensão e de luz.

\*

## 11 - AMOR

O amor puro é o reflexo do Criador em todas as criaturas.

Brilha em tudo e em tudo palpita na mesma vibração de sabedoria e beleza. É fundamento da vida e justiça de toda a Lei.

Surge, sublime, no equilíbrio dos mundos erguidos à glória da imensidade, quanto nas flores anônimas esquecidas no campo.

Nele fulgura, generosa, a alma de todas as grandes religiões que aparecem, no curso das civilizações, por sistemas de fé à procura da comunhão com a Bondade Celeste, e nele se enraíza todo o impulso de solidariedade entre os homens.

Plasma divino com que Deus envolve tudo o que é criado, o amor é o hálito dEle mesmo, penetrando o Universo.

Vemo-lo, assim, como silenciosa esperança do Céu, aguardando a evolução de todos os princípios e respeitando a decisão de todas as consciências.

Mercê de semelhante bênção, cada ser é acalentado no degrau da vida em que se encontra.

O verme é amado pelo Senhor, que lhe concede milhares e milhares de séculos para levantar-se da viscosidade do abismo, tanto quanto o anjo que O representa junto do verme. A seiva que nutre a rosa é a mesma que alimenta o espinho dilacerante. Na árvore em que se aninha o pássaro indefeso, pode acolher-se a serpente com as suas armas de morte. No espaço de uma penitenciária respira, com a mesma segurança, o criminoso que lhe padece as grades de sofrimento e o correto administrador que lhe garante a ordem.

O amor, repetimos, é o reflexo de Deus, Nosso Pai, que se compadece de todos e que a ninguém violenta, embora, em razão do mesmo amor infinito com que nos ama, determine estejamos sempre sob a lei da responsabilidade que se manifesta para cada consciência, de acordo com as suas próprias obras.

E, amando-nos, permite o Senhor perlustrarmos, sem prazo, o caminho de ascensão para Ele, concedendo-nos, quando impensadamente nos consagramos ao mal, a própria eternidade para reconciliar-nos com o Bem, que é a sua Regra Imutável.

Herdeiros dEle que somos, raios de Sua Inteligência Infinita e sendo Ele Mesmo o Amor Eterno de Toda a Criação, em tudo e em toda parte, é da legislação por Ele estatuída que cada espírito reflita livremente aquilo que mais ame, transformando-se, aqui e ali, na luz ou na treva, na alegria ou na dor a que empenhe o coração.

Eis porque Jesus, o Modelo Divino, enviado por Ele à Terra para clarear-nos a senda, em cada passo de seu Ministério tomou o amor do Pai por inspiração de toda a vida, amando e auxiliando sem qualquer idéia de recompensa.

Descendo à esfera dos homens por amor, humilhando-se por amor, ajudando e sofrendo por amor, passa no mundo, de sentimento erguido ao Pai Excelso, refletindo-Lhe a vontade sábia e misericordiosa. E, para que a vida e o pensamento de todos nós lhe retratem as pegadas de luz, legou-nos, em nome de Deus, a sua fórmula inesquecível: - “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.”

\*

## 12 - FLUIDOS MATERIAIS E FLUIDOS ESPIRITUAIS

**(Livro: Emmanuel. Editora FEB, 18ª. Edição. 1997. Cap. XXII)**

1º. – *Serão os fluidos correntes de electrônios?*

2º. – *Serão essas correntes de duas naturezas – uma para atuar sobre a matéria e outra sobre o Espírito preso a essa matéria?*

3º. – *A corrente espiritual será formada pelas ondas eletrônicas?*

4º. – *O electrônio da corrente espiritual será o mesmo da corrente material?*

1º. – A ciência terrestre classifica o electrônio como a derradeira unidade de matéria, de carga elétrica negativa. No mundo do infinitesimal, porém, temos um caminho ilimitado e progressivo a percorrer.

O homem, diante da incapacidade da sua estrutura e em face da sua zona sensorial limitada, não consegue ir além, no labirinto de segredos do microcosmo e, para que nos façamos entendidos, não podemos convir convosco em que os fluidos, de um modo geral, sejam correntes de electrônios, ainda mesmo considerando-se a necessidade de representar-se, com essa unidade, uma base para a vossa possibilidade de compreensão e de análise, porque os electrônios são ainda expressões de matéria em estado de grande rarefação.

2º, 3º. e 4º. – Embora sintéticas, pela sua construção fraseológica, essas proposições são bastante complexas em si mesmas.

As correntes de fluidos espirituais têm a sua organização particular e estão aptas a determinar a transformação das correntes de força material, em qualquer circunstância. Seria aconselhável nunca se confundir as ondas eletrônicas com os fluidos de natureza espiritual. A matéria, atingindo sublimidades de quintessência, quase se confunde no plano do puro espírito, constituindo tarefa difícil para o eletromagnetismo positivar onde termina uma e onde começa outro.

Ainda agora, os cientistas, investigando a natureza da radioatividade (propriedade dos nuclídeos instáveis de perder espontaneamente sua massa emitindo partículas ou radiações eletromagnéticas) em todos os corpos da matéria viva, perguntam ansiosos qual a fonte permanente e inesgotável onde os corpos absorvem, incessante e automaticamente, os elementos necessários a essa perene e inextinguível irradiação. No que se refere às ondas eletrônicas ou aos elementos radioativos da matéria em si mesma, essa fonte reside, sem dúvida, na energia solar, que vitaliza todo o organismo planetário. O orbe terrestre é um grande magneto (ímã), governado pelas forças positivas do Sol. Toda matéria tangível representa uma condensação de energia dessas forças sobre o planeta e essa condensação se verifica debaixo da influência organizadora do princípio espiritual, preexistindo a todas as combinações químicas e moleculares. É a alma das coisas e dos seres o elemento que influi no problema das formas, segundo a posição evolutiva de cada unidade individual.

Todas as correntes eletrônicas, portanto, ou ondas de matéria rarefeita, são elementos subordinados às correntes de fluidos ou vibrações espirituais; aquelas são os instrumentos passivos, estas as forças ativas e renovadoras do Universo.

Os corpos terrestres encontram no Sol a fonte mantenedora de suas substâncias radioativas, mas todas essas correntes de energia são inconscientes e passivas. Os Espíritos, por sua vez, encontram em Deus a fonte suprema de todas as suas forças, em perene evolução, no drama dinâmico dos sistemas. As correntes fluídicas no mundo espiritual são, pois, vibrações da alma consciente, dentro da sua gloriosa imortalidade.

Concluimos, assim, que há fluidos materiais e fluidos espirituais; que os primeiros são elementos inconscientes e passivos e os últimos a força eterna e transformadora dos mundos, salientando-se que uma só lei rege a vida, em sua identidade substancial. Nas ondas eletrônicas, filhas da energia solar, chama-se-lhe afinidade, magnetismo, atração, e, nas correntes de fluidos espirituais, filhas da alma, partícula divina, chama-se-lhe misericórdia, simpatia, piedade e amor. Nessa lei única, que liga a Criação ao seu Criador e da qual estudamos os fenômenos isolados, desenrola-se o drama da evolução do espírito imortal.



## **TERCEIRA PARTE**

***ALLAN KARDEC***  
**CIÊNCIA ESPÍRITA**

***PESQUISAS E ESTUDOS REALIZADOS POR***  
***“ALLAN KARDEC”***  
***E RESPECTIVOS RESULTADOS, CONSTANTES DAS***  
***OBRAS BÁSICAS E DA “REVISTA ESPÍRITA”***

***MEDIUNIDADE CURADORA***  
**CAUSAS MATERIAIS E ESPIRITUAIS DAS DOENÇAS E CURAS**

**OBSESSÃO – SUBJUGAÇÃO - POSSESSÃO**  
**CAUSAS. CONSEQÜÊNCIAS. CURAS**

## TERCEIRA PARTE

### CIÊNCIA ESPÍRITA

ALLAN KARDEC

#### *MEDIUNIDADE CURADORA*

#### CAUSAS MATERIAIS E ESPIRITUAIS DAS DOENÇAS

#### OBSESSÃO – SUBJUGAÇÃO - POSSESSÃO

#### 1 - ALMA. PRINCÍPIO VITAL E FLUIDO VITAL.

(O Livro dos Espíritos. Introdução ao estudo da Doutrina Espírita.

Editora LAKE, 63ª. Edição. 2002. Tradução de J. Herculano Pires)

Há outra palavra sobre a qual igualmente devemos entender-nos, porque é uma das chaves de toda doutrina moral e tem suscitado numerosas controvérsias, por falta de uma aceção bem determinada; é a palavra *alma*. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma provém da aplicação particular que cada qual faz desse vocábulo. Uma língua perfeita, em que cada idéia tivesse a sua representação por um termo próprio, evitaria muitas discussões; com uma palavra para cada coisa todos se entenderiam.

Segundo uns, a alma é o princípio da vida orgânica material; não tem existência própria e se extingue com a vida: é o puro materialismo. Nesse sentido e por comparação dizem de um instrumento quebrado, que não produz mais som, que ele não tem alma. De acordo com esta opinião a alma seria um efeito e não uma causa.

Outros pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal de que cada ser absorve uma porção. Segundo eles, não haveria em todo o universo senão uma única alma, distribuindo fagulhas para os diversos seres inteligentes, durante a vida; após a morte cada fagulha volta à fonte comum, confundindo-se no todo, como os córregos e os rios retornam ao mar de onde saíram. Esta opinião difere da precedente em que, segundo esta hipótese, existe em nós algo mais do que a matéria, restando qualquer coisa após a morte; mas é quase como se nada restasse, pois não subsistindo a individualidade não teríamos mais consciência de nós mesmos. De acordo com esta opinião, a alma universal seria Deus e cada ser uma porção da Divindade; é esta uma variedade do *Panteísmo*.

Segundo outros, enfim, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva a sua individualidade após a morte. Esta concepção é, incontavelmente, a mais comum, porque, sob um nome ou outro, a idéia desse ser, que sobrevive ao corpo, se encontra em estado de crença instintiva e independente de qualquer ensinança, entre todos os povos, qualquer que seja o seu grau de civilização. Essa doutrina, para a qual a alma é causa e não efeito é a dos espiritualistas.

Sem discutir o mérito dessas opiniões, e não considerando senão o lado lingüístico da questão, diremos que essas três aplicações da palavra *alma* constituem

três idéias distintas, que reclamariam cada uma um termo diferente. Essa palavra tem, portanto, significação tríplice, e cada qual está com a razão, segundo o seu ponto de vista, ao lhe dar uma definição; a falha se encontra na língua, que não dispõe de mais de uma palavra para três idéias. Para evitar confusões, seria necessário restringir a acepção da palavra *alma* a uma de suas idéias. Escolher esta ou aquela é indiferente, simples questão de convenção, e o que importa é esclarecer. Pensamos que o mais lógico é tomá-la na sua significação mais vulgar, e por isso chamamos *alma*, *ao ser imaterial e individual que existe em nós e sobrevive ao corpo*. Ainda que este ser não existisse e não fosse mais que um produto da imaginação, seria necessário um termo para designá-lo.

Na falta de uma palavra especial para cada uma das duas outras idéias, chamaremos:

*Princípio vital*, o princípio da vida material e orgânica, seja qual for a sua fonte, que é comum a todos os seres vivos, desde as plantas ao homem. A vida podendo existir, sem a faculdade de pensar, o princípio vital é coisa distinta e independente. A palavra *vitalidade* não daria a mesma idéia. Para uns, o *princípio vital* é uma propriedade da matéria, um efeito que se produz quando a matéria se encontra em dadas circunstâncias; segundo outros, e essa idéia é mais comum, ele se encontra num fluido especial, universalmente espalhado, do qual cada ser absorve e assimila uma parte durante a vida, como vemos os corpos inertes absorverem a luz. Este seria então o *fluido vital*, que, segundo certas opiniões, não seria outra coisa senão o fluido elétrico animalizado, também designado por *fluido magnético*, *fluido nervoso*, etc.

Seja como for, há um fato incontestável, - pois resulta da observação - e é que os seres orgânicos possuem uma força íntima que produz o fenômeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos, e que ela independe da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; enfim, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e pensamento há uma, dotada de um senso moral especial que lhe dá incontestável superioridade perante as outras, e que é a espécie humana.

Compreende-se que, com uma significação múltipla, a alma não exclui o materialismo, nem o panteísmo. Mesmo o espiritualista pode muito bem entender a alma segundo uma ou outra das duas primeiras definições, sem prejuízo do ser material distinto, ao qual dará qualquer outro nome. Assim, essa palavra não representa uma opinião: é um Proteu (deus marinho, era filho de Oceano e de Tetis, ou segundo uma outra tradição, de Netuno e de Fênice. Segundo os gregos, a sua pátria é Palene, cidade da Macedônia. Durante o sono ele tomava todas as formas para espantar os que se aproximavam: a de leão, dragão, leopardo, javali; algumas vezes se metamorfoseava em árvore, em água e mesmo em fogo.) que cada qual ajeita a seu modo, o que dá origem a tantas disputas intermináveis.

Evitaríamos igualmente a confusão, mesmo empregando a palavra *alma* nos três casos, desde que lhe ajuntássemos um qualificativo para especificar a maneira pela qual a encaramos ou a aplicação que lhe damos. Ela seria então um termo genérico, representando ao mesmo tempo o princípio da vida material, da inteligência e do senso moral, que se distinguiriam pelo atributo, como o gás, por exemplo, que se distingue ajuntando-se-lhe as palavras hidrogênio, oxigênio e azoto. Poderíamos dizer, e talvez fosse o melhor, a *alma vital* para designar o princípio da vida material, a

*alma intelectual* para o princípio da inteligência, e a *alma espírita* para o princípio da nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isto é questão de palavras, mas questão muito importante para nos entendermos. Dessa maneira, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens, e *alma espírita* pertenceria somente ao homem.

Acreditamos dever insistir tanto mais nestas explicações, quanto a Doutrina Espírita repousa naturalmente sobre a existência em nós de um ser independente da matéria e que sobrevive ao corpo. Devendo repetir freqüentemente a palavra *alma* no curso desta obra, tínhamos de fixar o sentido em que a tomamos, a fim de evitar qualquer engano.

\*

## 2 - ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO

### (O Livro dos Espíritos. Cap. II)

#### I – CONHECIMENTO DO PRINCÍPIO DAS COISAS

17. Pode o homem conhecer o princípio das coisas?

- *Não. Deus não permite que tudo seja revelado ao homem, aqui na Terra.*

18. O homem penetrará um dia o mistério das coisas que lhe estão ocultas?

- *O véu se ergue na medida em que ele se depura; mas, para a compreensão de certas coisas, necessita de faculdades que ainda não possui.*

19. O homem não poderá, pelas investigações da ciência, penetrar alguns dos segredos da natureza?

- *A ciência lhe foi dada para o seu adiantamento em todos os sentidos, mas ele não pode ultrapassar os limites fixados por Deus.*

Quanto mais é permitido ao homem penetrar esses mistérios, maior deve ser a sua admiração pelo poder e a sabedoria do Criador. Mas, seja por orgulho, seja por fraqueza, sua própria inteligência o torna freqüentemente juguete da ilusão. Ele acumula sistemas sobre sistemas, e cada dia que passa mostra quantos erros tomou por verdades e quantas verdades repeliu como erros. São outras tantas decepções para o seu orgulho.

20. Pode o homem receber, fora das investigações da Ciência, comunicações de uma ordem mais elevada sobre aquilo que escapa ao testemunho dos sentidos?

- *Sim, se Deus o julgar útil, pode revelar-lhe aquilo que a Ciência não consegue apreender.*

É através dessas comunicações que o homem recebe, dentro de certos limites, o conhecimento de seu passado e do seu destino futuro.

#### II – ESPÍRITO E MATÉRIA

21. A matéria existe desde toda a eternidade, como Deus, ou foi criada por ele num certo momento?

- *Só Deus o sabe. Há, entretanto, uma coisa que a vossa razão vos deve indicar: é que Deus, modelo de amor e de caridade, jamais esteve inativo. Qualquer que seja a distância a que possais imaginar o início da sua ação, podereis compreendê-lo um segundo na ociosidade?*

22. Define-se geralmente a matéria como aquilo que tem extensão, pode impressionar os sentidos e é impenetrável. Essa definição é exata?

- *Do vosso ponto de vista, sim, porque só falais daquilo que conheceis. Mas a matéria existe em estados que não percebeis. Ela pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que não produz nenhuma impressão nos vossos sentidos: entretanto, será sempre matéria, embora não o seja para vós.*

22-a. Que definição podeis dar da matéria?

- *A matéria é o liame (laço, aquilo que serve para ligar uma coisa à outra) que escraviza (prende) o espírito; é o instrumento que ele usa, e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce a sua ação.*

De acordo com isto, pode-se dizer que a matéria é o agente, o intermediário, com a ajuda do qual e sobre o qual o espírito atua.

23. Que é espírito?

- *O princípio inteligente do universo.*

23-a. Qual é a sua natureza íntima?

- *Não é fácil analisar o espírito na vossa linguagem. Para vós, ele não é nada, porque não é coisa palpável; mas, para nós, é alguma coisa. Ficai sabendo: nenhuma coisa é o nada e o nada não existe.*

24. Espírito é sinônimo de inteligência?

- *A inteligência é um atributo essencial do espírito; mas um e outro se confundem num princípio comum, de maneira que, para vós, são uma e a mesma coisa.*

25. O espírito é independente da matéria, ou não é mais do que uma propriedade desta, como as cores são propriedades da luz e o som uma propriedade do ar?

- *São distintos, mas é necessária a união do espírito e da matéria para dar inteligência a esta.*

25-a. Esta união é igualmente necessária para a manifestação do espírito? (Por espírito entendemos aqui o princípio da inteligência, abstração feita das individualidades designadas por esse nome).

- *É necessária para vós, porque não estais organizados para perceber o espírito sem matéria; vossos sentidos não foram feitos para isso.*

26. Pode-se conceber o espírito sem a matéria e a matéria sem o espírito?

- *Pode-se, sem dúvida, pelo pensamento.*

27. Haveria, assim, dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito?

- *Sim, e acima de ambos, Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Essas três coisas são o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas ao elemento material é necessário ajuntar o fluido universal, que exerce o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, demasiado grosseira para que o espírito possa exercer alguma ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, se pudesse considerá-lo como elemento material, ele se distingue por propriedades especiais. Se fosse simplesmente matéria, não haveria razão para que o espírito não o fosse também. Ele está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a maté-*

*ria é matéria; suscetível, em suas inúmeras combinações com esta, e sob a ação do espírito, de produzir infinita variedade de coisas, das quais não conheceis mais do que uma ínfima parte. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se serve, é o princípio sem o qual a matéria permaneceria em perpétuo estado de dispersão, e não adquiriria jamais as propriedades que a gravidade lhe dá.*

27-a. Seria esse fluido o que designamos por eletricidade?

*- Dissemos que ele é suscetível de inúmeras combinações. O que chamais fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que é, propriamente falando, uma matéria mais perfeita, mais sutil, que se pode considerar como independente.*

28. Sendo o espírito, em si mesmo, alguma coisa, não seria mais exato, e menos sujeito a confusões, designar esses dois elementos gerais pelas expressões: matéria inerte e matéria inteligente?

*- As palavras pouco nos importam. Cabe a vós formular a vossa linguagem, de maneira a vos entenderdes. Vossas disputas provêm, quase sempre, de não vos entenderdes sobre as palavras. Porque a vossa linguagem é incompleta para as coisas que não vos tocam os sentidos.*

Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos matéria sem inteligência e um princípio inteligente independente da matéria. A origem e a conexão dessas duas coisas nos são desconhecidas. Que elas tenham ou não uma fonte comum e os pontos de contato necessários; que a inteligência tenha existência própria, ou que seja uma propriedade, um efeito; que seja, mesmo, segundo a opinião de alguns, uma emanção da Divindade, - é o que ignoramos. Elas nos aparecem distintas, e é por isso que as consideramos formando dois princípios constituintes do Universo. Vemos, acima de tudo isso, uma inteligência que domina todas as outras, que as governa, que delas se distingue por atributos essenciais: é a esta inteligência suprema que chamamos Deus.

### III – PROPRIEDADES DA MATÉRIA

29. A ponderabilidade é atributo essencial da matéria?

*- Da matéria como a entendeis, sim; mas não da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil que forma esse fluido é imponderável para vós, mas nem por isso deixa de ser o princípio da vossa matéria ponderável.*

A ponderabilidade é uma propriedade relativa. Fora das esferas de atração dos mundos, não há peso, da mesma maneira que não há alto nem baixo.

30. A matéria é formada de um só ou de muitos elementos?

*- De um só elemento primitivo. Os corpos que considerais como corpos simples não são verdadeiros elementos, mas transformações da matéria primitiva.*

31. De onde provêm as diferentes propriedades da matéria?

*- Das modificações que as moléculas elementares sofrem, ao se unirem, e em determinadas circunstâncias.*

32. De acordo com isso, o sabor, o odor, as cores, as qualidades venenosas ou salutares dos corpos, não seriam mais do que modificações de uma única e mesma substância primitiva?

- *Sim, sem dúvida, e só existem pela disposição dos órgãos destinados a percebê-las.*

Esse princípio é demonstrado pelo fato de nem todos perceberem as qualidades dos corpos da mesma maneira: enquanto um acha uma coisa agradável ao gosto, outro a acha má; uns vêem azul o que outros vêem vermelho; o que para uns é veneno, para outros é inofensivo ou salutar.

33. A mesma matéria elementar é suscetível de passar por todas as modificações e adquirir todas as propriedades?

- *Sim, e é isso que deveis entender, quando dizemos que tudo está em tudo.* (Este princípio explica o fenômeno conhecido de todos os magnetizadores, que consiste em se dar, pela vontade, a uma substância qualquer, à água, por exemplo, as mais diversas propriedades: um gosto determinado, e mesmo as qualidades ativas de outras substâncias. Só havendo um elemento primitivo, e as modificações dos diferentes corpos sendo apenas modificações desse elemento, resulta que a mais inofensiva substância tem o mesmo princípio que a mais deletéria. Uma modificação análoga pode produzir-se pela ação magnética, dirigida pela vontade. Assim, a água, que é formada de uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio, torna-se corrosiva, se duplicarmos a proporção do oxigênio. **Nota de rodapé**).

O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e todos os corpos que consideramos simples não são mais do que modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade, em que nos encontramos ainda, de remontar de outra maneira, que não pelo pensamento, a essa matéria elementar, esses corpos são para nós verdadeiros elementos, e podemos, sem maiores conseqüências, considerá-los assim até nova ordem. (**Comentário de Kardec**).

33-a. Essa teoria não parece dar razão à opinião dos que não admitem, para a matéria, mais do que dois elementos essenciais: a força e o movimento, entendendo que todas as outras propriedades não são senão efeitos secundários, que variam segundo a intensidade da força e a direção do movimento?

- *Essa opinião é exata. Falta acrescentar que: também segundo a disposição das moléculas. Como se vê, por exemplo, num corpo opaco que pode tornar-se transparente, e vice-versa.*

34. As moléculas têm uma forma determinada?

- *Sem dúvida que as moléculas têm uma forma, mas não a podeis apreciar.*

34-a. Essa forma é constante ou variável?

- *Constante para as moléculas elementares primitivas, mas variável para as moléculas secundárias, que são aglomerações das primeiras. Isso que chamais molécula está longe da molécula elementar.*

#### IV – ESPAÇO UNIVERSAL

35. O espaço universal é infinito ou limitado?

- *Infinito. Supõe limites para ele: o que haveria além? Isto confunde a tua razão, bem o sei, e no entanto a razão te diz que não pode ser de outra maneira. O mesmo se dá com o infinito em todas as coisas; não é na vossa pequena esfera que o podeis compreender.* (**Nota de rodapé do tradutor:** As variações de tratamento, ora na segunda, ora na terceira pessoa, correspondem aos momentos em que o Espírito se referia ao interlocutor, pessoalmente, a todos os presentes, ou ainda a toda a Humanidade).

Supondo-se um limite para o espaço, qualquer que seja a distância a que o pensamento possa concebê-lo, a razão diz que, além desse limite, há alguma coisa. E assim, pouco a pouco, até o infinito, porque essa alguma coisa, mesmo que fosse o vazio absoluto, ainda seria espaço.

36. O vazio absoluto existe em alguma parte do espaço universal?

- Não, nada é vazio. O que é vazio para ti, está ocupado por uma matéria que escapa aos teus sentidos e aos teus instrumentos. (Nota de rodapé do tradutor: Todos estes princípios estão hoje comprovados pela investigação científica, mesmo no campo do mais ortodoxo materialismo. Veja-se o livro *El Cosmos y sus siete estados* de Vasiliev e Staniukovich, Editorial Paz, Moscou, tradução castelhana).

\*

### 3 - AÇÃO MAGNÉTICA CURADORA.

#### “A VONTADE”

(O Livro dos Médiuns. Ed. LAKE, SP. Trad. de J. Herculano Pires. 5ª. Edição, 2002. Laboratório do Mundo Invisível. Cap. VIII, Item 131).

#### FLUIDIFICAÇÃO DA ÁGUA

(...) Esta teoria nos dá a solução de um problema do magnetismo, bem conhecido, mas até hoje inexplicado, que é o fato da modificação das propriedades da água pela vontade. O Espírito agente é o do magnetizador, na maioria das vezes assistido por um Espírito desencarnado. Ele opera uma transmutação por meio do fluido magnético que, como já dissemos, é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica ou elemento universal. E se ele pode produzir uma modificação nas propriedades da água, pode igualmente fazê-lo no tocante aos fluidos orgânicos, do que resulta o efeito curativo da ação magnética convenientemente dirigida.

Sabe-se o papel capital da vontade em todos os fenômenos magnéticos. Mas como explicar a ação material de um agente tão sutil? A vontade não é uma entidade, uma substância e nem mesmo uma propriedade da matéria mais eterizada: é o atributo essencial do Espírito, ou seja, do ser pensante. Com a ajuda dessa alavanca ele age sobre a matéria elementar e em seguida reage sobre os seus componentes, com o que as propriedades íntimas podem ser transformadas.

A vontade é atributo do Espírito encarnado ou errante. Daí o poder do magnetizador, que sabemos estar na razão da força da vontade. O Espírito encarnado pode agir sobre a matéria elementar e, portanto modificar as propriedades das coisas dentro de certos limites. Assim se explica a faculdade de curar pelo contacto e a imposição das mãos, que algumas pessoas possuem num elevado grau. (Ver no capítulo sobre os *Médiuns* o tópico referente a *médiuns curadores*. Ver ainda na *Revista Espírita*, nº. de julho de 1859, os artigos *O zuavo de Magenta* e *Um Oficial do Exército da Itália*.)

(Nota do tradutor J. Herculano Pires: Os estudos de Hipnotismo científico definiram a hipnose como simples sugestão, relegando ao passado o problema da *ação fluídica*, considerada como superstição. Mas o magnetismo é elemento natural, cujas manifestações e aplicações não se limitam ao tipo de hipnose clínica. Nesta, ele se manifesta em função autógena (que se gera a si mesma), mas a maioria de suas manifestações são exógenas (que cresce exteriormente ou para fora). A modificação das propriedades da água pode ocorrer como simples sugestão, limitada ao paciente, mas há também fenômenos materiais de alteração dessas propriedades perceptíveis por todos. No primeiro caso não houve modificação alguma na água, mas apenas na percepção do paciente. No segundo, as modificações são reais. Os casos dessa natureza ocorrem facilmente com médiuns de efeitos físicos. Atualmente os parapsicólogos procuram explicar esses fenômenos como *ação da mente sobre a matéria*, com a denominação técnica de *psicocinesia*. Também neste campo a tese espírita permanece e a Ciência vai aos poucos se reaproximando dela. René Sudre, anti-espírita irredutível, ainda recentemente, no seu “Tratado de Parapsicologia”, anota o seguinte: “A



descoberta dos elétrons materiais leva-nos mais ou menos à teoria newtoniana da emissão. Eis, pois, que o fluido reaparece no próprio coração da Física contemporânea.”

\*

#### 4 - MÉDIUNS CURADORES

##### (O Livro dos Médiuns, Cap. XIV – itens 175/176)

175. Somente para mencioná-la, trataremos aqui desta variedade de médiuns, porque o assunto exigiria demasiado desenvolvimento para o nosso esquema. Estamos, aliás, informados de que um médico nosso amigo se propõe a tratá-la numa obra especial sobre a medicina intuitiva. Diremos apenas que esse gênero da mediunidade consiste principalmente no dom de curar por simples toques, pelo olhar ou mesmo por um gesto, sem nenhuma medicação. Certamente dirão que se trata simplesmente de magnetismo. É evidente que o fluido magnético exerce um grande papel no caso. Mas, quando se examina o fenômeno com o devido cuidado, facilmente se reconhece a presença de mais alguma coisa.

A magnetização comum é uma verdadeira forma de tratamento, com a devida seqüência, regular e metódica. No caso referido, as coisas se passam de maneira inteiramente diversa. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, se souberem cuidar do assunto convenientemente. Mas entre os médiuns curadores a faculdade é espontânea, e às vezes a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. A intervenção de uma potência oculta que caracteriza a mediunidade, torna-se evidente em certas circunstâncias. E o é, sobretudo, quando consideramos que a maioria das pessoas qualificáveis como médiuns curadores recorrem à prece que é uma verdadeira evocação. (Ver o nº. 131).

176. Eis as respostas que obtivemos dos Espíritos, a perguntas feitas a respeito:

1. – Podemos considerar as pessoas dotadas de poder magnético como formando uma variedade mediúnica? - Não podes ter dúvida alguma.

2. – Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e os homens, mas o magnetizador, tirando sua força de si mesmo, não parece servir de intermediário a nenhuma potência estranha. – É uma suposição errônea. A força magnética pertence ao homem, mas é aumentada pela ajuda dos Espíritos a que ele apela. Se magnetizas para curar, por exemplo, e evocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo doente, ele aumenta a sua força e a tua vontade, dirige os teus fluidos e lhes dá as qualidades necessárias. (**Nota de J.Herculano:** A ação dos Espíritos é que realmente dá eficácia curadora ao magnetismo humano. Preste-se atenção à dinâmica do auxílio espiritual, revelada nessa esclarecedora resposta.).

3. – Há, porém, excelentes magnetizadores que não acreditam nos Espíritos. - Pensas então, que os Espíritos só agem sobre os que crêem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados pelos Espíritos bons. Todo homem que aspira ao bem os chama sem o perceber, da mesma maneira que, pelo desejo do mal e pelas más intenções chamará os maus.

4. – O magnetizador que acreditasse na intervenção dos Espíritos agiria com maior eficiência? – Faria coisas que seriam consideradas milagres.

5. – Algumas pessoas têm realmente o dom de curar por simples toques, sem o emprego dos passes magnéticos? – Seguramente. Não tens tantos exemplos?

6. – Nesses casos trata-se de ação magnética ou somente de influência dos Espíritos? – Uma e outra. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, pois agem sob a influência dos Espíritos, mas isso não quer dizer que sejam quais médiuns escreventes, como o entendes.

7. – Esse poder é transmissível? – O poder, não, mas sim o conhecimento do que se necessita para exercê-lo, quando se o possui. Há pessoas que nem suspeitariam ter esse poder se não pensarem que ele lhe foi transmitido. (**Nota de J. Herculano:** Os Espíritos colocam aqui um problema comum de psicologia. Há magnetizadores e médiuns, hipnotizadores e sujeitos paranormais que só acreditam em suas faculdades se as desenvolvem sob a ação de outras pessoas. Trata-se de falta de confiança em si mesmas e não de poder das outras pessoas, que muitas vezes se julgam poderosas. Ilusão muito freqüente dos que se dizem capazes de desenvolver a mediunidade dos outros.)

8. – Podem-se obter curas apenas pela prece? – Sim, às vezes Deus o permite. Mas talvez o bem do doente esteja em continuar sofrendo, e então se pensa que a prece não foi ouvida.

9. – Existem fórmulas de preces mais eficazes do que outras, para esse caso? – Só a superstição pode atribuir virtudes a certas palavras. E somente os Espíritos ignorantes ou mentirosos podem entreter essas idéias, prescrevendo fórmulas. Entretanto, pode acontecer que para pessoas pouco esclarecidas e incapazes de entender as coisas puramente espirituais, o emprego de uma fórmula contribua para lhes infundir confiança. Nesse caso, a eficácia não é da fórmula, mas da fé que foi aumentada pela crença no uso da fórmula.

\*

## 5 - OS FLUIDOS

(A Gênese. Allan Kardec. Ed. LAKE, SP. Tradução de Victor Tollen-  
dal Pacheco. Apresentação e notas de J. Herculano Pires. 21ª. Ed. 2.003).

**I. Natureza e propriedades dos fluidos:** Elementos fluídicos. – Formação e propriedades do perispírito. – Ação dos Espíritos sobre os fluidos; criações fluídicas; fotografia do pensamento. – Qualidades dos fluidos.

**II – Explicação de alguns fenômenos considerados como sobrenaturais:** Vista espiritual ou psíquica; dupla vista; sonambulismo. – Sonhos. – Catalepsias; ressurreições. – Curas. – Aparições; transfigurações. – Manifestações materiais; mediunidade. – Obsessões e possessões.

### NATUREZA E PROPRIEDADES DOS FLUIDOS

#### Elementos fluídicos

1. A ciência deu a chave dos milagres que mais particularmente derivam do elemento material, seja explicando-os, seja demonstrando sua impossibilidade, segundo as leis que regem a matéria; porém, os fenômenos nos quais o elemento espiritual tem parte preponderante, não podendo ser explicados unicamente pelas leis da matéria, escapam às investigações da ciência: é por isso que eles têm, mais que outros, os caracteres **aparentes** do maravilhoso. É, pois, nas leis que regem a vida espiritual que se pode encontrar a chave dos milagres dessa categoria.

2. O fluido cósmico universal, como já foi demonstrado, é a matéria elementar primitiva, da qual as modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da natureza (Cap. X). Como princípio elementar universal, oferece dois estados distintos: o de eterização ou de imponderabilidade, que se pode considerar como estado normal primitivo, e o de materialização ou de ponderabilidade, que é, de certa maneira, consecutivo àquele. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível; porém, ainda neste assunto, não há transição brusca, pois pode-se considerar nossos fluidos imponderáveis como um termo médio entre os dois estados (Cap. VI, ns. 10 e seguintes).

Cada um desses estados necessariamente dá lugar a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os do mundo visível, e ao primeiro os do mundo invisível. Uns, chamados **fenômenos materiais**, são da alçada da ciência propriamente dita; os outros, qualificados de **fenômenos espirituais** ou **psíquicos**, pois que se ligam especialmente à existência dos Espíritos, estão na atribuição do Espiritismo; porém, como a vida espiritual e a vida corporal estão em incessante contato, os fenômenos dessas duas ordens se apresentam freqüentemente ao mesmo tempo. O homem, no estado encarnado não pode ter a percepção senão dos fenômenos psíquicos que se ligam à vida corporal; os que são do domínio exclusivo da vida espiritual escapam a seus sentidos materiais, e não podem ser percebidos senão no estado de Espírito. (A denominação de fenômeno **psíquico** exprime mais exatamente o pensamento que fenômeno **espiritual**, visto que tais fenômenos repousam sobre as propriedades e os atributos da alma, ou, melhor, dos fluidos perispirituais que são inseparáveis da alma. Essa qualificação os liga mais intimamente à ordem dos fatos naturais regidos por leis; pode-se, pois, admiti-los como efeitos físicos, sem os admitir a título de milagres.)

3. No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme: sem cessar de ser etéreo, passa por modificações tão variadas em seu gênero, e mais numerosas talvez, do que no estado de matéria tangível. Tais modificações constituem fluidos distintos que, se bem sejam procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais, e dão lugar aos fenômenos particulares do mundo invisível.

Uma vez que tudo é relativo, esses fluidos têm para os Espíritos, que em si mesmo são fluídicos, uma aparência material tanto quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados, e são para eles o que para nós são as substâncias do mundo terrestre; eles as elaboram, as combinam para produzir efeitos determinados como o fazem os homens com seus materiais, embora usando processos diferentes.

Porém ali, como aqui em baixo, não é dado a todos os Espíritos compreender o papel dos elementos constitutivos de seu mundo – apenas aos mais esclarecidos. Os ignorantes do mundo invisível são também incapazes de explicar a si mesmos os fenômenos dos quais são testemunhas, e aos quais concorrem freqüentemente de modo maquinal, assim como os ignorantes da Terra o são de explicar os efeitos da luz ou da eletricidade ou de dizer como os vêem e ouvem.

4. Os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam a nossos instrumentos de análise e à percepção de nossos sentidos, feitos para a matéria tangível e não para a matéria etérea. Parte deles pertence a um meio de tal modo diferente do nosso, que não podemos apreciá-los senão através de comparações tão imperfeitas quanto as que permitissem a um cego de nascença procurar fazer para si uma idéia da teoria das cores.

Porém de tais fluidos, alguns são intimamente ligados à vida corporal, e de alguma maneira pertencem ao meio terrestre. Não sendo possível sua percepção direta, podem-se observar seus efeitos, tal como se podem observar os do fluido do ímã, embora não seja visível; pode-se mesmo adquirir sobre sua natureza conhecimentos de certa exatidão. Esse estudo é essencial, pois é a chave de uma quantidade de fenômenos inexplicáveis unicamente pelas leis da matéria.

5. O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, do qual nada pode dar uma idéia; o ponto oposto é a sua transformação em matéria tangível. Entre os dois extremos existem inúmeras transformações, as quais se aproximam mais ou menos de uma ou de outra. Os fluidos mais próximos da materialidade e, por conseguinte, os menos puros, compõem aquilo que se pode chamar **atmosfera espiritual terrestre**. É nesse meio, onde se encontram, igualmente, diferentes graus de pureza, que os Espíritos encarnados ou desencarnados da Terra extraem os elementos necessários à economia de sua existência. Esses fluidos, embora sutis e impalpáveis para nós, não deixam de ser de natureza grosseira, em comparação aos fluidos etéreos das regiões superiores.

O mesmo acontece na superfície de todos os mundos, ressalvadas as diferenças de constituição e as condições de vitalidade próprias de cada um. Quanto menos a vida ali for material, mais os fluidos espirituais terão afinidade com a matéria propriamente dita.

A qualificação de fluidos espirituais não é rigorosamente exata, pois que, em definitivo, trata-se sempre de matéria mais ou menos quintessenciada. Nada há de realmente espiritual senão a alma ou princípio inteligente. Eles são assim designados por comparação, e, sobretudo, em razão de sua afinidade com os Espíritos. Pode-se dizer que é a matéria do mundo espiritual: é por isso que são chamados **fluidos espirituais**.

6. Quem conhece, aliás, a constituição íntima da matéria tangível? Talvez ela não seja compacta, senão em relação a nossos sentidos, o que seria provado com a facilidade com que ela é atravessada pelos fluidos espirituais e pelos Espíritos, aos quais ela não opõe mais obstáculo que os corpos transparentes em relação à luz.

A matéria tangível, tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo, **ao desagregar-se**, deve poder voltar ao estado de eterização, assim como o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatizar-se num gás impalpável. **A solidificação da matéria, na realidade, não passa de um estado transitório do fluido universal, o qual pode voltar ao seu estado primitivo quando as condições de coesão cessam de existir.**

Quem sabe se, mesmo no estado de tangibilidade, a matéria não é suscetível de adquirir uma espécie de eterização que lhe confira propriedades particulares? Certos fenômenos, que parecem ser autênticos, tenderiam a tal suposição. Ainda não possuímos senão as balizas do mundo invisível, e o futuro nos reserva, sem dúvida, o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender o que para nós ainda é um mistério.

\*

## FORMAÇÃO E PROPRIEDADES DO PERISPÍRITO

7. O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos produtos mais importantes do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou **alma**. Já vimos que o corpo carnal tem igualmente seu princípio nesse mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível; no perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente; pois o fluido conserva sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o corpo carnal, pois, têm sua fonte no mesmo elemento primitivo; um e outro são matéria, embora sob dois estados diversos.

8. Os Espíritos extraem seu perispírito do ambiente onde se encontram, o que quer dizer que esse envoltório é formado dos fluidos ambientais; daí resulta que os elementos constitutivos do perispírito devem variar segundo os mundos. Sendo Júpiter indicado como um mundo muito adiantado, em relação com a Terra, onde a vida corporal não tem a materialidade da nossa, os envoltórios perispirituais ali devem ser de uma natureza infinitamente mais quintessenciada que na nossa Terra. Ora, do mesmo modo que não poderíamos existir naquele mundo com nosso corpo carnal, nossos Espíritos ali não poderão penetrar com seu perispírito terrestre. Ao deixar a Terra, o Espírito aí deixa seu envoltório fluídico, e reveste um outro, apropriado ao mundo onde deve ir.

9. A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudá-lo à sua vontade e, por conseguinte, não podem se transportar, à vontade, de um mundo para outro. É o caso em que o envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável em relação à matéria tangível, ainda é muito pesado, se assim se pode exprimir, em relação ao mundo espiritual, para lhes permitir saírem de seu ambiente. Será preciso classificar nesta categoria aqueles cujo perispírito é bastante grosseiro para que eles o confundam com o corpo carnal, e que, por esta razão, acreditam estar sempre vivos. Estes Espíritos, cujo número é grande, permanecem na superfície da Terra, tal como os encarnados, acreditando sempre ocupar-se com o que estão habituados; outros, um pouco mais desmaterializados, entretanto não são o suficiente para se elevar acima das regiões terrestres. (Exemplos de espíritos que ainda crêem estar neste mundo: “**Revue Spirite**”, dez. 1859, pág. 310; nov. 1864, pág. 338, abril; 1865, pág. 117).

Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores e mesmo aí se encarnar. Dos elementos constitutivos do mundo em que entram eles extraem os materiais do envoltório fluídico ou carnal, apropriado ao ambiente onde se encontram. Fazem como o grande senhor que deixa suas belas roupas para vestir-se momentaneamente com trajes plebeus, sem que por isso deixe de ser o grande senhor.

É assim que Espíritos das ordens mais elevadas podem se manifestar aos habitantes da Terra, ou encarnar-se entre eles, em missão. Tais espíritos trazem consigo, não o envoltório, mas a lembrança por intuição das regiões de onde provém, e que vêem no pensamento. São como videntes no meio de cegos.

10. A camada dos fluidos espirituais que rodeiam a Terra pode ser comparada às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras que as camadas superiores. Esses fluidos não são homogêneos; são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais se encontram necessaria-

mente as moléculas elementares que lhe formam a base mais ou menos alteradas. Os efeitos produzidos por tais fluidos estarão na razão da quantidade das partes puras que encerram. Tal é, por comparação, o álcool retificado ou o misturado, em diferentes proporções, com a água ou outras substâncias; sua densidade específica aumenta por efeito da mistura, ao mesmo tempo que sua inflamabilidade, diminui, se bem que no todo haja álcool puro.

Os Espíritos chamados a viver naquele meio, dele extraem seu perispírito; mas, **conforme seja o próprio Espírito mais ou menos purificado, seu perispírito se forma de partes mais puras ou mais grosseiras do fluido próprio ao mundo no qual se encarna.** O Espírito ali produz, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reativo químico que atrai a ele as moléculas assimiláveis à sua natureza.

Daí resulta um **fato capital**: que **a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço circundante.** O mesmo já não se dá com o corpo carnal que, conforme tem sido demonstrado, é formado dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Por isso, em todos, os efeitos produzidos pelo corpo são os mesmos, as necessidades semelhantes, enquanto que diferem em tudo quanto é relativo ao perispírito.

Também resulta que: **o envoltório perispiritual do mesmo Espírito se modifica com o progresso moral dele, em cada encarnação, mesmo que o faça no mesmo ambiente; que os Espíritos superiores, encarnando-se, excepcionalmente em missão, num mundo inferior, têm um perispírito menos grosseiro que o dos nativos deste mundo.**

11. O meio está sempre em relação com a natureza dos seres que aí devem viver; os peixes estão na água; os seres terrestres estão no ar; os seres espirituais estão no fluido etéreo ou espiritual, mesmo sobre a Terra. **O fluido etéreo é para as necessidades do Espírito, o que a atmosfera é para as necessidades dos encarnados.** Ora, da mesma forma que os peixes não podem viver no ar; que os animais terrestres não podem viver numa atmosfera demais rarefeita para seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais eterizados. Eles não morreriam ali, pois o Espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém afastados, como nos afastamos de um fogo muito ardente ou de uma luz muito brilhante. Eis porque não podem sair do ambiente apropriado à sua natureza; para mudarem de meio, deverão primeiramente mudar sua natureza; terão que se despojar de seus instintos materiais, que os retêm em seus ambientes materiais; numa palavra, terão que se depurar e se transformar moralmente; então, gradualmente, eles se identificarão com um ambiente mais purificado, o que se torna para eles uma necessidade, da maneira gradual como sucede com os olhos de alguém que tenha vivido por muito tempo nas trevas, se habitua insensivelmente à luz do dia e ao esplendor do sol.

12. Assim, tudo se liga no Universo, tudo se encadeia; tudo está submetido à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a materialidade mais compacta até a espiritualidade mais pura. A Terra é como um vaso do qual se evola uma fumaça espessa, a qual clareia à medida que sobe, e cujas parcelas rarefeitas se perdem no espaço infinito.

O poder divino brilha em todas as partes desse grandioso conjunto, e ainda se poderia querer que, para melhor atestar seu poder, Deus, não contente com o que fez, viesse perturbar essa harmonia! Que se rebaixasse ao papel de mágico, a fim de produzir pueris efeitos dignos de um prestidigitador! E ousa-se, ainda por cima, dar-lhe por rival o próprio Satanás! Jamais, na verdade, nunca se rebaixou tanto a majestade divina, e ainda se admiram de que a incredulidade aumente!

Tendes razão em dizer: “A fé se acaba!” Porém é a fé em tudo o que choca o bom senso e a razão, que se extingue; a fé idêntica àquela que antes fazia dizer: “Vão-se os deuses!” Porém a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade, está sempre viva no coração do homem, e se ela foi abafada sob as pueris histórias com que a sobrecarregaram, ela se eleva mais forte desde que seja desembaraçada desses inúteis acréscimos, como a planta comprimida se eleva desde que revê o sol!

Sim, tudo é milagre na Natureza, pois que tudo é admirável e dá testemunho da sabedoria divina! Estes milagres existem para todos os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, e não para vantagem de alguns. Não! Não há milagres no sentido que se atribui a essa palavra, pois que tudo ressalta das leis eternas da criação, dado que essas leis são perfeitas.

### **Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas.**

#### **Fotografia do pensamento.**

13. Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal são, falando de modo apropriado, a atmosfera dos seres espirituais; são o elemento do qual extraem os materiais sobre os quais operam; é o ambiente no qual se passam os fenômenos especiais, perceptíveis pela visão e audição do Espírito, e que escapam aos sentidos impressionados unicamente pela matéria tangível; onde se forma esta luz particular ao mundo espiritual, diferente da luz ordinária por sua causa e por seus efeitos; é enfim veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

14. Os Espíritos agem sobre os fluidos espirituais, não que os manipulem como os homens manipulam os gases, mas com o auxílio do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos aquilo que a mão é para o homem. Pelo pensamento eles imprimem a tais fluidos esta ou aquela direção; eles os aglomeram, os combinam ou os dispersam; formam com esses materiais, conjuntos que tenham uma aparência, uma forma, uma cor determinadas; mudam suas propriedades como um químico altera as propriedades dos gases ou de outros corpos, combinando-os, segundo determinadas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações são resultado de uma intenção; frequentemente, são o produto de um pensamento inconsciente; basta ao Espírito pensar numa coisa para que tal coisa se produza, assim como basta modular uma ária para que a música repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta perante um encarnado dotado de visão psíquica, sob as aparências que tinha quando vivia na época em que os conheceram, mesmo que isso se dê depois de diversas encarnações. Apresenta-se com as roupas, os sinais exteriores – enfermidades, cicatrizes, membros

amputados, etc. – que tinha então; um decapitado se apresentará com falta de cabeça. Não se diga que ele conservou tais aparências; não, certamente, pois, como Espírito, não é coxo, nem maneta, nem decapitado; mas seu **pensamento** entrando em relação com a época em que isto se dava, seu perispírito toma instantaneamente aquela forma, a qual também deixa instantaneamente, desde que o pensamento cesse de agir. Se, pois, ele foi uma vez negro e outra vez branco, apresentar-se-á como negro ou como branco, segundo qual das duas encarnações será evocado, e à qual reportará seu pensamento.

Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos dos quais tem o hábito de se servir; um avaro manejará o ouro, um militar terá suas armas e seu uniforme, um fumante, seu cachimbo, um trabalhador, seu arado e seus bois, uma mulher tecelã, seus aparelhos de fiar. Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito, o qual é fluídico também, como o eram no estado material para o homem vivente; porém, pela mesma razão de que são criados pelo pensamento, sua existência é também fugidia como o pensamento. (*Revue Spirite*, julho de 1859, pág. 184. – *O Livro dos Médiuns*, cap. VIII).

15. Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os mesmos como o som atua sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, com toda a verdade, que em tais fluidos há ondas e raios de pensamentos, os quais se cruzam sem se confundir, como no ar há ondas e raios sonoros.

Há mais: O pensamento cria **imagens fluídicas**, e se reflete no envoltório perispiritual como num espelho; o pensamento toma corpo e aí se **fotografa** de alguma forma. Tenha um homem, por exemplo, a idéia de matar outro; embora seu corpo material esteja impassível, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento, do qual reproduz todas as variações; executa fluidicamente o gesto, o ato que tem o desígnio de cumprir; o pensamento cria a imagem da vítima, e a cena inteira se pinta, como em um quadro, tal como está em seu espírito.

É assim que os movimentos mais secretos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma pode ler em outra alma como num livro, e ver o que não é perceptível pelos olhos do corpo. Todavia, vendo a intenção, pode pressentir a realização do ato que se lhe seguirá, porém não pode determinar o momento em que ele se realizará, nem precisar seus detalhes, nem mesmo afirmar se ele virá a realizar-se, pois as circunstâncias ulteriores podem modificar os planos e mudar as disposições. Ela não pode ver aquilo que ainda não está no pensamento; o que ela vê, é a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus.

### Qualidade dos fluidos

16. A ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais tem conseqüências de importância direta e capital para os encarnados. Desde o instante em que tais fluidos são o veículo do pensamento e que o pensamento lhes pode modificar as propriedades, é evidente que eles devem estar impregnados das qualidades boas ou más dos pensamentos que os colocam em vibração, modificados pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável. Os fluidos que rodeiam ou que projetam os maus Espíritos são, pois, viciados, enquanto que aqueles



que recebem a influência dos bons Espíritos são tão puros quanto o permite o grau de perfeição moral deles.

17. Seria impossível fazer uma enumeração ou classificação dos bons ou maus fluidos, nem especificar suas qualidades respectivas, tendo em vista que sua diversidade é tão grande quanto a dos pensamentos.

Os fluidos não têm qualidades **sui generis** (de sua espécie; que caracteriza exclusivamente alguma coisa ou alguém), mas sim as que adquirem no meio onde se elaboram; modificam-se pelos eflúvios desse meio, como o ar pelas exalações, a água pelos sais das camadas que atravessa. Segundo as circunstâncias, essas qualidades são como o ar e a água, temporárias ou permanentes, o que as torna mais especialmente próprias à produção de tais ou quais efeitos determinados.

Os fluidos tampouco têm denominações especiais; como os odores, são designados por suas propriedades, seus efeitos e seu tipo original. Sob o ponto de vista moral, trazem a impressão dos sentimentos do ódio, da inveja, do ciúme, do orgulho, do egoísmo, da violência, da hipocrisia, da bondade, da benevolência, do amor, da caridade, da doçura, etc.; sob o ponto de vista físico, são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, soporíficos (que fazem dormir), narcóticos (entorpecedores; que reduzem o nível de vigília ou diminuição da sensibilidade), tóxicos (que provocam intoxicação ou envenenamento), reparadores, expulsivos; tornam-se força de transmissão, de propulsão, etc. O quadro dos fluidos seria, pois, o de todas as paixões, virtudes e vícios da humanidade, e o das propriedades da matéria, correspondentes aos efeitos que produzem.

18. Sendo os homens Espíritos encarnados, têm, em parte, as atribuições da vida espiritual, pois vivem essa vida no sono, e freqüentemente no estado de vigília. O Espírito, ao encarnar-se, conserva seu perispírito com as qualidades que lhe são próprias, e que, como se sabe, não é circunscrito ao corpo, porém, irradia-se em derredor, envolvendo-o como uma atmosfera fluídica.

Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha um papel preponderante no organismo; por sua expansão, coloca o Espírito encarnado em relação mais direta com os Espíritos livres e também com os Espíritos encarnados.

O pensamento do Espírito encarnado age sobre os fluidos espirituais como, também, o dos Espíritos desencarnados; transmite-se de Espírito a Espírito, pela mesma via, e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos circundantes.

Se os fluidos ambientes são modificados pela projeção dos pensamentos do Espírito, seu envoltório perispiritual, que é parte constitutiva de seu ser, que recebe diretamente e de maneira permanente a impressão de seus pensamentos, deve mais ainda receber a impressão de suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelos eflúvios dos maus Espíritos podem se purificar pelo afastamento deles, mas seu perispírito será sempre aquilo que é, enquanto o Espírito não se modificar por si mesmo.

O perispírito dos encarnados é de natureza idêntica à dos fluidos espirituais, e por isso os assimila com facilidade, como a esponja se embebe de líquido. Esses fluidos têm sobre o perispírito uma ação tanto mais direta, quanto, por sua expansão e por sua irradiação, o perispírito com eles se confunde.

Tais fluidos agem sobre o perispírito, e este, por sua vez, reage sobre o organismo material com o qual está em contato molecular. Se os seus eflúvios forem de boa natureza, o corpo recebe uma impressão salutar; se forem maus, a impressão é penosa; se os fluidos maus forem permanentes e enérgicos, poderão determinar desordens físicas: certas moléstias não têm outra causa senão esta.

Os ambientes nos quais abundam os maus Espíritos são, pois, impregnados de maus fluidos que as pessoas absorvem por todos os poros perispirituais, tal como se absorvem pelos poros do corpo os miasmas pestilenciais.

19. Assim se explicam os efeitos que se produzem nos lugares de reunião. Uma assembléia é um foco onde se irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada um produz sua nota. Daí resulta uma multidão de correntes e de eflúvios fluídicos, dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro de música cada um recebe a impressão dos sons, pelo sentido da audição.

Porém, assim como há raios sonoros harmônicos ou discordantes, há também pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto for harmonioso, a impressão é agradável; se for discordante, a impressão é penosa. Ora, para tal, não é necessário que o pensamento seja expresso em palavras; a irradiação fluídica nem por isso é menor, quer seja expressa ou não.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta em uma reunião simpática, animada por bons pensamentos e de benevolência; ali reina uma atmosfera moral salubre, onde se respira à vontade; dali se sai reconfortado, pois que as pessoas são impregnadas de eflúvios fluídicos salutareos; porém, se ali se misturam pensamentos maus, produzem o efeito de uma corrente de ar gelado num ambiente cálido, ou de uma nota desafinada num concerto. Assim se explicam também a ansiedade, o mal-estar indefinível que se sente num ambiente antipático, onde pensamentos de malquerença provocam como que correntes de ar mal cheiroso.

20. O pensamento produz, pois, uma espécie de efeito físico, que reage sobre o moral; é isso que unicamente o Espiritismo poderia fazer compreender. O homem o sente instintivamente, pois que procura as reuniões homogêneas (que tem grande identidade, comunhão de idéias ou de sentimentos) e simpáticas, onde sabe que pode absorver novas forças morais; poder-se-ia dizer que ele ali recupera as perdas fluídicas que sofre a cada dia pela irradiação do pensamento, assim como recupera, através dos alimentos, as perdas do corpo material. É que, efetivamente, o pensamento é uma emissão que ocasiona perdas reais nos fluidos espirituais, e, por conseguinte, nos fluidos materiais, de tal sorte que o homem tem necessidade de se retemperar nos eflúvios que recebe de fora.

Quando se diz que um médico cura seu paciente com boas palavras, estamos expondo uma verdade absoluta, pois o pensamento benfazejo traz consigo fluidos reparadores que atuam sobre o físico tanto como sobre o moral.

21. Dir-se-á que se podem evitar os homens mal intencionados; porém, como subtrair-se à influência dos maus Espíritos que pululam em nosso derredor e se insinuam por toda a parte sem ser vistos?

O meio é muito simples, pois depende da vontade do próprio homem, que traz em si mesmo o preservativo necessário. Os fluidos se unem em razão da semelhança de sua natureza; os fluidos dessemelhantes se repelem; há incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o azeite e a água.

Que se faz então, quando o ar está viciado? Saneamo-lo, o purificamos, destruindo o foco dos miasmas, combatendo os eflúvios malsãos por correntes mais fortes de ar salubre. À invasão dos maus fluidos, pois, é preciso opor os bons fluidos; e, como cada um tem em seu próprio perispírito uma fonte fluídica permanente, trazemos o remédio em nós mesmos; trata-se de purificar esta fonte e dar-lhe tais qualidades, que sejam um verdadeiro **repulsor** para as más influências, em lugar de ser para elas uma força de atração. O perispírito é, pois, uma couraça à qual é preciso dar a melhor têmpera possível; ora, como as qualidades do perispírito estão em razão das qualidades da alma, será preciso trabalhar em sua própria melhoria, pois são as imperfeições da alma que atraem os maus Espíritos.

As moscas se dirigem para onde haja focos de corrupção que as atraem; destruídos tais focos, as moscas desaparecerão. Da mesma forma os maus Espíritos vão onde o mal os atrai; destruí o mal, e eles se afastarão. **Os Espíritos realmente bons, encarnados ou desencarnados, nada têm a temer da influência dos maus Espíritos.**

\*

## EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FATOS CONSIDERADOS COMO SOBRENATURAIS

**Vista espiritual, ou psíquica; vista dupla;**

**Sonambulismo; sonhos.**

22. O perispírito é o traço de união entre a vida corporal e a vida espiritual; é por ele que o Espírito encarnado está em contínua relação com os Espíritos; é por ele, enfim, que se realizam no homem fenômenos especiais que não têm sua causa originária na matéria tangível, e que, por esta razão, parecem ser sobrenaturais.

É nas propriedades e na irradiação do fluido perispiritual, que se deve procurar a causa da **vista dupla**, ou **vista espiritual**, a que também se pode chamar **vista psíquica**; muitas pessoas são dela dotadas, freqüentemente sem o saber, assim como da vista sonambúlica.

O perispírito é o **órgão sensitivo** do Espírito; é por seu intermédio que o Espírito encarnado tem a percepção das coisas espirituais, que escapam aos sentidos carnis. Pelos órgãos do corpo: a vista, o ouvido, as diversas sensações são localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, ou **psíquico**, elas são generalizadas; o Espírito vê, ouve e sente por todo o seu ser, o que está na esfera da irradiação de seu fluido perispiritual.

Esses fenômenos, no homem, são a manifestação da vida espiritual; é a alma que age fora do organismo. Na dupla vista, ou percepção pelo sentido psíquico, ele não vê pelos olhos do corpo; se bem que freqüentemente, por hábito, ele os dirige para o ponto sobre o qual se dirige sua atenção; ele vê pelos olhos da alma,

e a prova está em que vê tudo, igualmente bem, com os olhos fechados, e além do alcance do raio visual; ele lê o pensamento figurado no raio fluídico (n. 15). (Fatos de dupla vista e de lucidez sonambúlica relatados na “**Revue Spirite**”: janeiro de 1858, pág. 25; novembro de 1858, pág. 213; julho de 1861, pág. 197; novembro de 1865, pág. 352.)

23. Embora, durante a vida, o Espírito seja **fixado** ao corpo pelo perispírito, não é tão escravo, que não possa alongar sua corrente e se transportar ao longe, seja sobre a Terra, seja sobre qualquer ponto do espaço. O Espírito está preso ao corpo, contra sua vontade, pois que sua vida normal é a liberdade, ao passo que a vida corporal é a do servidor preso à gleba.

O Espírito sente-se, pois, feliz, de deixar seu corpo, assim como o pássaro deixa sua gaiola; serve-se de todas as ocasiões em que sua presença não seja necessária à sua vida de relação. É o fenômeno designado sob o nome de **emancipação da alma**; sempre se realiza durante o sono; todas as vezes em que o corpo repousa e que os sentidos estão na inatividade, o Espírito se livra. (**O Livro dos Espíritos**, capítulo VIII).

Nesses momentos, o Espírito vive a vida espiritual, ao passo que o corpo vive a vida vegetativa: em parte, ele se encontra no estado em que se encontrará após a morte; percorre o espaço, entretém-se com seus amigos e outros Espíritos livres, ou encarnados como ele próprio.

O liame fluídico que o retém ao corpo não é definitivamente rompido senão com a morte; a separação completa não se realiza senão pela extinção absoluta da atividade do princípio vital. Enquanto o corpo vive, o Espírito, embora possa estar a alguma distância, ali é instantaneamente trazido de volta, desde que sua presença seja necessária; então, retoma o curso de sua vida de relação. Algumas vezes, ao acordar, conserva de suas peregrinações uma lembrança, uma imagem mais ou menos exata, o que constitui o sonho; em todo o caso, traz intuições que lhe sugerem idéias e pensamentos novos, e justificam o provérbio: a noite é boa conselheira.

Assim se explicam, igualmente, certos fenômenos característicos: do sonambulismo natural e magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase, etc., e que nada mais são senão manifestações da vida espiritual. (Exemplos de letargia e catalepsia: “**Revue Spirite**”, Madame Schwabenhau, setembro de 1858, pág. 255; A jovem cataléptica da Suabia, janeiro de 1866, pág. 18).

24. Se a vista espiritual não se efetua pelos olhos do corpo é porque a percepção das coisas espirituais não se realiza pela ação da luz comum: com efeito, a luz material é feita para o mundo material; para o mundo espiritual existe uma luz especial cuja natureza nos é desconhecida, mas que sem dúvida é uma das propriedades do fluido etéreo afetado pelas percepções visuais da alma. Há, pois, luz material e luz espiritual. A primeira tem focos circunscritos aos corpos luminosos; a segunda tem seu foco por toda a parte: esta é a razão pela qual não há obstáculos à vista espiritual; ela não é detida pela distância, nem pela opacidade da matéria; a obscuridade não existe para ela. O mundo espiritual é, portanto, clareado pela luz espiritual, que tem seus efeitos próprios, como o mundo material é iluminado pela luz solar.

25. A alma, envolvida pelo seu perispírito traz, assim, em si mesma, seu princípio luminoso; penetrando a matéria por força de sua essência etérea não há corpos opacos à sua vista.

Entretanto, a vista espiritual não tem a mesma extensão nem a mesma penetração em todos os Espíritos; unicamente os Espíritos puros a possuem em todo seu poder; com os Espíritos inferiores, ela é enfraquecida pela relativa materialidade do perispírito, que se interpõe como uma espécie de bruma.

Ela se manifesta em diferentes graus nos Espíritos encarnados, pelo fenômeno de segunda vista (dupla vista), seja no sonambulismo natural ou magnético, seja no estado de vigília. Segundo o grau de potência da faculdade, diz-se que a lucidez é maior ou menor. É com o auxílio dessa faculdade que certas pessoas vêem o interior do organismo e descrevem a causa das moléstias.

26. A vista espiritual dá, pois, percepções especiais que, não tendo por sede os órgãos materiais, funcionam sob condições inteiramente diferentes de todas as demais condições da vida corporal. Por esta razão, não se podem atingir efeitos idênticos e experimentá-la segundo os mesmos processos. Seu desempenho se dá fora do organismo e ela tem uma mobilidade que frustra todas as previsões. É preciso estudá-la em seus efeitos e em suas causas, e não por assimilação com a vista comum, à qual não é destinada a completar, salvo casos excepcionais, aos quais não se pode tomar como regra.

27. A vista espiritual é necessariamente incompleta e imperfeita nos Espíritos encarnados e, por conseguinte, sujeita a aberrações. Tendo sua sede na própria alma, o estado desta deve influir sobre as percepções que ela proporciona. Segundo o grau de seu desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, ela pode dar, seja no sono, seja no estado de vigília: 1º) a percepção de certos fatos materiais, reais, como o conhecimento de acontecimentos que se passam ao longe, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma moléstia e os remédios convenientes; 2º) a percepção de coisas igualmente reais do mundo espiritual, como a visão de Espíritos; 3º) percepção de imagens fantásticas criadas pela imaginação, análogos às criações fluídicas do pensamento (Ver neste Capítulo, nº. 14). Tais criações estão sempre em relação com as disposições morais do Espírito que as concebe. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas e preocupadas com certas crenças religiosas lhes apresenta o inferno, suas fornalhas, suas torturas e seus demônios, tais como as próprias pessoas os representam: às vezes é toda uma epopéia; os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro, assim como os cristãos vêem o inferno e o paraíso. Se, ao acordar, ou ao sair do êxtase, tais pessoas conservam uma recordação exata de suas visões, elas as tomam como realidades e confirmações de suas crenças, embora isso não passe de um produto de seus próprios pensamentos. (É assim que se podem explicar as visões da irmã Elmerich, a qual, reportando-se ao tempo da paixão do Cristo, diz ter visto coisas materiais que jamais existiram, senão nos livros que ela leu; as de Madame Cantanille (“**Revue Spirite**”, agosto de 1866, pág. 240), e uma parte das de Swedenborg). Há, pois, a necessidade de se fazer uma escolha (avaliação) muito rigorosa nas visões extáticas, antes de aceitá-las. O remédio da demasiada credulidade, sob este ponto de vista, é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

28. Os sonhos propriamente ditos apresentam as três naturezas das visões acima descritas. É às duas primeiras que pertencem os sonhos proféticos, pressentimentos e advertências (Ver mais adiante, cap. XVI, Teoria da presciência, ns. 1, 2 e 3.); é no terceiro, isto é, nas criações fluídicas do pensamento, que se podem encontrar a causa de certas imagens fantásticas que nada têm de real em relação à vida material, mas que têm, para o Espírito, uma realidade às vezes tão nítida, que o corpo sofre o contra-golpe, e se tem visto os cabelos embranquecerem sob a impressão de um sonho. Essas criações podem ser provocadas: pelas crenças exaltadas; por recordações retrospectivas; pelos gostos, os desejos, as paixões, o temor, os remorsos; pelas preocupações habituais; pelas necessidades do corpo, ou por um embaraço nas funções do organismo; enfim, por outros Espíritos, com um objetivo benfazejo ou malfazejo, segundo sua natureza. (*Revue Spirite*, junho de 1866, pág. 172; setembro de 1866, pág. 294; *O Livro dos Espíritos*, cap. VIII, nº. 400).

### Catalepsia: ressurreições

29. A matéria inerte é insensível; o fluido perispiritual o é igualmente, mas transmite a sensação ao centro sensitivo que é o Espírito. As lesões dolorosas do corpo repercutem, pois, no Espírito como um choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, do que os nervos parecem ser os fios condutores. É o influxo nervoso dos fisiologistas, que, não conhecendo as relações desse fluido com o princípio espiritual não têm podido explicar todos os efeitos.

A interrupção (do influxo nervoso) pode ter lugar pela separação de um membro ou o seccionamento de um nervo, mas também, parcialmente ou de modo geral, e sem nenhuma lesão, nos momentos de emancipação, de grande superexcitação, ou de preocupação do Espírito. Nessa estado, o Espírito já não cuida mais do corpo, e em sua atividade febril atrai, por assim dizer, a si, o fluido perispiritual, o qual, retirando-se de sua superfície, ali produz uma insensibilidade momentânea. Poderíamos ainda admitir que, em certas circunstâncias, se produza no próprio fluido perispiritual uma modificação molecular que lhe retire temporariamente a propriedade de transmissão. É assim que, no ardor do combate, um militar não percebe ter sido ferido; que uma pessoa cuja atenção esteja concentrada em seu trabalho não ouve o ruído que se faz em seu derredor. É um efeito análogo, porém mais pronunciado, que se realiza com certos sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. Por fim, é assim que se pode explicar a insensibilidade dos convulsionários e de certos mártires (“*Revue Spirite*”, janeiro de 1868; Estudos sobre os Aïssaouas).

A paralisia não tem totalmente a mesma causa: aqui o efeito é todo orgânico; são os próprios nervos, os fios condutores que não são mais aptos à circulação fluídica; são as cordas do instrumento que estão alteradas.

30. Em certos estados patológicos, quando o Espírito não está mais no corpo, e o perispírito não adere a ele senão por alguns pontos, o corpo tem todas as aparências de morto, situação esta verdadeiramente bem descrita quando se diz que a vida está por um fio. Tal estado pode durar por mais ou menos tempo; certas

partes do corpo podem mesmo entrar em decomposição, sem que a vida seja definitivamente extinta. Enquanto o derradeiro fio não for rompido, o Espírito pode ser trazido de volta ao corpo, seja por uma ação enérgica da sua **própria** vontade, seja pelo **influxo fluídico estranho, igualmente poderoso**. Assim se explicam certas prolongações da vida contra toda probabilidade, e certas pretensas ressurreições. É a planta que volta a viver, por vezes com uma só fibrila da raiz; mas quando as últimas moléculas do corpo fluídico são destacadas do corpo carnal, ou quando este último está num grau de degradação irreparável, todo retorno à vida torna-se impossível. (Exemplos: “Revue Spirite”, O Dr. Cardon, agosto de 1863, pág. 251. A mulher de Córsega, maio de 1866, pág. 134).

\*

## CURAS

31. Como vimos, o fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, do qual são transformações. Pela identidade de sua natureza, este fluido, condensado no perispírito, pode fornecer ao corpo os princípios reparadores; o agente propulsor é o Espírito, encarnado ou desencarnado, que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância de seu envoltório fluídico. A cura se opera pela substituição de uma molécula **sã** a uma molécula **malsã**. A potência curadora estará, pois, em razão da pureza da substância inoculada; ela depende ainda da energia da vontade, a qual provoca uma emissão fluídica mais abundante e dá ao fluido uma força maior de penetração; depende, enfim, das intenções que animam aquele que quer curar, **quer seja ele homem ou Espírito**. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são como substâncias médicas alteradas.

32. Os efeitos da ação fluídica sobre os doentes são extremamente variados, segundo as circunstâncias; esta ação é algumas vezes lenta, e reclama um tratamento seguido, como no magnetismo comum; outras vezes é rápida como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder, que operam, sobre certos doentes, curas instantâneas por uma só imposição das mãos ou mesmo por um só ato de vontade. Entre os dois pólos extremos de tal faculdade, há infinitas variações. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e não diferem senão pela potência e a rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo; é o fluido que desempenha o papel de agente terapêutico, e cujo efeito é subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais.

33. A ação magnética pode produzir-se por diversas maneiras:

1º - Pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou **magnetismo humano**, cuja ação é subordinada à potência e, sobretudo, à qualidade do fluido;

2º - Pelo fluido dos Espíritos que atuam diretamente e **sem intermediário** sobre um encarnado, seja para curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o **magnetismo espiritual**, cuja qualidade está em

razão das qualidades do Espírito. (Exemplos: “**Revue Spirite**”, fevereiro de 1863, pág. 64; abril de 1865, pág. 113; setembro de 1865, pág. 264).

3º - Pelo fluido que os Espíritos derramam sobre o magnetizador e ao qual este serve de condutor. É o magnetismo **misto, semi-espiritual** ou, se assim o quisermos, **humano-espiritual**. O fluido espiritual, combinado com o fluido humano, dá a este último as qualidades que lhe faltam. O auxílio dos Espíritos, em tais circunstâncias, é por vezes espontâneo, porém com mais freqüência é provocado pelo apelo do magnetizador.

34. A faculdade de curar pela influência fluídica é muito comum e pode desenvolver-se mediante o exercício; porém a de curar instantaneamente pela imposição das mãos é mais rara, e seu apogeu pode ser considerado como excepcional. Entretanto, tem sido observada em diversas épocas, e em quase todos os povos têm surgido indivíduos que a possuíam em grau elevado. Nestes últimos tempos, tem-se visto diversos exemplos notáveis, cuja autenticidade não pode ser contestada. Dado que estas espécies de curas repousam sobre um princípio natural, e que o poder de as produzir não é um privilégio, é que elas não saem da natureza e apenas têm de miraculosa, a aparência. (Exemplos de curas instantâneas relatadas na “**Revue Spirite**”: o príncipe de Hohenlohe, dezembro de 1866, pág. 368; Jacob, outubro e novembro de 1866, páginas 312 e 345; outubro e novembro de 1867, páginas 306 e 339; Simonet, agosto de 1867, pág. 232; Caid Hassan, outubro de 1867, pág. 303; o Cura Gassner, nov. 1867, pág. 331).

### **Aparições; transfigurações.**

35. O perispírito é invisível para nós em seu estado normal; porém, como é formado de matéria etérea, o Espírito pode, em certos casos, lhe fazer receber, por um ato de sua vontade, uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível. É assim que se produzem as aparições, as quais, como também outros fenômenos, não estão fora das leis da natureza. Este fenômeno não é mais extraordinário que o do vapor, o qual é invisível quando é muito rarefeito, e torna-se visível quando é condensado.

Segundo o grau de condensação do fluido perispiritual, a aparição é algumas vezes vaga e vaporosa; outras vezes é mais nitidamente definida; e outras, enfim, tem todas as aparências da matéria tangível; pode mesmo chegar à tangibilidade real, ao ponto em que se pode duvidar da natureza do ser que temos diante de nós.

As aparições vaporosas são freqüentes, e sucede muitas vezes que indivíduos assim se apresentam às pessoas a quem têm afeição. As aparições tangíveis são mais raras, embora haja delas numerosos exemplos, perfeitamente autênticos. Se o Espírito deseja fazer-se conhecido, dará a seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha enquanto vivia. (**O Livro dos Médiuns**, cap. VI e VII).

36. Deve-se notar que as aparições tangíveis não têm senão as aparências da matéria carnal, porém, não as suas qualidades; em razão de sua natureza fluídica não podem ter a mesma coesão, porque, na realidade, não se trata de carne. Elas



se formam instantaneamente, e do mesmo modo desaparecem, ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. Os seres que se apresentam nestas condições não nascem nem morrem como os outros homens; são vistos, e depois não são vistos mais, sem saber de onde vieram, como vieram, nem onde vão; não se poderia matá-los, nem os acorrentar, nem os prender, pois que não possuem o corpo carnal; os golpes que lhes fossem infligidos o seriam no vácuo.

Tal é o caráter dos **agêneres**, com os quais podemos tratar, sem duvidar do que sejam, mas que jamais demoram por muito tempo, e não podem tornar-se comuns habituais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família.

Aliás, há em toda sua pessoa, em seus ademanos (trejeitos, modos afetados), algo de estranho e de insólito que se relaciona com a materialidade e com a espiritualidade: seu olhar, vaporoso e penetrante ao mesmo tempo, não tem a nitidez do olhar dos olhos da carne; sua linguagem breve e quase sempre sentenciosa (que fala por sentenças, lacônico e grave), nada tem do brilho e da volubilidade (propensão à mudança; variabilidade) da linguagem humana; sua aproximação faz experimentar uma sensação particular indefinível de surpresa, que inspira uma espécie de medo, e embora os tomemos por indivíduos iguais aos demais do mundo, involuntariamente se diz: eis um ser singular. (Exemplo de aparições vaporosas ou tangíveis, e de agêneres: “**Revue Spirite**”, janeiro de 1858, pág. 24; outubro de 1858, pág. 291; fevereiro de 1859, pág. 38; março de 1859, pág. 80; janeiro de 1859, pág. 11; novembro de 1859, pág. 303; agosto de 1859, pág. 210; abril de 1860, pág. 117; maio de 1860, pág. 150; julho de 1861, pág. 199; abril de 1866, pág. 120; o trabalhador Martin, apresentado a Luiz XVII, detalhes completos; dezembro de 1866, pág. 353.

37. O perispírito é o mesmo, nos encarnados e nos desencarnados; por um efeito completamente idêntico, um Espírito encarnado pode aparecer, num momento de liberdade, num outro ponto diferente daquele onde repousa seu corpo, com seus traços habituais e com todos os sinais de sua identidade. Foi este fenômeno, do qual há exemplos autênticos, que motivou a crença dos homens duplos. (Exemplos de aparições de pessoas vivas: “**Revue Spirite**”, dezembro de 1858, págs. 329 e 331; fevereiro de 1859, pág. 41; agosto de 1859, pág. 197; novembro de 1860, pág. 356).

38. Um efeito particular a estas ordens de fenômenos, é de que as aparições vaporosas e mesmo tangíveis não são perceptíveis indistintamente por todas as pessoas; os Espíritos não se mostram senão quando querem, e a quem o desejam. Um Espírito poderia, pois, aparecer numa assembleia a um ou a diversos assistentes e não ser visto por outros. Isso deriva de que tais espécies de percepções se efetuam pela vista espiritual, e não pela vista carnal; pois não somente a vista espiritual não é dada a todos, mas pode ser retirada, se for preciso, pela vontade do Espírito, daquele a quem não quer se mostrar, como pode dá-la momentaneamente, se ele o considerar necessário.

A condensação do fluido perispiritual nas aparições, mesmo até sua tangibilidade, não tem, pois, as propriedades da matéria comum; sem isso, se as aparições fossem perceptíveis pelos olhos do corpo, o seriam por todas as pessoas presentes. (Só se devem aceitar com extrema reserva os relatos de aparições, puramente individuais, as quais, em certos casos, poderiam ser o efeito de imaginações super-excitadas, e por vezes uma invenção feita com finalidade interessada. Convém, pois, obter um relato escrupuloso das circuns-

tâncias, da honorabilidade da pessoa, assim como do interesse que ela pudesse ter de abusar da credulidade de indivíduos demasiado confiantes).

39. O Espírito pode operar transformações na contextura de seu envoltório perispiritual, e dado que esse envoltório irradia ao redor do corpo como uma atmosfera fluídica, pode-se produzir na superfície do próprio corpo um fenômeno análogo àquele das aparições. Sob a camada fluídica, a figura real do corpo pode se diluir mais ou menos completamente, e revestir outros traços; ou ainda, os traços primitivos, vistos através da camada fluídica modificada, como através de um prisma podem tomar uma outra expressão. Se o Espírito encarnado, saindo do terra-a-terra, se identifica com as coisas do mundo espiritual, a expressão de uma fisionomia feia pode tornar-se bela, radiosa, e por vezes mesmo luminosa; se, ao contrário, o espírito é exaltado por más paixões, uma fisionomia bela pode tomar aspecto horrendo.

É assim que se operam as **transfigurações**, que são sempre um reflexo das qualidades e dos sentimentos predominantes do Espírito. Este fenômeno é, pois, o resultado de uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição perispiritual que se produz sobre o próprio corpo vivente, e algumas vezes no momento da morte, em lugar de se produzir ao longe, como é o caso das aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições deste gênero, é que geralmente elas são perceptíveis a todos os assistentes e pelos olhos do corpo, precisamente porque elas têm por base a matéria carnal visível, enquanto que, nas aparições puramente fluídicas, não há matéria tangível. (Exemplo à teoria da transfiguração, “**Revue Spirite**”, março de 1859, pág. 62. (**O Livro dos Médiuns**, cap. VII, pág. 142).

### **Manifestações físicas. Mediunidade.**

40. Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão etérea de corpos pesados, da escrita mediúnica, tão velhos quanto o mundo, porém comuns nos tempos atuais, dão a chave de alguns fenômenos análogos, espontâneos, aos quais, devido à ignorância da lei que os rege, se havia atribuído um caráter sobrenatural e milagroso. Estes fenômenos repousam sobre as propriedades do fluido perispiritual, seja de encarnados, seja de Espíritos livres.

41. É com o auxílio de seu perispírito que o Espírito atua sobre um corpo vivo; é ainda com o mesmo fluido que ele se manifesta agindo sobre a matéria inerte, e que produz ruídos, movimentos de mesas e outros objetos que levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente, se considerarmos que, entre nós, os mais poderosos motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos, e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o auxílio de seu perispírito que o Espírito faz o médium escrever, falar ou desenhar; não tendo um corpo tangível para agir ostensivamente quando deseja manifestar-se, serve-se do corpo de um médium, de quem toma os órgãos por empréstimo; faz seus órgãos, assim, agir como se fosse seu próprio corpo, e isso, mediante o eflúvio fluídico que verte sobre ele.

42. É pelo mesmo meio que o Espírito age sobre a mesa, seja para a fazer mover sem significação determinada, seja para fazer com que ela receba golpes in-

teligíveis, que indicarão as letras do alfabeto para formar palavras e frases, fenômeno esse designado sob o nome de **tiptologia**. A mesa aqui não passa de um instrumento do qual o Espírito se serve, como o faria de um lápis para escrever; dá-lhe momentânea vitalidade, pelo fluido que a penetra mas **não se identifica com ela**. As pessoas que, tomadas de emoção, diante da manifestação de um ser que lhes é querido, abraçam a mesa, praticam um ato ridículo, pois absolutamente é como se abraçassem o bastão do qual se serve um amigo, para desferir pancadas. O mesmo se aplica aos que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito estivesse encerrado na madeira, ou como se a madeira se tivesse tornado Espírito.

Quando se realizam comunicações por este modo, será preciso imaginar o Espírito, não na mesa, mas a seu lado, **tal como estaria se estivesse vivo**, e tal como seria visto, se nesse momento isto se desse. O mesmo se aplica nas comunicações através da escrita; conceituaremos o Espírito ao lado do médium, dirigindo sua mão ou lhe transmitindo seu pensamento por uma corrente fluídica.

43. Quando a mesa se desprende do solo e flutua no espaço, sem ponto de apoio, o Espírito não a ergue com um braço, mas sim, a envolve e a penetra com uma espécie de atmosfera fluídica a qual neutraliza o efeito da gravitação, como o faz o ar nos balões e papagaios. O fluido do qual ela é penetrada lhe dá momentaneamente maior leveza específica. Quando ela está pregada no chão, encontra-se no caso análogo ao da máquina pneumática na qual se faz o vácuo. O que estamos dizendo não passa de comparações para mostrar a analogia dos efeitos, e não da absoluta semelhança das causas (**O Livro dos Médiuns**, cap. IV).

Depois disso, compreende-se que não é mais difícil a um Espírito erguer uma pessoa do que erguer uma mesa, transportar um objeto de um lugar para outro, ou atirá-lo a algum lugar; estes fenômenos se produzem pela mesma lei. (Tal é o princípio do fenômeno dos **transportes**; fenômeno muito real, porém que convém não aceitar senão com extrema reserva, pois é um dos que mais se prestam à imitação e a trapaças. Devem ser tomadas em séria consideração a honorabilidade irrecusável da pessoa que as obtém, seu desinteresse absoluto material e **moral**, e o concurso de circunstâncias acessórias. Sobretudo, deve-se desconfiar da facilidade demasiado grande com a qual tais efeitos são produzidos, e conservar como suspeitos aqueles que se renovam com demasiada frequência e, por assim dizer, à vontade; os prestidigitadores produzem os efeitos mais extraordinários.

O soerguimento de uma pessoa é um fato menos positivo, porém talvez mais raro, porque é mais difícil de ser imitado. É notório que o Sr. Home foi levantado mais de uma vez, até o teto da sala, do qual fez a volta. Diz-se que São Cupertino tinha a mesma faculdade, o que não é mais milagroso para um do que para o outro.

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, pois pode permanecer tranqüilamente no mesmo lugar, mas sim que ele dá um impulso ao objeto, por meio de uma corrente fluídica, com a qual a faz mover à sua vontade.

Quando se fazem ouvir golpes na mesa ou alhures, não é que o Espírito bata com sua mão, nem com qualquer outro objeto; ele dirige sobre o ponto de onde parte o ruído um jato de fluido que produz o efeito de um choque elétrico. Ele modifica o ruído como se podem modificar os sons produzidos pelo ar. (Exemplos de manifestações materiais e de perturbações pelos Espíritos: “**Revue Spirite**”, a jovem filha dos Panoramas, janeiro, 1858, pág. 13; Mademoiselle Clarion, fev. 1858, pág. 44; Espírito batedor de

Bergzabern, relato completo, maio, junho, julho de 1858, págs. 125, 153, 184; Dibbelsdorf, agosto de 1858, pág. 219; o padeiro de Dieppe, março de 1860, pág. 76; Rua de Noyers, agosto de 1860, pág. 236; Espírito batedor de l'Aube, janeiro de 1861, pág. 23; idem, no século XVI, jan. 1864, pág. 32; Poitiers, maio de 1864, pág. 156, e maio de 1865, pág. 134; Irmã Maria, junho de 1864, pág. 185; Marselha, abril de 1865, pág. 121; Fives, agosto de 1865, pág. 225; os ratos d'Equihen, fevereiro de 1866, pág. 55).

44. Um fenômeno muito freqüente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para escrever numa língua que lhes seja estranha; a desenvolver, pela palavra ou pela escrita, assuntos fora do alcance de sua instrução. Não é raro ver pessoas que escrevem desembaraçadamente, sem terem aprendido a escrever; outros que produzem poesia, sem jamais terem sabido fazer um verso em suas vidas; outros desenham, pintam, esculpem, compõem música, tocam um instrumento, sem conhecer o desenho, a pintura, a escultura ou a arte musical. É muito freqüente que um médium escrevente reproduza, sem se enganar, a escrita e a assinatura que eram usadas pelos Espíritos que se comunicam através deles, quando eram vivos, embora não os hajam conhecido.

Este fenômeno não é mais maravilhoso do que quando vemos uma criança escrever, tendo sua mão guiada. Por esta maneira, pode-se fazer com que alguém realize tudo o que se deseja. Pode-se fazer com que escreva o que se quer, numa língua qualquer, ditando-lhe as palavras, letra por letra. Compreende-se que o mesmo seja possível na mediunidade, se nos reportarmos à maneira pela qual os Espíritos se comunicam aos médiuns, os quais, em realidade, não são para eles senão instrumentos passivos. Porém, se o médium possui o mecanismo, se vence as dificuldades práticas, se as expressões lhe são familiares, enfim, se ele tem em seu cérebro os elementos daquilo que o Espírito quer fazê-lo executar, está na posição do homem que sabe ler e escrever correntemente; o trabalho é mais fácil e mais rápido; o Espírito não tem mais do que transmitir o pensamento que seu intérprete reproduz pelos meios de que dispõe.

A aptidão de um médium para coisas que lhe são estranhas, também tem freqüentemente ligação com os conhecimentos que possuía numa outra existência, e dos quais seu Espírito conservou a intuição. Se foi poeta ou músico, por exemplo, terá mais facilidade de assimilar o pensamento poético ou musical que se pretende reproduzir. A língua que ele ignora hoje, pode lhe ter sido familiar numa outra existência: daí resulta, para ele, uma aptidão maior para escrever mediunicamente nessa língua. (A aptidão de certas pessoas para as línguas que sabem, por assim dizer, sem tê-las aprendido, não tem outra causa senão uma recordação intuitiva do que elas já souberam numa outra existência. O exemplo do poeta Méry, relatado na “*Revue Spirite*” de novembro de 1864, pág. 328, é prova disso. É evidente que, se o Sr. Méry tivesse sido médium em sua juventude, teria escrito o latim tão facilmente quanto sua língua natal, o francês, e teriam declarado isso um prodígio).

### Obsessões e possessões

45. Os maus Espíritos pululam ao redor da Terra, como conseqüência da inferioridade moral de seus habitantes. Sua ação malfazeja faz parte dos flagelos com os quais a humanidade se vê a braços aqui embaixo. A obsessão, que é um dos efeitos dessa ação, como as moléstias e todas as tribulações da vida, deve, pois, ser considerada como uma prova ou uma expiação, e aceita como tal.

A obsessão é a ação persistente que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diferentes, desde a simples influência moral sem sinais exteriores sensíveis, até à perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Oblitera todas as faculdades mediúnicas; na mediunidade auditiva e psicográfica, ela se traduz pela obstinação de um Espírito a se manifestar com exclusão de todos os outros.

46. Assim como as moléstias são o resultado das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre a decorrência de uma imperfeição moral, que dá entrada a um mau Espírito. A uma causa física, opõe-se uma causa física; a uma causa moral, será preciso contrapor uma causa moral. Para se preservar das moléstias, fortifica-se o corpo; para garantir-se contra a obsessão, será preciso fortificar a alma; daí resulta para o obsedado, a necessidade de trabalhar para sua própria melhoria, o que geralmente basta, na maior parte dos casos, para o desembaraçar do obsessor, sem o auxílio de pessoas estranhas. Tal socorro torna-se necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, pois então o paciente perde, por vezes, a sua vontade e o seu livre-arbítrio.

A obsessão é quase sempre o fato de uma vingança exercida por um Espírito, e que mais freqüentemente tem sua origem nas relações que o obsedado teve com ele, em uma existência precedente.

No caso de obsessão grave, o obsedado está como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos salutaros, e os repele. É do fluido que será preciso desembaraçar-se; ora, um mau fluido não pode ser repellido por outro mau. Por uma ação idêntica à do médium curador no caso de moléstia, **será preciso expulsar o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.**

Esta é a ação mecânica, porém que nem sempre basta; será preciso, também, e acima de tudo, **agir sobre o ser inteligente** ao qual é preciso ter o direito de **falar com autoridade, e esta autoridade** não é dada senão à superioridade moral; quanto maior é esta, maior a autoridade.

Mas nem tudo se resume nisso: para assegurar o livramento será necessário levar o Espírito perverso a renunciar a seus maus desígnios; é preciso fazer nascer nele o arrependimento e o desejo do bem, com o auxílio de instruções habilmente dirigidas, em evocações particulares feitas com a finalidade de sua educação moral; então pode-se ter a doce satisfação de livrar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se torna mais fácil quando o obsedado, compreendendo a situação, traz seu auxílio de vontade e de oração; não é assim quando o doente, subjugado pelo Espírito enganador, se ilude a respeito das qualidades de seu dominador, e se compraz no erro em que este o mergulhou; pois, então, longe de auxiliar, ele repele toda assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde que a subjugação mais violenta. (**O Livro dos Médiuns**, cap. XXIII).

Em todos os casos de obsessão, a oração é o mais poderoso auxiliar para agir contra o Espírito obsessor.

47. Na obsessão, o Espírito atua exteriormente por meio de seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado; este último se encontra então enlaçado como numa teia e constringido a agir contra sua vontade.

Na possessão, em lugar de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; faz domicílio em seu corpo, sem que, todavia, este o deixe definitivamente, o que só pode ter lugar com a morte. A possessão é, assim, sempre temporária e intermitente, pois um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, dado que a união molecular do perispírito e do corpo não pode se operar senão no momento da concepção (Cap. XI, n. 18).

O Espírito, em possessão momentânea do corpo, dele se serve como o faria com o seu próprio; fala por sua boca, enxerga pelos seus olhos, age com seus braços, como o teria feito se fosse vivo. Já não é mais como na mediunidade falante, na qual o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um Espírito desencarnado; é este último, mesmo, que fala e que se agita, e se o conhecêssemos quando vivo, reconheceríamos sua linguagem, sua voz, seus gestos e até a expressão de sua fisionomia.

48. A obsessão é sempre o resultado da ação de um Espírito malfeitor. A possessão pode ser o feito de um bom Espírito que quer falar e, para fazer mais impressão sobre seus ouvintes, **toma emprestado** o corpo de um encarnado, que este lhe cede voluntariamente tal como se empresta uma roupa. Isso se faz sem nenhuma perturbação ou incômodo, e durante esse tempo o Espírito se encontra em liberdade como no estado de emancipação, e com mais freqüência se conserva ao lado de seu substituto para o ouvir.

Quando o Espírito possessor é mau, as coisas se passam por outro modo; ele não toma emprestado o corpo; ele se apodera dele, se o titular não tem **força moral para resisti-lo**. Ele o faz por maldade dirigida contra o possessor, a quem tortura e martiriza por todas as maneiras até pretender fazê-lo perecer, seja por estrangulamento, seja empurrando-o ao fogo ou outros lugares perigosos. Servindo-se dos membros e dos órgãos do infeliz paciente, ele blasfema, injuria e maltrata os que o rodeiam; entrega-se a excentricidades e atos que têm todos os caracteres da loucura furiosa.

Os fatos desse gênero, em diversos graus de intensidade, são muito numerosos, e muitos casos de loucura não têm outra causa senão essa. Muitas vezes, dão-se ao mesmo tempo desordens patológicas, as quais não são senão conseqüências, e contra as quais os tratamentos médicos são impotentes, enquanto subsistir a causa inicial. O Espiritismo, fazendo conhecer esta fonte de uma parte das misérias humanas, indica o meio de as remediar: este meio é agir sobre o autor do mal, que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado pela inteligência. (Exemplos de curas de obsessões e de possessões: “**Revue Spirite**”, dezembro de 1863, pág. 373; janeiro de 1864, pág.

11; junho de 1864, pág. 168; janeiro de 1865, pág. 5; junho de 1865, pág. 172; fevereiro de 1866, pág. 38; junho de 1867, pág. 174).

49. A obsessão e a possessão são mais freqüentemente individuais, mas por vezes são epidêmicas. Quando uma nuvem de maus Espíritos se abate sobre uma localidade, é como quando uma tropa de inimigos vem invadi-la. Neste caso, o número de indivíduos atingidos pode ser considerável. (Foi uma epidemia desse tipo que atacou a vila de Morzine, na Sabóia, ver o relato completo dessa epidemia na “*Revue Spirite*” de dezembro de 1862, pág. 353; janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863, páginas 1, 33, 101, 133).

## 6 - DOS MÉDIUNS

**(Livro: “Obras Póstumas”. Allan Kardec. Ed. LAKE, tradução de João Teixeira de Paula. Introdução e notas de J. Herculano Pires. 12ª. Ed. 1998).**

33. Médiun é a pessoa que sente a influência dos Espíritos e lhe transmite os pensamentos. Quem quer que sinta aquela influência em qualquer grau é, por isso mesmo, médium. Essa faculdade é inerente ao homem, e, por conseguinte, não constitui privilégio exclusivo; também poucos são os que não a possuem, ainda que seja em rudimento. Pode, pois, dizer-se que todos os homens são pouco mais ou menos médiuns; esta qualificação, porém, não se aplica usualmente senão àqueles em quem a faculdade mediúnica se manifesta por efeitos ostensivos de certa intensidade. (Todos são médiuns, *à peu de chose près*, como escreveu Kardec, ou seja, todos são mais ou menos médiuns. Compreende-se isso quando sabemos que a mediunidade não é mais do que a capacidade da alma se libertar do corpo e se pôr em comunicação com os Espíritos. A Parapsicologia atual reconheceu que as *faculdades psi* (nome parapsicológico da mediunidade) são naturais e, por isso mesmo, comuns a toda a espécie humana, havendo, entretanto, os chamados *sujeitos paranormais*, nos quais elas se manifestam de maneira mais intensa. Os sujeitos paranormais nada mais são que os médiuns. Nota do Revisor).

34. O agente de todos os fenômenos espíritas é o fluido perispiritual, e aqueles fenômenos não podem operar-se senão pela ação recíproca dos fluidos do médium e do Espírito. O desenvolvimento da faculdade mediúnica depende da natureza mais ou menos expansível do perispírito do médium e da assimilação deste, mais ou menos fácil com o dos Espíritos. Depende, portanto, da organização do indivíduo a faculdade, que pode ser desenvolvida quando existe o princípio, mas não pode ser adquirida quando o princípio não existe.

A predisposição mediúnica não depende de sexos, idades, ou temperamentos; encontram-se médiuns em todas as categorias de indivíduos, desde a mais tenra idade até à mais avançada. (A mediunidade depende do organismo ou da organização do corpo humano. *Elle tient à l'organisation*, como escreveu Kardec. Mas é preciso lembrar, o que se vê claramente no texto acima, que a organização depende do perispírito. Kardec não se refere ao organismo humano em termos materialistas, mas em termos espíritas. São as relações do perispírito com o corpo, formando um organismo de dupla natureza, espiritual e material, que condicionam a existência em maior ou menor grau da mediunidade e suas possibilidades de desenvolvimento. Por isso ele afirma: *o fluido perispiritual é o agente de todos os fenômenos espíritas*. Não se pode atribuir a mediunidade ao corpo, pois ela depende essencialmente do perispírito. Podemos dizer que a sua sede é o perispírito. Da maior ou menor possibilidade de emissão de fluidos e de assimilar os seus fluidos com os dos Espíritos é que depende a capacidade do médium. Nota do Revisor J.Herculano Pires).

35. As relações entre médiuns e Espíritos estabelecem-se por meio dos seus perispíritos. A facilidade dessas relações depende do grau de afinidade (aproximação, simpatia) existente entre os dois fluidos. Há uns que facilmente se assimilam (tornam-se semelhantes) e outros que se repelem; daí se conclui que nem todo médium pode comunicar-se com todo Espírito. Há médiuns que não se comunicam senão com certos Espíritos, ou com certas categorias de Espíritos, ao passo que há outros que não o fazem senão por transmissão do pensamento, sem quaisquer manifestações exteriores. (Muitas pessoas põem em dúvida as manifestações mediúnicas que não modificam a expressão e a voz do médium. Não obstante, as manifestações puramente subjetivas ou mentais são às vezes mais válidas e mais exatas que as outras. A mediunidade mais refinada, mais pura, é a intuitiva, na qual a relação do Espírito com o médium é inteiramente oculta, passando-se apenas no plano mental, à ligação direta de mente a mente. Mas isto exige, acima de tudo, evolução espiritual do médium. A veracidade das comunicações não se afere por sinais exteriores, mas pelas idéias, pelo conteúdo das mensagens. Nota do Revisor J. H. Pires).

36. Pela assimilação dos fluidos perispirituais, o Espírito se identifica, por assim dizer, com a pessoa sobre a qual quer influir e não somente lhe transmite os pensamentos, como pode exercer sobre ela uma ação física: fazê-la proceder e falar como lhe aprouver, fazê-la dizer o que lhe parecer melhor, servir-se, em uma palavra, dos órgãos dela como se fossem os seus próprios; enfim, pode paralisar-lhe a ação espiritual e dominar-lhe o livre-arbítrio. Os bons Espíritos servem-se dessa influência para o bem, os maus para o mal.

37. Os Espíritos podem manifestar-se de maneiras infinitamente diversas, mas não o fazem senão com a condição de terem uma pessoa apta para receber e transmitir esse ou aquele gênero de impressões, segundo a aptidão. Como não há uma que possua todas as aptidões no mesmo grau, segue-se que umas recebem impressões impossíveis para outras. Desta diversidade de condições individuais procede a variedade de médiuns.

38. Nem sempre a vontade do médium é necessária. O Espírito que deseja manifestar-se procura um indivíduo apto para receber-lhe as impressões e serve-se dele muita vez sem que este o perceba. Outras pessoas, ao contrário, conscientes da sua faculdade, podem provocar manifestações. Daí duas categorias de médiuns: os **inconscientes** e os **facultativos**. Os primeiros agem por iniciativa dos Espíritos; os segundos por iniciativa própria. (Generalizaram-se entre nós as designações de *médiuns inconscientes* e *médiuns conscientes*. Estes últimos são os que Kardec chama de facultativos, pois podem ou não usar as suas faculdades, embora estejam sujeitos a perturbações quando se recusam. Nota do Revisor J.H. Pires).

39. Os **médiuns facultativos** são sempre pessoas que conhecem mais ou menos os meios de comunicações com os Espíritos, e por isso podem ter vontade de exercer a sua faculdade; os **inconscientes**, pelo contrário, existem no meio ignorante do Espiritismo e da ação dos Espíritos, mesmo entre incrédulos, servindo de instrumento sem o saberem e sem quererem. Todos os gêneros de fenômenos espíritas podem produzir-se por eles, como há exemplo em todos os tempos e em todos os povos. A ignorância e a incredulidade têm-lhes atribuído um poder sobrenatural, e segundo os tempos e lugares, têm eles sido considerados santos ou feiticeiros, loucos ou visionários. O Espiritismo descobre neles a simples manifestação de uma faculdade natural.



40. Das diversas categorias de médiuns distinguem-se principalmente: os **médiuns de efeitos físicos**, os **sensitivos ou impressionáveis**, os **auditivos, falantes, videntes, intuitivos, sonâmbulos, curadores, escreventes ou psicográficos**, etc. Só descreveremos aqui as mais essenciais, podendo recorrer a **O Livro dos Médiuns** quem quiser mais completo desenvolvimento.

41. **Médiuns de efeitos físicos.** São mais particularmente aptos para a produção dos fenômenos materiais, como sejam: o movimento dos corpos inertes, os ruídos, o transporte, a elevação dos objetos, etc. Esses fenômenos podem ser espontâneos ou provocados; mas sempre requerem o concurso voluntário ou involuntário de médiuns dotados dessa faculdade especial. O agente espiritual dessas manifestações é, por via de regra, de ordem inferior. Os Espíritos elevados só se ocupam de manifestações inteligentes e instrutivas.

42. **Médiuns sensitivos ou impressionáveis.** Dá-se esta denominação às pessoas susceptíveis de sentir a presença dos Espíritos por uma vaga impressão, espécie de tremor dos membros, que elas não sabem explicar. Esta faculdade pode adquirir tal sutileza que permita reconhecer, pela natureza da impressão, se o Espírito é bom ou mau, e até a sua individualidade, como o cego reconhece instintivamente a aproximação dessa ou daquela pessoa. Um bom Espírito produz impressão suave e agradável; a de um mau, ao contrário, é penosa, asfíxiante e desagradável, produzindo a sensação de coisas imundas.

43. **Médiuns auditivos.** Estes ouvem a voz dos Espíritos, às vezes como um som íntimo, que percebem em seu interior; outras vezes como a voz de uma pessoa viva, voz clara, distinta, que vem do exterior. Os médiuns auditivos podem entreter conversa com os Espíritos. Quando estão habituados a comunicar-se com certos e determinados Espíritos reconhecem-nos imediatamente pela voz. Quem não é auditivo pode comunicar-se com um Espírito por intermédio de quem o é, e lhe transmite as palavras do comunicante.

44. **Médiuns falantes.** Os médiuns auditivos, simples transmissores do que ouvem, não são propriamente médiuns falantes. Esses muitas vezes nada ouvem; os Espíritos atuam sobre os órgãos da palavra, como sobre a mão do médium escrevente. O Espírito, desejando comunicar-se, serve-se do órgão mais flexível: a um toma-lhe a mão, a outro a palavra, a um terceiro o ouvido.

O médium falante não tem, geralmente, consciência do que diz, e, muitas vezes, diz o que está fora do círculo das suas idéias, dos seus conhecimentos e até da sua capacidade intelectual. Têm-se visto pessoas incultas e de vulgar inteligência exprimirem-se com verdadeira eloquência e tratarem, com incontestável superioridade, questões acerca das quais seriam incapazes, quando em estado normal, de emitir opinião.

O médium falante, conquanto funcione perfeitamente desperto, raras vezes guarda memória do que disse. A sua passividade, porém, nem sempre é completa. Alguns têm a intuição do que dizem no mesmo momento em que falam. A palavra destes médiuns é o instrumento de que se serve o Espírito, com quem uma pessoa estranha quer entrar em comunicação, como faria por intermédio de um auditivo.

Há entre o médium auditivo e o falante a seguinte diferença: o primeiro fala voluntariamente, repetindo o que ouve; o segundo fala involuntariamente.

45. **Médiuns videntes.** Dá-se este nome às pessoas que, no normal e perfeitamente acordadas, gozam a faculdade de ver Espíritos. A possibilidade de vê-los em sonho revela sem dúvida uma espécie de mediunidade, mas não caracteriza, propriamente falando, o médium vidente.

No capítulo das **Visões e aparições** de **O Livro dos Médiuns**, explicamos a teoria desses fenômenos. As aparições acidentais de pessoas amadas ou conhecidas são muito freqüentes e, conquanto os que têm esse poder sejam considerados médiuns videntes, dá-se mais geralmente o nome àqueles que podem quase sempre ver qualquer Espírito. Nesta classe acham-se os que vêem os Espíritos evocados, dos quais podem fazer minuciosa descrição, narrando os gestos, a expressão da fisionomia, os traços do rosto, os vestidos e até os sentimentos, de que parecem estar animados. Há outros que possuem a faculdade em sentido mais geral e vêem os Espíritos irem e virem e que pode dizer-se tratar de seus negócios. Os médiuns nunca estão sós; têm sempre consigo uma sociedade escolhida, segundo o seu gosto, porquanto podem, à vontade, afastar aqueles que não lhes convêm e atrair aqueles que lhes são simpáticos.

46. **Médiuns sonâmbulos.** O sonambulismo pode ser considerado uma variedade da faculdade mediúnica; ou, para melhor dizer, são duas espécies de fenômenos que estão sempre reunidos. O sonâmbulo age por influência do seu próprio Espírito; é a sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora do círculo de ação dos sentidos; o que ele manifesta é colhido em si mesmo, as idéias são geralmente mais justas que no estado normal, os conhecimentos mais amplos, porque a alma está livre do invólucro material; numa palavra, tem antecipadamente a visão espiritual. O médium, pelo contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo e aquilo que diz não vem de si.

Em resumo: o sonâmbulo exprime o próprio pensamento e o médium exprime o pensamento alheio. O Espírito, porém, que se comunica por um médium ordinário, pode fazê-lo por um sonâmbulo, tornando-se muitas vezes mais fácil essa comunicação, em razão de se achar a alma desprendida.

Muitos sonâmbulos vêem perfeitamente os Espíritos e descrevem-nos com tanta precisão, como os médiuns videntes; podem conversar com eles e transmitir-nos os pensamentos; o que dizem de superior a seus conhecimentos pessoais é sugerido por Espíritos.

47. **Médiuns inspirados.** São aqueles que não dão exteriormente a perceber, por qualquer sinal, a mediunidade que possuem. A ação dos Espíritos sobre eles é só intelectual e moral e revela-se nas mínimas circunstâncias como nas maiores concepções. É principalmente sob este aspecto que se pode dizer: toda gente é médium, pois que não há quem não tenha Espíritos protetores e familiares que sugerem, quando podem, idéias salutares a seus protegidos. É bem difícil distinguir o pensamento próprio do sugerido; entretanto este último caracteriza-se pela espontaneidade.

A inspiração torna-se evidente nos grandes trabalhos da inteligência. Os homens de cultura em todos os gêneros: artistas, cientistas, literatos, oradores, são certamente Espíritos adiantados, capazes por si mesmos de conhecer e compreender grandes coisas e é precisamente porque são assim, que os Espíritos lhes sugerem idéias necessárias para complemento de determinados trabalhos que desejam ver realizados; dessa maneira é que eles são, com freqüência médiuns sem o saberem. Entretanto, têm uma vaga intuição de auxílio alheio, porque faz evocação quem apela para a inspiração. (Faz-se muito alarde contra a evocação dos espíritos. Como se vê nesse trecho, a evocação é um processo natural, sem nenhum sentido mágico. Sempre que pensamos num espírito, o evocamos, mas ele virá atender-nos se o quiser e puder. Nota do Revisor). Se não contassem senão consigo mesmos, não exclamariam tantas vezes: meu bom gênio, auxilia-me!

**48. Médiuns de pressentimentos.** São aqueles que, em certas circunstâncias, têm a intuição de coisas futuras vulgares. Essa intuição pode provir de dupla vista, que permite entrever as conseqüências das coisas presentes e a filiação dos acontecimentos; quase sempre, porém, é obra de comunicações ocultas, que constituem uma variedade dos médiuns inspirados.

**49. Médiuns proféticos.** É em geral uma variedade dos médiuns inspirados que recebem, com permissão de Deus, e mais precisamente que os médiuns de pressentimento, a revelação de coisas futuras, de interesse geral, tendo eles o encargo de manifestá-las aos homens para os instruir. O pressentimento é dado à maior parte dos homens, quase que para seu uso pessoal; o dom profético é especial e revela uma missão. Se há verdadeiros profetas, maior é o número dos falsos, que tomam os sonhos da sua imaginação por verdadeiras revelações, quando não são impostores, que se dão por inspirados por especulação.

“O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Podeis reconhecê-lo pelas suas palavras e ações. Deus não se serve da boca do mentiroso para ensinar a verdade”. (**O Livro dos Espíritos**, n.º 624).

**50. Médiuns escreventes ou psicógrafos.** Dá-se esta designação às pessoas que escrevem sob a influência de Espíritos. Assim como eles podem atuar no órgão da palavra de um médium para fazê-lo falar, também podem servir-se da mão para fazê-lo escrever.

A mediunidade psicográfica apresenta três variantes muito distintas: a mecânica, a intuitiva e a semi-mecânica. No médium mecânico o Espírito atua diretamente sobre a mão, que impulsiona. O que caracteriza este gênero de mediunidade é a inconsciência absoluta da pessoa que escreve. O movimento da mão é independente da vontade, move-se sem interrupção e espontaneamente, enquanto o Espírito tem o que dizer, e pára desde que ele termina.

Nos **médiuns intuitivos**, a transmissão do pensamento opera-se por intermédio do espírito do médium. O Espírito estranho, neste caso, não atua sobre a mão para dirigi-la, mas sobre a alma, com a qual se identifica e à qual imprime a vontade e os seus pensamentos. A alma encarnada os recebe e transmite. Nestas condições, o médium escreve voluntariamente e tem a consciência do que escreve,

embora os pensamentos não sejam seus. Às vezes é difícilimo distinguir o pensamento do médium daquele que lhe é sugerido, o que induz os **médiuns desta espécie a duvidar da sua mediunidade**. Pode, porém, reconhecer-se o pensamento sugerido pela circunstância de não ser preconcebido, de surgir à medida que se escreve, de ser, muitas vezes, contrário ao do médium, e até alheio aos seus conhecimentos e aptidões.

Grande é a analogia existente entre a mediunidade intuitiva e a inspiração; divergem, porém, em que a primeira se restringe às mais das vezes a questões de atualidade e aplica-se à matéria que a capacidade intelectual do médium não pode alcançar. Este pode tratar, por intuição, de assuntos a que seja completamente estranho. A inspiração tem mais vasto campo e auxilia geralmente a inteligência e as preocupações do Espírito encarnado. Os sinais desta mediunidade são, por via de regra, imperceptíveis.

O médium **semi-mecânico** ou **semi-intuitivo** participa das qualidades dos dois primeiros. O mecânico move a mão independentemente da vontade, o intuitivo tem o movimento voluntário e facultativo. O semi-mecânico sente a impulsão dada à mão, porém tem consciência do que escreve na medida em que se formam as palavras. No mecânico o pensamento segue-se à escrita, no intuitivo, precede a escrita; no semi-mecânico ou semi-intuitivo, acompanha-a.

51. Não sendo o médium mais que um instrumento para receber e transmitir o pensamento de um Espírito, segundo a impressão mecânica que lhe é dada, pode perfeitamente produzir o que está fora da órbita de seus conhecimentos, se for dotado da flexibilidade e aptidão mediúnica necessárias. É por essa lei que existem médiuns **desenhistas, pintores, músicos, versejadores**, sendo, aliás, completamente alheios às artes do desenho, da pintura, da música e da poesia. É ainda por essa mesma lei que escrevem os que não sabem ler nem escrever. São **polígrafos** os reprodutores de diferentes gêneros de escrita, e às vezes reprodutores exactíssimos do caráter da letra de um Espírito, quando encarnado, e **políglotas** os que falam e escrevem várias línguas de que nunca tiveram conhecimento.

52. **Médiuns curadores**. Este gênero de mediunidade consiste na faculdade de algumas pessoas para curarem pelo simples contacto, imposição das mãos, olhar ou mesmo gesticulação, sem o emprego de qualquer medicamento. Esta faculdade é incontestavelmente efeito da força magnética, de que, entretanto, se distingue pela energia e instantaneidade da ação, ao passo que as curas magnéticas exigem um tratamento metódico, mais ou menos longo.

Todo e qualquer magnetizador é mais ou menos apto a curar, se souber avir-se convenientemente; já tem a ciência adquirida. Os médiuns curadores possuem a faculdade espontânea e alguns deles até nunca ouviram falar em magnetismo.

A faculdade de curar pela imposição das mãos tem, sem dúvida nenhuma, princípio numa força excepcional de expansão, suscetível de ser aumentada por vários motivos, entre os quais predomina a pureza de sentimento, o desinteresse, a benevolência, o ardente desejo de aliviar, a prece e a confiança em Deus – todas as qualidades morais, numa palavra.

O poder magnético é puramente orgânico; pode, tal como a força muscular, ser dado a quem quer que seja, mesmo ao homem perverso; o homem bom, porém, só se vale dele para a prática do bem, sem idéia de interesse ou de orgulho e vaidade; com o fluido mais purificado, possui propriedades benéficas e reparadoras, que o homem vicioso ou interesseiro não pode ter. (Há muita confusão no meio espírita entre passe magnético e passe espiritual. Esse último é o que Kardec, seguindo a tradição cristã, chama de *imposição das mãos*. O passe magnético está sujeito a técnicas de aplicação, mas o passe mediúnico (portanto espiritual) não comporta nenhuma técnica. Faz-se a imposição das mãos sob a ação dos Espíritos curadores e só eles sabem como dirigir os fluidos. O médium age, no caso, como simples instrumento, O que vale é a sua fé e a sua intenção de servir. O passe magnético é de origem orgânica, como se vê nesse trecho de Kardec, mas o passe mediúnico é de origem espiritual. Nota do Revisor).

Todo efeito mediúnico, como já o dissemos, é o resultado de uma combinação dos fluidos emitidos pelo Espírito e pelo médium; por essa combinação os fluidos adquirem propriedades novas, as quais, se separadas, não possuiriam grau ou o teriam em menor escala.

A prece, que é uma verdadeira evocação, atrai os Espíritos benévolos, que se apressam em vir auxiliar os esforços da criatura bem intencionada, unindo, com maior facilidade, o próprio fluido benéfico ao dela, enquanto o do homem vicioso facilmente se combina com o dos maus Espíritos que o cercam.

O homem de bem, que não tem força fluídica, pouco pode fazer por si, mesmo que peça a assistência dos bons Espíritos. Uma grande força fluídica, aliada à maior soma possível de qualidades morais, pode operar curas verdadeiramente prodigiosas.

53. A confiança do doente auxilia poderosamente a ação fluídica, e Deus, muitas vezes, recompensa essa fé pelo êxito.

54. Só a superstição pode dar virtude a determinadas palavras e só os Espíritos ignorantes ou mentirosos podem entreter semelhantes idéias, prescrevendo-lhes fórmulas determinadas; entretanto, para certas pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas espirituais, o emprego de uma fórmula de prece, ou de qualquer prática, pode inspirar confiança. Então não é a fórmula que cura; mas a fé, que ela provoca.

55. Não se devem confundir os médiuns curadores com os médiuns receitistas. Estas são simples escreventes, cuja especialidade consiste em servir mais facilmente de intérpretes aos Espíritos nas prescrições médicas, não fazendo mais do que transmitir o pensamento do Espírito, sem que tenham influência própria.

\*

## 7 - DA OBSESSÃO E DA POSSESSÃO

(Livro: Obras Póstumas. § 7º.)

56. Obsessão é o domínio que os maus Espíritos exercem sobre algumas pessoas, no intuito de submetê-las à sua vontade, pelo simples prazer de fazer o

mal. Quando um Espírito bom ou mau quer influir sobre um indivíduo, envolve-o, por assim dizer, com o seu perispírito, como se fosse um manto. Os fluidos se interpenetram, os pensamentos e as vontades dos dois confundem-se e o Espírito pode então servir-se daquele corpo como se fora o próprio; pode fazê-lo agir como lhe parecer melhor, falando, escrevendo, desenhando, tal como um médium.

Se o Espírito é bom, a sua ação é suave e benéfica, e não produz senão coisas boas; se é mau, obriga a fazer coisas ruins; só o perverso, o maligno, constrange, como se empregasse um laço, paralisa a vontade, o próprio juízo, sufocando-o no seu fluido, como se abafa o fogo numa camada d'água; fá-lo pensar, falar, agir por ele, obriga-o a atos extravagantes e ridículos, em uma palavra, magnetiza-o, leva-o a um estado moral de catalepsia e o indivíduo se torna instrumento cego da vontade alheia. Essa é a causa da obsessão, da fascinação e da subjugação, que se mostram em graus de intensidade muito diversos.

É ao mais alto grau da subjugação que se chama vulgarmente **possessão**. É preciso saber que neste estado o indivíduo muitas vezes tem consciência de que é ridículo o que faz, mas é constrangido a fazê-lo como se alguém mais forte do que ele o obrigasse a mover os braços, as pernas, a língua.

57. Pois que os Espíritos sempre existiram, sempre têm representado eles também o mesmo papel, porque esse papel é da natureza, e a prova está no grande número de obsessões e de possessões, antes de se saber, como hoje, de Espíritos e de médiuns.

A ação dos Espíritos bons ou maus é espontânea; a dos maus produz perturbações na economia moral, e mesmo física, que por ignorância da verdadeira causa se atribuíam a falsa origem. Os maus Espíritos são inimigos invisíveis tanto mais perigosos, quanto não se suspeita da sua ação. O Espiritismo, revelando-lhe a existência, descobre uma causa nova de determinados males humanos, a qual, uma vez conhecida, induzirá o homem a abandonar os meios até agora empregados e a recorrer a outros, que possam ser mais eficazes.

Quem descobriu esta causa? A mediunidade. Foi pela mediunidade que inimigos ocultos traíram a sua presença; ela fez com eles o que o microscópio fez com os infinitamente pequenos: revelou um novo mundo.

O Espiritismo não atrai os maus Espíritos; descobriu-os e nos forneceu os meios de lhe combatermos a ação, e, por conseguinte, de os afastarmos. Não nos trouxe o mal, visto como este existia desde toda a eternidade; trouxe-nos sim o remédio ao mal, apontando-nos a causa dele. Uma vez conhecida a ação do mundo invisível, ter-se-á a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos; e a ciência, enriquecida com esta nova lei, descortinará novos horizontes. **Quando chegará lá? Quando não mais professar o materialismo**, que lhe tolhe o progresso, opondo-lhe uma barreira intransponível. (A barreira do materialismo começou a cair por si mesma no momento em que a Física conseguiu penetrar na estrutura da matéria. A descoberta do átomo e de sua divisibilidade abriu para a Ciência a possibilidade de avançar além da matéria. Einstein chegou a declarar: *o materialismo morreu por falta de matéria*. Arthur Compton declarou que, por trás da energia que se condensa na matéria parece haver pensamento. De outro lado, a Parapsicologia, como escreveu o prof. Rhine, *devolveu à Psicologia o seu objeto perdido*,

*que é a alma.* Assim, a barreira intransponível de um século atrás foi abaixo. Não há mais lugar para o materialismo no campo da cultura. A hora é do Espiritismo. Nota do Revisor).

58. Se há Espíritos maus, que obsedam, a despeito dos bons, que protegem, pergunta-se: são aqueles mais poderosos que estes? Não é o bom Espírito que é fraco; mas o médium que não é bem forte para repelir o manto com que o envolvem, para se desprender dos braços que o enlaçam, e nos quais, cumpre dizê-lo, muitas vezes se compraz em ver-se estreitado. Nessa circunstância, compreende-se que o bom Espírito não pode ter vantagens; porque tem preferência o mau.

Suponha-se, porém, que a vítima deseja livrar-se do invólucro fluídico que a penetra, como a umidade penetra os vestidos; nem sempre a sua vontade basta para a satisfação do desejo. Trata-se, no caso, de lutar com um adversário. Ora, quando dois homens lutam corpo a corpo, cabe naturalmente a vitória ao que tem maior força muscular; com um Espírito é preciso lutar, não corporalmente, mas Espírito a Espírito e, nesse caso, é sempre ao mais forte que cabe a vitória; sendo que aqui a força está na autoridade sobre o Espírito, e esta, na superioridade moral.

A supremacia moral é como o sol, que desfaz as névoas pela força dos raios. Esforçar-se por ser bom; por tornar-se melhor, se já o é; por purificar-se das imperfeições; por elevar-se, enfim, moralmente, o mais que for possível; esse é o meio de adquirir o poder de impor-se aos Espíritos inferiores para os afastar, porque de outro modo eles zombarão das vossas injunções (**O Livro dos Médiuns**, nºs. 252 e 279).

Dir-se-á, entretanto: por que os Espíritos protetores não os fazem retirar? Sem dúvida que podem fazê-lo e muitas vezes o fazem; mas onde está o mérito da vitória? Se eles deixam debater-se quem tem tais ou quais merecimentos, é para que dêem provas de perseverança e adquiram maior força no bem, o que lhes vale como uma espécie de ginástica moral.

Muitos prefeririam, com certeza, uma receita mais fácil para afastar os maus Espíritos: algumas palavras, alguns sinais, por exemplo, o que seria mais cômodo do que corrigir os defeitos. Pesamos bem, mas não conhecemos outro meio de vencer um inimigo, senão o de nos tornarmos mais fortes do que ele.

Quando estamos doentes, força é sujeitarmo-nos a tomar o remédio, por mais amargo que seja; mas, em compensação, que melhora e que força quando tivermos a coragem de o tomar! Cumpre-nos, portanto, convencer-mo-nos de que não podemos alcançar o afastamento dos maus Espíritos nem por palavras mentais, nem por fórmulas, nem por talismãs ou por quaisquer sinais materiais. Os maus Espíritos zombam destes meios, que muitas vezes são os primeiros a indicar, como infalíveis, para melhor captarem a confiança daqueles que desejam enganar; porque assim eles se lhes entregam confiantes e sem receio.

Antes de procurarmos dominar os maus Espíritos é preciso dominarmo-nos a nós mesmos. De todos os meios de conseguir a força para alcançar aquele desiderato, o mais eficaz é a vontade auxiliada pela prece, nascida do coração e não aquela que consiste em palavras, em que a boca toma mais parte do que o pensa-

mento. É preciso evocar o anjo da guarda e os bons Espíritos para que prestem auxílio na luta; mas não é bastante pedir-lhes que afastem os maus Espíritos, é principalmente necessário que não tiremos do pensamento a máxima: **ajuda-te, que o céu te ajudará.**

Cumpre-nos, sobretudo, pedirmo-lhes a necessária força para vencer as más inclinações, muito piores do que os maus Espíritos, pois que são elas que os atraem, como a carniça atrai os abutres. Orar também pelo Espírito obsessivo é pagar-lhe o mal pelo bem, e mostrar-se melhor do que ele, revelando superioridade. Com perseverança, acaba-se quase sempre por trazer o mau Espírito a melhores sentimentos e por fazer do perseguidor um Espírito agradecido.

Em resumo: a súplica fervente e a seriedade dos esforços para melhorar-se são os únicos meios de afastar os maus Espíritos que reconhecem por mestres os que praticam o bem, ao passo que as fórmulas os fazem rir e provocam-lhes a cólera e a impaciência. É preciso cansá-los, mostrando-nos mais pacientes do que eles.

Algumas vezes acontece que a subjugação aumenta ao ponto de paralisar a vontade do obsedado e de se não poder esperar da parte deste nenhum concurso sério. É nestes casos, sobretudo, que se torna mais séria a intervenção de terceiros, tanto por meio de prece, como pela ação magnética; a força, porém, desta intervenção, depende do ascendente moral que possam exercer sobre os obsessores os que vierem em auxílio dos obsedados; porque se não valerem mais que aqueles, a sua ação será estéril.

A ação magnética, em casos dessa natureza, tem por fim mudar o fluido do obsedado por outro melhor e separar o do mau Espírito. O magnetizador deve ter o duplo fim de opor força moral e produzir, no paciente, uma espécie de reação química, servindo-nos de uma comparação material, expelindo, por meio de um fluido, outro fluido. Assim, não somente ele consegue um deslocamento salutar, como, ainda, pode dar força aos órgãos enfraquecidos por uma longa e, muitas vezes, vigorosa compressão.

Compreende-se, aliás, que o poder da ação fluídica está na razão não só da energia da vontade como, principalmente, na qualidade do fluido desenvolvido e, segundo temos dito, esta qualidade depende da instrução e das qualidades morais do magnetizador. Daí se conclui que um magnetizador comum, agindo maquinalmente, pura e simplesmente para magnetizar, pouco ou nenhum efeito produz. É indispensável um magnetizador **espírita**, que aja com conhecimento de causa e com intenção, não de produzir o sonambulismo ou a cura orgânica, mas de obter os efeitos que acabamos de descrever.

É, além disso, evidente que uma ação magnética dirigida neste sentido, só pode trazer vantagens no caso de uma obsessão ordinária, porque então, se o magnetizador é auxiliado pela vontade do obsedado, o Espírito conta dois em vez de um só adversário.



É preciso notar que muitas vezes se atribuem aos Espíritos maléficos efeitos de que não são causa; uns estados mórbidos e outras aberrações que se atribuem a motivos ocultos são devidos, simplesmente, ao Espírito do próprio indivíduo. As contrariedades que se concentram, os pesares causados por amor principalmente, dão ensejo a atos excêntricos; seria erro levá-los à conta de obsessões. Pode muitas vezes ser-se obsessivo de si próprio.

Acrescentemos, finalmente, que certas obsessões contumazes, sobretudo de pessoas de merecimento, fazem parte, algumas vezes, das provas em que se acham na vida. Acontece, mesmo, que a obsessão, quando simples, é uma tarefa imposta ao obsedado, que deve trabalhar pelo melhoramento do obsessivo, como um pai pelo do filho vicioso.

(Reportemo-nos, para maiores esclarecimentos, a **O Livro dos Médiuns**).

A prece é geralmente um meio poderoso para ajudar os obsedados; mas a prece de palavras pronunciadas com indiferença, como fórmula banal, não é aquela que pode valer para casos dessa natureza, mas sim a prece ardente, que seja, ao mesmo tempo, uma espécie de magnetização mental. Pelo pensamento pode levar-se ao paciente uma corrente fluídica salutar, cujo efeito está na razão da intenção. A prece, ao mesmo tempo que provoca auxílio estranho, exerce ação fluídica. O que uma pessoa, só, não pode conseguir, muitas unidas, em intenção comum, podem alcançar mais facilmente por meio da prece coletiva e reiterada, sendo a ação aumentada pelo número.

59. A ineficácia do exorcismo, nos casos de possessão, está provada por experiência, sendo também provado que, no maior número dos casos, ele aumenta o mal em vez de diminuí-lo. A razão disso é que a eficácia está sempre no ascendente moral exercido sobre o Espírito, e nunca em atos exteriores, na virtude de palavras ou de sinais. O exorcismo consiste em cerimônias e fórmulas de que se riem os maus Espíritos, ao passo que cedem à superioridade moral. Vêm, eles, que os querem dominar por meios impotentes e, capricham, por isso mesmo, em se mostrar mais fortes contra os vãos aparatos com que se procura intimidá-los. Assim, pois, redobram de força sobre o paciente, como o cavalo velhaco que lança por terra o cavaleiro inexperto e, submete-se, quando montado por quem lhe conhece as manhas. Ora, o verdadeiro cavaleiro, neste caso, é o homem de mais puro coração, por ser melhor ouvido pelos bons Espíritos. (Todo o grave problema da obsessão está resumido neste trecho de Kardec, neste item 59. Até mesmo a questão do *mais forte*, hoje muito comum, fica bem esclarecida. A força do Espírito não é material, mas moral. E a força do médium é a mesma do Espírito. Enganam-se, pois, as pessoas que procuram *trabalhos fortes* em terreiros de Umbanda, etc., sob a alegação de que os obsessivos precisam ser afastados por meio da força. A única força que os pode realmente afastar é a força moral. O tratamento da obsessão é antes de tudo uma evangelização. O perispírito do obsedado, como diz Kardec, foi penetrado pelo do obsessivo como *a umidade penetra a roupa*, e só a doutrinação paciente e caridosa conseguirá livrá-lo dessa impregnação viciosa. Nota do Revisor).

60. O que faz um Espírito a um indivíduo, muitos Espíritos o podem fazer a outros tantos, simultaneamente; aí está o caráter epidêmico das obsessões. Uma nuvem de maus Espíritos pode baixar sobre uma localidade e ali manifestar-se por diversos modos. Foi uma epidemia desse gênero que apareceu na Judéia no tempo

do Cristo, que, por sua imensa superioridade moral, tinha sobre os demônios, ou maus Espíritos, tão grande autoridade, que bastava mandar que se retirassem, para que eles lhe obedecessem. Jesus não recorreu a sinais ou a fórmulas.

61. O Espiritismo é fundado na observação dos fatos resultantes das relações entre o mundo visível e o invisível. Esses fatos, sendo naturais, têm-se produzido em todas as épocas e abundam, principalmente, nos livros sagrados das religiões, porque eles serviram de fundamento para a maioria das crenças. Por não os terem compreendido deram, os intérpretes, diversas explicações a passagens obscuras do Antigo e do Novo Testamento. O Espiritismo, conhecendo a causa dos fenômenos, vem dissipar essas obscuridades. (Esta afirmação de Kardec vem sendo confirmada pelos depoimentos de numerosos clérigos e teólogos que se entregaram á pesquisa psíquica. De especial importância o livro do Rev. Haraldur Nielsson, professor de teologia da Universidade da Islândia, tradutor da Bíblia para o islandês por incumbência da Sociedade Bíblica Inglesa, intitulado *O Espiritismo e a Igreja*. A Edicel lançou uma tradução de Francisco Klors Werneck, autorizada pela viúva do autor, Senhora Adalbjorg Nielsson. Não menos interessante é o livro do Rev. Othoniel Motta, “Temas Espirituais”, em que o saudoso pastor e escritor, embora acusando o Espiritismo, revela os resultados positivos de suas experiências mediúnicas. O Rev. Nielsson é mais claro nas suas conclusões e chega mesmo a declarar que os fenômenos mediúnicos lhe permitiram melhor compreensão de muitas passagens da Bíblia e dos Evangelhos. Nota do Revisor).

\*

## **8 - PODER CURATIVO DO MAGNETISMO ESPIRITUAL PURO**

**(Sem qualquer mistura com o magnetismo humano)**

**Espírito do Doutor Demeure**

**(Revista Espírita/Abril de 1865 – Págs. 109-112)**

Em nosso artigo do mês passado sobre o Dr. Demeure, prestamos uma justa homenagem às suas eminentes qualidades como homem e como Espírito. O fato seguinte é uma prova de sua benevolência, ao mesmo tempo que constata o poder curativo do magnetismo espiritual.

Escrevem-nos de Montauban:

O Espírito do bom pai Demeure, vindo engrossar o número de nossos amigos invisíveis, que nos cuidam da moral e do físico, quis manifestar-se desde os primeiros dias por um benefício. A notícia de sua morte ainda não era conhecida dos nossos irmãos de Montauban, quando ele empreendeu espontânea e diretamente a cura de um deles por meio do magnetismo espiritual, apenas pela ação fluídica. Vedes que ele não perdia tempo e continuava como Espírito, assim como dizeis, sua obra de alívio da humanidade sofredora. Entretanto, há aqui uma importante distinção a fazer. Certos Espíritos continuam dados às suas ocupações terrenas, sem consciência de seu estado, sempre se julgando vivos. É próprio dos Espíritos pouco adiantados, ao passo que o Sr. Demeure se reconheceu imediatamente e age voluntariamente como Espírito, com a consciência de, neste estado, ter maior força.

Tínhamos ocultado a morte do Sr. Demeure à Sra. G..., médium vidente sonâmbula muito lúcida, para poupar sua extrema sensibilidade. E o bom doutor, percebendo nosso ponto de vista, sem dúvida tinha evitado manifestar-se a ela. A 10 de fevereiro último, estávamos reunidos a convite de nossos guias que, diziam

eles, queriam aliviar a Sra. G... de um entorse de que sofria cruelmente desde a véspera. Não sabíamos mais que isto, e estávamos longe de esperar a surpresa que nos preparavam. Apenas caída em sonambulismo, a dama soltou gritos lancinantes, mostrando o pé. Eis o que se passava:

A Sra. G... via um Espírito curvado sobre sua perna, mas as suas feições ficavam ocultas; operava fricções e massagens, fazendo de vez em quando uma tração longitudinal sobre a parte doente, absolutamente como teria feito um médico. A operação era tão dolorosa que a paciente por vezes vociferava e fazia movimentos desordenados. Mas a crise não teve longa duração; ao cabo de dez minutos todo o traço de entorse havia desaparecido, não mais inflamação, o pé tinha tomado sua aparência normal; a Sra. G... estava curada.

Quando se pensa que para curar completamente uma afecção deste gênero, os mais dotados magnetizadores, os mais exercitados, sem falar da medicina oficial, que disto não cura, é necessário um tratamento cuja duração nunca é de menos de trinta e seis horas, consagrando três sessões espirituais, pode bem ser considerada como instantânea, com tanto mais razão, como diz o próprio Espírito numa comunicação que se encontra a seguir, que era de sua parte uma experiência feita visando uma aplicação posterior, em caso de êxito.

Entretanto o Espírito continuava desconhecido do médium e persistia em não mostrar suas feições; dava mesmo a impressão de querer fugir, quando, de um pulo, nossa doente, que minutos antes não podia dar um passo, se lança no meio da sala para apertar a mão do seu médico espiritual. Neste momento a Sra. G... solta um grito e cai extenuada: acabava de reconhecer o Sr. Demeure no Espírito curador. Durante a síncope recebeu os cuidados dedicados de vários Espíritos simpáticos. Enfim, readquirida a lucidez sonambúlica, conversou com os Espíritos trocando fortes apertos de mão, principalmente com o Espírito do Doutor, que respondia a seus testemunhos de afeição, penetrando-a de um fluído reparador.

Não é uma cena empolgante e dramática, na qual parecia serem vistas todas as personagens representando seu papel na vida humana? Não é uma prova entre mil que os Espíritos são seres reais, tendo um corpo e agindo como faziam na Terra? Estávamos felizes por encontrar o nosso amigo espiritualizado, com seu excelente coração e sua delicada solicitude. Em vida ele tinha sido médico do médium; conhecia sua extrema sensibilidade e a tinha conduzido como se sua filha fosse. Esta prova de identidade dada àqueles a quem o Espírito amava não é tocante e apta para fazer encarar a vida futura sob seu aspecto mais consolador? Eis a comunicação recebida do Sr. Demeure, no dia seguinte a esta sessão:

“Meus bons amigos, estou ao vosso lado e vos amo sempre como no passado. Que felicidade poder comunicar-me com os que me são caros! Como fui feliz, ontem à noite, por me tornar útil e aliviar nosso caro médium vidente! É uma experiência que me servirá e que porei em prática no futuro, sempre que se apresentar uma ocasião favorável. Hoje seu filho está muito doente, mas espero que logo o curaremos. Tudo isto lhe dará coragem para perseverar no estudo do desenvolvimento de sua faculdade. (O filho da Sra. G... realmente foi curado de uma angina inflamatória, com medicação homeopática, ordenada pelo Espírito).

“Daqui a algum tempo poderemos fornecer-vos ocasião de testemunhar fenômenos que ainda não conheceis, e que serão de grande utilidade para a ciência

espírita. Serei feliz em poder contribuir a essas manifestações, que teria tido tanto prazer de ver quando vivo. Mas, graças a Deus, hoje as assisto de maneira muito particular e que me prova evidentemente a verdade do que se passa entre vós. Crede, meus bons amigos, que sinto sempre um verdadeiro prazer em me tornar útil aos meus semelhantes, e os ajudar a propagar estas belas verdades, que devem mudar o mundo, trazendo-o a melhores sentimentos. Adeus, meus amigos; até à vista.

ANTOINE DEMEURE

Não é curioso ver um Espírito, já sábio na Terra, como Espírito fazer estudos e experiências para adquirir mais habilidade no alívio de seus semelhantes? Há nesta confissão uma louvável modéstia que confere o verdadeiro mérito, ao passo que os Espíritos pseudo-sábios geralmente são presunçosos.

O último número da *Revista* cita uma comunicação do Sr. Demeure, como dada em Montauban a 1.º de fevereiro. Foi a 26 de janeiro que ela foi ditada; em minha opinião a data tem uma certa importância porque foi ao dia seguinte à sua morte. No segundo parágrafo diz ele:... “Gozo de uma lucidez rara nos Espíritos há pouco desprendidos da matéria.” Com efeito, essa lucidez prova um rápido desprendimento, só peculiar a Espíritos moralmente muito adiantados.

**OBSERVAÇÃO:** A cura referida acima é um exemplo da ação do magnetismo espiritual puro, sem qualquer mistura do magnetismo humano. Por vezes os Espíritos se servem de médiuns especiais, como condutores de seu fluído. Aí estão os *médiuns curadores* propriamente ditos, cuja faculdade apresenta graus muito diversos de energia, conforme sua aptidão pessoal, e a natureza dos Espíritos, pelos quais são assistidos. Conhecemos em Paris uma pessoa há oito meses atingida de exostoses na anca e no joelho, que lhe causam grandes sofrimentos e a prendem ao leito. Um de seus jovens amigos, dotado desta preciosa faculdade, lhe deu cuidados pela simples imposição das mãos, durante alguns minutos, sobre a cabeça e pela prece, que o doente acompanhava com fervor edificante. Este experimentava, no momento, uma crise muito dolorosa, análoga à sentida pela Sra. G..., logo seguida de uma calma perfeita. Então sentia a impressão enérgica de várias mãos, que massageavam e estiravam a perna, que se via alongar-se de 10 a 12 centímetros. Nele já há uma melhora muito sensível, porque começa a andar; mas a antiguidade e a gravidade do mal, necessariamente tornam a cura mais difícil e demorada que uma simples entorse.

Fazemos observar que a mediunidade curadora ainda não é apresentada, ao que saibamos, com caracteres de generalidade e de universalidade, mas, ao contrário, restrita como aplicação, isto é, que o médium tem uma ação mais poderosa sobre certos indivíduos do que sobre outros, e não cura todas as doenças. Compreende-se que assim deva ser, quando se conhece o papel capital que representam as afinidades fluídicas em todos os fenômenos de mediunidade. Algumas pessoas só a gozam acidentalmente (dessa mediunidade) e para um determinado caso. Seria, pois, um erro crer, por isso, que por se obter uma cura, podem ser obtidas todas, pela razão que o fluído próprio de certas doenças é refratário ao fluído do médium; a cura é tanto mais difícil quanto a assimilação dos fluidos não se opera naturalmente. Assim, é surpreendente que algumas pessoas frágeis e delicadas exerçam uma ação poderosa sobre indivíduos fortes e robustos. Então é que essas pessoas são bons condutores do fluido espiritual, ao passo que homens vigorosos podem ser maus condutores. Têm seu fluido pessoal, fluido humano, que jamais tem a pureza e o poder reparador do fluido depurado dos bons Espíritos.

De acordo com isto, compreende-se as causas maiores que se opõem a que a mediunidade curadora se torne uma profissão. Para dela fazer ocupação, seria preciso ser dotado de uma faculdade universal. Ora, só Espíritos encarnados da mais elevada ordem poderiam possuí-la nesse grau. Ter essa presunção, mesmo exercendo-a com desinteresse e por pura filantropia, seria uma prova de orgulho que, por si só, seria um sinal de inferioridade moral. A verdadeira superioridade é modesta: faz o bem sem ostentação e apaga-se em vez de procurar o brilho; o renome vai buscá-la e a descobre, ao passo que o presunçoso corre à busca do renome que muitas vezes lhe escapa. Jesus

dizia aos que havia curado: “Ide, daí graças a Deus e não o digais a ninguém.” É uma grande lição para os médiuns curadores.

Lembraremos aqui que a mediunidade curadora está exclusivamente na ação fluídica mais ou menos instantânea; que não deve ser confundida com o magnetismo humano, nem com a faculdade que têm certos médiuns de receber dos Espíritos a indicação de remédios. Estes últimos são apenas *médiuns médicos*, como outros são médiuns poetas ou desenhistas.

ALLAN KARDEC.

\*

## **9 - DA MEDIUNIDADE CURADORA PELA IMPOSIÇÃO DAS MÃOS (Revista Espírita. Setembro/1865).**

Escrevem-nos de Lyon, a 12 de julho de 1865:

“Caro Senhor Kardec,

“Na qualidade de espírita, venho recorrer à vossa gentileza e pedir alguns conselhos relativamente à prática da mediunidade curadora pela imposição das mãos. Um simples artigo a respeito na *Revista Espírita*, contendo alguns desenvolvimentos, seria acolhido, tenho certeza, com grande interesse, não apenas pelos que, como eu, se ocupam desta questão com ardor, mas ainda por muitos outros a quem a leitura poderia inspirar o desejo de também dela se ocupar. Lembro-me sempre das palavras de uma sonâmbula que eu tinha formado. Eu a mandava durante o sono magnético, visitar uma doente à distancia e à minha pergunta como poderia ser curada, disse ela: “Há alguém em sua aldeia que o poderia. É fulano. Ele é médium curador, *mas não o sabe.*”

“Não sei até que ponto essa faculdade é especial; e vos cabe, mais que a qualquer outro, apreciá-la. Mas se realmente o for, quanto seria desejável que sobre tal ponto chamásseis a atenção dos Espíritos. Todos aqueles que, mesmo fora de nossas opiniões, vos lessem, não poderiam sentir qualquer repugnância em experimentar uma faculdade que apenas requer fé em Deus e a prece. Que de mais geral e mais universal? Não é mais questão de Espiritismo e cada um, no seu terreno, pode conservar suas convicções. Quantas irmãs de caridade, quantos bons curas do campo, quantos milhares de pessoas piedosas, ardentes pela caridade, poderiam ser médiuns curadores! É o que sonho em todas as religiões, em todas as seitas. Aceita por toda a parte, essa faculdade, esse presente divino da bondade do Criador, em vez de ficar como apanágio de alguns, cairia, se assim me posso exprimir, no domínio público. Seria um belo dia para os que sofrem; e os há tantos!

“Mas para exercitar essa faculdade, independentemente de uma fé viva, e da prece, podem existir condições a reunir, processos a seguir para se agir o mais eficazmente possível. Qual a parte do médium na imposição das mãos? Qual a dos Espíritos? É necessário empregar a vontade, como nas operações magnéticas, ou limitar-se a orar, deixando a influência oculta agir à vontade? Essa faculdade é, realmente, especial ou acessível a todos? O organismo aí representa um papel? E que papel? Essa faculdade é desenvolvível? E em que sentido?

“É aqui que vossa longa experiência, vossos estudos sobre as influências fluídicas, o ensino dos Espíritos elevados que vos assistem e, enfim, os documentos que recolheis de todos os recantos do mundo vos podem permitir esclarecer-nos e instruir-nos. Ninguém como vós está colocado nessa posição única. Todos os que se ocupam deste assunto desejam vossos conselhos tanto quanto eu, disto tenho certeza, e creio fazer-me o intérprete de todos. Que mina fecunda é a mediunidade curadora! Aliviar-se-á ou curar-se-á o corpo; e pelo alívio ou pela cura achar-se-á o caminho do coração, onde muitas vezes a lógica havia falhado. Que recursos possui o Espiritismo! Como é rico de meios a que está chamado a servir! Não deixemos nenhum improdutivo; que tudo contribua para elevá-lo e espalhá-lo. Para tanto nada poupareis, caro senhor Kardec; e depois de Deus e dos bons Espíritos, o Espiritismo vos deve o que é. Já tendes uma recompensa neste mundo pela simpatia e pela afeição de milhões de corações que oram por vós, sem contar a verdadeira recompensa que vos espera no mundo melhor.

“Tenho a honra, etc.

“A. D.”

O que nos pede o honrado correspondente é nada menos que um tratado sobre a matéria. A questão foi esboçada no *Livro dos Médiuns* e em muitos artigos da *Revista*, a propósito dos casos de cura e de obsessões; está resumida no *Evangelho Segundo o Espiritismo*, a propósito das preces pelos doentes e dos médiuns curadores. Se um tratado regular e completo ainda não foi feito, isto se deve a duas causas: a primeira é que, a despeito de toda a atividade que desenvolvemos em nossos trabalhos, é-nos impossível fazer tudo ao mesmo tempo; a segunda, que é mais grave, está na insuficiência de noções que a respeito se possuem. O conhecimento da mediunidade curadora é uma das conquistas que devemos ao Espiritismo; mas o Espiritismo, que começa, ainda não pode ter dito tudo; não pode, de um só golpe, mostrar-nos todos os fatos que abarca; diariamente os mostra novos, dos quais decorrem novos princípios, que vêm corroborar ou completar os já conhecidos, mas é necessário tempo material para tudo. A mediunidade curadora deveria ter a sua vez; posto que parte integrante do Espiritismo, ela é, por si só, toda uma ciência, porque se liga ao magnetismo, e não só abarca as doenças propriamente ditas, mas todas as variedades, tão numerosas e complexas de obsessões que, também, estas influem no organismo. Não é, pois, nalgumas palavras que se pode desenvolver um assunto tão vasto. Nele trabalhamos, como em todas as outras partes do Espiritismo; mas como aí nada queremos introduzir de pessoal e de hipotético, procedemos por via de experiência e de observação. Não nos permitindo os limites deste artigo lhe dar o desenvolvimento que comporta, resumimos alguns dos princípios fundamentais, que a experiência consagrou.

1. – Os médiuns que recebem indicações de remédios, da parte dos Espíritos, não são o que se chama médiuns curadores, pois eles próprios não curam; são simples médiuns escreventes, que têm uma aptidão mais especial que os outros, para esse gênero de comunicações e que, por isto mesmo, podem ser chamados *médiuns consultores*, como outros são médiuns poetas ou desenhistas. A mediunidade curadora é exercida pela ação direta do médium sobre o doente, com o auxílio de uma espécie de magnetização de fato, ou pelo pensamento.

2. – Quem diz *médium* diz *intermediário*. A diferença entre o magnetizador, propriamente dito, e o médium curador, é que o primeiro magnetiza com o seu fluido pessoal, e o segundo com o fluido dos Espíritos, ao qual serve de condutor. O magnetismo produzido pelo fluido do homem é o *magnetismo humano*; o que provém do fluido dos Espíritos é o *magnetismo espiritual*.

3. – O fluido magnético tem, pois, duas fontes distintas: os Espíritos encarnados e os Espíritos desencarnados. Essa diferença de origem produz uma grande diferença na qualidade do fluido e nos seus efeitos.

O fluido humano está sempre mais ou menos impregnado de impurezas *físicas e morais* do encarnado; o dos bons Espíritos é necessariamente mais puro e, por isto mesmo, tem propriedades mais ativas, que acarretam uma cura mais pronta. Mas, passando através do encarnado, pode alterar-se como um pouco de água límpida passando por um vaso impuro, como todo remédio se altera se demorou bastante num vaso sujo e perde, em parte, suas propriedades benéficas. Daí, para todo verdadeiro médium curador, a necessidade *absoluta* de trabalhar a sua depuração, isto é, o seu melhoramento moral, segundo o princípio vulgar: limpai o vaso antes de vos servirdes dele, se quiserdes ter algo de bom. Só isto basta para mostrar que o primeiro que aparecer não poderá ser um médium curador, na verdadeira acepção da palavra.

4. – O fluido espiritual será tanto mais depurado e benfazejo quanto mais o Espírito que o fornece for puro e desprendido da matéria. Compreende-se que o dos Espíritos inferiores deva aproximar-se do fluido do homem e possa ter propriedades *maléficas*, se o Espírito for impuro e animado de más intenções.

Pela mesma razão, as qualidades do fluido humano apresentam nuances infinitas, conforme as qualidades *físicas e morais* do indivíduo. É evidente que o fluido emanado de um corpo malsão pode inocular princípios mórbidos no magnetizado. As qualidades morais do magnetizador, isto é, a pureza de intenção e de sentimento, o desejo ardente e desinteressado de aliviar o seu semelhante, aliados à saúde do corpo, dão ao fluido um poder reparador que pode, em certos indivíduos, aproximar-se das qualidades do fluido espiritual.

Assim, seria um erro considerar o magnetizador como simples máquina de transmitir fluidos. Nisto, como em todas as coisas, o produto está na razão do instrumento e do agente produtor. Por estes motivos, seria imprudência submeter-se à ação magnética do primeiro desconhecido. Abstração feita dos conhecimentos práticos indispensáveis, o fluido do magnetizador é como o leite de uma nutriz: salutar ou insalubre.

5. – Sendo o fluido humano menos ativo, exige uma magnetização continuada e um verdadeiro tratamento, por vezes muito longo. Gastando o seu próprio fluido, o magnetizador se esgota e se fatiga, pois dá de seu próprio elemento vital. Por isso deve, de vez em quando, recuperar suas forças. O fluido espiritual, mais poderoso, em razão de sua pureza, produz efeitos mais rápidos e, por vezes, quase instantâneos. Não sendo esse fluido do magnetizador, resulta que a fadiga é quase nula.

6. – O Espírito pode agir diretamente, sem intermediário, sobre um indivíduo, como foi constatado em muitas ocasiões, quer para o aliviar e o curar, se pos-

sível; quer para produzir o sono sonambúlico. Caso aja por um intermediário, trata-se *mediunidade curadora*.

7. – O médium curador recebe o influxo fluídico do Espírito, ao passo que o magnetizador tudo tira de si mesmo. Mas os médiuns curadores, na estrita acepção da palavra, isto é, aqueles cuja personalidade se apaga completamente ante a ação espiritual, são extremamente raros, porque essa faculdade, elevada ao mais alto grau, requer um conjunto de qualidades morais, raramente encontradas na Terra; só esses podem obter, pela imposição das mãos, essas curas instantâneas, que nos parecem prodigiosas. Muito poucas pessoas podem pretender este favor. Sendo o orgulho e o egoísmo as principais fontes das imperfeições humanas, daí resulta que os que se gabam de possuir esse dom, que vão a toda parte contando curas maravilhosas que fizeram, ou dizem ter feito, que buscam a glória, a reputação ou o proveito, estão nas piores condições para o obter, porque essa faculdade é o privilégio *exclusivo da modéstia, da humildade, do devotamento e do desinteresse*. Jesus dizia àqueles a quem havia curado: Ide dar graças a Deus e não o dizeis a ninguém.

8 – Sendo, pois, a mediunidade curadora uma exceção aqui na Terra, resulta que há quase sempre ação simultânea do fluido espiritual e do fluido humano; quer dizer que os médiuns curadores são todos mais ou menos magnetizadores, razão por que agem conforme os processos magnéticos. A diferença está na predominância de um ou do outro fluido e na cura mais ou menos rápida. Todo magnetizador pode tornar-se médium curador, se souber fazer-se assistir por bons Espíritos. Neste caso os Espíritos lhe vêm em ajuda, derramando sobre ele seu próprio fluido, que pode decuplicar a ação do fluido puramente humano.

9. – Os Espíritos vêm aos que querem; nenhuma vontade pode constrangê-los; eles se rendem à prece, se esta for fervorosa, sincera, mas nunca por injunção. Disto resulta que a vontade não pode dar a mediunidade curadora e ninguém pode ser médium curador com desígnio premeditado. Reconhece-se o médium curador pelos resultados que obtém e não *por sua pretensão de o ser*.

10. – Mas se a vontade for ineficaz quanto ao concurso dos Espíritos, é onipotente para imprimir ao fluido espiritual ou humano, uma boa direção e uma energia maior. No homem mole e *distráido*, a corrente é mole, a emissão é fraca; o fluido espiritual paira nele, mas sem que o aproveite; no homem de vontade enérgica, a corrente produz *o efeito de uma ducha*. Não se deve confundir vontade enérgica com a teimosia, porque esta é sempre resultado do orgulho ou do egoísmo, ao passo que o mais humilde pode ter *a vontade do devotamento*.

A vontade é ainda onipotente para dar aos fluidos as qualidades especiais apropriadas à qualidade do mal. Este ponto, que é capital, se liga a um princípio ainda pouco conhecido, mas que está em estudo: o das criações fluídicas e das modificações que o pensamento pode produzir na matéria. O pensamento, que provoca uma emissão fluídica, pode operar certas transformações moleculares e atômicas, como se vêem ser produzidas sob a influencia da eletricidade, da luz, ou do calor.

11 – A prece, que é um pensamento, quando fervorosa, ardente, feita com fé, produz o efeito de uma magnetização, não só chamando o concurso dos bons Espíritos, mas dirigindo ao doente uma salutar corrente fluídica. À respeito cha-



mamos a atenção para as preces contidas no *Evangelho Segundo o Espiritismo*, pelos doentes ou pelos obsessados.

12 – Se a mediunidade curadora pura é privilégio das almas de escol, a possibilidade de suavizar certos sofrimentos, mesmo de os curar, ainda que não instantaneamente, umas tantas moléstias, a todos é dada, sem que haja necessidade de ser magnetizador. O conhecimento dos processos magnéticos é útil em casos complicados, mas não é indispensável. Como a todos é dado apelar aos bons Espíritos, orar e *querer* o bem, muitas vezes basta impor as mãos sobre a dor para a acalmar; é o que pode fazer qualquer um, se trazer a fé, o fervor, a vontade e a confiança em Deus. É de notar que a maior parte dos médiuns curadores inconscientes, os que não se dão conta de sua faculdade, e que por vezes são encontrados nas mais humildes posições e em gente privada de qualquer instrução, recomendam a prece e se entre - ajudam orando. Apenas sua ignorância lhes faz crer na influência desta ou daquela fórmula. Às vezes, mesmo, a isto misturam práticas evidentemente supersticiosas, às quais se deve emprestar o valor que merecem.

13 – Mas, porque se obtiveram resultados satisfatórios, uma ou mais vezes, seria temerário considerar-se médium curador e daí concluir que se pode vencer toda espécie de mal. A experiência prova que, na acepção restrita da palavra, entre os melhores dotados não há médiuns curadores universais. Este terá restituído a saúde a um doente e nada fará sobre outro; aquele terá curado um mal numa pessoa e não curará o mesmo mal outra vez, no mesmo doente ou em outro; aquele outro terá a faculdade hoje e não a terá amanhã; e poderá recuperá-la mais tarde, conforme as afinidades ou as condições fluídicas em que se encontre.

14 – A mediunidade curadora é uma *aptidão*, como todos os gêneros de mediunidade, inerente ao indivíduo, mas o resultado efetivo dessa aptidão depende de sua vontade. Incontestavelmente ela se desenvolve pelo exercício, sobretudo pela prática do bem e da caridade; mas como não poderia ter a fixidez, nem a pontualidade de um talento adquirido pelo estudo, e do qual se é sempre senhor, não poderia tornar-se uma profissão. Seria, pois, abusivamente que alguém se apresentasse ao público como médium curador. Estas reflexões não se aplicam aos magnetizadores, porque a força está neles e têm a liberdade de dela dispor.

15 – É um erro crer que os que não partilham de nossas idéias não terão a menor repugnância em experimentar esta faculdade. A mediunidade curadora *racional* está intimamente ligada ao Espiritismo, desde que repousa essencialmente no concurso dos Espíritos. Ora, os que nem crêem nos Espíritos, nem na alma, e, ainda menos, na eficácia da prece, não poderiam colocar-se nas condições requeridas, pois isto não é coisa que se possa experimentar maquinalmente. Entre os que acreditam na alma e em sua imortalidade, quantos ainda hoje não recuariam de medo ante um apelo aos bons Espíritos, por medo de atrair o demônio e ainda julgam de boa-fé que todas as curas sejam obra do diabo? O fanatismo é cego; não raciocina. Certamente não será sempre assim, mas ainda passará muito tempo antes que a luz penetre em certos cérebros. Enquanto se espera, façamos o maior bem possível com o auxílio do Espiritismo; façamo-lo mesmo aos nossos inimigos, ainda que tivéssemos de ser pagos com a ingratitude. É o melhor meio de vencer certas resistências e de provar que o Espiritismo não é tão negro como alguns pretendem.

\*

## **10 - CURA DE UMA FRATURA PELA MAGNETIZAÇÃO ESPIRITUAL,**

### **SEM INTERFERÊNCIA MEDIÚNICA -**

**(Revista Espírita. Setembro/1865)**

Sem dúvida os leitores se lembram do caso de uma cura quase instantânea de uma entorse, operada pelo Espírito do Dr. Demeure, poucos dias após a sua morte e que relatamos na *Revista* de março último, como a descrição da cena tocante ocorrida na ocasião. Esse excelente Espírito vem ainda assinalar a sua boa vontade, por uma cura ainda mais maravilhosa, na mesma pessoa. Eis o que nos escrevem, de Montauban, a 14 de julho último:

O Espírito do Dr. Demeure acaba de dar-nos uma prova de sua solicitude e de seu profundo saber. Eis em que ocasião.

Na manhã de 26 de maio último, a Sra. Maurel, nosso médium vidente e escrevente mecânico, deu uma queda desastrosa e quebrou o ante-braço, um pouco abaixo do cotovelo.

A fratura, complicada por distensões no punho e no cotovelo, estava bem caracterizada pela crepitação dos ossos e inchação, que são os sinais mais certos.

Sob a impressão da primeira emoção produzida pelo acontecimento, os pais da Sra. Maurel iam procurar o primeiro médico que aparecesse quando esta, retendo-os, tomou de um lápis e escreveu mediunicamente, com a mão esquerda: “Não procureis um médico; eu me encarrego disto. Demeure.” Então esperaram com confiança.

Conforme as indicações do Espírito, faixas e um aparelho foram imediatamente confeccionados e colocados. Em seguida foi feita uma magnetização espiritual praticada pelos bons Espíritos que, provisoriamente, ordenaram repouso.

Na noite do mesmo dia, alguns adeptos, convocados pelos Espíritos, reuniram-se em casa da Sra. Maurel que, adormecida por um médium magnetizador, não demorou a entrar em sonambulismo. Então o Dr. Demeure continuou o tratamento que havia iniciado pela manhã, agindo mecanicamente sobre o braço fraturado.

Já sem outro recurso aparente, além de sua mão esquerda, nossa doente tinha tirado, rápido, o primeiro aparelho, deixando apenas as faixas, quando se viu, insensivelmente, e sob a influência da atração magnética, o membro tomar diversas posições, próprias para facilitar a redução da fratura. Parecia, então, ser objeto de toques inteligentes, sobretudo no ponto onde devia operar-se a soldadura dos ossos; depois se alongava, sob a ação de trações longitudinais.

Após alguns instantes dessa magnetização espiritual, a Sra. Maurel procedeu, sozinha, à consolidação das faixas e a uma nova aplicação do aparelho, consistente de duas tabuinhas ligadas entre si e ao braço por meio de uma correia. Tudo, pois, se havia passado como se um hábil cirurgião tivesse, ele próprio, operado visivelmente; e, coisa curiosa, ouvia-se durante o trabalho as palavras que, em sua dor, escapavam da boca da paciente: “Não aperte tanto!... Vós me maltratais!”...

Ela via o Espírito do doutor e era a ele que se dirigia, suplicando poupar sua sensibilidade. Era, pois, um ser invisível para todos, exceto para ela, que lhe fazia apertar o braço, servindo-se inconscientemente de sua própria mão esquerda.

Qual papel do médium magnetizador durante esse trabalho? Aos nossos olhos parecia inativo; com a mão direita apoiada na espádua da sonâmbula, contribuía com sua parte para o fenômeno, pela emissão de fluidos necessários à sua realização.

Na noite de 27 para 28, tendo a Sra. Maurel desarranjado o braço, em consequência de uma posição falsa, tomada durante o sono, declarou-se uma febre alta, pela primeira vez. Era urgente remediar esse estado de coisas. Assim, reuniram-se novamente no dia 28 e, uma vez declarado o sonambulismo, foi formada a cadeia magnética, a pedido dos bons Espíritos. Após diversos passes e manipulações, em tudo como as acima descritas, o braço foi recolocado em bom estado, não sem ter a pobre senhora experimentado dores muito cruéis. Apesar do novo incidente, o membro já se ressentia do efeito salutar produzido pelas magnetizações anteriores. O que se segue, aliás, o prova. Momentaneamente desembaraçado das tabuinhas, o braço repousava sobre almofadas quando, de repente, se levantou alguns centímetros em posição horizontal e dirigido suavemente para a esquerda e para a direita; depois baixou obliquamente e foi submetido a uma nova tração. A seguir, os Espíritos se puseram a girá-lo e tornar a girá-lo em todos os sentidos e, de vez em quando, fazendo trabalhar direito as articulações do cotovelo e do punho. Tais movimentos automáticos imprimidos a um braço fraturado, inerte, contrários a todas as leis conhecidas da gravidade e da mecânica, só podiam ser atribuídos à ação fluídica. Se não tivesse havido a certeza da existência dessa fratura, bem como os gritos dilacerantes dessa pobre senhora, confesso que teria tido muita dificuldade em admitir o fato, um dos mais curiosos que a ciência possa registrar. Assim, posso dizer, com toda a sinceridade, que me sinto feliz por ter testemunhado semelhante fenômeno.

Nos dias 29, 30, 31 e seguintes, as magnetizações espirituais sucessivas, acompanhadas de manipulações variadas de mil maneiras trouxeram sua sensível melhora no estado geral de nossa doente. Diariamente o braço adquiria novas forças. Sobretudo o dia 31 deve ser assinalado como marcando o primeiro passo para a convalescença. Naquela noite dois Espíritos, que se faziam notar pelo brilho de sua radiação, assistiam ao nosso amigo Demeure. Pareciam dar-lhes conselhos, que este se apressava em por em prática. Um deles, até, de vez em quando se punha à obra e, por sua suave influência produzia sempre um alívio instantâneo. Pelo fim da noite as tabuinhas foram definitivamente abandonadas e ficaram só as faixas, para sustentar o braço e mantê-lo em determinada posição. Devo acrescentar que, além disso, um aparelho de suspensão vinha aumentar a solidez do enfaixamento. Assim, no sexto dia após o acidente e, malgrado a recaída sobrevinda a 27, a fratura estava em tal via de cura, que o emprego dos meios usados pelos médicos durante trinta ou quarenta dias, teria se tornado inútil. A 4 de junho, dia fixado pelos bons Espíritos para a redução da fratura complicada de distensões, reunimo-nos à noite. A Sra. Maurel, apenas em sonambulismo, pôs-se a desenrolar as faixas, ainda enroladas no braço, imprimindo-lhe um movimento de rotação tão rápido que dificilmente o olho seguia os contornos da curva descrita. A partir desse momento, servira-se do braço como habitualmente. Estava curada.

No fim da sessão houve uma cena tocante, que merece ser relatada. Os bons Espíritos, em número de trinta, no começo formavam uma cadeia magnética, paralela à que nós próprios formávamos. Tendo-se levantado, a Sra. Maurel, pela mão direita, punha-se em comunicação direta, sucessivamente, com cada dois Espíritos; colocada no interior das duas cadeias, recebia a ação benéfica da dupla corrente fluídica enérgica. Radiosa de satisfação, aproveitava a ocasião para agradecer com efusão o poderoso concurso que tinham prestado à sua cura. Por sua vez, recebia encorajamento a perseverar no bem. Terminado isto, ela experimentou suas forças de mil modos; apresentando o braço aos assistentes, fazia-os tocar nas cicatrizes da soldadura dos ossos; apertava-lhes a mão com força, indicando com alegria a cura operada pelos bons Espíritos. Ao despertar, vendo-se livre em todos os movimentos, desfaleceu, dominada por profunda emoção!...

Quando se foi testemunha de tais fatos não se pode deixar de os proclamar alto e bom som, pois merecem atrair a atenção da gente séria.

Por que, então, no mundo inteligente se encontra tanta resistência em admitir a influência do Espírito sobre a matéria? Por que se encontram pessoas que crêem na existência e na individualidade do Espírito, mas lhes recusam a possibilidade de se manifestar? É porque não se dão conta das faculdades físicas do Espírito, que se lhes afigura imaterial de maneira absoluta. Ao contrário, a experiência demonstra que, por sua própria natureza, ele age diretamente sobre os fluidos imponderáveis e, por conseguinte, sobre os fluidos ponderáveis, e, mesmo sobre os corpos tangíveis.

Como procede um magnetizador ordinário? Suponhamos que queira agir, por exemplo, sobre um braço. Concentra sua atenção sobre esse membro e, por um simples movimento dos dedos, executado à distância e em todos os sentidos, agindo absolutamente como se o contato da mão fosse real, dirige uma corrente fluídica sobre o ponto desejado. O Espírito não age diversamente. Sua ação fluídica se transmite de perispírito a perispírito, e desse ao corpo material. O estado de sonambulismo facilita consideravelmente essa ação, graças ao desprendimento do perispírito, que melhor se identifica com a natureza fluídica do Espírito, e sofre, então, a influência magnética espiritual, elevada ao seu maior poder.

Toda a cidade ocupou-se desta cura, obtida sem auxílio da ciência oficial, e cada um dá o seu palpite. Uns pretenderam que o braço não se tinha quebrado; mas a fratura tinha sido bem e devidamente constatada por numerosas testemunhas oculares, entre outras o Dr. D... visitou a doente durante o tratamento. Outros disseram: “É muito surpreendente!” e pararam nisto. Inútil acrescentar que alguns afirmavam que a Sra. Maurel tinha sido curada pelo diabo. Se ela não estivesse entre mãos profanas, nisso teriam visto um milagre. Para os Espíritas, que se dão conta do fenômeno, aí vêem muito simplesmente a ação de uma força natural, até agora desconhecida, e que o Espiritismo veio revelar aos homens.

**OBSERVAÇÕES:** Se há fatos espíritas que, até certo ponto, poderiam ser atribuídos à imaginação, como, por exemplo, os das visões, neste já não seria o mesmo. A Sra. Maurel não sonhou que tivesse quebrado o braço, como não sonharam as diversas pessoas que acompanharam o tratamento; as dores que sentia não eram alucinação; sua cura em oito dias não é uma ilusão, pois se serve de seu braço; fato que no estado atual dos conhecimentos parece impossível. Mas não foi assim sempre que se revelaram novas leis? É a rapidez da cura que vos espanta? Mas não terá a medicina descoberto inúmeros agentes mais ativos do que os que conhecia, para apressar certas cu-

ras? Nos últimos tempos não foram achados meios de cicatrizar certas feridas quase que instantaneamente? Não se encontrou o de ativar a vegetação e a frutificação: Por que não se poderia ter um para ativar a soldagem dos ossos? Então conheceis todos os agentes da natureza? Deus não tem mais segredos para vós? Não há mais lógica em negar hoje a possibilidade de uma cura rápida do que havia, no século passado, de negar a possibilidade de fazer nalgumas horas o caminho que se levavam dez dias para percorrer. Direis que este meio não está no codex; é verdade; mas antes que a vacina nele fosse inscrita, seu inventor não foi tratado como louco? Os remédios homeopáticos também lá não se acham, o que não impede que os médicos homeopatas se encontrem em toda a parte e curem. Aliás, como aqui não se trata de uma preparação farmacêutica, é mais provável que esse meio de cura não figure por muito tempo na ciência oficial.

Dirão, porém, se os médicos vêm exercer sua arte depois de mortos, querem fazer concorrência aos médicos vivos; é bem possível; entretanto, que estes últimos se garantam; se eles lhes arrancam algumas práticas, não é para os suplantar, mas para lhes provar que não estão absolutamente mortos, e lhes oferecer o concurso desinteressado aos que quiserem aceitá-lo. Para melhor fazê-los compreender, mostram-lhes que, em certas circunstâncias, pode-se passar sem eles. Sempre houve médicos e os haverá sempre; apenas os que aproveitarem as novidades que lhes trouxerem os desencarnados terão uma grande vantagem sobre os que ficarem para trás. Os Espíritos vêm *ajudar o desenvolvimento da ciência humana*, e não suprimi-la.

Na cura da Sra. Maurel, um fato que surpreenderá, talvez, ainda mais que a rápida soldura dos ossos, é o movimento do braço fraturado, que parece contrário a todas as leis conhecidas da dinâmica e da gravidade. Contrário ou não, o fato aí está; desde que existe, tem uma causa; desde que se renova, está submetido a uma lei. Ora, é essa lei que o Espiritismo nos vem dar a conhecer pelas propriedades dos fluidos perispirituais. Aquele braço que, submetido só às leis da gravidade, não podia erguer-se, supõe-o mergulhado num líquido de uma densidade muito maior que a do ar; fraturado como está, uma vez sustido por esse líquido que lhe diminui o peso, poderá aí mover-se sem esforço, e até erguido sem o menor esforço. É assim que num banho, o braço que parece muito pesado fora da água, parece muito leve dentro da água. Substitui o líquido por um fluido que goze das mesmas propriedades e tereis o que se passa no caso presente, fenômeno que repousa no mesmo princípio que o das mesas e das pessoas que se mantêm no espaço sem ponto de apoio. Esse fluido é o fluido perispiritual, que o Espírito dirige à vontade, e cujas propriedades modifica pela simples ação da vontade. Na circunstância presente deve-se, pois, imaginar o braço da Sra. Maurel mergulhado num meio fluido que produz o efeito do ar sobre os balões.

Alguém perguntava, a respeito, se na cura dessa fratura, o Espírito do Dr. Demeure teria agido com ou sem concurso da eletricidade e do calor.

A isto respondemos que a cura foi produzida, no caso, como em todos os casos de cura, pela magnetização espiritual, pela ação do fluido emanado do Espírito; que esse fluido, posto que etéreo, não deixa de ser matéria; que pela corrente que lhe imprime, o Espírito pode com ele impregnar e saturar todas as moléculas da parte doente; que pode modificar suas propriedades, como o magnetizador modifica as da água, dando-lhe uma virtude curativa adequada às necessidades; que a energia da corrente está na razão do *número*, da *qualidade* e da *homogeneidade* dos elementos que constituem a corrente das pessoas chamadas a fornecer seu contingente fluídico. Essa corrente provavelmente ativa a secreção que deve produzir a soldadura dos ossos e assim produz a cura mais rápida do que quando entregue a si mesma.

Agora, a eletricidade e o calor representam um papel no fenômeno? Isto é tanto mais provável quanto o Espírito *não ter curado por milagre*, mas por uma aplicação mais judiciosa das leis da natureza, em razão de sua clarividência. Se, como a ciência é levada a admitir, a eletricidade e o calor não são fluidos especiais, mas modificações ou propriedades de um fluido elementar universal, devem fazer parte dos elementos constitutivos do fluido perispiritual. Sua ação, no caso vertente, está implicitamente compreendida, absolutamente como quando se bebe vinho, necessariamente se bebe água e álcool.

ALLAN KARDEC.

\*

## 11 - MÉDIUNS CURADORES

**(Revista Espírita. Janeiro/1864)**

Um oficial de caçadores, Espírita de longa data, e um dos numerosos exemplos de reformas morais que o Espiritismo pode operar, transmite estes detalhes:

“Caro mestre, aproveitamos as longas horas de inverno para nos entregarmos com ardor ao desenvolvimento de nossas faculdades mediúnicas. A tríade do 4º de caçadores, sempre unido, sempre vivo, inspira-se em seus deveres, e ensaia novos esforços. Sem dúvida desejais conhecer o objeto de nossos trabalhos, a fim de saber se o campo que cultivamos não é estéril. Podereis julgá-lo pelos detalhes seguintes. Desde alguns meses nossos trabalhos têm por objeto o estudo dos fluidos. Este estudo desenvolveu em nós a mediunidade curadora; assim, agora a aplicamos com sucesso. Há alguns dias, uma simples emissão fluídica de cinco minutos com minha mão bastou para tirar uma nevralgia violenta.

“Há vinte anos a Sra. P... estava afetada por uma hiperestesia aguda ou exagerada sensibilidade da pele, moléstia que há quinze anos a retinha no quarto. Mora numa pequena cidade vizinha; e tendo ouvido falar de nosso grupo espírita, veio buscar alívio junto de nós. Ao cabo de trinta e cinco dias partiu completamente curada. Durante esse tempo recebeu, diariamente, um quarto de hora de emissão fluídica, com o concurso de nossos guias espirituais.

“Ao mesmo tempo, estendíamos os nossos cuidados a um epilético, ferido por esse mal há vinte e sete anos. As crises se repetiam quase todas as noites, durante as quais a mãe passava longas horas à sua cabeceira. Trinta e cinco dias bastaram para essa cura importante; e aquela mãe estava feliz, levando o filho radicalmente curado! Nós nos revezávamos, os três, de oito em oito dias. Para a emissão do fluido, ora colocávamos a mão no vazio do estômago doente, ora sobre a nuca, na raiz do pescoço. Cada dia o doente podia constatar a melhora; nós mesmos, após a evocação e no recolhimento, sentíamos o fluido exterior nos invadir, passar em nós e escapar-se dos dedos estirados e do braço distendido para o corpo do paciente que tratávamos.

“Neste momento damos os nossos cuidados a um segundo epilético. Desta vez a moléstia talvez seja mais rebelde, por ser hereditária. O pai deixou nos quatro filhos o germe desta afecção. Enfim, com a ajuda de Deus e dos bons Espíritos, esperamos reduzi-la nos quatro.

“Caro mestre, reclamamos o socorro de vossas preces e das dos irmãos de Paris. Esse auxílio será para nós um encorajamento e um estimulante aos nossos esforços. Depois, vossos bons Espíritos podem vir em nosso auxílio, tornar o tratamento mais salutar e abreviar a sua duração.

“Não aceitamos como recompensa, como podeis compreender, e ela deve ser bastante, senão a satisfação de ter feito o nosso dever e ter obedecido ao impulso dos bons Espíritos. O verdadeiro amor do próximo trás consigo uma alegria sem mescla e deixa em nós algo de luminoso, que encanta e eleva a alma. Assim, procuramos, tanto quanto nos permitem nossas imperfeições, compenetrarmos nos deveres do verdadeiro Espírita, que não devem ser, senão, a aplicação dos preceitos evangélicos.

“O Sr. A... de L... deve trazer-nos o seu cunhado, que um Espírito malévolu subjuga há dois anos. Nosso guia espiritual Lamennais nos encarrega do tratamento desta rebelde obsessão. Deus nos dará também o poder de expulsar os demônios? Se assim fosse, teríamos que nos humilhar ante tão grande favor, em vez de nos orgulharmos. Quanto maior ainda não seria para nós a obrigação de nos melhorarmos, para testemunhar o nosso reconhecimento e para não perdermos dons tão preciosos?”

Lida esta carta tão interessante na Sociedade Espírita de Paris, na sessão de 18 de dezembro último, um dos nossos bons médiuns obteve espontaneamente as duas comunicações seguintes:

“Existindo no homem a vontade em diferentes graus de desenvolvimento, em todas as épocas tanto serviu para curar, quanto para aliviar. É lamentável ser obrigado a constatar que, também, foi fonte de muitos males, mas é uma das conseqüências do abuso que, muitas vezes, o ser faz do livre arbítrio. A vontade tanto desenvolve o fluido animal quanto o espiritual, porque, todos sabeis agora, há vários gêneros de magnetismo, em cujo número estão o magnetismo animal e o magnetismo espiritual que, conforme a ocorrência, pode pedir apoio ao primeiro. Um outro gênero de magnetismo, muito mais poderoso ainda, é a prece que uma alma pura e desinteressada dirige a Deus.

“A vontade, muitas vezes foi mal compreendida. Em geral, o que magnetiza não pensa senão em desdobrar sua força fluídica, derramar seu próprio fluido sobre o paciente submetido aos seus cuidados, sem se ocupar se há ou não uma Providência interessada no caso, tanto ou mais que ele. Agindo só, não pode obter senão o que a sua força, sozinha, pode produzir; ao passo que os médiuns curadores começam por elevar sua alma a Deus, e a reconhecer que, por si mesmos, nada podem. Fazem, por isto mesmo, um ato de humildade, de abnegação; então, confessando-se fracos por si mesmos, em sua solicitude, Deus lhes envia poderosos socorros, que o primeiro não pode obter, por se julgar suficiente para o empreendimento. Deus sempre recompensa o humilde sincero, elevando-o, ao passo que rebaixa o orgulhoso. Esse socorro que envia são os bons Espíritos que vêm penetrar o médium de seu fluido benéfico, que é transmitido ao doente. Também é por isto que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão potente e produz essas curas qualificadas de miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido derramado sobre o médium; ao passo que o magnetizador ordinário se esgota, por vezes em vão, a fazer passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela simples imposição das mãos, graças ao concurso dos bons Espíritos. Mas esse concurso só é concedido à fé sincera e à pureza de intenção.”

MESMER (Médium: Sr. Albert).

“Um palavra sobre os médiuns curadores, dos quais acabais de falar. Estão todos nas mais louváveis disposições; têm a fé que levanta montanhas, o desinteresse que purifica os atos da vida e a humildade que os santifica. Que perseverem na obra de beneficência, que empreenderam; que se lembrem bem que aquele que pratica as leis sagradas que o Espiritismo ensina, aproxima-se constantemente do Criador. Que, ao empregarem sua faculdade, a prece, que é a vontade mais forte, seja sempre o seu guia, seu ponto de apoio. Em toda a sua existência, o Cristo vos deu a mais irrecusável prova da vontade mais firme; mas era a vontade do bem e

não a do orgulho. Quando, por vezes, dizia *eu quero*, a palavra estava cheia de unção; seus apóstolos, que o cercavam, sentiam abrir-se o coração a esta palavra. A doçura constante do Cristo, sua submissão à vontade de seu Pai, sua perfeita abnegação, são os mais belos modelos da vontade que se possa propor para exemplo.”

PAULO, apóstolo (Médium: Sr. Albert).

Algumas explicações, facilmente darão a compreender o que se passa nesta circunstância. Sabe-se que o fluido magnético ordinário pode dar a certas substâncias, propriedades particulares ativas. Neste caso, age de certo modo como agente químico, modificando o estado molecular dos corpos; não há, pois, nada de admirar que possa modificar o estado de certos órgãos; mas compreende-se, igualmente, que sua ação, mais ou menos salutar, deve depender de sua qualidade; daí as expressões “bom ou mau fluido; fluido agradável ou penoso.” Na ação magnética propriamente dita, é o fluido pessoal do magnetizador que é transmitido, e esse fluido, que não é senão o perispírito, sabe-se que participa sempre, mais ou menos, das qualidades materiais do corpo, ao mesmo tempo que sofre a influencia moral do Espírito. É, pois, impossível que o fluido próprio de um encarnado seja de uma pureza absoluta, razão porque sua ação curativa é lenta, por vezes nula, outras vezes nociva, porque transmite, ao doente, princípios mórbidos. Desde que um fluido seja bastante abundante e enérgico para produzir efeitos instantâneos de sono, de catalepsia, de atração ou de repulsão, absolutamente não se segue que tenha as necessárias qualidades para curar; é a força que derruba, mas não o bálsamo que suaviza e restaura; assim, há Espíritos desencarnados de ordem inferior, cujo fluido pode ser mesmo maléfico, o que os Espíritos, a cada passo, têm ocasião de constatar. Só nos Espíritos superiores o fluido perispiritual está despojado de todas as impurezas da matéria; está, de certo modo, *quintessenciado*; sua ação, por conseguinte, deve ser mais salutar e mais pronta; é o fluido benfazejo por excelência. E desde que não pode ser encontrado entre os encarnados, nem entre os desencarnados vulgares, então é preciso pedi-lo aos Espíritos elevados, como se vai procurar em terras distantes os remédios que se não encontram na própria. O médium curador emite pouco de seu fluido; sente a corrente do fluido estranho que o penetra e ao qual serve de *condutor*; é com esse fluido que magnetiza, e aí está o que caracteriza o magnetismo espiritual e o distingue do magnetismo animal: um vem do homem, o outro, dos Espíritos. Como se vê, aí nada de maravilhoso, mas um fenômeno resultante de uma lei da natureza que se não conhecia.

Para curar pela terapêutica ordinária não bastam os primeiros medicamentos que surgem; são precisos puros, não avariados ou adulterados, e convenientemente preparados. Pela mesma razão, para curar pela ação fluídica, os fluidos mais depurados são os mais saudáveis; desde que esses fluidos benéficos são dos Espíritos superiores, então é o concurso deles que é preciso obter. Por isto a prece e a invocação são necessárias. Mas para orar e, sobretudo, orar com fervor, é preciso fé. Para que a prece seja escutada, é preciso que seja feita com *humildade* e dilatada por um real sentimento de *benevolência e de caridade*. Ora, não há verdadeira caridade sem devotamento, nem devotamento sem desinteresse. Sem estas condições o magnetizador, privado da assistência dos bons Espíritos, fica reduzido às suas próprias forças, por vezes insuficientes, ao passo que com o concurso deles, elas podem ser centuplicadas em poder e em eficácia. Mas não há licor, por mais puro que seja, que não se altere ao passar por um vaso impuro; assim com o fluido



dos Espíritos superiores, ao passar pelos encarnados. Daí, para os médiuns nos quais se revela essa preciosa faculdade, e que querem vê-la crescer e não se perder, a necessidade de trabalhar o seu melhoramento moral.

Entre o magnetizador e o médium curador há, pois, esta diferença capital, que o primeiro magnetiza com o seu próprio fluido, e o segundo com o fluido depurado dos Espíritos. De onde se segue que estes últimos dão o seu concurso a quem querem e quando querem; que podem recusá-lo e, conseqüentemente, tirar a faculdade àquele que dela abusasse ou a desviasse de seu fim humanitário e caridoso, para dela fazer comércio. Quando Jesus disse aos apóstolos: *“Ide! Expulsai os demônios, curai os doentes”*, acrescentou: *“Daí de graça o que de graça recebestes.”*

Os médiuns curadores tendem a multiplicar-se, como anunciam os Espíritos, isto em vista de propagar o Espiritismo, pela impressão que esta nova ordem de fenômenos não deixará de produzir nas massas, porque não há quem não ligue para a sua saúde, mesmo os incrédulos. Assim, então, quando virem obter-se por meio do Espiritismo o que a ciência não pode dar, hão de convir que há uma força fora do nosso mundo. Assim, a ciência será conduzida a sair da via exclusivamente material, em que ficou até hoje; quando os magnetizadores antispiritualistas ou antispíritas virem que existe um magnetismo mais poderoso que o seu, serão forçados a remontar à verdadeira causa.

Contudo, importa premunir-se contra o charlatanismo, que não deixará de tentar explorar em proveito próprio esta nova faculdade. Há, para isto, um meio simples: lembrar-se que não há charlatanismo desinteressado, e que o desinteresse absoluto, material e moral, é a melhor garantia de sinceridade. Se há uma faculdade dada por Deus com esse objetivo santo, sem a menor dúvida é esta, pois que exige imperiosamente o concurso dos Espíritos superiores, e este não pode ser adquirido pelo charlatanismo. É para que se fique bem edificado quanto à natureza toda especial desta faculdade, que a descrevemos com alguns detalhes. Conquanto tenhamos podido constatar-lhe a existência por fatos autênticos, muitos dos quais passados aos nossos olhos, pode dizer-se que ainda é rara, e que só existe parcialmente nos médiuns que a possuem, quer por não terem todas as qualidades requeridas à sua posse em toda a plenitude, quer por estar ainda em começo. Eis porque até hoje os fatos não tiveram muita repercussão; mas não tardarão a tomar desenvolvimentos de natureza a chamar a atenção geral. Daqui a poucos anos ela se revelará nalgumas pessoas predestinadas para isto, com uma força que triunfará de muitas obstinações. Mas não são os únicos fatos que o futuro nos reserva, e pelos quais Deus confundirá os orgulhosos e os convencerá de sua impotência. Os médiuns curadores são um dos mil meios providenciais para atingir este objetivo e apressar o triunfo do Espiritismo. Compreende-se facilmente que esta qualificação não pode ser dada aos médiuns escreventes, que recebem receitas médicas de certos Espíritos.

Não encaramos a mediunidade curadora senão do ponto de vista fenomênico e como meio de propagação, mas não como recurso habitual. Em próximo artigo trataremos de sua possível aliança com a medicina e o magnetismo ordinários.

ALLAN KARDEC.

## 12 - O ZUAVO CURADOR DO CAMPO CHÂLONS

(Revista Espírita. Outubro/1866)

(Zuavo = atirador de infantaria argelino, pertencente a um corpo de tropa organizado pelos colonizadores franceses em 1831).

Lê-se no *Écho de l'Aisne*, de 1º de agosto de 1866:

“Não se fala em nosso interior senão das maravilhas realizadas no campo de Châlons, por um jovem zuavo espírita que diariamente faz novos milagres.

“Numerosos comboios de doentes se dirigem a Châlons e, coisa incrível, um bom número” deles volta curado.

“Nestes últimos dias um parálítico, vindo de carro, depois de ter sido visto pelo “jovem espírita” achou-se radicalmente curado e voltou para casa galhardamente a pé.

“Quem puder, explique estes fatos que tocam ao prodígio; sempre há os que são exatos e afirmados por grande número de pessoas inteligentes e dignos de fé.

RENAU.

Este artigo é reproduzido textualmente pela *Presse Illustrée* de 6 de agosto. O *Petit Journal*, de 17 de agosto, conta o fato nestes termos:

“Depois de ter podido visitar o quartel imperial, que penso já tendes descrito aos leitores, isto é, a morada mais inteligente e, ao mesmo tempo, a mais simples que possa ter um soberano, mesmo que apenas por alguns dias, passei a correr à procura do zuavo magnetizador.

“Esse zuavo, um simples músico, é, há três meses, o herói do campo e suas imediações. É um homenzinho magro, moreno, de olhos profundamente enterrados nas órbitas; uma verdadeira fisionomia de derviche (monge muçulmano) torneiro. Dele contam coisas incríveis e sou forçado a não falar senão do que contam, porque, desde alguns dias, por ordem superior, teve ele que interromper as sessões públicas que fazia no “hôtel de la Meuse.” Vinham de dez léguas ao redor; ele recebia vinte e cinco a trinta doentes por vez, e à sua voz, ao seu olhar, ao seu toque, pelo menos dizem, subitamente os surdos ouviam, os mudos falavam, os coxos se iam, sobraçando as muletas.

“Tudo isto é bem certo? Nada sei. Conversei uma hora com ele. Chama-se Jacob, é simplesmente burginhão, exprime-se com facilidade, deu-me a impressão dos mais convencidos e dos mais inteligentes. Sempre recusou qualquer espécie de remuneração e não gosta de agradecimentos. Além disso, prometeu-me um manuscrito que lhe foi ditado por um Espírito. Inútil vos dizer que vos falarei dele assim que o receber, contudo se o *Espírito* tiver espírito.

RENÉ DE PONT-JEST.

Enfim, o *Écho de l'Aisne*, depois de haver citado o fato, em seu número de 1º de agosto, assim o comenta no número de 4:

“No número de quarta-feira última que não se fala em nosso interior senão das curas realizadas no campo de Châlons, por um jovem zuavo espírita.

“Creio fazer bem em vos pedir que o reprima, porque um verdadeiro exército de doentes se dirige diariamente para o campo; os que voltam satisfeitos animam os outros a os imitar; ao contrário, os que nada ganharam, não calam as censuras e as zombarias.

“Entre essas duas opiniões extremas, há uma prudente reserva que “bom número de doentes” deve tomar como regra de conduta como guia do que podem fazer.

“Essas “curas maravilhosas”, esses “milagres”, como os chamam, em geral, os mortais, nada têm de maravilhoso, nada de miraculoso.

“De saída, causam admiração porque não são comuns; mas como nada do que se realiza não deixa de ter uma causa, foi preciso procurar o que produz tais fatos, e *a ciência os explicou*.

“As impressões morais fortes sempre tiveram a faculdade de agir sobre o “sistema nervoso”; - as curas obtidas pelo zuavo espírita não atingem senão as moléstias deste sistema. Em todas as épocas, na antiguidade como nos tempos modernos, têm sido assinaladas curas em grande número de casos; - nada há, pois, de extraordinário que hoje as mesmas causas produzam os mesmos resultados.

“É, pois, apenas aos doentes do “sistema nervoso” que é possível “ir ver e esperar.”

“X”

Antes de qualquer outro comentário, faremos uma ligeira observação sobre este último artigo. O autor constata os fatos e os explica a seu modo. Conforme ele, essas curas *nada têm de maravilhoso ou de miraculoso*. Sobre este ponto estamos de perfeito acordo: o Espiritismo diz claramente que não faz *milagres*; que todos os fatos, *sem exceção*, que se produzem por influência mediúnica, são devidos a uma força natural e se realizam em virtude de uma lei tão natural quanto a que faz transmitir um telegrama ao outro lado do Atlântico em alguns minutos. Antes da descoberta da lei da eletricidade, semelhante fato teria passado pelo milagre dos milagres. Suponhamos por um instante que Franklin, ainda mais iniciado do que o era sobre as propriedades do fluido elétrico, tivesse lançado um fio metálico através do Atlântico e estabelecido uma correspondência instantânea entre a Europa e a América, sem lhe indicar o processo, que teriam pensado dele? Incontestavelmente teriam gritado milagre; ter-lhe-iam atribuído um poder sobrenatural; aos olhos de muita gente teria passado por feiticeiro e por ter o diabo às suas ordens. O conhecimento da lei da eletricidade reduziu esse pretenso prodígio às porções dos efeitos naturais. Assim de uma porção de outros fenômenos.

Mas são conhecidas todas as leis da natureza? A propriedade de todos os fluidos? Não é possível que um fluido desconhecido, como por tanto tempo foi a eletricidade, seja a causa de efeitos inexplicados, produza sobre a economia resultados impossíveis para a ciência, com a ajuda dos meios limitados de que dispõe? Então! Aí está todo o segredo, porque o Espiritismo só tem mistérios para os que não se dão ao trabalho de o estudar. Essas curas têm, muito simplesmente, por princípio uma ação fluídica dirigida pelo pensamento e pela vontade, em vez de o ser por um fio metálico. Tudo está em conhecer as propriedades desse fluido, as condições em que pode agir e saber dirigi-lo. Além disso, é preciso um instrumen-

to *humano* suficientemente provido desse fluido e apto a lhe dar a energia suficiente.

Esta faculdade não é privilégio de um indivíduo; por isto mesmo que está na natureza, muitos a possuem, mas em graus muito diferentes, como todo o mundo a de ver, posto que mais ou menos longe. No número dos que dela são dotados, alguns agem com conhecimento de causa, como o zuavo Jacob; outros malgrado seu, e sem se dar conta do que se passa neles; sabem que curam, e eis tudo. Perguntau-lhes como e nada sabem. Se forem supersticiosos, atribuirão seu poder a uma causa oculta, à virtude de algum talismã ou amuleto que, na realidade, não serve para nada. É assim com todos os médiuns inconscientes, cujo número é grande. Inúmeras pessoas são, elas próprias, a causa primeira dos efeitos que admiram, mas não explicam. Entre os negadores mais obstinados muitos são médiuns sem o saber.

O jornal em questão diz: “As curas obtidas pelo zuavo espírita não atingem senão as moléstias do sistema nervoso; são devidas à influência da imaginação, constatada por grande número de fatos; houve essas curas na antiguidade, como nos tempos modernos; assim, nada têm de extraordinário.”

Dizendo que o Sr. Jacob só curou afecções nervosas, o autor se adianta um tanto levemente, porque os fatos contradizem essa afirmação. Mas admitamos que seja assim; essas espécies de afecções são inumeráveis e precisamente destas em que a ciência é, o mais das vezes, forçada a confessar a sua impotência. Se, por um meio qualquer dela se pode triunfar, não é um resultado importante? Se esse meio estiver na influência da imaginação, que importa? Por que o negligenciar? Não é melhor curar pela imaginação do que não curar absolutamente? Entretanto, parece-nos difícil que só a imaginação, ainda que excitada ao mais alto grau, possa fazer marchar um paralítico e restaurar um membro anquilosado. Em todo o caso, desde que, segundo o autor, curas de doenças nervosas em todos os tempos foram obtidas por influência da imaginação, os médicos não são desculpados por se obstinarem no emprego de meios impotentes, quando a experiência lhes mostra outros eficazes. Sem o querer o autor lhes faz o processo.

Mas, diz ele, o Sr. Jacob não cura a todos. – É possível e, mesmo, certo. Mas que é o que isto prova? Que ele não tem um poder curador universal. O homem que tivesse tal poder seria igual a Deus, e o que tivesse a pretensão de o possuir não passaria de um tolo presunçoso. Se não se curassem senão quatro ou cinco doentes em dez, reconhecidos incuráveis pela ciência, isto bastaria para provar a existência da faculdade. Há muitos médicos que façam tanto?

Há muito tempo conhecemos pessoalmente o Sr. Jacob como médium escrevente e propagador zeloso do Espiritismo; sabíamos que havia feito alguns ensaios parciais de mediunidade curadora, mas parece que esta faculdade teve nele um desenvolvimento rápido e considerável durante sua estada no campo de Châlons. Um dos nossos colegas da Sociedade de Paris, o Sr. Boivinet, que mora no departamento do Aisne, teve a bondade de nos enviar um relatório muito circunstanciado dos fatos que são de seu conhecimento pessoal. Seus profundos conhecimentos do Espiritismo, juntos a um caráter isento de exaltação e de entusiasmo, lhe permitiram apreciar as coisas corretamente. Seu testemunho tem, pois, para nós, todo o valor do de um homem honrado, imparcial e esclarecido, e o seu rela-

tório tem toda a autenticidade desejável. Temos assim, os fatos atestados por ele como constatados, como se nós mesmo os tivéssemos testemunhado. A extensão desses documentos não nos permite sua publicação por inteiro nesta revista, mas nós os coordenamos para os utilizar ulteriormente, limitando-nos por hoje a lhes citar as passagens essenciais:

“... Com o fito de bem justificar a confiança que tendes em mim, informe-me, já por mim mesmo, já por pessoas inteiramente honestas e dignas de fé, das curas bem constatadas, operadas pelo Sr. Jacob. Aliás, essas pessoas não são Espíritas, o que tira às suas afirmações toda suspeita de parcialidade em favor do Espiritismo.

“Reduzo de um terço as apreciações do Sr. Jacob quanto ao número dos doentes por ele recebidos; mas parece que estou aquém, talvez muito aquém da verdade, estimando esta cifra em 4.000, sobre os quais um quarto foi curado e os três quartos aliviados. A afluência era tal que a autoridade militar emocionou-se e o consignou, interditando as visitas para o futuro. Sei pelo próprio chefe da estação que a estrada de ferro transportava diariamente massas de doentes ao campo.

“Quanto à natureza das doenças sobre as quais exerceu mais particularmente a sua influência, é-me impossível dizê-lo”. São, sobretudo, os enfermos que a eles se dirigiram, e são estes, por consequência, que figuram em maior número entre os seus *clientes satisfeitos*. Mas muitos outros aflitos poderiam apresentar-se a ele com sucesso.

“Foi assim que em Chartères, aldeia vizinha daquela em que resido, vi e revi um homem de cerca de cinqüenta anos que, desde 1856 vomitava tudo que comia. No momento em que foi ver o zuavo, tinha partido muito doente e vomitava ao menos três vezes por dia. Vendo-o, o Sr. Jacob lhe disse: “Estais curado!” E, durante a sessão, convidou-o a comer e beber. O pobre camponês, vencendo a apreensão, comeu e bebeu e não se sentiu mal. Desde mais de três semanas não mais experimentou o menor mal-estar. A cura foi instantânea. Inútil acrescentar que o Sr. Jacob não o fez tomar qualquer medicamento e não lhe prescreveu nenhum tratamento. Somente a sua ação fluídica, como uma comoção elétrica, tinha bastado para restabelecer os órgãos em seu estado normal.”

**OBSERVAÇÃO:** Esse homem é dessas naturezas frustas, que se exaltam muito pouco. Se, pois, uma só palavra houvesse bastado para superexcitar sua imaginação a ponto de curar instantaneamente uma gastrite crônica, seria preciso convir que o fenômeno seria ainda mais surpreendente que a cura, e mereceria bem alguma atenção.

“A filha do dono do “Hotel de la Meuse”, em Mourmelon, doente do peito, estava tão fraca a ponto de não sair do leito. O zuavo a convidou a levantar-se, o que ela fez imediatamente; com a estupefação de numerosos espectadores, desceu a escada *sem auxílio* e foi passear no jardim com o seu novo médico. Desde esse dia a moça passa bem. Não sou médico, mas não creio que esta seja uma doença nervosa.

“O Sr. B..., gerente de pensão, que dá pulos à idéia da intervenção dos Espíritos nos nossos assuntos, contou-me que uma senhora, há muito doente do estômago, tinha sido curada pelo zuavo e que, desde então tinha engordado notavelmente – cerca de vinte libras.

**OBSERVAÇÃO:** Esse senhor, que se exaspera á idéia da intervenção dos Espíritos, ficaria muito chocado se, quando morrer, seu Espírito pudesse vir assistir às pessoas que lhe são caras e lhes provar que ele não está perdido para elas.

“Quanto aos enfermos, propriamente ditos, os resultados por eles obtidos são mais estupefacientes, porque o olho aprecia imediatamente os resultados.

“Em Treloup, aldeia a 7 ou 8 quilômetros daqui, um velho de setenta anos estava entrevado e nada podia fazer. Deixar a sua cadeira era quase impossível. A cura foi completa e instantânea. Ontem ainda me falaram do caso. Então! Diziam-se, eu o vi, o Pai Petit; *ele ceifava!*

“Uma mulher de Mourmelon tinha a perna encolhida, imobilizada; o joelho estava à altura do estômago. Agora anda e passa bem.

“No dia em que o zuavo foi interdito, um pedreiro percorreu exasperado o Moumelon e dizia que queria enfrentar os que impediam o *médium de trabalhar*. Esse pedreiro tinha os punhos voltados para os lados internos dos braços. Hoje os seus punhos se movem como os nossos e ganha mais dois francos por dia.

“Quantas pessoas *chegaram carregadas* e voltaram sós, tendo recuperado o uso de seus membros durante a sessão!

“Uma menina de cinco anos, trazida de Reims, e que nunca tinha andado, andou imediatamente.

“O fato seguinte foi, por assim dizer, o ponto de partida da faculdade do médium ou, pelo menos, o exercício público dessa faculdade, tornada notória:

“Chegando a Ferté-sous-Jourarre, e dirigindo-se para o campo, o regimento de zuavos estava reunido na praça pública. Antes de debandar, a banda executa uma marcha. No número dos expectadores achava-se uma menina num carrinho, empurrado por seus pais. A menina foi assinalada ao zuavo por um de seus camaradas. Terminada a música, ele se dirige para ela e dirigindo-se aos pais, lhes pergunta: “Então esta menina é doente?”

- Ela não pode andar, foi a resposta. Há dois anos tem na perna um aparelho ortopédico. – Tirais, então, o aparelho, do qual não mais precisa.” Isto foi feito, não sem alguma hesitação e a menina andou. Então foram ao café e o pai, louco de alegria, queria que o homem dos refrescos abrisse o seu negócio, para que os zuavos bebessem.

“Agora vou contar como o médium procedia, isto é, vou descrever uma sessão que não assisti, mas que me foi minuciosamente descrita por vários doentes.

“O zuavo faz entrarem os doentes. As dimensões do local limitam o seu número. É assim que, ao que afirmam, transportou-se do hotel da Europa, onde não podia admitir senão dezoito pessoas por vez, para o “Hotel de la Meuse”, onde eram admitidos vinte e cinco ou trinta. Entram. Os que moram mais longe são geralmente convidados a vir primeiro. Certas pessoas querem falar. “Silêncio! Diz ele; os que falarem serão postos na rua!” Ao cabo de dez ou quinze minutos de silêncio e imobilidade geral, ele se dirige a alguns doentes, raramente interroga, mas lhes diz o que sofrem. Depois, passeando ao longo da grande mesa, em redor da qual estão sentados os doentes, fala a todos, mas sem ordem; toca-os mas sem os

gestos que lembram os magnetizadores; depois despede todos, dizendo a uns: “Estais curados; ide embora”; a outros: “Curareis sem nada fazer; apenas tendes fraquezas”; a outros, mais raramente: “Nada posso por vós.” Querem agradecer, e ele responde *muito militarmente*, que nada têm que agradecer e põe os clientes para fora. Às vezes lhes diz: “Vossos agradecimentos? Dirigi-os à Providência.”

“A 7 de agosto uma ordem do marechal veio interromper o curso das sessões. Logo após a interdição, e visto a enorme afluência dos doentes em Mourmelon, tiveram que empregar, a respeito do médium, um meio sem precedentes. Como não havia cometido nenhuma falta e observava a disciplina muito rigorosamente, não podiam prendê-lo. Ligaram um plantão à sua pessoa, com ordem de o seguir a toda parte e impedir que alguém dele se aproximasse.

“Disseram-se que foram toleradas todas essas curas, contanto que a palavra Espiritismo não fosse pronunciada e não creio que o Sr. Jacob o tenha feito. Foi a partir desse momento que agiram contra ele com rigor.

“De onde o pavor que causa o simples nome do Espiritismo, mesmo quando só faz o bem, consola os aflitos, alivia a humanidade sofredora? De minha parte creio que certas pessoas temem que ele faça muito bem.

Nos primeiros dias de setembro o Sr. Jacob quis vir passar dois dias em minha casa, cumprindo uma promessa eventual que me tinha feito no campo de Châlons. O prazer que tive em recebê-lo foi decuplicado pelos serviços que pôde prestar a bom número de infelizes. Depois de sua partida, quase que diariamente estava ao corrente do estado dos doentes tratados, e aqui dou o resultado de minhas observações. A fim de ser exato como um levantamento estatístico, e a título de informações posteriores, se for o caso, aqui os cito nominalmente. (Segue uma lista de trinta e tantos nomes, com indicação da idade, da doença e dos resultados obtidos).

“O Sr. Jacob é sinceramente religioso. Dizia-me ele: “O que eu faço não me admira. Eu faria coisas muito mais extraordinárias e não ficaria mais espantado, porque sei que Deus pode, se o quiser. Só uma coisa me admira! É ter tido o imenso favor de ter sido o instrumento que ele escolheu. Hoje ficam admirados do que obtenho, mas quem sabe se num mês, num ano, não haverá dez, vinte, cinquenta médiuns como eu e ainda mais fortes que eu? O Sr. Kardec, que procura e deve procurar estudar fatos como estes que se passam aqui, deveria ter vindo. Hoje, amanhã, posso perder a minha faculdade e para ele seria um estudo perdido. Ele deve fazer o histórico de semelhantes fatos.”

**OBSERVAÇÃO:** Sem dúvida ter-nos-íamos sentido feliz em ser testemunha dos fatos relatados acima, e provavelmente teríamos ido ao campo de châlons, se tivéssemos tido a possibilidade e se tivéssemos sido informado em tempo hábil. Só o soubemos por via indireta dos jornais, quando estávamos em viagem e confessamos não ter uma confiança absoluta em seus relatos. Teríamos muito o que fazer se fosse preciso ir em pessoa controlar tudo o que relatam do Espiritismo, ou mesmo tudo quanto nos é assinalado em nossa correspondência. Não podíamos lá ir senão com a certeza de não ter uma decepção e quando o relatório do Sr. Boivinet nos chegou, o campo estava interdito. Aliás, a vista desses fatos nada nos teria ensinado de novo, pois cremos compreendê-los. Ter-se-ia apenas tratado de lhe constatar a realidade. Mas o testemunho de um homem como o Sr. Boivinet, ao qual tínhamos mandado uma carta para o Sr. Jacob, pedindo nos informasse do que teria visto, nos bastava completamente. Não houve, pois, perda para nós, além do prazer de ter visto pessoalmente o Sr. Jacob em trabalho, o que esperamos possa dar-se alhures, fora do campo de Châlons.

Não falamos das curas do Sr. Jacob senão porque autênticas. Se nos tivessem parecido suspeitas ou manchadas pelo charlatanismo e por uma basófia ridícula, que as tivessem tornado mais prejudiciais do que úteis à causa do Espiritismo, ter-nos-íamos abtido, posto se tivesse podido dizer, como o fizemos em várias outras circunstâncias, não querendo fazer o editor responsável de nenhuma excentricidade, nem secundar as vistas ambiciosas e interesseiras, que por vezes se ocultam sob aparências de devotamento. Eis porque somos circunspetos em nossas apreciações dos homens e das coisas e também porque nossa Revista não se transforma em incensório em proveito de ninguém.

Mas aqui se trata de uma coisa séria, fecunda em resultados, e capital no duplo ponto de vista do fato em si e da realização de uma das previsões dos Espíritos. Com efeito, desde longa data, eles anunciaram que a mediunidade curadora desenvolver-se-ia em proporções excepcionais, de maneira a fixar a atenção geral, e nós felicitamos o Sr. Jacob por ser um dos primeiros a fornecer o exemplo. Mas aqui, como em todos os gêneros de manifestações, para nós a pessoa se apaga diante da questão principal.

Desde que o dom de curar não é resultado do trabalho, nem do estudo, nem de um talento adquirido, aquele que o possui não pode considerá-lo um mérito. Louva-se um grande artista, um sábio, porque devem o que são aos próprios esforços. Mas o médium melhor dotado não passa de instrumento passivo, de que os Espíritos se servem hoje e podem deixar amanhã. Que seria o Sr. Jacob se perdesse a sua faculdade, o que ele prudentemente prevê? O que era antes: o músico dos zuavos. Ao passo que, embora isto aconteça, ao sábio sempre restará a ciência e ao artista o talento. Somos feliz por ver o Sr. Jacob partilhar destas idéias; portanto, não é a ele que se dirigem estas reflexões. Ele será igualmente de nossa opinião, não temos dúvida, quando dissermos que o que constitui um mérito real no médium, o que se deve e pode louvar com razão, é o emprego que faz de sua faculdade; é o zelo, o devotamento, o desinteresse com os quais a põe ao serviço daqueles a quem ela pode ser útil; é ainda a modéstia, a simplicidade, a abnegação, a benevolência que respiram em suas palavras e que todas as suas ações justificam, porque essas qualidades lhe pertencem mesmo. Assim, não é o médium que se deve por num pedestal, do qual poderá descer amanhã: é o homem de bem, que sabe tornar-se útil sem ostentação e sem proveito para a sua vaidade.

O desenvolvimento da mediunidade curadora forçosamente terá conseqüências de alta importância, que serão objeto de um exame especial e aprofundado em próximo artigo.

ALLAN KARDEC.

\*

### **13 - CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPAGAÇÃO**

#### **DA MEDIUNIDADE CURADORA**

**(Revista Espírita. Novembro/1866).**

**(VIDE NO Nº. ANTERIOR O ARTIGO SOBRE O ZUAVO CURADOR. Pág.311).**

Logo de saída devemos fazer algumas retificações em nosso relatório das curas do Sr. Jacob. Sabemos, pelo próprio, que a cura da pequena, chegada a Ferté-sons-Jouarre, não se deu em praça pública; é verdade que foi aí que a viu, mas a cura foi em casa de seus pais, onde a fez entrar. Isto em nada altera o resultado; mas a circunstância dá à ação um caráter menos excêntrico.

Por seu lado, o Sr. Boivinet nos escreve:

“A respeito da proporção dos doentes curados, eu quis dizer que sobre 4.000, um quarto não experimentou resultados, e que do resto, ou 3.000, um quarto foi curado e três quartos aliviados. De uma outra passagem do artigo poder-se-ia supor que eu tenha afirmado a cura de membros anquilosados; eu quis dizer que o Sr. Jacob tinha endireitado membros encolhidos, rígidos como se estivessem an-



quilosados, mas não mais, o que não quer dizer que não tenha havido anquiloses curadas; apenas o ignoro. Quanto aos membros tolhidos por dores, paralisando em parte os movimentos, constatei em último lugar três casos de cura instantânea; no dia seguinte um dos doentes estava absolutamente curado; o outro tinha liberdade de movimentos com um resto de dor, com a qual, dizia-me ele, acomodar-se-ia para sempre de boa vontade. Não revi o terceiro doente.”

Teria sido muito admirável se o diabo não tivesse vindo meter-se neste negócio. Uma outra pessoa nos escreve de uma das localidades onde se espalhou o ruído das curas do Sr. Jacob:

“Aqui grande emoção na comuna e no presbitério. A criada do Sr. cura, tendo encontrado duas vezes o Sr. Jacob na rua única da região, está convicta de que ele é o diabo e que a persegue. A pobre mulher refugiou-se numa casa onde quase teve um ataque de nervos. É verdade que a farda vermelha do zuavo pode tê-la feito crer que ele saía do inferno. Parece que aqui preparam uma cruzada contra o diabo, para desviar os doentes de se fazerem curar por ele.”

Quem pôde meter na cabeça dessa mulher que o Sr. Jacob é o diabo em pessoa e que as curas são uma astúcia de sua parte? Não disseram aos pobres de certa cidade que não deviam receber o pão e as esmolas dos Espíritas, porque eram uma sedução de Satã? E, aliás, que seria melhor: ser ateu a voltar a Deus pela influência do Espiritismo, porque isto ainda era uma astúcia do demônio? Em todo o caso, atribuindo tantas coisas boas ao diabo, fizeram tudo o que era necessário para o reabilitar na opinião pública. O que é mais estranho é que de semelhantes idéias ainda se alimentem populações a algumas léguas de Paris. Assim, curiosa é a reação quando a luz se faz nos cérebros fanatizados! Há que convir que há gente muito desajeitada.

Voltemos ao nosso assunto:

### **As considerações gerais sobre a mediunidade curadora.**

**NÃO SE FAZ UM MÉDIUM CURADOR COMO SE FAZ UM MÉDICO:**

**A APTIDÃO PARA CURAR É INERENTE AO MÉDIUM, MAS O EXERCÍCIO DA FACULDADE SÓ TEM LUGAR COM O CONCURSO DOS ESPÍRITOS.**

Dissemos, e nunca seria demais repetir, que há uma diferença radical entre os médiuns curadores e os que obtêm prescrições médicas da parte dos Espíritos. Estes em nada diferem dos médiuns escreventes ordinários, a não ser pela especialidade das comunicações. Os primeiros curam só pela ação fluídica, em mais ou menos tempo, às vezes instantaneamente, sem o emprego de qualquer remédio. O poder curativo está todo inteiro no fluido depurado a que servem de condutores. A teoria deste fenômeno foi suficientemente explicada para provar que entra na ordem das leis naturais e que nada há de miraculoso. É o produto de uma aptidão especial, tão independente da vontade quanto todas as outras faculdades mediúnicas; não é um talento que se possa adquirir; não se faz um médium curador como se faz um médico. A aptidão para curar é inerente ao médium, mas o exercício da faculdade só tem lugar com o concurso dos Espíritos. De onde se segue que se os Espíritos não querem, ou *não querem mais* servir-se dele, é como um instrumento

sem músico, e nada obtém. Pode, pois, perder instantaneamente a sua faculdade, o que exclui a possibilidade de transformá-la em profissão.

#### FACULDADE FUNDADA EM LEIS NATURAIS: NÃO LIVRA A HUMANIDADE DE TODAS AS SUAS ENFERMIDADES.

Um outro ponto a considerar é que sendo esta faculdade fundada em leis naturais, tem limites traçados pelas mesmas. Compreende-se que a ação fluídica possa dar a sensibilidade a um órgão existente, fazer dissolver e desaparecer um obstáculo ao movimento e à percepção, cicatrizar uma ferida, porque então o fluido se torna um verdadeiro agente terapêutico; mas é evidente que não pode remediar a ausência ou a destruição de um órgão, o que seria um verdadeiro milagre. Assim, a vista poderá ser restaurada a um cego por amaurose (ausência completa, transitória ou definitiva de percepção de luz, devida a uma afecção do nervo ótico ou dos centros nervosos, mas sem lesão do próprio olho), oftalmia (inflamação do globo ocular, acompanhada de vermelhidão da conjuntiva, tumefação e dor), belida (mancha na córnea do olho) ou catarata (distúrbio ocular que se traduz por opacificação do cristalino), mas não a quem tivesse os olhos estalados. Há, pois, doenças fundamentalmente incuráveis, e seria ilusão crer que a mediunidade curadora vá livrar a humanidade de todas as suas enfermidades.

Além disso, há que levar em conta a variedade de nuances apresentadas por esta faculdade, que está longe de ser uniforme em todos os que a possuem. Ela se apresenta sob aspectos muito diversos. Em razão do grau de desenvolvimento do poder, a ação é mais ou menos rápida, extensa ou circunscrita. Tal médium triunfa sobre certas moléstias em certas pessoas e, em dadas circunstâncias e falha completamente em casos aparentemente idênticos. Parece mesmo que nalguns a faculdade curadora se estende aos animais.

#### A AÇÃO DO FLUIDO ESPIRITUAL VARIA CONFORME AS PROPRIEDADES QUE RECEBE DAS QUALIDADES DO FLUIDO PESSOAL DO MÉDIUM.

Opera-se neste fenômeno uma verdadeira reação química, análoga à produzida por certos medicamentos. Atuando o fluido como agente terapêutico, sua ação varia conforme as propriedades que recebe das qualidades do fluido pessoal do médium. Ora, devido ao temperamento (caráter, índole, conjunto de tendências) e à constituição deste último, o fluido estando impregnado de elementos diversos, que lhe dão propriedades especiais, pode ser, para nos servirmos de comparações materiais, mais ou menos carregado de eletricidade animal, de princípios ácidos ou alcalinos, ferruginosos, sulfurosos, dissolventes, adstringentes, cáusticos, etc. Daí resulta uma ação diferente, conforme a natureza da desordem orgânica; esta ação pode ser, pois, enérgica, muito poderosa em certos casos e nula em outros. É assim que os médiuns curadores podem ter especialidades: este curará as dores ou endireitará um membro, mas não dará a vista a um cego, e reciprocamente. Só a experiência pode dar a conhecer a especialidade e a extensão da aptidão; mas, em princípio, pode dizer-se que não há médiuns curadores universais, por isso que não há homens perfeitos na Terra, e cujo poder seja ilimitado.

#### A AÇÃO É COMPLETAMENTE DIFERENTE NA OBSESSÃO.

A ação é completamente diferente na obsessão e a faculdade de curar não implica a de libertar os obsedados. O fluido curador age, de certo modo, materialmente sobre os órgãos afetados, ao passo que na obsessão deve agir moralmente sobre o Espírito obsessor; é preciso ter autoridade sobre ele, para o fazer largar a presa. São, pois, duas aptidões distintas, que nem sempre se encontram na mesma pessoa. O concurso do fluido curador torna-se necessário quando, o que é bastante freqüente, a obsessão se complica com afecções orgânicas. Pode, pois, haver médiuns curadores impotentes para a obsessão, e reciprocamente.

#### A MEDIUNIDADE CURADORA NÃO VEM SUPLANTAR A MEDICINA E OS MÉDICOS.

A mediunidade curadora não vem suplantar a medicina e os médicos; vem simplesmente provar a estes últimos que há coisas que eles não sabem e os convidar a estudá-las; que a natureza tem leis e recursos que eles ignoram; que o elemento espiritual, que eles desconhecem, não é uma quimera, e que, quando o levarem em conta, abrirão novos horizontes à ciência e terão mais êxitos do que agora.

Se esta faculdade fosse privilégio de um indivíduo, passaria inapercebida; considerá-la-iam como uma exceção, um efeito do acaso – esta suprema explicação que nada explica – e a má vontade facilmente poderia abafar a verdade. Mas quando se vêem os fatos se multiplicando, é-se forçado a reconhecer que não se podem produzir senão em virtude de uma lei; que se homens ignorantes triunfam onde os cientistas falham, é que estes não sabem tudo. Isto em nada prejudica a ciência, que será sempre a alavanca e a resultante do progresso intelectual. O amor-próprio, dos que a circunscrevem nos limites de seu saber e da materialidade, é que pode sofrer com isto.

#### A MEDIUNIDADE CURADORA, TORNANDO-SE VULGARIZADA, TRIUNFARÁ SOBRE A INCREULIDADE E O FANATISMO. É A QUE MAIS ESCAPA À ACUSAÇÃO DE CHARLATANICE E DE FRAUDE.

De todas as faculdades mediúnicas, a curadora, tornando-se vulgarizada, é a que está chamada a produzir mais sensação, porque há, por toda a parte, doentes em grande número, e não é a curiosidade que os atrai, mas a necessidade imperiosa de alívio. Mais que qualquer outra, ela triunfará sobre a incredulidade, tanto quanto sobre o fanatismo, que vê em toda a parte a intervenção do diabo. A multiplicidade dos fatos, forçosamente conduzirá ao estudo da causa *natural* e, daí, à destruição das idéias supersticiosas de feitiçaria, do poder oculto, dos amuletos, etc. Se se considerar o efeito produzido nos arredores do campo de Chalôns por um só indivíduo, atraindo a multidão de pessoas sofredoras vindas de dez léguas de em torno, pode julgar-se o que isto seria se dez, vinte, cem indivíduos aparecessem nas mesmas condições, quer na França, quer em países estrangeiros. Se disserdes a esses doentes que são juguete de uma ilusão, eles vos responderão mostrando a perna restaurada; que são vítimas de charlatães? Dirão que nada pagaram e que não lhes venderam nenhuma droga. Que abusaram de sua confiança? Dirão que nada lhes prometeram.

É também a faculdade que mais escapa à acusação de charlatanice e de fraude; desafia a troça, pois nada há de visível num doente curado que a ciência havia abandonado. O charlatanismo pode simular mais ou menos grosseiramente a maioria dos efeitos mediúnicos, e a incredulidade nele procura sempre os seus

cordões. Mas onde encontrará os fios da mediunidade curadora? Podem ser dados golpes de habilidade para os efeitos mediúnicos e os efeitos mais reais; aos olhos de certa gente, podem passar por golpes hábeis, mas que golpes daria quem tomasse o indumento (traje) da qualidade de médium curador? De duas, uma: cura ou não cura. Não há simulacro que possa fornecer uma cura.

#### ESCAPA COMPLETAMENTE À LEI SOBRE O EXERCÍCIO ILEGAL DA MEDICINA.

Além disso, a mediunidade escapa completamente à lei sobre o exercício ilegal da medicina, desde que não prescreve qualquer tratamento. Com que penalidade poderiam ferir aquele que cura só por sua influência, secundada pela prece que, ademais, nada pede como preço de seus serviços? Ora, a prece não é uma substância farmacêutica. É, em vossa opinião, uma tolice; seja. Mas se a cura está no fim desta tolice, que direis vós? Uma tolice que cura vale bem mais que os remédios que não curam. Puderam proibir o Sr. Jacob de receber os doentes no campo e de ir à casa deles e se ele se submeteu, dizendo que não retomaria o exercício de sua faculdade senão quando a interdição fosse levantada oficialmente, é porque, sendo militar, quis mostrar-se escrupuloso observador da disciplina, por mais dura que fosse. Nisto agiu sabiamente, porque provou que o Espiritismo não conduz à insubordinação. Mas há aqui um caso excepcional. Desde que esta faculdade não é privilégio de um indivíduo, por que meio poderiam impedi-la de se propagar? Se se propaga, bom grado, malgrado, terão que aceitá-la com todas as suas conseqüências.

#### DEPENDENDO DE UMA DISPOSIÇÃO ORGÂNICA, MUITAS PESSOAS A POSSUEM; ENTRETANTO, EXIGE, IMPERIOSAMENTE, O CONCURSO DE ESPÍRITOS DEPURADOS. O MÉDIUM CURADOR NECESSITA, POIS, TRABALHAR EM SUA PRÓPRIA DEPURAÇÃO.

Dependendo a mediunidade curadora de uma disposição orgânica, muitas pessoas a possuem, ao menos em germe, que fica em estado latente, por falta de exercício e de desenvolvimento. É uma faculdade que, com razão, muitos ambicionam e se todos os que desejam possuí-la a pedissem com fervor e perseverança pela prece, e com um objetivo exclusivamente humanitário, é provável que desse concurso sairiam mais de um verdadeiro médium curador.

Não é de admirar, ver pessoas que, a princípio dela não parecem dignas e são favorecidas com esse dom precioso. É que a assistência dos bons Espíritos é conquista possível a todo o mundo, para a todos abrir a via do bem. Mas cessa se se não souber tornar-se digno dela, melhorando-se. Dá-se aqui como com os dons da fortuna, que nem sempre vêm ao mais merecedor. É, então, uma prova pelo uso que faz. Felizes os que dela saem vitoriosos.

Pela natureza de seus efeitos, a mediunidade curadora exige imperiosamente o concurso de Espíritos *depurados*, que não poderiam ser substituídos por Espíritos inferiores, ao passo que há efeitos mediúnicos, para cuja produção, a elevação dos Espíritos não é uma condição necessária e que, por esta razão, são obtidos mais ou menos em qualquer circunstância. Certos Espíritos até, menos escrupulosos que outros quanto a estas condições, preferem os médiuns em quem encontram simpatia. Mas pela obra se conhece o operário.

Há, pois, para o médium curador a necessidade absoluta de se conciliar o concurso dos Espíritos superiores, se quiser conservar e desenvolver sua faculdade; senão, em vez de crescer ela declina e desaparece pelo afastamento dos bons Espíritos. A primeira condição para isto é trabalhar em sua própria depuração, a fim de não alterar os fluidos salutareos que está encarregado de transmitir. Esta condição não poderia ser executada sem o mais completo desinteresse material e moral. O primeiro é o mais fácil; o segundo é o mais raro, porque o orgulho e o egoísmo são os sentimentos mais difíceis de extirpar e porque várias causas contribuem para os superexcitar nos médiuns. Desde que um deles se revela com faculdades transcendentais – falamos aqui dos médiuns em geral, escreventes, videntes e outros – é procurado, adulado e mais de um sucumbem a essa tentação da vaidade. Em breve, esquecendo que sem os Espíritos nada seria, considera-se como indispensável e único intérprete da verdade; deprime os outros médiuns e se julga acima de conselhos. O médium que assim se acha está perdido, porque os Espíritos se encarregam de lhe provar que podem ser dispensados, fazendo surgir outros médiuns melhor assistidos. Comparando a série das comunicações de um mesmo médium, facilmente pode julgar-se se ele cresce ou se degenera. Ah! Quantos temos visto, de todos os gêneros, caírem triste e deploravelmente no terreno escorregadio do orgulho e da vaidade! Pode, pois, esperar-se ver surgir uma multidão de médiuns curadores. No número, vários ficarão frutos secos e eclipsar-se-ão depois de ter lançado um brilho passageiro, ao passo que outros continuarão a elevar-se.

**O TERRENO ESCORREGADIO DO ORGULHO E DA VAIDADE.  
EXEMPLO DE UM MÉDIUM QUE ACABOU RENUNCIANDO A NOVAS  
TENTATIVAS DE CURAS.**

Eis um exemplo disto, há uns seis meses assinalado por um de nossos correspondentes. Num departamento do sul, um médium, que se havia revelado como curador, tinha operado várias curas notáveis e sobre ele repousavam grandes esperanças. Sua faculdade apresentava particularidades que deram, num grupo, a idéia de fazer um estudo a respeito. Eis a resposta que obtiveram dos Espíritos, e que nos foi transmitida na ocasião. Ela pode servir de instrução a todos.

“X... realmente possui a faculdade de médium curador notavelmente desenvolvida. Infelizmente, como muitos outros, ele exagera muito o seu alcance. É um excelente rapaz, cheio de boas intenções, mas que um orgulho desmesurado e uma visão extremamente curta dos homens e das coisas farão periclitarem prontamente. Seu poder fluídico, que é considerável, bem utilizado e ajudado pela influência moral, poderá produzir excelentes resultados. Sabeis por que muitos de seus doentes só experimentam um bem-estar momentâneo, que desaparece quando ele lá não mais está? É que ele age por sua presença somente, mas nada deixa ao espírito para triunfar dos sofrimentos do corpo.

“Quando parte, nada resta dele, nem mesmo o pensamento que segue o doente, no qual não pensa mais, ao passo que a ação mental poderia, em sua ausência, continuar a ação direta. Ele acredita em seu poder fluídico, que é real, mas cuja ação não é persistente, porque não é corroborada pela influência moral. Quando consegue êxito, fica mais satisfeito por ser notado do que por ter curado. E, contudo, é sinceramente desinteressado, pois coraria se recebesse a menor remuneração.

Posto não seja rico, jamais pensou em fazer disto um recurso. O que deseja é fazer falar de si. Falta-lhe também a afabilidade de coração, que atrai. Os que vêm a ele, são chocados por suas maneiras, que não fazem nascer simpatia, do que resulta uma falta de harmonia que prejudica a assimilação dos fluidos. Longe de acalmar e apaziguar as más paixões, ele as excita, julgando fazer o que é necessário para as destruir, e isto pela falta de raciocínio. É um instrumento desafinado; por vezes dá sons harmoniosos e bons, mas o conjunto só pode ser mau, ou pelo menos improdutivo. Não é tão útil à causa quanto o poderia ser; as mais das vezes a prejudica porque, por seu caráter, faz apreciar muito mal os resultados. É desses que pregam com violência uma doutrina de doçura e de paz.

P. – Então pensais que perderá seu poder curador?

R – Estou persuadido disto, a menos que ele fizesse uma volta séria sobre si mesmo, o que, infelizmente, não o creio capaz. Os conselhos seriam supérfluos, porque ele se persuade saber mais que todo o mundo. Talvez tivesse o ar de os escutar, mas não os seguiria. Assim, perde duplamente o benefício de uma excelente faculdade.”

O acontecimento justificou a previsão. Soubemos depois que esse médium, depois de uma série de choques que seu amor-próprio teve que sofrer, tinha renunciado a novas tentativas de curas.

**O PODER DE CURAR INDEPENDE DA VONTADE DO MÉDIUM. O QUE DEPENDE DELE SÃO AS QUALIDADES MORAIS, TAIS COMO: DEVOTAMENTO, ABNEGAÇÃO E HUMILDADE.**

O poder de curar independe da vontade do médium: é um fato observado pela experiência. O que depende dele são as qualidades que podem tornar esse poder frutuoso e *durável*. Essas qualidades são, sobretudo: o devotamento, a abnegação e a humildade; o egoísmo, o orgulho e a cupidez (ambição, cobiça) são pontos de parada, contra os quais se quebra a mais bela faculdade.

O verdadeiro médium curador, o que compreende a santidade de sua missão, é movido pelo único desejo do bem; não vê no dom que possui senão um meio de tornar-se útil aos seus semelhantes, e não um degrau para elevar-se acima dos outros e pôr-se em evidência. É humilde de coração, isto é, nele a humildade e a modéstia são sinceras, reais, sem segunda intenção, e não em palavras que desmente, muitas vezes, os próprios atos. A humildade, por vezes, é um manto, sob o qual se abriga o orgulho, mas que não iludiria a ninguém. Nem procura o brilho, nem o renome, nem o ruído de seu nome, nem a satisfação de sua vaidade. Não há, em suas maneiras, nem jactância, nem bazófia (impostura, fanfarrice); não exhibe as curas que realiza, ao passo que o orgulhoso as enumera com complacência, muitas vezes as amplia, e acaba por se persuadir que fez tudo o que diz.

Feliz pelo bem que faz, não o é menos pelo que outros podem fazer; não se julgando o primeiro nem o único capaz, não inveja nem deprime nenhum médium. Os que possuem a mesma faculdade são para ele irmãos que concorrem para o mesmo objetivo: ele diz que quanto mais os houver, maior será o bem.

Sua confiança em suas próprias forças não vai até a presunção de se julgar infalível e, ainda menos, universal; sabe que outros podem tanto ou mais que ele;

sua fé é mais em Deus do que em si mesmo, pois sabe que tudo pode por Ele, e nada sem Ele. Eis porque nada promete senão sob a reserva da permissão de Deus.

À influência material junta a influência moral, auxiliar poderoso, que dobra a sua força. Por sua palavra benevolente, encoraja, levanta o moral, faz nascer a esperança e a confiança em Deus. Já é uma parte da cura, porque é uma consolação que dispõe a receber o eflúvio benéfico ou, melhor dito, o pensamento benevolente já é um eflúvio salutar. Sem a influência moral, o médium tem por si apenas a ação fluídica, material e, de certo modo, brutal, insuficiente em muitos casos.

Enfim, para aquele que possui as qualidades de coração, o doente é atraído por uma simpatia que predispõe à assimilação dos fluidos, ao passo que o orgulho, a falta de benevolência chocam e fazem experimentar um sentimento de repulsa, que paralisa essa assimilação.

Tal é o médium curador amado pelos bons Espíritos. Tal é, também, a medida que pode servir para julgar o valor intrínseco dos que se revelarem e a extensão dos serviços que poderão prestar à causa do Espiritismo. Desnecessário é dizer que só quem se encontra nestas condições e, que aquele que não reunisse todas as qualidades, não possa, momentaneamente, prestar serviços parciais, e que seria erro repeli-lo. O mal é para ele, porque quanto mais se afasta do tipo, menos pode esperar ver sua faculdade desenvolver-se e mais se aproxima do declínio. Os bons Espíritos só se ligam aos que se mostram dignos de sua proteção, e a queda do orgulhoso, mais cedo ou mais tarde, é a sua punição. O desinteresse é incompleto sem o desinteresse moral.

ALLAN KARDEC.

\*

## **14 - O ESPIRITISMO É UMA RELIGIÃO?**

### **A COMUNHÃO DE PENSAMENTOS**

**(Revista Espírita. Dezembro de 1868).**

**Sessão Anual Comemorativa do “Dia dos Mortos”. Sociedade de Paris,  
1º. de Novembro de 1868.**

### **DISCURSO DE ABERTURA PELO SR. ALLAN KARDEC**

“Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, aí estarei com eles”.

(Mat. XVII, 20).

### **QUE SIGNIFICA: COMUNHÃO DE PENSAMENTOS?**

Caros irmãos e irmãs espíritas.

Estamos reunidos, neste dia consagrado pelo uso à comemoração dos mortos, para dar aos nossos irmãos que deixaram a Terra um testemunho particular de simpatia; para continuar as relações de afeição e de fraternidade que existiam entre eles e nós em vida, e para chamar sobre eles a bondade do Todo-Poderoso. Mas, porque nos reunir? Não podemos fazer, cada um em particular, o que nos propomos fazer em comum? Qual a utilidade que pode haver em se reunir assim num dia determinado?

Jesus no-lo indica pelas palavras citadas no alto. Esta utilidade está no resultado produzido pela comunhão de pensamentos que se estabelece entre pessoas reunidas com o mesmo objetivo.

Mas compreende-se bem todo o alcance da expressão: “Comunhão de pensamentos?” Seguramente, até este dia, poucas pessoas dela tinham feito uma idéia completa. O Espiritismo, que nos explica tantas coisas, pelas leis que nos revela, vem ainda nos explicar a causa, os efeitos e o poder desta situação do espírito.

Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento seja uma força; mas é uma força puramente moral e abstrata? Para o compreender, é preciso conhecer as propriedades e a ação dos elementos que constituem a nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-las ensina.

**“A VONTADE”: NÃO É ATRIBUTO ESPECIAL DO ESPÍRITO: É O PENSAMENTO CHEGADO A UM CERTO GRAU DE ENERGIA; É O PENSAMENTO TORNADO FORÇA MOTRIZ.**

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria: sem o pensamento, o espírito não seria espírito. A vontade não é atributo especial do espírito: é o pensamento chegado a um certo grau de energia; é o pensamento tornado força motriz. É pela vontade que o espírito imprime aos membros e ao corpo movimentos num determinado sentido. Mas se ele tem a força de agir sobre os órgãos materiais, como não deve ser maior esta força sobre os elementos fluídicos que nos cercam! O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos trazem o pensamento como o ar nos traz o som. Pode, pois, dizer-se com toda a verdade que há nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundir, como há no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembléia é um foco onde irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos em que cada um produz a sua nota. Resulta daí uma porção de correntes e de eflúvios fluídicos, cada um dos quais recebe a impressão pelo sentido espiritual, como num coro de música cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas, assim como há raios sonoros harmônicos ou discordantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto for harmônico, a impressão será agradável; se for discordante, a impressão será penosa. Ora, para isso não é preciso que o pensamento seja formulado em palavras; a radiação fluídica não



existe menos, seja ou não expressa; se todas forem benevolentes, todos os assistentes experimentarão um verdadeiro bem-estar e sentir-se-ão à vontade; mas se se misturarem alguns pensamentos maus, produzem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta numa reunião simpática; aí como que reina uma atmosfera moral salubre, onde se respira à vontade; daí se sai reconfortado, porque se ficou impregnado de eflúvios salubres. Assim se explicam, também, a ansiedade, o mal-estar indefinível que se sente num meio antipático, em que pensamentos malévolos provocam, por assim dizer, correntes fluídicas malsãs.

A comunhão de pensamentos produz, assim, uma espécie de efeito físico, que reage sobre o moral; é o que só o Espiritismo poderia dar a compreender. O homem o sente instintivamente, desde que procure as reuniões onde sabe que encontra essa comunhão. Nas reuniões homogêneas e simpáticas adquire novas forças morais; poder-se-ia dizer que aí recupera as perdas fluídicas que sofre diariamente pela radiação do pensamento, como recupera, pelos alimentos, as perdas do corpo material.

A esses efeitos da comunhão dos pensamentos junta-se um outro que é a sua conseqüência natural, e que importa não perder de vista: é o poder que adquire o pensamento ou a vontade, pelo conjunto de pensamentos ou vontades reunidas. Sendo a vontade uma força ativa, esta força é multiplicada pelo número de vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número dos braços.

#### REUNIÕES MENOS NUMEROSAS E A HOMOGENEIDADE DE PENSAMENTOS: A UNIÃO FAZ A FORÇA!

Aceito este ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos, haja, numa reunião onde reine uma perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva, que nem sempre possui o indivíduo isolado. Se, até o presente, as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de obter uma homogeneidade perfeita de pensamentos, o que depende da imperfeição da natureza humana na Terra. Quanto mais numerosas as reuniões, mais aí se misturam elementos heterogêneos, que paralisam a ação dos bons elementos, e que são como grãos de areia numa engrenagem. Assim não é nos mundos mais adiantados, e tal estado de coisas mudará na Terra, à medida que os homens se tornarem melhores.

Para os espíritas, a comunhão de pensamentos tem um resultado ainda mais especial. Vimos o efeito dessa comunhão de homem a homem; o Espiritismo nos prova que não é menor dos homens para os Espíritos, e reciprocamente. Com efeito, se o pensamento coletivo adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem por objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos maus Espíritos; assim, vemos que a tática destes últimos é impelir para a divisão e para o isolamento. Sozinho, o homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade for corroborada por outras vontades, poderá resistir, segundo o axioma: “A união faz a força”, axioma verdadeiro no moral quanto no físico.

Por outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos bons Espíritos será secundada. Sua influência salutar não encontrará obstáculos; não sendo os seus eflúvios fluídicos detidos por correntes contrárias, espalhar-se-ão sobre todos os assistentes, precisamente porque todos os terão atraído pelo pensamento, não cada um em proveito pessoal, mas em proveito de todos, conforme a lei da caridade. Descerão sobre eles em línguas de fogo, para nos servir de uma admirável imagem do Evangelho.

**PELA COMUNHÃO DE PENSAMENTOS, OS HOMENS SE ASSISTEM ENTRE SI, E AO MESMO TEMPO ASSISTEM OS ESPÍRITOS E SÃO POR ESTES ASSISTIDOS.**

Assim, pela comunhão de pensamentos, os homens se assistem entre si, e ao mesmo tempo assistem os Espíritos e são por estes assistidos. As relações entre o mundo visível e o mundo invisível não são mais individuais, são coletivas e, por isso mesmo, mais poderosas para o proveito das massas, como para o dos indivíduos. Numa palavra, estabelece a solidariedade, que é a base da fraternidade. Ninguém trabalha para si só, mas para todos, e trabalhando por todos, cada um aí encontra a sua parte. É o que não compreende o egoísmo.

Graças ao Espiritismo, compreendemos, então, o poder e os efeitos do pensamento coletivo; explicamo-nos melhor: o sentimento de bem-estar que se experimenta num meio homogêneo e simpático; mas sabemos, igualmente, que há o mesmo com os Espíritos, porque eles também recebem os eflúvios de todos os pensamentos benevolentes que para eles se elevam, como uma nuvem de perfume. Os que são felizes experimentam maior alegria por esse concerto harmonioso; os que sofrem, sentem um maior alívio.

Todas as reuniões religiosas, seja qual for o culto a que pertençam, são fundadas na comunhão de pensamentos; é aí, com efeito, que esta deve e pode exercer toda a sua força, porque o objetivo deve ser o desprendimento do pensamento das garras da matéria. Infelizmente, em sua maioria, afastaram-se desse princípio, à medida que faziam da religião uma questão de forma. Disso resultou que cada um, fazendo consistir seu dever na realização da forma, julga-se quite com Deus e os homens, quando pratica uma fórmula. Disso resulta ainda que “cada um vai aos lugares de reuniões religiosas com um pensamento pessoal, por sua própria conta, e o mais das vezes, sem nenhum sentimento de confraternização em relação aos outros assistentes; está isolado em meio à multidão, e não pensa no céu, senão para si mesmo”.

Certamente não era assim que o entendia Jesus, quando disse: “Quando estiverdes reunidos em meu nome, estarei no meio de vós.” Reunidos em seu nome quer dizer: com um pensamento comum; mas não se pode estar reunido em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, a sua doutrina. Ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em pensamentos, palavras e obras. Os egoístas e os orgulhosos mentem quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus os desautoriza (desqualifica) por seus discípulos.

## HÁ CRIATURAS QUE NEGAM A UTILIDADE DAS ASSEMBLÉIAS RELIGIOSAS.

Feridas por estes abusos e por estes desvios, há criaturas que negam a utilidade das assembléias religiosas e, por conseguinte, dos edifícios consagrados a tais assembléias. Em seu radicalismo, pensam que melhor seria construir hospitais (hospícios?), desde que o templo de Deus está em toda a parte, que pode ser adorado em toda parte, que cada um pode orar em casa e a qualquer hora, ao passo que os pobres, os doentes e os enfermos necessitam de lugares de refúgio.

Mas pelo fato de se cometerem abusos, por se afastarem do reto caminho, segue-se que não existe o reto caminho e que tudo aquilo de que se abusa seja mau? Falar assim é desconhecer a fonte e os benefícios da comunhão de pensamentos, que deve ser a essência das assembléias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Que os materialistas professem semelhantes idéias, concebe-se; porque para eles, em todas as coisas fazem abstração da vida espiritual; mas da parte dos espiritualistas, e melhor ainda, dos espíritas, seria um contra-senso. **“O isolamento religioso, como o isolamento social, conduz ao egoísmo.”** Que alguns homens sejam bastante fortes por si mesmos, muito largamente dotados pelo coração, para que sua fé e sua caridade não necessitem ser reaquecidas num foco comum, é possível; mas assim não se dá com as massas, à qual é preciso um estimulante, sem o qual elas poderiam deixar-se ganhar pela indiferença. Além disso, qual o homem que possa dizer-se bastante esclarecido para não ter nada a aprender no tocante aos interesses futuros? E bastante perfeito para dispensar conselhos na vida presente? É sempre capaz de instruir-se por si mesmo? Não; à sua maioria são necessários ensinamentos diretos em matéria de religião e de moral, como em matéria de ciência. Sem contradita, esse ensinamento pode ser dado por toda a parte, sob a abóbada do céu, como sob a de um templo; mas por que não teriam os homens lugares especiais para os negócios do céu, como os têm para os negócios da Terra? Por que não teriam assembléias religiosas, como têm assembléias políticas, científicas e industriais? Aqui está um jogo onde se ganha sempre, sem que ninguém perca. Isto não impede as fundações em proveito dos infelizes; mas dizemos a mais que “quando os homens compreenderem melhor seus interesses do céu, haverá menos gente nos hospitais” (Hospícios?).

## O ESPIRITISMO É A GRANDE ALAVANCA DO PROGRESSO EM TODAS AS COISAS E MARCA UMA ERA DE RENOVAÇÃO.

Se as assembléias religiosas – falamos em geral, sem alusão a qualquer culto - muitas vezes se afastaram bastante do objetivo primitivo principal, que é a comunhão fraterna do pensamento; se o ensino que aí é dado nem sempre seguiu o movimento progressivo da Humanidade, é que os homens não realizam todos os progressos ao mesmo tempo; o que não fazem num período, fazem-no em outro; à medida que se esclarecem, vêem as lacunas que existem em suas instituições, e as preenchem; compreendem que o que era bom numa época, em relação ao grau de civilização, torna-se insuficiente num estado mais adiantado, e restabelecem o nível. Sabemos que o Espiritismo é a grande alavanca do progresso em todas as coisas; marca uma era de renovação. Saibamos, pois, esperar, e não peçamos a uma época mais do que ela pode dar. Como as plantas, é preciso que as idéias amadu-

reçam para serem colhidos os frutos. Além disso, saibamos fazer as concessões necessárias nas épocas de transição, porque nada, na natureza, se opera de maneira brusca e instantânea.

A PALAVRA “**RELIGIÃO**” QUER DIZER “**LAÇO**”. UMA  
RELIGIÃO, EM SUA ACEPTÃO NATA E VERDADEIRA, É UM LAÇO QUE  
“RELIGA” OS HOMENS NUMA COMUNIDADE DE SENTIMENTOS, DE  
PRINCÍPIOS E DE CRENÇAS.

Dissemos que o verdadeiro objetivo das assembléias religiosas deve ser a “comunhão de pensamentos”; é que, com efeito, a palavra “religião” quer dizer “laço”. Uma religião, em sua acepção nata e verdadeira, é um laço que “religa” os homens numa comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças. Consecutivamente, esse nome foi dado a esses mesmos princípios codificados e formulados em dogmas ou artigos de fé. É neste sentido que se diz: “a religião política”; entretanto, mesmo nesta acepção, a palavra “religião” não é sinônimo de “opinião” (ideal), implica uma idéia particular: a “de fé conscienciosa”; eis porque se diz também: “a fé política”. Ora, os homens podem envolver-se, por interesse num partido, sem ter fé nesse partido, e a prova é que o deixam sem escrúpulo, quando encontram seu interesse alhures, ao passo que aquele que o abraça por convicção é inabalável; persiste ao preço dos maiores sacrifícios e é a abnegação dos interesses pessoais que é a verdadeira pedra de toque da fé sincera. Contudo, se a renúncia a uma opinião (ideal), motivada pelo interesse, é um ato de desprezível covardia, é, ao contrário, respeitável, quando fruto do reconhecimento do erro em que se estava; é, então, um ato de abnegação e de razão. Há mais coragem e grandeza em reconhecer abertamente que se enganou, do que persistir, por amor-próprio, no que se sabe ser falso e para não se dar um desmentido a si próprio, o que acusa mais teimosia do que firmeza, mais orgulho do que razão, e mais fraqueza do que força. E mais ainda: é hipocrisia, porque se quer parecer o que não se é; além disso, é uma ação má, porque é encorajar o erro por seu próprio exemplo.

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, um laço essencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e, não somente, o fato de compromissos materiais que se rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunidade de vistas e de sentimentos, “a fraternidade e a solidariedade”, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: “a religião da amizade”, “a religião da família”.

O ESPIRITISMO É UMA RELIGIÃO? SIM, SEM DÚVIDA; NO  
SENTIDO FILOSÓFICO, O ESPIRITISMO É UMA RELIGIÃO. QUAL É O  
“LAÇO” QUE DEVE EXISTIR ENTRE OS ESPÍRITAS?

Se assim é, perguntarão: então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores. No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza.

Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Porque não há uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e porque, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; desperta exclusivamente uma idéia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública.

Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.

As reuniões espíritas podem, pois, ser feitas religiosamente, isto é com o recolhimento e o respeito que comporta a natureza grave dos assuntos de que se ocupa. Pode-se mesmo, na ocasião, aí fazer preces que, em vez de serem ditas em particular, são ditas em comum, sem que por isto as tomem por “assembléias religiosas”. Não se pense que isto seja um jogo de palavras; a nuança é perfeitamente clara, e a aparente confusão é devida à falta de um vocábulo para cada idéia.

Qual é, pois, o laço que deve existir entre os espíritas? Eles não estão reunidos entre si por nenhum contrato material, por nenhuma prática obrigatória. Qual o sentimento no qual se devem confundir todos os pensamentos? É um sentimento todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para todos, ou, por outras palavras: o amor do próximo, que compreende os vivos e os mortos, desde que sabemos que os mortos sempre fazem parte da Humanidade.

A caridade é a alma do Espiritismo: ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes; eis porque se pode dizer que não há verdadeiro espírita sem caridade.

Mas a caridade é ainda uma dessas palavras de sentido múltiplo, cujo inteiro alcance deve ser bem compreendido. E, se os Espíritos não cessam de a pregar e a definir, é que, provavelmente, reconhecem que isto ainda é necessário.

#### A CARIDADE BENEFICENTE E A CARIDADE BENEVOLENTE.

O campo da caridade é muito vasto: compreende duas grandes divisões que, em falta de termos especiais, podem designar-se pelas expressões: “**Caridade beneficente** e **Caridade benevolente**”. Compreende-se facilmente a primeira, que é naturalmente proporcional aos recursos materiais de que se dispõe; mas a segunda está ao alcance de toda gente, do mais pobre ao mais rico. Se a beneficência é forçosamente limitada, nada além da vontade pode estabelecer limites à benevolência.

Que é preciso, então, para praticar a caridade benevolente? Amar ao próximo como a si mesmo: ora, se se amar ao próximo tanto quanto a si, amar-se-o-á muito; agir-se-á para com outrem como se queresse que os outros agissem para co-

nosco; não se quereria fazer mal a ninguém, porque não quereríamos que no-lo fizessem.

Amar ao próximo é, pois, abjurar todo sentimento de ódio, de animosidade, de rancor, de inveja, de ciúme, de vingança, numa palavra, todo desejo e todo pensamento de prejudicar; é perdoar aos inimigos e retribuir o mal com o bem; ser indulgente para as imperfeições de seus semelhantes e não procurar a palha no olho do vizinho, quando não se vê a trave no seu; é cobrir ou desculpar as faltas dos outros, em vez de se comprazer em as por em relevo por espírito de aviltamento; é, ainda, não se fazer valer à custa dos outros, não procurar esmagar a pessoa sob o peso de sua superioridade; não desprezar ninguém por orgulho. Eis a verdadeira caridade benevolente, a caridade prática, sem a qual a caridade é palavra vã; é a caridade do verdadeiro Espírita, como do verdadeiro cristão; aquela, sem a qual, aquele que diz: “Fora da Caridade não há salvação”, procura sua própria condenação, tanto neste quanto no outro mundo.

Quanta coisa haveria a dizer a tal respeito! Que belas instruções nos dão os Espíritos incessantemente! Sem o receio de alongar-me e de abusar de vossa paciência, senhores, seria fácil demonstrar que, em se colocando no ponto de vista do interesse pessoal, egoísta, se se quiser, porque nem todos os homens estão maduros para uma completa abnegação, para fazer o bem, unicamente por amor do bem, seria fácil demonstrar que tem tudo a ganhar, em agir deste modo e tudo a perder, agindo diversamente, mesmo em suas relações sociais; depois, o bem atrai o bem e a proteção dos bons Espíritos; o mal atrai o mal e abre a porta à malevolência dos maus Espíritos. Mais cedo ou mais tarde o orgulhoso será castigado pela humilhação, o ambicioso pelas decepções, o egoísta pela ruína de suas esperanças, o hipócrita pela vergonha de ser desmascarado; aquele que abandona os bons Espíritos, por estes é abandonado e, de queda em queda, se vê, por fim, no fundo do abismo, ao passo que os bons Espíritos erguem, amparam aquele que, nas maiores provações, não cessa de se confiar à Providência e jamais se desvia do reto caminho; aquele, enfim, cujos secretos sentimentos não dissimulam nenhum pensamento oculto de vaidade ou de interesse pessoal. Então, de um lado, ganho assegurado; do outro, perda certa; cada um, em virtude do livre-arbítrio, pode escolher a chance que quer correr, mas não poderá queixar-se senão de si mesmo pelas conseqüências de sua escolha.

#### EIS O “CREDO”, A RELIGIÃO DO ESPIRITISMO:

Crer num Deus Todo-Poderoso, soberanamente justo e bom; crer na alma e em sua imortalidade; na pré-existência da alma como única justificação do presente; na pluralidade das existências como meio de expiação, de reparação e de adiantamento moral e intelectual; na perfectibilidade dos seres mais imperfeitos; na felicidade crescente com a perfeição; na equitável remuneração do bem e do mal, conforme o princípio: “a cada um segundo as suas obras”; na igualdade da justiça para todos, sem exceções, favores, nem privilégios para nenhuma criatura; na duração da expiação limitada pela imperfeição; no livre-arbítrio do homem, que lhe deixa sempre a escolha entre o bem e o mal; crer na continuidade que liga o mundo vivível ao invisível; na solidariedade que religa todos os seres passados, presentes e futuros, encarnados e desencarnados; considerar a vida terrestre como

transitória e uma das fases da vida do Espírito, que é eterna; aceitar corajosamente as provações, em vista do futuro mais invejável que o presente; praticar a caridade em pensamentos, palavras e obras na mais larga acepção da palavra; esforçar-se cada dia para ser melhor que na véspera, extirpando alguma imperfeição de sua alma; submeter todas as crenças ao controle do livre exame e da razão e nada aceitar pela fé cega; respeitar todas as crenças sinceras, por mais irracionais que nos pareçam e não violentar a consciência de ninguém; ver, enfim, nas descobertas da ciência a revelação das leis da natureza, que são as leis de Deus: eis o **“Credo, a religião do Espiritismo”**, religião que se pode conciliar com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus. É o laço que deve unir todos os espíritas numa santa comunhão de pensamentos, esperando que ligue todos os homens sob a bandeira da fraternidade universal.

Com a fraternidade, filha da caridade, os homens viverão em paz e se pouparão males inumeráveis, que nascem da discórdia, por sua vez filha do orgulho, do egoísmo, da ambição, do ciúme e de todas as imperfeições da Humanidade.

O Espiritismo dá aos homens tudo o que é preciso para a felicidade aqui na Terra, porque lhes ensina a se contentarem com o que têm. Que os espíritas sejam, pois, os primeiros a aproveitar os benefícios que ele trás, e que inaugurem entre si o reino da harmonia, que resplenderá nas gerações futuras.

Os Espíritos que nos rodeiam aqui são inumeráveis, atraídos pelo objetivo que nos propusemos ao nos reunir, a fim de dar aos nossos pensamentos a força que nasce da união. Demos aos que nos são caros uma boa lembrança e o penhor de nossa afeição, encorajamento e consolações aos que estão necessitados. Façamos de modo que cada um recolha a sua parte dos sentimentos de caridade benevolente, de que estivermos animados, e que esta reunião dê os frutos que todos têm o direito de esperar.

**ALLAN KARDEC**

**QUARTA PARTE**

**CIÊNCIA ESPÍRITA**

***JOSÉ HERCULANO PIRES***



## QUARTA PARTE

### CIÊNCIA ESPÍRITA

*JOSÉ HERCULANO PIRES*

**Livro: “CIÊNCIA ESPÍRITA E SUAS IMPLICAÇÕES TERAPÊUTICAS”**

**(Editora Paidéia. 1ª. Ed. 1979)**

#### 1 - PRINCÍPIOS DA TERAPÊUTICA ESPÍRITA

##### **O princípio da similaridade universal**

A terapêutica espírita se funda na concepção do Universo como estrutura unitária e infinita. Tudo se encadeia no Universo, como ensina Kardec. Dessa maneira, há uma constante relação de todas as coisas e de todos os seres no Universo Infinito. Essa estrutura inimaginável encerra tudo em si mesma e por isso todos os recursos de que necessita estão nela mesma. Cada partícula do Universo reflete o todo e é formada à semelhança do Todo. Esse princípio de similaridade universal supera as nossas concepções e as nossas percepções fragmentárias.

Foi da intuição natural da similaridade que surgiu a magia, como primeira tentativa de conquista e domínio, pelo homem, das energias da Natureza. A magia das selvas, na sua simplicidade elementar, encerrava, em potência, toda a atualização futura. O homem primitivo percebeu a semelhança das coisas e dos seres nas suas experiências do mundo. Seu mundo era um fragmento do Universo e, para ele, não tinha limites. Na sua intuição globalizante (pois toda intuição é uma percepção global), começou a conquista do real pela conquista progressiva das coisas e seres semelhantes. Para atingir o pássaro no ar precisava de um instrumento voador e fez a flecha. Para curar uma ferida produzida pelo espinho de uma planta, recorreu ao suco de suas folhas. Para saciar os seus impulsos sexuais devia conquistar a mulher. Dessa satisfação nascia um novo ser, semelhante a ambos. A dialética da vida se insinuava naturalmente em sua consciência fragmentária, ligando os fatos entre si e desenvolvendo-lhe o tirocínio. Este o levaria às conquistas subseqüentes, infundindo-lhe o *sentimento do mundo*, na fusão da mente com a afetividade. Nessa fusão, temos o homem ligado à terra pela similitude de seus interesses vitais, e ao mesmo tempo atraído ao Céu, pelo despertar de seus impulsos de transcendência. Por isso, desde as inscrições rupestres nas cavernas, até às mais altas civilizações do Oriente e do Ocidente, o homem teve sempre a idéia de Deus em seu íntimo e em suas manifestações em busca da sociabilidade.

##### **Os poderes curadores da natureza humana e os do solo: a imposição das mãos**

A magia simpatética das selvas impregnara as religiões nascidas dessa dupla fonte, marcadas até hoje pelo impulso da lei de adoração a Deus. Com os pés enraizados na terra do mundo, ele voltará sempre para a luz, o fogo e a chuva que o alimentam e estimulam em suas atividades criadoras. O *sentimento do mundo* é

a confirmação sincrética de suas percepções sensoriais e de sua intuição extra-sensorial do todo como unidade.

O estranho episódio da cura pelo pó de múmia, na História da Medicina, quando as múmias se esgotaram nas escavações do Egito e os terapeutas mágicos passaram a produzir múmias artificiais para os doentes, revela a que intensidade chegou a ligação do homem com a terra. A múmia representava ao mesmo tempo o homem e a terra, encerrando, portanto, os poderes curadores da natureza humana e os do solo, em cujas entranhas esses poderes se fundiam sob a ação misteriosa do tempo. Dessa mitologia, aparentemente absurda, nascera em tempos remotos, curtido pelo *sentimento do mundo*, o sentimento da fraternidade humana, da possibilidade das ações fluídicas entre os corpos dos homens vivos. Jesus empregaria, então, os seus poderes espirituais, na transmissão das energias vitais do terapeuta ao doente, através do rito da imposição das mãos, que marcaria todo o período de desenvolvimento do Cristianismo até o Século XIX, em que Kardec reavivaria essa prática antiqüíssima em plena era científica. Tinham razão os que temiam o restabelecimento das superstições do passado remoto sem conhecer e, portanto, sem levar em conta os princípios renovadores da concepção espírita do mundo. Eram, realmente, as velhas superstições que renasciam, mas pelas mãos de um cientista que as depurava de sua ganga de milênios para extrair-lhes apenas a essência.

### **A volta à Natureza: Rousseau e Kardec**

Kardec anunciou que, no seu tempo, com o advento da revelação espírita divina, pelas manifestações espirituais, e humana, pela elaboração científica dos homens, os erros do passado se transformariam em verdades. Esse é um exemplo das transformações previstas. Os erros de interpretação de um passado obscuro tornaram-se acertos ante as investigações do homem moderno. Assim, podemos afirmar que o primeiro princípio da terapêutica espírita é de origem telúrica (da Terra, ou a ela relativo; relativo ao solo), fundado na realidade objetiva de um dos mais curiosos e intrigantes episódios da História da Medicina. A volta à Natureza, que Rousseau pregou na Educação, ironizado por Voltaire, Kardec efetivou, como pesquisador científico e médico, professor e diretor de estudos da Universidade de França. Ao seu lado, o Dr. Demeure, em sua clínica de Paris, dava a Kardec a sua assistência de observador e pesquisador dos efeitos curativos da nova terapêutica.

Os médicos modernos tomaram o lugar de Voltaire no caso de Kardec, entendendo que Kardec desejava que o homem voltasse a andar de quatro, como dissera Voltaire sobre a revolução educacional de Rousseau. Não perceberam que essa volta à natureza não se referia às selvas, mas à natureza humana desfigurada pelos artificialismos da civilização. Se o objetivo pedagógico de Rousseau era psicológico e ético, principalmente ético, o de Kardec era também da mesma dupla natureza, abrangendo, ao mesmo tempo, a Psicologia e a Ética, duas coordenadas históricas e científicas a balizarem as transformações evolutivas dos tempos modernos.

### **Princípios da terapêutica espírita**

Podemos enunciar o primeiro princípio da terapêutica espírita da seguinte maneira:

1 – A cura das doenças depende da ação natural das energias conjugadas do homem e da Terra (psicológicas e mesológicas = relação entre os seres vivos e o meio), na reconstituição do equilíbrio das energias naturais do doente.

Os demais princípios podem ser definidos na seqüência abaixo:

2 – A renovação de energias depende da ação conjugada dos espíritos terapeutas com o médium curador, que se põe à disposição dos espíritos para a transmissão dos fluidos energéticos através da prece e do passe.

3 – A eficácia do passe depende da boa-vontade do médium, que se entrega humildemente à ação dos espíritos, sem perturbá-la com gesticulações excessivas, limitando-se às que os espíritos lhe sugerirem no momento. Não temos nenhum conhecimento objetivo do processo de manipulação dos fluidos pelos espíritos, e poderíamos perturbar-lhes a ação curadora, com nossa intervenção pretensiosa. O médium é instrumento vivo e inteligente da ação espiritual, mas só deve utilizar a sua inteligência para compreender o seu papel de doador de fluidos, como se passa no caso da doação de sangue nos hospitais.

4 – A ação curadora dos espíritos não é mágica nem milagrosa, está sujeita a leis naturais que regem a estrutura psicobiológica do homem. A emissão de ectoplasma do corpo do médium para o corpo do doente revela-se atualmente, nas pesquisas russas, como emissão de plasma físico acompanhado de elementos orgânicos. As famosas pesquisas da Universidade de Kirov, na URSS, comprovaram e confirmaram as pesquisas de Richet, Schrenk-Notzing, Gustave Geley e Eugéne Osty, no século passado (XIX), sobre a ação do plasma físico (quarto estado da matéria) nos efeitos físicos da mediunidade. Na teoria do perispírito, Kardec já havia, também, com grande antecedência, constatado a importância da relação espírito-matéria nesses processos.

5 – Nos casos de cura à distância, sem a presença do médium, a eficácia depende das condições psicofísicas do doente, que permitem a colaboração do seu próprio organismo nas elaborações fluídicas do plasma, em conjugação com as energias espirituais dos espíritos terapeutas. Kardec considerava o perispírito como organismo semimaterial. Frederic Myers estudou a atividade da mente supraliminar (consciente) e subliminar (inconsciente) em todos esses processos então considerados como misteriosos.

6 – As chamadas operações espirituais (hoje, paranormais), podem realizar-se por intervenção física do médium, dominado pelo espírito que dele se serve, por influenciação mediúnica, no transe hipnótico. Mas a simples ação mental do médium pode produzir efeitos físicos no paciente, como Rhine provou nas suas experiências com animais. Rhine resumiu os resultados de suas pesquisas no seguinte princípio: “A mente, que não é física, age por vias não-físicas sobre a matéria.” Soal, Carington e outros verificaram que as atividades internas do organismo animal e humano (funções vegetativas e correlatas) são controladas por ação mental sobre o sistema nervoso, vascular e muscular. A teoria do dinamismo psíquico inconsciente de Geley se desenvolve nesse mesmo sentido.

**A terapia espírita está hoje respaldada pelas mais recentes e avançadas descobertas científicas**

O mistério teológico da encarnação transformou-se, atualmente, numa questão científica, universalmente pesquisada nos maiores centros universitários do planeta. A terapia espírita está hoje respaldada pelas mais recentes e avançadas descobertas científicas. Os que pretendem rejeitá-la, com argumentos, se esquecem de que os problemas da ciência só podem ser resolvidos por meio de pesquisas e provas. Maldições e anátemas desvalorizaram-se, totalmente, num processo inflacionário de dois milênios. Não era sem razão a luta cruenta da Igreja contra o desenvolvimento científico. Ela se defendeu ferozmente do atrevimento dos cientistas, porque agia sob a compulsão violenta do instinto de conservação. A era científica nasceu ensangüentada dos calabouços medievais, em que os mártires do progresso sofriam nas mãos dos inquisidores, à espera das fogueiras divinas em que seriam purificados.

A Ciência avançou apesar de tudo, derrotando os terroristas da magia negra, da antiga e temível Goécia, que os próprios clérigos empregavam em suas lutas de política intestina. Couve ao Coronel Albert de Rochas, diretor do Instituto Politécnico de Paris, pesquisar em laboratório os possíveis efeitos da magia negra, demonstrando o engano dos que a consideravam dotada de poder diabólico. O desprestígio da superstição permitiu aos médiuns, hoje chamados “sujeitos paranormais” (nem anormais, nem patológicos, nem diabólicos), transformarem-se nos instrumentos humanos de investigação científica das potencialidades da criatura humana. Atualmente, a própria Igreja dispõe de organismos de pesquisas dos fenômenos que antes considerara como estigmas infamantes da maldição divina.

### **Magnetismo versus Hipnotismo; Espiritismo versus Parapsicologia**

Quando a Academia de França reconheceu a realidade do magnetismo e seu interesse científico, mas mudando-lhe o nome para hipnotismo, Kardec escreveu um artigo sobre o fato na *Revista Espírita*, lembrando que o magnetismo cansara de bater à porta da Academia, sendo sempre enxotado. Por fim, resolvera mudar de nome e entrar na casa pela porta dos fundos, sendo então recebido e aclamado pelos cientistas. O mesmo acontece agora com o Espiritismo, que, sendo batizado na Universidade de Duke com o nome de Parapsicologia, teve entrada franca e entusiástica na URSS e no Vaticano. Na verdade, a Parapsicologia, com roupa nova, linguagem grega e seguindo as pegadas de Kardec, para atingir os seus objetivos nada ofereceu de novo ao mundo atual além de sua roupagem tecnológica. Prestou, assim mesmo, um grande serviço ao mundo materialão, conseguindo despertar-lhe o interesse pelos problemas espirituais. Os materialistas e os religiosos formalistas tinham medo dos espíritos. Rhine conseguiu mostrar-lhes, por meios estatísticos, que todos somos espíritos. O medo se foi e com ele a ilusão da matéria, desfeita na poeira atômica da Nova Física.

\*

## **2 – NATUREZA MORAL DA TERAPIA ESPÍRITA**

### **A eficácia da terapia espírita, bem como a busca da Verdade, dependem, estritamente, da moralidade do médium**

Kardec adverte quanto às relações da moralidade do médium com a sua mediunidade. Considerada em si mesma, como um campo de produção fenomênica, a mediunidade independe da moralidade. Mas considerada como instrumento

cognitivo, ou seja, como meio de conhecimento, a mediunidade depende estritamente da moralidade. Sacerdotes e religiosos de várias seitas aproveitaram-se dessa declaração de Kardec para acusar o Espiritismo de doutrina sem moral. Revelavam com isso apoucada inteligência e falta de moral. Essa observação de Kardec comprovou-se, amplamente, nas pesquisas espíritas e nas sociedades de pesquisas psíquicas da Europa e da América.

A tese é límpida e precisa. Os fenômenos mediúnicos, como os fenômenos físicos, independem da moral do médium ou do físico. O químico de vida moral mais condenável produz as suas reações químicas em laboratório sem pensar na moral. Mas quando se trata da busca da verdade ou de processos de cura, a mediunidade divorciada da moralidade não serve, tornando-se mesmo perigosa. A eficácia da terapia espírita depende da inteireza moral do médium que lhe serve de instrumento. Esse é um problema de relações humanas no plano das sintonias espirituais.

Desejando acelerar o trabalho de ordenação da doutrina, na Codificação – no qual trabalhava apenas com as meninas Baudin – Kardec pensou em utilizar-se da boa-vontade de um médium seu conhecido, mas o seu orientador espiritual o advertiu de que esse médium não tinha condições morais para o trabalho, acrescentando: “A verdade não pode falar pela boca da mentira.” Desse episódio, bem como dos princípios morais da doutrina, ampla e minuciosamente explanados na Codificação, nunca se lembraram nem se lembram os clérigos e materialistas acusadores da suposta amoralidade espírita. Basta isso para mostrar a debilidade moral desses acusadores.

Na terapêutica espírita, como nas investigações científicas da mediunidade, a exigência da moral é de importância básica. As constantes denúncias de fraudes mediúnicas nas pesquisas, decorrem da falta de escrúpulo dos pesquisadores na escolha de seus instrumentos mediúnicos, no tocante às exigências morais.

#### **No caso de médiuns realmente moralizados, as denúncias de fraudes são geralmente fraudulentas**

No caso de médiuns realmente moralizados, as denúncias de fraudes são geralmente fraudulentas. Costuma-se citar o caso do médium escocês Daniel Douglas Home, que produzia os fenômenos mais espantosos, como a própria levitação e materializações sucessivas, e contra o qual só houve acusações sem base, nem sentido. A famosa médium Ana Prado, no Pará, cruelmente combatida e caluniada por um clérigo fanático, saiu ileso de todas as invencionices, como Anésio Siqueira, Urbano de Assis Xavier, Luiz Parigot de Sousa e, tantos outros, mantiveram-se sempre incólumes de acusações dessa espécie, defendidos por seu comportamento moral, que lhes garantia permanente proteção das entidades espirituais superiores.

A moral do médium é o seu escudo em todas as circunstâncias. Não a moral social, que pode ser avaliada de fora e não raro de maneiras contraditórias, mas a moral íntima, pessoal, endógena, ou seja, que nasce de sua própria consciência e não precisa de sanções externas. Essa moral legítima, vivencial, garante a sintonia espiritual do médium com os espíritos elevados – única verdadeira garantia da eficácia de sua terapia. É do próprio Evangelho de Jesus que ressalta esse princípio da moral espírita.

### **A importância da fé raciocinada nas curas espirituais**

Fala-se muito da importância da fé nas curas espirituais de qualquer setor religioso. A fé se revela, nesses casos, mais como um anseio ardente de cura do que propriamente como fé. O conceito vulgar de fé tem por fundamento a crença. Quem não crê, não tem fé. Mas, como explicou Kardec, a fé verdadeira não prescinde da razão, que a fundamenta no conhecimento e no saber. A fé espírita é racional. A crença é apenas uma aceitação emotiva de um princípio ou de um mito. Denis Bradley, depois de suas experiências espíritas, sustentava: “Eu não creio, eu sei.” Na terapia espírita, a fé representa apenas um estímulo moral ao paciente, para que ele se predisponha melhor, emocionalmente, à ação dos elementos curadores. Kardec acentuou a existência de dois campos da fé, assim divididos: fé humana e fé divina. O homem que confia em si mesmo para as suas realizações, fortalece-se na fé humana. Mas aquele que possui a fé divina, resultante do seu conhecimento dos poderes da Divindade, dispõe da máxima firmeza na busca dos seus intentos. Na terapia espírita, essa fé não se funda nos elementos rituais das religiões, concentrando-se na sintonia do seu pensamento e dos seus sentimentos com as entidades espirituais socorristas.

#### **A terapia espírita, a fé racional e a cura do homossexualismo, perversões e viciações**

Há pessoas que usam a terapia espírita como autógena, entregando-se à prece, sem procurar o socorro de médiuns. Esse é um aspecto pouco conhecido da terapia espírita. As pessoas que recorrem a esse processo não o fazem por auto-suficiência, mas por estarem submetidas a viciações ou perversões de que se envergonham. Conhecemos casos de homossexualismo masculino e feminino que foram assim autocurados. Não se trata propriamente de uma autocura, pois a terapia espírita foi realizada pelos espíritos e não por elas mesmas. Essas vítimas, conhecendo a doutrina espírita, cultivaram a fé racional e conseguiram impor a si mesmas disciplinas curadoras a que se apegaram com firmeza e constância.

Os que perseveraram em suas boas intenções, criam condições favoráveis à ação curadora dos espíritos terapeutas. É emocionante o caso de um rapaz de família exemplar que chegou à beira do suicídio. Foi salvo pela voz que soou em sua mente dizendo-lhe: “Deus me permitiu anunciar-te a hora da libertação. Daqui por diante não sentirás mais os impulsos negativos que te torturavam. Esgotaste perante a Espiritualidade Superior um passado de ignomínias.” Não foi um caso de auto-sugestão, mas de perseverança na prova, como depois lhe explicou a entidade protetora que lhe falara em particular, falando então pela boca de um médium que não o conhecia e nada sabia do seu sofrimento oculto.

#### **O homossexualismo: influências de entidades vingativas e o socorro de espíritos amigos**

Em casos como esses, revela-se a importância da vontade do paciente, como ocorre na terapêutica em geral. Numa batalha oculta como a desse jovem, intervêm influências de entidades vingativas, que podem levá-lo ao desespero, mas, em contrapeso, há sempre assistência de espíritos amigos, cuja ação se torna mais poderosa, quando o paciente desperta as suas potencialidades volitivas e decide o seu destino por si mesmo. Firmado no direito de escolha e amparado pelas energias da vontade e os estímulos da consciência de sua dignidade humana, o es-

pírito pode superar as provas mais desesperantes e triunfar sobre as suas tendências inferiores e provenientes do submundo da animalidade. Por isso, a terapêutica espírita condena e repele a capitulação atual da psiquiatria da libertinagem.

### **A condenação hipócrita do sexo pelas religiões cristãs, preparou a explosão sexualista da atualidade**

A condenação hipócrita do sexo pelas religiões cristãs, sobrecarregou de preceitos e ordenações morais que fomentaram por toda parte o fingimento e a hipocrisia. As tentativas cruéis de abafar o instinto sexual através de um moralismo ilógico, como o da era vitoriana na Inglaterra, prepararam a explosão sexualista da atualidade, com o rompimento explosivo dos diques e açudes tradicionais.

Todos os moralistas condenaram veementemente o pansexualismo (tudo é sexo) de Freud, como se ele tivesse culpa de só encontrar, nos traumatismos espantosos do consultório a violência da libido (desejo sexual), dominadora oculta de uma civilização em ruínas. A loucura de Hitler e de seus comparsas recalçados e homossexuais, bem como a megalomania (mania de grandeza) ridícula e exibicionista de Mussolini não surgiram das heranças bárbaras, mas do pietismo (movimento religioso nascido na Igreja luterana alemã no fim do séc. XVII em reação contra o dogmatismo da Igreja oficial) castrador do medievalismo. O histerismo nazista, ligando-se ao exibicionismo fascista e à necrofilia (atração sexual por cadáver) nipônica, resultaram na formação do Eixo e na explosão da Segunda Conflagração Mundial. Foi uma explosão de recalques. Até mesmo os signos sexuais estavam presentes no sigma (letra do alfabeto grego correspondente ao [S] ) nazista, no *fascio* (emblema do fascismo) de Mussolini e no sol nascente de Hiroito. Veio depois, confirmando esse conluio libidinoso, em que floresceu desavergonhado o homossexualismo germânico, a era pornográfica em que nos encontramos.

Marcuse diagnosticou o mal da civilização, mas não foi capaz de lhe propor a solução conveniente, que aos poucos vai se delineando numa volta penosa ao reconhecimento da naturalidade do sexo, sem os excessos e desmandos da atualidade, em que a contribuição russa aparece com a mística libidinoso de Rasputin.

### **Paulo de Tarso e a responsabilidade dessa tragédia mundial**

Historicamente, pesa sobre a figura angustiada de Paulo de Tarso a responsabilidade dessa tragédia mundial. Porque foi ele, o Apóstolo dos Gentios, quem implantou nas comunidades nascentes do Cristianismo Primitivo as leis de pureza do Judaísmo farisaico, tantas vezes condenadas pelo Cristo. Seu zelo pelo Cristianismo chegou ao excesso de deformá-lo, na luta que teve de enfrentar com a libertinagem do paganismo. Armou a dialética histórica da tese pagã contra a antítese cristã-judaica, que resultou na síntese da hipocrisia clerical. Aldous Huxley colocou esse problema em seus livros *Os Demônios de Loudun* e *O Gênio e a Deusa*.

### **As catástrofes morais previstas por Kardec: a educação e os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade**

Kardec já havia antecipado, em meados do século passado (XIX), as convulsões morais que abalariam o mundo a partir da Guerra do Piemonte. Previu a sucessão de guerras e revoluções que se desencadeariam, com surpreendentes

transformações sociais, políticas e culturais em todo o mundo, acentuando que não eram catástrofes geológicas, que ocorreriam naturalmente, como sempre ocorrem, mas catástrofes morais que abalariam as nações aparentemente mais seguras em suas tradições. E o remédio indicado para a reconstrução do mundo seria a educação das novas gerações, educadas nos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, o lema da Revolução Francesa que ressurgiria com o restabelecimento ou a ressurreição do Cristianismo do Cristo e não dos seus vigários, como anunciaria, também, o Padre Alta, Doutor da Sorbonne, suspenso de ordens por suas idéias perigosas.

**A natureza moral da terapêutica espírita decorre da moral de Jesus, pura e natural, desprovida dos aparatos rituais e ordenações antinaturais forjadas pelos teólogos. Os atos naturais, exigidos pela própria continuidade da espécie humana, capitulados como pecados veniais e capitais nas tabelas de preços das indulgências, que provocaram a revolta de Lutero, não são considerados como crimes contra a Divindade**

A natureza moral da terapêutica espírita decorre da moral de Jesus, pura e natural, desprovida dos aparatos, rituais e ordenações antinaturais forjadas pelos teólogos. Por isso a terapia espírita, como a de Jesus, não se funda em práticas sacrificiais, em exorcismos demoníacos, em condenações da função genésica do homem e da mulher, mas na liberdade regida pelos princípios básicos da consciência humana, onde – e somente nela – estão inscritas as verdadeiras leis morais da humanidade.

Os atos naturais, exigidos pela própria continuidade da espécie humana, capitulados como pecados veniais e capitais nas tabelas de preços das indulgências, que provocaram a revolta de Lutero, não são considerados como crimes contra a Divindade. Crimes são os abusos e as perversões desses atos, que nivelam o homem aos animais. Mas a educação é o antídoto desses desvios – a educação natural de Rousseau, desenvolvida em suas técnicas por Pestalozzi e seu discípulo e sucessor Allan Kardec.

**Rousseau, Pestalozzi, Allan Kardec, Kierkegaard (Filosofia Existencial), Kant (Crítico), Hubert e Kerchensteiner (ambos do neokantismo): a Pedagogia e a Educação nos séculos XVIII e XIX**

Pestalozzi era deísta (que ou aquele que crê em Deus, mas não aceita religião, nem culto; deísmo: doutrina religiosa que rejeita toda revelação e só crê na existência de um deus como causa do mundo e na religião natural) e universalista, educador por excelência, o *homo faber* da educação nos séculos XVIII e XIX, mas faltava-lhe a vocação pedagógica, que sobrava a Kardec. Em Kardec havia o *doublé* de filósofo e cientista, as duas vocações necessárias ao “fazer pedagógico”, que implica a reflexão global sobre a educação e a complementação experimental da pesquisa científica.

Mergulhado nesses dois planos da realidade educativa, Kardec ansiava pela descoberta da essência do homem, da sua natureza íntima e do seu destino. Entendia, como declarou tantas vezes, que sem esse conhecimento não podíamos conhecer realmente o educando e dar-lhe, por uma educação adequada, o pleno desenvolvimento de suas potencialidades.



Entregou-se, primeiro, às pesquisas do magnetismo, que lhe revelava um novo aspecto da natureza humana, e, mais tarde, ante a insistência de amigos, ao estudo e à pesquisa dos fenômenos paranormais, que na época explodiam por toda a parte. Foi esse o caminho que o levou ao Espiritismo, num verdadeiro ato de amor, para usarmos a expressão de Hubert. Emparelhou-se, casualmente, com a revolução teológica de Kierkegaard, que fundava na Dinamarca, sem o querer, a Filosofia Existencial.

Sua tendência platônica (de Kardec) levou-o a sonhar com a República de Platão em termos universais, através da educação integral do homem, no desenvolvimento de toda a sua perfectibilidade possível, como queria Kant e como querem, ainda hoje, os neokantianos do realismo crítico. Essa a relação sensível existente entre a pedagogia de Hubert e Kerchensteiner com a Pedagogia Espírita entranhada na obra kardeciana.

**Só o desenvolvimento da civilização, à maneira do desenvolvimento orgânico e da sociabilidade na criança, abre perspectivas para a mente fechada no orgulho do exclusivismo racista, da xenofobia, das cidades e das civilizações muradas no geocentrismo e do antropocentrismo**

O princípio grego da unidade orgânica do Universo decorre de uma visão lógica superior. A Psicologia Infantil nos mostra que a percepção da criança, em suas primeiras fases de desenvolvimento é fragmentária. O mesmo ocorre com os povos primitivos que se isolam no seu torrão e na tribo, com a arrogância de únicos habitantes do mundo. Essa incapacidade natural de uma concepção ampla gera o orgulho do exclusivismo racista, da xenofobia (hostilidade sistemática às coisas e pessoas estrangeiras), das cidades e das civilizações muradas do geocentrismo e do antropocentrismo (filosofia que considera o homem como o centro do Universo). Só o desenvolvimento da civilização, à maneira do desenvolvimento orgânico e da sociabilidade na criança, abre perspectivas para a mente fechada.

Os gregos passaram, também, por esse processo, mas, auxiliados pela sua posição geográfica e por uma capacidade de abstração mental superior, mostraram-se mais avançados, conseguindo imaginar o mundo como uma unidade orgânica viva, como vemos na sua teoria do isolóismo (modelo de todas as coisas; o Cosmos como o grande ser que abarca todas as coisas).

Do outro lado do mundo estavam os celtas, que foram capazes de imaginar o universo hipostásico dos círculos superpostos de *Anunf*, o círculo infernal; *Abred*, o círculo das reencarnações; *Gwinfid*, o círculo divino ou Morada de Deus. Bastaria esses dois exemplos para mostrar a necessidade das migrações entre os mundos habitados no Cosmos, segundo o princípio espírita.

**Sócrates e Platão: precursores da moral cristã e espírita. Gregos e Celtas e a superioridade da moral espírita**

O aparecimento do individualismo (“o homem é a medida de todas as coisas” – Protágoras) em Atenas não decorreu do comércio do Mar Egeu, mas do único milagre grego que se pode admitir: a avançada capacidade grega de abstração. Sócrates, que partilhou da leviandade dos sofistas, abandonou-os ao perceber o vazio de suas teorias e fundou a Filosofia Moral. O moralismo socrático preparou, à distância da curriola rabínica dos sofistas judeus, o advento do Cristianismo. Kardec

reconheceu essa função precursora de Sócrates e Platão e comparou o estágio evolutivo dos gregos ao dos celtas, que Aristóteles considerou o único povo filósofo do mundo. Note-se bem: um povo filósofo, que os romanos conquistaram para se apoderarem de sua sabedoria.

Esse apanhado sucinto e fragmentário dos mundos grego e celta mostra a razão da superioridade da moral espírita, que Kardec desenvolveu na França do iluminismo e da liberdade.

**Curar e educar são funções conjugadas do homem na luta pela sua transcendência. Kardec e sua maior realização: a Ciência Espírita**

Curar e educar são funções conjugadas do homem na luta pela sua transcendência. Por isso, Kardec as reuniu em suas primeiras atividades em Paris, tendo exercido a medicina, como assinala André Moreil, confirmando as informações de Henry Sausse, primeiro biógrafo de Kardec e contemporâneo do mestre. Moreil menciona o período em que Kardec clinicou em Paris. Ficou assim anulada a dúvida que se levantou sobre as suas atividades médicas.

Por outro lado, é pacífico que ele lecionou ciências médicas em Paris. Era uma inteligência onímoda (ilimitada) e se empenhava, com afinco, na decifração dos mistérios do homem. Sua maior realização foi a criação da Ciência Espírita. Ela lhe custou muito caro, pois teve de enfrentar, sozinho, uma batalha sem tréguas com todas as forças culturais, religiosas, políticas e sociais do seu tempo. Seu senso e sua moralidade comprovam-se, atualmente, na volumosa obra que deixou como o alicerce inabalável da Ciência e da Filosofia Espíritas.

\*

### 3 – MOTIVOS DE DIFICULDADES NAS CURAS

**A cura fácil e rápida decorre de méritos pessoais do doente, de compensações merecidas por esforços dispendidos por ele, no seu desenvolvimento espiritual e em favor da evolução humana em geral.**

Há curas que se verificam com surpreendente facilidade e rapidez, dando às vítimas de graves perturbações e às suas famílias a impressão de um socorro divino especial. Nosso povo, de formação geralmente católica, está sempre disposto a se deslumbrar com milagres. Não há privilégios numa estrutura orgânica perfeita, como a do Universo, regida por leis infalíveis e teleológicas, ou seja, leis que dirigem tudo no sentido de fins previstos.

A cura fácil e rápida decorre de méritos pessoais do doente, de compensações merecidas por esforços dispendidos por ele no seu desenvolvimento espiritual, e em favor da evolução humana em geral.

O objetivo da vida é o desenvolvimento das potencialidades que trazemos em nós, como sementes de angelitude e divindade, semeadas na imperfeição humana. Os que compreendem isso e procuram conscientemente trabalhar para que essas sementes germinem mais depressa, adquirem créditos que lhes são pagos no momento exato das necessidades.

Quando Jesus dizia a um doente: “Perdoados foram os teus pecados”, não era porque ele fizesse um milagre naquele instante, mas porque o doente vencera a sua prova graças aos seus méritos.

### **As doenças revelam desajustes da nossa posição existencial**

As doenças revelam desajustes da nossa posição existencial. Esses desajustes decorrem da liberdade de que dispomos em face das exigências evolutivas. A dor, a angústia, as inibições são como campainhas de alarme prevenindo-nos de abusos ou descuidos. Sem a liberdade de errar não poderíamos desenvolver as nossas potencialidades espirituais.

A idéia do castigo divino, do juízo de Deus condenando os que erram é uma maneira humana, antropomórfica, de interpretarmos os acidentes de nossa viagem na astronave planetária, que nos faz rodar em torno do Sol. Podemos socorrer-nos dessa imagem para modificar a nossa antiquada maneira de ver, e interpretar, a nossa precária passagem pela Terra. Somos passageiros de uma nave cósmica, envoltos no escafandro de carne e osso, submetidos a experiências semelhantes às dos astronautas que, não podendo ainda atingir as estrelas, fazem treinamento na órbita planetária. Acidentes da viagem, falhas técnicas, dificuldades, fracassos perigosos, dor e morte dependem da nossa maneira de agir durante a viagem e da perícia ou imperícia nossa, do grau de responsabilidade, de perspicácia, de bom-senso, de calma, de amor e respeito ao semelhante que conseguimos desenvolver.

### **Deus, Consciência Cósmica, não interfere em nosso aprendizado, mas, também, não está alheio ao que se passa conosco**

Deus, Consciência Cósmica, não interfere em nosso aprendizado, mas, também, não está alheio ao que se passa conosco. Da mesma maneira que um telepata, na Lua, pode captar as mensagens mentais que lhe sejam enviadas da Terra, ou de outras naves espaciais, a mente suprema de Deus capta, naturalmente, ligada a tudo o que se passa no Universo, nos seus mínimos detalhes. Se necessário, as entidades a seu serviço serão enviadas a socorrer-nos.

Por toda parte os seres espirituais agem continuamente no Universo. Como dizia o filósofo e vidente Tales de Mileto, na Grécia Antiga: “O mundo está cheio de deuses, que trabalham na terra, nas águas e no ar.” É fácil compreendermos isso se nos lembrarmos da infinidade de seres invisíveis e visíveis que enchem o Universo, agindo em todos os sentidos, sob uma orientação secreta, como robôs vivos, para manterem as condições adequadas em cada organismo dos reinos naturais e em nós mesmos. Se isso se passa no plano material denso, com muito mais facilidade podemos imaginar essa vigilância infinita no plano espiritual.

A Providência Divina é o modelo supremo, arquetípico (arquetipo ou arquetípico - modelo pelo qual se faz uma obra material ou intelectual), de todas as formas de providência que os homens organizam na Terra. As grosseiras imagens de Deus e de sua ação no Universo, que as religiões nos deram no passado, são agora substituídas por visões mais lógicas, racionais e justas, graças aos progressos do homem, no conhecimento progressivo e incessante da realidade em que vivemos.

São retrógrados todos aqueles que ainda se apegam, em nossos dias, às idéias ingênuas de um passado de milhares de anos. Mal iniciamos os primeiros passos na Era Cósmica e já podemos compreender melhor a beleza e a ordem da Obra de Deus, e a importância suprema de seus objetivos que são, na verdade, o destino de cada um de nós.

**As dificuldades nas curas, pela terapia espírita, decorrem, portanto, de nossas atitudes e ações no passado e no presente. Terapia espírita: a verdadeira concepção do ser e do mundo**

As dificuldades nas curas, pela terapia espírita, decorrem, portanto, de nossas atitudes e ações no passado e no presente. Se prejudicamos a evolução de criaturas e comunidades em nossos avatares (avatar: nome dado às diversas encarnações dos deuses na Índia, sobretudo às de Vishnu; transformação, metamorfose) anteriores, é natural que agora tenhamos de suportar a sua companhia e sofrer a sua inferioridade em nosso ambiente individual. Nenhum mago ou sacerdote nos livrará disso, nenhum exorcismo nos libertará, mas a nossa compreensão espiritual do problema e o nosso desejo natural de reparar os erros do passado, nos farão livres, através dos entendimentos possíveis que os fenômenos mediúnicos nos proporcionam.

Como ensinou Jesus, devemos aproveitar a oportunidade de estarmos no mesmo caminho com o adversário, para nos entendermos com ele. Se soubermos fazer isso com amor, chegaremos ao fim da caminhada comum, como companheiros e amigos, prontos para novas conquistas em nossa evolução.

A terapia espírita nos dá o socorro possível na medida exata da nossa capacidade de recebê-lo. Não é, porém, por meio de atos vulgares e interesseiros de caridade e nem de medidas artificiais de reforma interior, que chegaremos a esse resultado. Lembremo-nos do moço rico que procurou Jesus, perguntando-lhe o que faltava para ele merecer o Reino dos Céus. Jesus tocou-lhe o ponto decisivo da questão – o desapego dos bens terrenos -, mandando-o vender tudo o que possuía e distribuir o resultado aos pobres. O moço entristeceu-se e retirou-se da presença do Mestre. Não era a fortuna em si que o prejudicava, mas o seu apego a ela, a sua incapacidade de compreender, ainda, o verdadeiro sentido da vida. Por isso também, a definição de Paulo sobre a caridade, num arrebatamento espiritual do apóstolo, ainda não foi compreendida por nós.

O apego às condições passageiras da vida terrena, aos seus bens transitórios, perecíveis, nos impede de abrir o coração e a mente para a suprema e imprecável grandeza da realidade espiritual. Dar esmolas, socorrer as necessidades do próximo, são apenas meios de aprendizagem que nos levam à libertação. Temos de ir além, de abrir a nossa mente e o nosso coração para ver, sentir, brotando em nós mesmos, sem nenhum interesse inferior, a fonte oculta que não está no poço de Jacó, mas na realidade ôntica, espiritual, profunda da pobre mulher samaritana.

Temos em nós toda a riqueza do Universo, com todas as suas constelações e todas as hipóteses da teoria de Plotino, mas continuamos apegados às vaidades e intrigas da Terra. A terapia espírita, que é a mesma do Cristo, nos oferece a água viva da sua nova concepção do ser e do mundo. Enquanto essa água não jorra em nós, não seremos curados.

**Passar de um tipo de mentalidade a outro, no processo histórico, exige enorme e persistente esforço de uma civilização**

Passar de um tipo de mentalidade a outro, no processo histórico, exige enorme e persistente esforço de uma civilização. Num momento agudo de transição como enfrentamos em nosso tempo, esse processo exige modificações violentas que provocam medo e inquietação. O homem atual perdeu a segurança do passado. Suas próprias certezas científicas foram substituídas por probabilidades. Ele se recusa, inconscientemente, a trocar os seus mitos religiosos por idéias racionais, mas, ao mesmo tempo, sente-se obrigado a trocá-los, por força do desenvolvimento cultural e tecnológico. O antropomorfismo, que o cevou por milênios, nas idéias cômodas de um Deus semelhante a ele, e o fez familiar de Deus, é para ele muito caro.

Deixar esse Deus familiar, pela idéia de uma Consciência Cósmica, o confunde. Como Kardec acentuou, esse processo se torna fácil, graças à sucessão das gerações. Já podemos notar o enfraquecimento dos mitos atuais no decorrer dos anos. Toynbee mostrou que as civilizações se apóiam no alicerce das grandes religiões, confirmando a influência da *lei de adoração* no processo histórico. Não se referiu a essa lei kardeciana, mas reconheceu a sua necessidade básica para a evolução mental e espiritual das comunidades humanas. Esse é hoje um tema pacífico.

**As grandes ideologias revolucionárias, por mais brutais que fossem, acabaram, sempre, por se estruturar nas formas de religiões, não podendo vingar sem essas metamorfoses significativas; desembocando, entretanto, na concepção espírita**

As grandes ideologias revolucionárias, por mais brutais que fossem, acabaram, sempre, por se estruturar nas formas de religiões, não podendo vingar-se sem essas metamorfoses significativas.

O Positivismo de Comte desembocou, para espanto dos seus adeptos mais fiéis, na Religião da Humanidade; os ideólogos da Revolução Francesa entronizaram a Deusa Razão na Catedral de Notre Dame, o Marxismo converteu-se numa organização fanática de salvacionistas, com a adoração de Marx entre a foice e o martelo, a reverência aos ídolos sagrados da Revolução Bolchevista e a obediência servil às bulas papalinas do Kremlin ressuscitado das cinzas.

Mas tudo isso foi precedido de longas e dolorosas metamorfoses conceituais. A pretensão científica do Materialismo Dialético foi asfixiada pela falência da matéria, no desenvolvimento da Física Moderna. Todas essas tentativas de religiões artificiais esboroaram-se, abrindo passagem à lógica realista e irrefutável da concepção espírita, inteiramente livre de símbolos e mitos que favorecem o desenvolvimento de novos formalismos e de novos mitos.

Monsenhor Pisoni, *expert* de Espiritismo no Vaticano, declarou recentemente à revista italiana *Gente* que teve a oportunidade de receber mensagens autênticas de dois amigos falecidos, e acrescentou que o Vaticano não condena as pesquisas espíritas. Já chegou à cúpula do mundo católico o abalo inevitável das velhas estruturas. Cabe-nos agora vigiar ativamente, aprofundando os estudos

doutrinários do Espiritismo, para que a metamorfose conceptual em curso não arraste os espíritas para a voragem das deturpações sincréticas.

Só um esforço conjunto dos intelectuais espíritas poderá impedir a ameaça desse novo naufrágio da razão no misticismo formalista e mitológico dos criadores de mitos. A terapia espírita, natural e simples, seria então sufocada por um retorno de séculos à adoração espúria das fantasias.

### **Temos de dinamizar os nossos esforços na elaboração consciente e esclarecida da Cultura Espírita**

Estamos num desses vórtices perigosos da História, em que os acidentes dessa espécie (adoração espúria das fantasias) são comuns, por falta de conhecimento real das doutrinas renovadoras. Precisamos aprofundar os estudos doutrinários, através do esforço de pensadores espíritas, suficientemente integrados na cultura atual, e empenhados no desenvolvimento da nova cultura da era cósmica.

Temos de dinamizar os nossos esforços na elaboração consciente e esclarecida da Cultura Espírita, única realmente dotada de capacidade para absorver os elementos válidos da cultura leiga. As culturas, como ensina Ernst Cassirer, nascem e se desenvolvem por esse processo de assimilação seletiva (não sincrética) da herança cultural anterior. Se os espíritas não compreenderem essa necessidade histórica e não se prepararem para enfrentá-la, serão os responsáveis pelo retrocesso ao misticismo obscurantista que já nos ameaça.

### **Kardec insistiu na necessidade de nos firmarmos na razão, para não recairmos nos delírios da imaginação**

Kardec insistiu na necessidade de nos firmarmos na razão, para não cairmos nos delírios da imaginação excitada pelo impulso de sublimação, que levou os clérigos de todos os tempos a se julgarem privilegiados de Deus, e agraciados pela sabedoria infusa do teologismo.

A imaginação, como observara Descartes, leva-nos a romper os limites do possível. Nada mais apropriado para transformar e acelerar, de repente, os passos cautelosos na disparada quixotesca (sonhadora). Por isso, o campo do paranormal oferece mais dificuldades para a pesquisa científica do que o dos fenômenos físicos. Myers advertiu que a mente subliminar destina-se à vida espiritual e não à material, que corresponde às exigências imediatistas do mundo sensorial.

Kardec esquivou-se ao uso dos processos de vidência e do desprendimento mediúnico para a investigação do plano espiritual, preferindo obter informações dos espíritos, sempre que controláveis, para atingir a verdade sobre o outro mundo. Alegava que os que vivem naquele mundo estão mais aptos a nos fornecer dados sobre ele. O espírito encarnado está condicionado ao nosso plano, mas o desencarnado condiciona-se ao outro. Cabe à razão humana, através de pesquisas adequadas – hoje comuns nas ciências do extra físico – verificar as possibilidades lógicas das informações e proceder às verificações necessárias à comprovação dos dados oferecidos pelos informantes.

### **Kardec e o controle das informações do Além pelo consenso universal**

Kardec considerou importante, como um dos meios de controle dessas informações do Além, o critério do consenso universal. Excluía, assim, os perigos

da opinião individual. Qualquer revelação de um espírito teria de passar pelo teste inicial do consenso. Se outras comunicações semelhantes se verificassem por outros médiuns, em outros locais, na mesma ocasião, esse consenso dava – desde que os médiuns não se conhecessem e residissem distantes uns dos outros – uma suposição de veracidade. Mas só as comprovações experimentais poderiam legitimá-las.

Suas pesquisas eram árduas e minuciosas, mas os resultados foram tão positivos que nenhum dos princípios por ele estabelecidos foi abalado pela evolução científica dos nossos dias. Pelo contrário, permanecem como antecipações de solução para problemas com que lutam, ainda, os pesquisadores atuais.

### **Os pesquisadores atuais do Além e os resultados obtidos: Ímoda, Richet, Fontenai, Crawford, Schrenk-Notzing, Zöllner, Geley, etc**

Por exemplo: sua afirmação de que o corpo espiritual é semimaterial, aplica-se hoje ao corpo bioplásmico, que é formado de plasma físico: mistura de partículas atômicas, em que se inserem elementos extrafísicos. O próprio ectoplasma, que Ímoda, Richet e Fontenai, em pesquisas conjuntas, com a mediunidade de Linda Gazzera, na Itália, verificaram ser tridimensional (uma parte visível, em forma leitosa, outra visível, em forma de fluido, e a invisível), revela-se hoje, nas pesquisas russas da Universidade de Kirov, como energias do perispírito. Confirma-se, assim, a validade das pesquisas de Crawford em Belfast, tantas vezes ridicularizadas, sem nenhuma contraprova experimental.

As alavancas de Crawford, reveladas por ele como pseudópodos de massa leitosa, ou jatos de energia radiante, que movimentavam objetos à distância, sem contato, foram definidas em Kirov como emissões de energias plásmicas emitidas pelo médium, para produzir efeitos materiais à distância.

As pesquisas de Schrenk-Notzing, em Berlim, provaram que a massa ectoplasmática retorna ao corpo do médium, sendo reabsorvida, como o são também as energias. Provaram, também, as três dimensões do ectoplasma: a visível, em forma leitosa, que produz formas de membros humanos e até mesmo materializações completas de espíritos de mortos; a visível, em forma de fluido esbranquiçado, e a invisível, que se pode perceber pelo tato, como uma espécie de teias de aranha finíssimas e levemente pegajosas.

Zöllner, na Universidade de Leipzig, provou o poder explosivo do ectoplasma, mesmo invisível. Nos casos de cura, o ectoplasma tem funções ainda não suficientemente definidas, mas já evidenciadas em numerosas oportunidades. Fisiologistas famosos, como Geley e Richet, entenderam que pode atuar na recuperação de tecidos gastos ou acidentados.

### **As principais dificuldades para a cura pela terapia espírita**

As dificuldades de cura decorrem geralmente de implicações kármicas dos pacientes, de deficiências mediúnicas e de falta de conhecimento do problema pelos dirigentes de sessões. O apego emocional dos pacientes aos seus obsessores, por afinidades temperamentais, é um dos mais graves entraves do processo terapêutico.

Os médicos espíritas podem controlar a cura e estimular os pacientes, bem como os médiuns doadores de energias ectoplásmicas. Por isso, é sempre aconselhável a presença e participação de médicos conhecedores do problema, em todos os tratamentos pela terapia espírita. Alegar que a participação médica torna suspeitos os resultados é simplesmente provar desconhecimento do assunto.

\*

#### **4 - PARAPSIKOLOGIA E ESPIRITISMO**

***JOSÉ HERCULANO PIRES***

**Livro: PARAPSIKOLOGIA - HOJE E AMANHÃ (Editora Edicel. 6ª. Ed. 1.981).**

Os domínios da Parapsicologia são um ‘enclave’ no vasto império do Espiritismo: um pequeno território autônomo, recortado pelos cientistas no campo da imensa fenomenologia espírita. Os livros de Parapsicologia, por isso mesmo, costumam citar o Espiritismo e os fenômenos espíritas como antecedentes dessa nova Ciência. Um exemplo típico desse procedimento é o livro do Prof. Ricardo Musso, do Instituto Argentino de Parapsicologia, que traz o expressivo título: *‘En los limites de la Psicología’*, mas seguido de um subtítulo bastante significativo: *‘Desde el Espiritismo hasta la Parapsicología’*.

**As relações entre o Espiritismo e a Parapsicologia não são amistosas.**

Para os psicólogos que, tendo à frente o Prof. Joseph Banks Rhine, da Universidade de Duke, reiniciaram as pesquisas metapsíquicas neste século (XX), dando-lhes nova orientação sob esse novo nome, o Espiritismo representa uma fase antiga e superada do trato com o paranormal. É o passado. E com ele a Metapsíquica, cujas experiências e investigações estão sendo submetidas a rigorosa e penosa revisão. As relações entre o Espiritismo e a Parapsicologia não são, portanto, amistosas, como pensam geralmente espíritas e não-espíritas. Pelo contrário, têm sido até bastante ásperas, pois os parapsicólogos não desejam qualquer confusão entre os dois campos. O ‘enclave científico’, orgulhoso como um Principado de Mônaco, retém, ciosamente, o que conseguiu conquistar do vasto império que o rodeia e ameaça dismantelá-lo por completo no futuro, se os espíritos puderem ser eliminados.

**A tese parapsicológica é a seguinte:**

O Espiritismo surgiu em virtude de interpretações apressadas de fenômenos desconhecidos. Escapando ao controle das Ciências, esses fenômenos ofereceram larga margem à credence humana. Depois surgiu a Metapsíquica, pretendendo colocar o problema nos devidos termos. Mas essa Ciência também se perdeu no emaranhado dos fenômenos paranormais, avançando demasiado rapidamente nas suas investigações. Agora, a Parapsicologia tem de repor tudo novamente em seus lugares. E isso sem pressa, sem precipitar conclusões, avançando devagar e com a mais absoluta segurança, que o terreno é traiçoeiro.

**A tese espírita é bem outra. Tentemos resumi-la:**

A Metapsíquica e a Parapsicologia representam esforços científicos para a explicação dos fenômenos espíritas. Louváveis esforços que farão os homens de



ciência compreenderem a verdade do Espiritismo, dando-lhes uma visão mais ampla e mais bela da vida universal. Não importa que a Parapsicologia rejeite o Espiritismo e até mesmo o despreze. O que importa é que ela prossiga nas suas investigações, pois estas a levarão fatalmente ao reconhecimento da realidade espiritual. Como o Espiritismo não quer outra coisa para os homens, a existência desse pequeno e orgulhoso enclave científico, no seu território, longe de incomodá-lo, só pode dar-lhe satisfações.

**Mas nem todos os espíritas entendem essa tese.**

Alguns pensam que a Parapsicologia é apenas uma nova denominação – orgulhosamente dada pelos cientistas, com o fim exclusivo de fugirem à verdade – ao vasto império do Espiritismo. Outros chegam a temer que os espíritas, fascinados pelo brilho aparente e a prosperidade desse Principado de Mônaco, acabem se perdendo no pano verde das suas cartas de baralho e dos seus jogos de dados. Ficam indignados quando vêem espíritas militantes entregarem-se a atividades parapsicológicas. E outros, ainda, certamente os mais felizes e ingênuos – que ganharão o Reino dos Céus – entendem que todo parapsicólogo é um espírita disfarçado de cientista para minar e sabotar o edifício das ‘Ciências materiais’.

**Como vimos no confronto das duas teses, a aspereza existente nas relações entre o Espiritismo e a Parapsicologia decorre apenas da falta de compreensão.**

Se os parapsicólogos abdicassem dos seus preconceitos positivistas ou pragmatistas, e se os espíritas, por sua vez, abdicassem dos resíduos do dogmatismo que ainda alimentam, essas relações seriam as mais amistosas e compreensivas. É o que, felizmente, já vem ocorrendo em várias áreas. Na Alemanha, na Inglaterra, nos Estados Unidos e aqui mesmo, no Brasil, alguns parapsicólogos e espíritas já aprenderam a dar-se as mãos, jogando fora os seus preconceitos e os seus possíveis temores.

Tanto a Parapsicologia quanto o Espiritismo objetivam, exclusivamente, a descoberta da verdade sobre a natureza humana. Aquela realiza o seu trabalho no campo das Ciências positivas, servindo-se dos métodos a elas inerentes; este o faz no campo das Ciências culturais, servindo-se, também, de metodologia específica. O Espiritismo surgiu de um processo de síntese do conhecimento: a conjugação das experiências científicas e religiosas do homem; num momento exato de fusão, permitiu o aparecimento de uma concepção nova, de natureza global, para o estudo dos problemas humanos. Por isso, Kardec afirma que o Espiritismo é uma Ciência, mas que trata especificamente do ‘elemento inteligente’ do Universo, ou seja, uma Ciência espiritual. Não se pode confundir-lo com as Ciências chamadas positivas que tratam do ‘elemento material’ do Universo. Mas é evidente que as duas formas de Ciência devem conjugar-se para abrangerem todos os aspectos do Universo. A Parapsicologia surgiu das pesquisas psicológicas, perfeitamente integrada nos quadros e nas exigências das Ciências positivas. Podem e devem, portanto, marchar lado a lado na conquista do objetivo comum.

**O Espiritismo não trata apenas do exame dos fenômenos paranormais: seu método é cultural e não apenas científico.**

Para esclarecer melhor o que acima dissemos, basta lembrar que o Espiritismo não trata apenas do exame dos fenômenos paranormais. Ao examinar esses fenômenos, ele toma uma posição analítico-sintética e não somente analítica. Não vê os fenômenos em si, como o faz a Parapsicologia, mas os ‘fenômenos em si ligados a um contexto’. Por isso o seu método é cultural e não apenas científico. As Ciências materiais são fragmentárias e esmiúçam os fenômenos. O Espiritismo é global e ‘entrosa’ os fenômenos ‘em si mesmos e no contexto a que pertencem’. Psicologicamente, podemos dizer que o procedimento do Espiritismo é ‘gestáltico’, ou seja: ‘ele se preocupa com a forma global e não com os detalhes’. Os parapsicólogos entendem que essa posição do Espiritismo é arcaica, pertence ao passado místico da Humanidade. Para eles, a verdade só pode ser descoberta pela análise, pelo esmiuçamento dos problemas, isolados e submetidos ao processo cartesiano de divisão. Mas o Espiritismo não despreza a análise. Procura apenas colocá-la no devido lugar, como uma simples fase do processo do conhecimento. Aliás, o próprio desenvolvimento das Ciências positivas está sendo feito nesse sentido. O método ‘gestáltico’ em psicologia e a teoria da relatividade, na física, são exemplos disso. O que nos mostra que o Espiritismo está bem firmado na sua posição, que não é arcaica, mas adiantada, representando uma antecipação no campo do conhecimento. Enganam-se os parapsicólogos que desprezam o Espiritismo. E, mais ainda, se enganam os espíritas que, empolgados pelo desenvolvimento atual das Ciências positivas, entendem que a Parapsicologia vai realmente tomar o lugar do Espiritismo e arquivá-lo nas estantes empoeiradas do passado. Para maior clareza, podemos dizer que os parapsicólogos são como os mineiros que cavam no escuro, arrancando os minérios da terra. Os espíritas são como os pedreiros, que constroem à luz do sol, sobre a terra. É evidente que o trabalho dos parapsicólogos interessa de perto aos pedreiros do Espiritismo. E não há razão nenhuma para os pedreiros se assustarem com o trabalho penoso dos mineiros. Os espíritas, portanto, não devem menosprezar, nem superestimar, os domínios da Parapsicologia que, na verdade, estão encravados – na exata expressão da palavra francesa ‘enclave’ – nos próprios domínios do Espiritismo.

**A existência do extrafísico no Homem e no Universo. A “mediunidade generalizada”. O campo de “psigama”: PES (Percepção Extra-Sensorial) e Teta (manifestações de espíritos).**

A investigação parapsicológica já venceu a sua primeira fase – a da constatação da existência do extrafísico no Homem e no Universo – e está avançando para a demonstração da supervivência do homem após a morte. Rhine dedica-se, no momento, à elaboração de metodologia especial, necessária a essa comprovação científica, que vai, aos poucos realizando, no exame dos ‘fenômenos teta’: de manifestação de entidades espirituais. Enquanto isso, podemos assinalar a área da concepção espírita já plenamente confirmada pela pesquisa parapsicológica. Ao afirmar que as ‘funções psi’ são comuns a toda a espécie humana, a Parapsicologia confirma a tese espírita da ‘mediunidade generalizada’. Reconhecendo a diversificação dessas funções em dois campos, o subjetivo e o objetivo, endossa a divisão espírita das ‘manifestações inteligentes’ e dos ‘fenômenos físicos’. Sustentando a independência da mente, que percebe e age sem se servir dos órgãos corporais, restabelece a dualidade relativa de corpo e espírito. Provando a ação ‘psicocinética’, confirma a tese espírita das relações alma-corpo. E, por fim, reco-

nhecendo a existência de fenômenos mentais, possivelmente produzidos por ‘mentes desencarnadas’, confirma a divisão espírita dos fenômenos mediúnicos em dois campos: os ‘anímicos’ (produzidos pela própria alma do médium) e os ‘espíritas’ (produzidos por espíritos desencarnados). O campo de ‘psigama’ está hoje dividido em duas áreas – a de ‘PES’, percepção extra-sensorial, e a de ‘Teta’, manifestações de espíritos. Além disso, ao tratar da existência de pseudofenômenos paranormais, a Parapsicologia endossa as explicações espíritas a respeito da existência dos chamados ‘fenômenos espiritóides’.

**A posição de Rhine, no tocante à questão da sobrevivência, é declarada nos seus últimos livros e artigos: ‘até agora as pesquisas parapsicológicas não provaram nada contra o Espiritismo’.**

Assim, as novidades parapsicológicas, que deviam “aturdir os ingênuos spiritistas” nada mais fazem do que reafirmar, tardiamente, as teorias espíritas, já confirmadas pelas experiências do Espiritismo há mais de um século. Não é de admirar que os adversários do Espiritismo queiram reduzir a Parapsicologia à triste condição de um ‘pavlovismo’ (reflexos condicionados do corpo) ou um ‘behaviorismo’ (corrente da psicologia científica para a qual todo comportamento pode ser explicado como uma reação motora ou glandular condicionada) paranormal. É o único recurso que lhes resta, diante do avanço das Ciências, na comprovação progressiva das pesquisas e teorias espíritas. A posição de Rhine, no tocante à questão da sobrevivência, é declarada nos seus últimos livros e artigos. O Prof. Jorge Ayala, da Universidade do México, declarou-nos pessoalmente: “Rhine segue por etapas – a primeira foi a prova de que os fenômenos existem; a segunda, a prova de que a mente não é física; a terceira, será a da sobrevivência espiritual do homem”. A equipe de Puhariche, que realizou pesquisas com Arigó e outros médiuns, tem o mesmo objetivo. É importante assinalar que, até agora, as pesquisas parapsicológicas não provaram nada contra o Espiritismo. Pelo contrário, só têm confirmado, passo a passo, a doutrina espírita em seu aspecto científico.

\*

## 5 – PSI – NA MEDICINA

**Interessam os fenômenos psi, e mais particularmente as funções psi, ao estudo da Medicina e ao preparo dos médicos?**

Jan Ehrenwald, em artigos publicados na revista “American Journal for Psychotherapy”, em outras publicações especializadas e por último no seu livro *New Dimensions of Deep Analysis*, acentua o seguinte: “As implicações de *psi*, como revelação de um novo aspecto da mente humana, têm tamanho alcance que reclamam a revisão e a re colocação de numerosos pressupostos teóricos relativos à estrutura da personalidade, às relações psico-soma, à localização cerebral e à natureza do nosso mundo perceptivo em geral”.

Nesse curioso livro *Novas Dimensões da Análise Profunda*, Ehrenwald coloca os problemas de *psi* no quadro de suas observações e experiências da clínica psiquiátrica, relatando casos e revelando as relações de *psi* com as estâncias psicanalíticas da personalidade. Esses estudos são revalidados pelas experiências e pesquisas de Eisenbud, Paderson-Krag, Ullman, Fodor, Joost Merlok, Gillespie e outros. O Prof. Rhine, em *O Novo Mundo da Mente*, dedica um capítulo ao estudo

das relações entre a Biologia e a Parapsicologia, advertindo: “Seria difícil medir a importância das conseqüências de *psi* num campo tão vasto como o da Biologia”. Noutro trecho, Rhine acentua: “As investigações parapsicológicas, através de seus métodos experimentais, penetrou no nível inconsciente da personalidade, muito além da profundidade atingida pelas explorações clínicas da Psiquiatria”.

**As investigações de *psi* no mundo animal e as relações de *psi* com o estado e as funções fisiológicas de organismos animais e humanos são outros campos de investigação que, devidamente aprofundados, desembocam no delta das Ciências Médicas.**

Robert Amadou, em seu livro *La Parapsychologie*, ensaio histórico e crítico sobre as investigações de *psi*, declara: “A tendência contemporânea da Medicina de considerar o homem em sua totalidade e não descuidar, no diagnóstico, nem na terapêutica, nenhum de seus elementos constitutivos, não lhe permite descartar-se dos *fenômenos psi*. A Medicina psicossomática ou corticovisceral terá de utilizá-los na etiologia das enfermidades, como nas relações entre o médico e o enfermo”.

**Os dados mais recentes da investigação de *psi* nos Estados Unidos, na Europa, na Rússia e, mesmo na Argentina, mostram cada vez mais a importância da Parapsicologia como vigorosa contribuição científica ao esclarecimento dos problemas médicos.**

As experiências de Vassíliev em Leningrado, em oposição contrária à de Rhine na *Duke University*, quanto à interpretação ideológica, não obstante, confirmam e ampliam as perspectivas de *psi* no campo das relações psicossomáticas. A afirmação corajosa de Rhine de que *psi* demonstra a existência de um elemento não-físico no ser vivo serviu, em parte, para afastar da Parapsicologia os materialistas, mas as conseqüências de seus trabalhos práticos, fizeram ao contrário. As investigações da telepatia à distância, que obtiveram êxito, levaram os cientistas americanos e russos, empenhados na conquista do Espaço, a se interessarem, seriamente, pelas possibilidades cósmicas de *psi*, por suas possíveis aplicações na aludida conquista.

**A própria Medicina espacial está hoje vivamente interessada nas investigações parapsicológicas.**

Diante dessa situação geral, assume a importância de uma atualização do ensino médico no Brasil, o projeto de lei encaminhado pelo deputado Campos Vergal, na Câmara Federal, instituindo cátedras de Parapsicologia em nossas Faculdades de Medicina. Consideramos que o projeto necessita de várias adaptações e correções, mas não há dúvida que representa um passo concreto no sentido de fazer-se alguma coisa de prático nessa direção.

Ao que parece, a proposição foi encarada como de segunda importância e, até mesmo, como simples tentativa de interferência de um mundo estranho – o mundo das crenças espiritualistas – no campo fechado das Ciências positivas. Nada mais justifica essa posição retrógrada, diante de um problema científico que se encontra na maior evidência em todo o mundo civilizado. Os grandes centros universitários mundiais estão hoje empenhados no estudo e na investigação dos *fe-*

*nômenos psi*, e isso nas duas áreas em que se divide o nosso mundo em conflito, a capitalista e a socialista.

**Tivemos ocasião de abordar o problema das implicações de *psi* na Medicina, em palestras pronunciadas em centros acadêmicos de nossas Faculdades de Medicina.**

Os debates que se seguiram às palestras revelaram, ao mesmo tempo, o inteiro desconhecimento do problema pela maioria dos estudantes, e a hostilidade da maioria dos médicos presentes, à interpretação parapsicológica de fenômenos paranormais, indiscutivelmente entranhados no campo da Medicina, como os do caso Arigó. A posição geral de médicos e estudantes, não revelava uma atitude científica, mas uma atitude determinada por velhos preconceitos e conseqüentemente defensiva, como se a Parapsicologia constituísse uma espécie de ameaça à integridade das Ciências Médicas da atualidade.

Não obstante, o simples fato de ter havido convites para as palestras, a manifestação interessada de numerosos estudantes, e de alguns médicos presentes, revelam que nem mesmo a citação enfática do caso Arigó consegue criar uma barreira intransponível. Isso demonstra que há uma área favorável ao exame do problema. Aliás, após a publicação da primeira edição deste livro, três cursos de Introdução à Parapsicologia foram dados pelo Instituto Paulista de Parapsicologia nas três Faculdades de medicina existentes em São Paulo (capital), por iniciativa dos respectivos Centros Acadêmicos.

***PSI*, como afirmou Amadou, não pode mais ser ignorada ou subestimada pelas Faculdades de Medicina.**

Nunca será bastante insistir neste assunto. Porque é evidente que estamos num momento decisivo da História em que a mente humana, através das concepções científicas, inclusive no campo até a pouco irredutível da própria Física, depara com novas perspectivas para a compreensão do mundo e do homem. Não devemos permitir que num terreno da mais alta importância como o da Medicina, essas perspectivas sejam afastadas, com inegáveis prejuízos para o nosso avanço cultural e a nossa atualização científica. *Psi*, como afirmou Amadou, não pode mais ser ignorada ou subestimada pelas Faculdades de Medicina.

O campo da Psicoterapia, em todas as suas variantes, é amplamente iluminado pelas pesquisas parapsicológicas. Não se pode mais admitir, como afirmam Rhine e Pratt (*Parapsychology*, 1962) qualquer confusão entre estados psicopatológicos e manifestações paranormais. O médico de hoje deve saber distinguir com precisão, entre uma coisa e outra, ou estará irrevogavelmente atrasado no campo de sua profissão.

Além da importância já proclamada dos fenômenos *psigama* na Psicoterapia em geral, Rhine e Pratt acentuam, face às últimas observações de médicos-parapsicólogos, a significação de *psikapa* (fenômenos físicos) na Biologia e na Medicina. Os casos de Medicina popular paranormal, como o de Arigó, encarados sumária e preconceituosamente pela maioria dos médicos, revelam, em nosso país e nos demais (Veja-se o caso Edgard Cayce nos Estados Unidos) a necessidade urgente do ensino da Parapsicologia em Medicina.

## CIÊNCIA ESPÍRITA

*JOSÉ HERCULANO PIRES*

### 6 - CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA

(José Fleurí Queiroz. Editora Mundo Jurídico. 1ª. Ed., 2006)

#### A CIÊNCIA ESPÍRITA E A PARAPSIKOLOGIA

##### O QUE É O HOMEM?

**O que é o homem? – (Explicação de José Herculanu Pires em seu livro “Parapsicologia Hoje e Amanhã”, editora EDICEL, SP, 6ª. edição, 1981, págs. 13-17)**

O “homem-psicológico” moderno está irremediavelmente superado pelo “homem-psi” contemporâneo - A pergunta “O que é o homem?” abre esta edição porque corresponde precisamente à encruzilhada a que a Parapsicologia chegou neste momento. A investigação dos fenômenos parapsíquicos revelou à Ciência um homem de novas dimensões. As duas linhas clássicas de interpretação antropológica – ou as diversas Antropologias a que se refere Rhine – encontram a sua superação dialética na síntese do ‘homem-psi’. Tínhamos de um lado a tese do homem espiritual e de outro a antítese do homem animal. As concepções religiosas em geral ofereciam-nos a perspectiva de uma Antropologia espiritualista. As concepções científicas reduziam essa perspectiva às limitações de uma Antropologia materialista. Mas o avanço das próprias pesquisas científicas levou o dilema ‘espiritualismo-materialismo’ à solução que hoje se impõe em todos os campos do conhecimento, particularmente na própria Física. É claro que a Psicologia, sujeita aos postulados físicos como todas as demais disciplinas científicas, não poderia escapar às conseqüências desse processo. O ‘homem-psicológico’ não pôde mais ajeitar-se na rede animal do sensório. Teve fatalmente de ‘se abrir’ no extra-sensório, como o Universo físico ‘se abriu’ no energético. O ‘homem-psi’ é a réplica do novo microcosmo ao novo macrocosmo. Em vão reagem – e reagirão ainda por algum tempo – certas áreas psicológicas a essa transformação radical do seu campo de estudos. O ‘homem-psicológico’ moderno está irremediavelmente superado pelo ‘homem-psi’ contemporâneo, da mesma forma que o Universo físico foi superado pela nova concepção do Universo energético. Pode-se alegar, como o faz Bertrand Russell, que a energia é também um conceito físico. Mas pode-se responder, com Arthur Compton, que o conceito de energia mudou e mudará ainda mais.

**A nova concepção do homem não é materialista nem espiritualista, mas as duas coisas ao mesmo tempo - “dualismo relativo”: psique e soma.**

Ao superar o conceito do ‘homem-psicológico’, o novo conceito de ‘homem-psi’ não destrói aquele: apenas o amplia. É o mesmo que se dá no tocante ao conceito de Universo, bem como aos seus corolários de ‘matéria’ e ‘energia’. O conhecimento avança por degraus, é a subida por uma escada. Só os precipitados pretendem negar inteiramente o passado, esquecidos de que as conquistas recentes se apóiam nas anteriores. A nova concepção do homem não é materialista nem espiritualista, mas as duas coisas ao mesmo tempo. Segundo a bela expressão de Rhine, o repúdio ao dualismo cartesiano, decorrente do exagero que se pode cha-

mar de ‘dualismo-absoluto’, desaparece ante a demonstração científica da existência universal de um ‘dualismo-relativo’. Esse novo dualismo aparece no homem como a relação ‘psico-somática’. Os fenômenos parapsíquicos demonstram a dualidade da composição humana. Assim, o ‘homem-psi’ é um composto de psique e soma. Seria isto uma volta à concepção religiosa de alma e corpo? Sim, mas enriquecida como sempre aconteceu na dialética do conhecimento. A alma não é mais uma entidade metafísica ou uma concepção teológica: é o moderno psiquismo da concepção científica, mas liberto da sujeição ao corpo. A alma não é mais um epifenômeno, um simples resultado das atividades do fenômeno orgânico. Passou a ser a ‘mente’, elemento extrafísico do homem, capaz de sobreviver à morte física, mas susceptível de investigação científica em laboratório.

**Abrem-se, assim, novas possibilidades à própria Medicina psicossomática, bem como a todas as Ciências do Homem.**

Bastaria isto para evidenciar a importância das pesquisas parapsicológicas, como chegou a encarecer o Prof. Leonid Vassiliev, da Universidade de Leningrado, pouco antes de seu falecimento, não obstante sua posição materialista. Acessível à pesquisa científica de laboratório, a alma deixa de ser “do outro mundo” para se integrar neste. A sua relação com o corpo físico mostra que ela não é metafísica, no sentido clássico do termo, mas extrafísica, ou seja, apenas não sujeita às leis físicas, como a considerava o materialismo.

**Os pontos principais do “momento parapsicológico”, segundo nos parece, são os seguintes:**

a) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a morte, pelo grupo do Prof. Pratt, da Duke University, dando origem à classificação de um novo tipo de fenômeno paranormal, denominado ‘teta’ (oitava letra do alfabeto grego);

b) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a teoria da reencarnação, como o provam o livro já famoso do Prof. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, Estados Unidos, e os trabalhos do Prof. Banerjee, da Universidade de Jaipur, na Índia, embora ainda cercados de cautelas e reservas excessivas;

c) Pesquisa no mesmo sentido através da hipnose por psiquiatras russos, como o caso do Prof. Vladimir Raikov e suas experiências de “reencarnações sugestivas”, embora consideradas puramente do ponto-de-vista da sugestão hipnótica;

d) Prosseguimento das pesquisas sobre o problema de padrões de memória na percepção extra-sensorial, nos Estados Unidos e na Europa, esclarecedoras de grande número de casos atribuídos à fraude anímica ou mediúnica;

e) Pesquisas dos cientistas norte-americanos da equipe do Prof. Puhariche sobre médiuns curadores (ressaltando as realizadas com Arigó) e da Fundação Edgard Cacy, no mesmo sentido. Uma equipe desta fundação esteve em São Paulo fazendo observações em 1969;

f) Pesquisas sobre gravações de comunicações espirituais em fitas magnéticas, iniciadas por Friederich Jürgenson, de Mölnbo, Suécia, e desenvolvidas pelo cientista Konstantin Raudive e outros na Alemanha, entre os quais Hans Geisler. Tivemos contato pessoal com o pesquisador italiano Dr. Giuseppe Crosa, de

Gênova, neuro-psiquiatra e parapsicólogo, e ouvimos algumas de suas importantes gravações;

g) Como significativa contribuição dos físicos e biólogos soviéticos podemos registrar a descoberta do corpo bioplasmático do homem, que se retira do corpo no momento da morte (verificação experimental através de câmaras fotográficas especiais) e cujas pesquisas podem ser conhecidas através do livro ‘Descobertas Psíquicas atrás da Cortina de Ferro’, de Lyn Schroeder e Scheila Ostrander, Estados Unidos, atualmente em fase de tradução no Brasil.

### **Sobrevivência do homem após a morte física e sua possibilidade de “ação sobre a matéria”.**

Essas novidades mostram uma tendência geral do “momento parapsicológico” para a aceitação da tese da sobrevivência do homem após a morte física e sua possibilidade de ‘ação sobre a matéria’, segundo a tese do casal Rhine e de outros investigadores eminentes da América, da Europa e da Ásia. A reação a essa tendência é intensa, tanto no campo parapsicológico como no científico em geral, mas o rigor das investigações e o comportamento cauteloso dos pesquisadores, todos altamente capacitados, têm evitado os tumultos e as polêmicas estéreis que praticamente barraram o avanço da Metapsíquica.

### **O preconceito científico e religioso:**

É assim que a Parapsicologia de hoje se abre em possibilidades para o amanhã. Essas possibilidades não decorrem, porém, unicamente da situação atual. O que as torna mais viáveis é todo o acervo de pesquisas anteriores em que se apóiam: as pesquisas espíritas, as da chamada Ciência Psíquica Inglesa, as da antiga Parapsicologia alemã, as da Metapsíquica francesa, a dos investigadores alemães, italianos e russos – todo um vasto acervo honrado por nomes exponenciais das Ciências em todo o mundo. O que ainda embaraça o desenvolvimento das investigações é o preconceito. De um lado o preconceito materialista, a que se aferiram de maneira anticientífica numerosos expoentes das Ciências na atualidade. De outro lado o preconceito religioso que se recusa a aceitar a possibilidade de investigações científicas do problema espiritual. Os dois lados se encontram na mesma ojeriza: para o primeiro, falar em natureza espiritual do homem é cair na superstição; para o segundo é violar a santidade do espírito. Mas o desenvolvimento das Ciências sempre se fez ‘apesar’ dessas dificuldades.

### **O conceito de “homem-psi” já está definitivamente firmado.**

É uma conquista da Parapsicologia. Nenhuma pessoa medianamente informada da evolução das Ciências, nos últimos quarenta anos, pode aceitar que o homem seja um animal limitado aos sentidos físicos. Mesmo os especialistas que se apegam aos conceitos de suas especialidades reconhecem que há alguma coisa de novo “no ar”. Sofrem daquela “alergia ao futuro” descoberta pelo Prof. Rémy Chauvin, da Escola de Altos Estudos de Paris, mas a sua própria reação é um indício de que o futuro se aproxima. A situação atual das Ciências é demasiado favorável ao radicalismo. Sua evolução se faz com tamanha rapidez que assusta a uns e exalta a outros. Precisamos usar, mais do que nunca, o bom-senso cartesiano. Temos de ouvir o conselho de Francis Bacon: pôr chumbo nas asas do espírito. Mas não podemos carregar demais essas frágeis asas, para não ficarmos asfixi-



ados no chão. Os assustados se afundam na poeira como avestruzes. Os exaltados voam com asas de cera, como Ícaro. Temos de evitar uns e outros e seguir passo a passo o avanço das Ciências. Este livro se atém à realidade das pesquisas e seus resultados até o momento, mas não deixa de mostrar as suas conseqüências no futuro imediato. Fechar os olhos diante do Sol que nasce é próprio das toupeiras. Não podemos imitá-las. Somos criaturas humanas dotadas de razão e pensamento criador. Somos capazes não só de conquistar os espaços siderais, mas também de descobrir a nossa própria natureza. Recusarmo-nos a isso, em atenção a preconceitos, seria renunciarmos à própria inteligência.

\*

### **MEC (MEMÓRIA EXTRACEREBRAL): MERGULHO NO PASSADO (REENCARNAÇÃO)**

**Mec – Mergulho no passado – (Reencarnação) – (Explicação de José Herculano Pires no mesmo livro “Parapsicologia Hoje e Amanhã”, págs.91-102).**

‘Mec’ é a sigla de memória extracerebral, o mais recente fenômeno a entrar no campo das pesquisas de ‘psi’. Com ele, esse campo de pesquisas se amplia de súbito, rompendo a aparente estagnação em que parecia haver caído. E assinala-se a contradição: representando um mergulho no passado, ‘mec’ é, na verdade, um salto no futuro. A colocação científica do problema de ‘mec’, simultaneamente na URSS e nos EUA, por cientistas de reconhecida capacidade e probidade, valeu por um rompimento inesperado das barreiras do preconceito que impediam o avanço das pesquisas e chegavam mesmo a ameaçar a Parapsicologia com a repetição da aparente derrota infligida pelos adversários da Metapsíquica. Podemos agora dizer que esse perigo foi afastado, exorcizado pela audácia dos pesquisadores modernos.

#### **Memória extracerebral – Paramemórias – Reencarnações Sugestivas.**

A expressão memória extracerebral surgiu simultaneamente com outras, como: paramemórias e reencarnações sugestivas. É evidente a superioridade teórica da primeira designação, que se emparelha perfeitamente com ‘pes’ (percepção extra-sensorial) e ao mesmo tempo rejeita a suspeição de causas puramente sugestivas, que torna anticientífica a última designação. Por sinal que esta última surgiu na Rússia, onde é evidente o interesse ideológico de contestação do significado do fenômeno. Quanto à expressão ‘paramemórias’, que também se ajusta à nomenclatura parapsicológica, perde entretanto para ‘mec’ no tocante às exigências de clareza e precisão.

Memória extracerebral é um tipo de memória que não pode estar no cérebro, pois este pertence à existência atual do indivíduo, surgiu com o seu corpo, ‘nesta vida’, como a ‘tábula rasa’ dos empiristas – disco virgem para as primeiras gravações sensoriais – enquanto a referida memória corresponde a uma possível existência anterior. De onde vem ela? Esse o problema essencial a ser resolvido pelas pesquisas. Era muito fácil e cômodo, até há pouco tempo, resolvê-lo com um simples dar de ombros negando a sua existência. Mas ‘agora’, com as provas científicas da sua realidade, só resta a evasiva simplória da sugestão ou a escapadela provisória pelas vias da ‘percepção extra-sensorial’. Essas duas vias de esca-

pe, entretanto, já se encontram bloqueadas pelas conseqüências teóricas e as evidências práticas das pesquisas.

**Podemos dividir em três campos (regiões), no momento, a área de pesquisas de “mec”.**

De um lado temos o campo ocidental constituído pelos investigadores norte-americanos e europeus; de outro o campo oriental constituído pelos pesquisadores indianos e asiáticos; e por fim o campo soviético, de onde se destaca a figura do Prof. Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou. As pesquisas realizadas no Brasil pelo Eng. Hernani Guimarães Andrade e outros pesquisadores, bem como as da Argentina, enquadram-se naturalmente no campo ocidental. O pioneiro das investigações no meio universitário, ao que parece, foi o prof. Dr. Hamendras Nat Barnejee, da Universidade de Jaipur, província de Rajastan, na Índia. Desde 1954, segundo ele mesmo nos informou em entrevista pessoal, suas pesquisas vêm aprofundando a questão de maneira sistemática e rigorosa. Vários livros em que apresenta o resultado de seus trabalhos foram editados em inglês pela própria Universidade. Seu fichário de casos excede ao de qualquer outro pesquisador, indo além de um milheiro. Apesar disso, as suas conclusões não são tão positivas como as do Prof. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, EUA, que parece agir com mais desenvoltura. O Dr. Barnejee dá-nos a impressão de um homem que sofre das restrições naturais determinadas pela sua condição de indiano. Sua posição científica é mais ou menos afetada pelo preconceito ocidental que sempre envolve as figuras da Índia numa auréola mística. Reagindo contra isso, Barnejee se mostra demasiado cauteloso, embora nem sempre consiga manter essa cautela. Stevenson está livre dessa coação e age de maneira mais decisiva.

O pioneirismo de Barnejee, porém, restringe-se à atualidade. Antes dele temos de assinalar a presença vanguardeira do Cel. e Prof. Albert De Rochas, Diretor do Instituto Politécnico de Paris, que em 1924 já lançava o seu livro ‘As Vidas Sucessivas’, pelos Editores Chacorcán Frères, e o Dr. J. Björkem, que em 1943 publicava em Estocolmo o seu livro ‘Hypnotiska Hallucinationerna’, pela Editora Litteraturforlaget. Na Inglaterra, embora não estritamente em plano universitário, o livro This ‘Egyptian Miracle’, do Dr. F. H. Wood, despertou grande interesse, relatando o caso de Rosemary, médium espontânea que ‘falava’ o egípcio faraônico, revelando recordações de uma vida longínqua. Outro livro inglês, recente, e que enquadra o autor nas pesquisas atuais, é o do Dr. Alexander Canon, médico da corte, intitulado ‘Reencarnação e Psiquiatria’.

**As pesquisas hipnóticas sobre a reencarnação.**

Albert De Rochas foi o pioneiro das pesquisas hipnóticas sobre a reencarnação. Sua técnica é hoje (1<sup>a</sup>. edição deste livro em 1965) desenvolvida pelo Dr. Raikov, na Universidade de Moscou, favorecendo a posição do pesquisador em face do materialismo oficial da URSS. Daí a expressão ‘reencarnações sugestivas’ por ele utilizada inicialmente. Mas Barnejee e Stevenson seguem outro método, preferindo o exame dos casos espontâneos de lembranças de vidas anteriores reveladas por crianças. Segundo esses dois cientistas, os casos espontâneos têm a vantagem da naturalidade, enquanto o processo de ‘regressão da memória’ pela hipnose é artificial e o mais sujeito a suspeita de fabulações inconscientes pelo paciente. Os dois métodos, porém, vão se revelando aos poucos como processos

complementares, servindo alternadamente para a comprovação científica da realidade das vidas sucessivas. Em suas conferências e entrevistas em São Paulo o Dr. Barnejee colocou-se numa posição cautelosa, mas instado por um entrevistador de televisão, no Canal 4, chegou a sustentar a tese da prova da sobrevivência espiritual do homem através da pesquisa sobre a ‘memória extracerebral’. O Dr. Stevenson, em seu livro ‘20 Casos Sugestivos de Reencarnação’, no qual figuram dois casos observados no Brasil, admite que as pesquisas já romperam os limites da simples sugestão, atingindo a evidência. Isto mostra o quanto se avançou no campo da Parapsicologia nestes últimos anos. Mas como poderiam os cientistas chegar à comprovação científica e, portanto, irrefutável, de um caso de reencarnação, através das manifestações espontâneas ou provocadas, da ‘memória extracerebral’? É o que procuraremos esclarecer a seguir.

**Como poderiam os cientistas chegar à comprovação científica e, portanto, irrefutável, de um caso de reencarnação, através das manifestações espontâneas ou provocadas, da “memória extracerebral”?**

O método seguido por De Rochas é ainda o empregado pelos cientistas atuais, mas aperfeiçoado. Com exceção, naturalmente, de Raikov, que não se preocupa com a verificação da realidade da reencarnação, mas apenas com o problema em si, estritamente psicológico, da ‘memória extracerebral’. Raikov, na linha pavloviana da psicologia soviética, pretende explicar o fenômeno em termos biológicos. Mas tanto Barnejee como Stevenson, e os demais cientistas que os acompanham nesse campo de pesquisas, seguem as trilhas de De Rochas: verificação objetiva das lembranças nos locais e meios social e familiar em que teria vivido a personalidade anterior, que agora aparece como reencarnada. Essa verificação, dando resultados positivos, é tanto mais significativa quanto menos as pessoas atuais, em cujo meio vive o reencarnado, tiverem informações sobre os fatos lembrados. Ou seja: quanto mais estranhos sejam para os familiares atuais do reencarnado os locais, as pessoas e os costumes de sua existência anterior.

A esse método de verificação acrescentaram-se técnicas modernas de comparação tipológica, tanto de natureza psicológica como biofisiológica. Barnejee e Stevenson servem-se de fichas tipológicas comparativas. Isso é possível nos casos de reencarnações recentes, particularmente em meios sociais afins, por exemplo: no mesmo país, na mesma família, em famílias interligadas por relações de amizade. É possível também no caso de personalidades que deixaram marcas na tradição local ou na História, tornando-se impossível em casos de reencarnações que implicam distâncias maiores de tempo entre a vida anterior e a atual, porque, então, escasseiam ou desaparecem totalmente os dados da tipologia anterior. De qualquer maneira, essa técnica de comparação tipológica, quando bem aplicada, proporciona elementos valiosos de evidência. Stevenson, seguindo tentativas feitas no passado por Sir Oliver Lodge e atualmente por C. J. Ducasse, dá grande importância aos padrões culturais, que podem ser confrontados, entre as duas personalidades, mesmo quando colocada a segunda (a do reencarnado) em situação cultural e social diferente da situação do passado. Nos padrões físicos, corporais, destacam-se os sinais de nascimento e as deformações que podem identificar, ao menos em princípio, a personalidade atual com a personalidade anterior. Em vários casos há também um elemento ponderável a ser considerado: o aviso de reencarnação, que poderíamos chamar de ‘anúnciação’ em virtude dos casos

clássicos de anúncios de nascimento nas várias religiões. Lembre-se a anúncio do anjo a Maria, a anúncio do nascimento de João e assim por diante. As anúncios, naturalmente mais modestas, feitas no âmbito familiar, tem inegável significação quando o fato se realiza e as suas circunstâncias confirmam a previsão.

**Todo esse processo de verificação dos casos de reencarnação, não exclui a multiplicidade de teorias explicativas do fenômeno de ‘memória extra-cerebral’.**

Mas, como em todos os campos da Ciência, e particularmente no setor específico das Ciências Psicológicas, a verificação depende da capacidade e habilidade do investigador, pois o processo é complexo, implicando numerosos fatores sutis (porque psíquicos) e exigindo elevado grau de bom-senso, de conhecimento dos problemas em causa e de capacidade de discernimento. Como assinala Stevenson, é preciso discernir, por exemplo, entre casos de ‘possessão’ e de reencarnação. Os casos de possessão pertencem ao capítulo da mediunidade. Uma criatura atual é possuída pelo espírito de outra, que se manifesta nela como personalidade alternante. O interessante neste caso é a aceitação científica, e já agora pacífica, dos casos de manifestações mediúnicas. A evidência dos casos de reencarnação supera a fase das discussões teóricas sobre a questão da sobrevivência espiritual e da comunicabilidade dos mortos. Stevenson confunde, em certos casos, a possessão mediúnica com a reencarnação propriamente dita, o que prova que ele não é espírita.

#### **Allan Kardec, o Espiritismo e a Reencarnação.**

Façamos justiça a Allan Kardec e ao Espiritismo, reconhecendo sua prioridade no campo das investigações científicas sobre a reencarnação. A “Revista Espírita” (coleção do tempo de Kardec) hoje editada em português, é um valioso repositório de fatos e uma eloqüente demonstração do esforço de Kardec no campo da pesquisa psíquica, para provar a reencarnação. E os métodos hoje postos em prática pelos cientistas têm as suas raízes mais profundas no Espiritismo. Ao contrário do que dizem as pessoas mal informadas ou mal intencionadas, Kardec não tirou o princípio da reencarnação das doutrinas da Índia. O princípio espírita da reencarnação originou-se das manifestações dos espíritos e confirmou-se nas pesquisas. O próprio Richet, no ‘Tratado de Metapsíquica’, reconhece que Kardec jamais aceitou um princípio que não fosse confirmado pela experiência, pela investigação de tipo científico. Até mesmo a questão das fichas tipológicas atuais já teve o seu precedente em ‘O Livro dos Espíritos’. O meio ali indicado para saber-se o que se foi no passado é o exame das tendências atuais. Essas tendências, vocações e habilidades, revelam, no presente, as conquistas efetuadas no passado pelo espírito.

#### **Allan Kardec e Léon Denis: os druidas reencarnados.**

Kardec se considerava um druida reencarnado. O mesmo aconteceu com Léon Denis, continuador de Kardec, a quem Conan Doyle chamou ‘um druida da Lorena’, em cuja província ele havia nascido. Kardec publicou na Revista um curioso estudo sobre os celtas e sua religião, o Druidismo. Léon Denis desenvolveu esse estudo num livro dos mais belos e curiosos: ‘La Génie Célte et le Monde Invisible’. Mas ambos, Kardec e Denis, não ‘acreditavam’ apenas que eram drui-

das reencarnados na França, território da antiga Gália de Vercingetórix. Eles ‘sabiam’ que o eram. E sabiam, por quê? Porque haviam constatado as suas tendências, a orientação cultural (o problema dos padrões de cultura) que já traziam em seus espíritos ao nascer, a sua predisposição para o reerguimento dos princípios druídicos (reencarnação, comunicação mediúcnica, existência dos vários planos espirituais, lei de causa e efeito, conceito de Deus e lei de evolução) através do Espiritismo.

### **As provas da reencarnação no Espiritismo.**

Abrangem todos os elementos considerados pelas pesquisas científicas atuais. São considerados elementos probantes os seguintes: lembranças de vidas passadas, sinais físicos reproduzidos no reencarnado, anunciação mediúcnica de renascimento (comprovada por sinais ou semelhanças temperamentais e tipológicas), súbito reconhecimento pelo reencarnado de locais em que vivera e de pessoas com as quais convivera (sempre que seguidos de comprovações objetivas), simpatias ou antipatias acentuadas e sem motivos imediatos entre pessoas (excluídos os casos de simples atração ou repulsão fluídica por motivos de disposições temperamentais ou psíquicas). Como se vê, a posição espírita, rejeitada pelas Ciências, é a mesma por elas adotadas na atualidade. Há profundas diferenças entre as leis da reencarnação no Espiritismo e nas antigas religiões da Índia e de outros povos, bem como na posição dos espíritas ante o problema e a posição dos indianos, por sinal bem ressaltada pelo Dr. Stevenson em seu livro acima citado. A concepção espírita da reencarnação se liga, de um lado, à do Cristianismo primitivo, e de outro lado à concepção druída, segundo acentuaram Kardec e Denis.

### **As concepções sobre a reencarnação variaram através dos tempos.**

A concepção cristã da reencarnação encontra-se nos próprios Evangelhos e alguns dos Pais da Igreja, como Orígenes, São Clemente de Alexandria e São Gregório de Nazianza. A concepção celta se encontra nas ‘tríades druídicas’, exposição da doutrina em estrofes de três versos, largamente estudadas pelos especialistas ingleses, franceses, escoceses e outros. Kardec apresenta essas duas concepções confluindo na Doutrina Espírita, e dialeticamente se fundindo na síntese superior da concepção espírita, o que as investigações científicas estão agora comprovando e referendando. Como se sabe, o princípio da reencarnação vem de épocas imemoriais. Desenvolveu-se amplamente nas civilizações antigas, como a do Egito, as da Mesopotâmia, da Índia e da China. As tradições religiosas de Israel a registraram com o nome de ‘ressurreição’ e os judeus atuais, estudiosos de sua religião, não podem negá-la. Mas o Cristianismo herdou essa tradição e aprimorou-a, apesar de tê-la suprimido (bem como à pneumatologia ou manifestação mediúcnica) para vê-la renascer nos tempos modernos através do Espiritismo, que Kardec apresentou como uma forma de Renascimento Cristão.

As concepções da reencarnação variaram através dos tempos e dos povos, desde a forma retroativa da Metempsicose egípcia, que Pitágoras adotou, até às formas confusas da ressurreição judaica e cristã (João Batista era Elias, Jesus um dos profetas antigos e ensinava que ‘é preciso renascer de novo da carne e do espírito’ – ou da água e do espírito, o que dá na mesma, pois a água era o símbolo do elemento material para os antigos). Essas variações não militam contra, mas a

favor do princípio da reencarnação, como realidade interpretada diversamente por diversas culturas.

**A lei da reencarnação deixa de ser um princípio abstrato e passa para o plano da realidade concreta (ou pelo menos verificável).**

O estudo e a pesquisa de “mec” representam, sem dúvida, uma das mais recentes conquistas da atualidade no campo do Conhecimento. O que a Ciência faz agora com ‘mec’ (memória extracerebral) é o que já fez com vários outros problemas religiosos e terá de fazer com outros no futuro: racionalizá-los, integrando-os na cultura contemporânea através da pesquisa e da comprovação. O sobrenatural dá lugar ao natural. A lei da reencarnação deixa de ser um princípio abstrato e passa para o plano da realidade concreta (ou pelo menos verificável) à semelhança das leis físicas e matemáticas. Assim, o estudo e a pesquisa de ‘mec’ representam, sem dúvida, uma das mais recentes conquistas da atualidade no campo do Conhecimento, reintegrando o espírito no quadro das realidades científicas do século.

A falta de pesquisas intensivas sobre a reencarnação no Brasil e em toda a América de língua castelhana, decorre principalmente da falta de recursos financeiros e de pessoal habilitado. Nos Estados Unidos, como se vê pelos trabalhos ali publicados – e um dos atestados disso é o livro de Ian Stevenson – os pesquisadores são financiados por indivíduos ou instituições que lhes permitem a tranqüilidade, as condições e o tempo necessários. Por outro lado, as condições culturais e a preparação universitária dos pesquisadores, facilita a habilitação para esse campo específico e difícil de estudos e investigações. Em nossos países latino-americanos escasseiam recursos, condições e preparação. Stevenson observou em seu livro que as condições psicológicas no Brasil são mais favoráveis do que na própria Índia, onde uma tradição espiritualista de tipo arcaico, fundamentada em pressupostos místicos e eivada de superstições, dificulta o aparecimento dos casos e mais ainda a sua pesquisa. As condições psicológicas do Brasil decorrem de sua formação cultural, na qual Stevenson destaca duas correntes importantes de contribuição, provenientes de fontes e camadas estruturalmente diversas. A primeira é a corrente africana, folclórica, representada pelas religiões primitivas trazidas até nós pelo tráfico negreiro. É a corrente do Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro, da mistura de religiões e crenças do continente negro com o Catolicismo e as crenças indígenas de nossa terra. A segunda é a corrente filosófica francesa, que chegou bem mais tarde, somente em fins do século XIX, com o Espiritismo e, portanto, com as obras de Allan Kardec. Entre esses dois extremos da estrutura cultural – o Folclore africano e a Filosofia francesa (esta particularmente em suas conseqüências religiosas) – há, porém, a vasta área de reação da cultura acadêmica européia, de tipo materialista, que levanta uma barreira de preconceitos contra as pesquisas parapsicológicas.

**As próprias conquistas da Física abrem novas perspectivas para um renascimento espiritualista mundial.**

**Mas os meios intelectuais e, particularmente os universitários, no Brasil e demais países do continente, não conseguiram ainda vencer a sua repugnância instintiva pelos problemas espirituais.**

Há, inegavelmente, um complexo de inferioridade cultural em toda a América Latina, que não lhe permite o arejamento e a desenvoltura com que norteamericanos e europeus enfrentam o momento de transição em que nos encontramos no mundo. A evolução cultural do nosso tempo já superou, e com muita rapidez, a fase de materialismo defensivo que marcou fortemente a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. As próprias conquistas da Física abriram novas perspectivas para um renascimento espiritualista mundial. Mas os meios intelectuais – e particularmente os universitários – no Brasil e demais países do continente, não conseguiram ainda vencer a sua repugnância instintiva pelos problemas espirituais. Permanecem fechados na casca de tatu do materialismo superado, convencidos de encontrarem-se ainda na trincheira da verdade contra a superstição, sem perceberem que a guerra já acabou e a anistia ampla se faz em todo o mundo. Encastelado, assim, numa posição retrógrada, o nosso intelectualismo acadêmico se vê acuado, principalmente no Brasil, pelas avalanchas de ‘hordas bárbaras’ que aumentam sem cessar, tanto no campo da corrente africana quanto no da corrente francesa. Essa teimosia o levará fatalmente a uma derrocada semelhante à do Império Romano; mas enquanto não se der a queda da orgulhosa Roma Imperial, a pesquisa de ‘mec’, entre nós, prosseguirá em ritmo de catacumba, à luz de archotes. Esse aspecto trágico da situação cultural brasileira escapou, naturalmente, à observação de Stevenson.

Os casos de reencarnação no Brasil, conhecidos particularmente no meio espírita, são numerosos. Mas o interesse existente nesse e em outros meios culturais afins é esterilizado pela indiferença e pela reação dos meios universitários. Essa reação, num país de pouco desenvolvimento cultural, exerce poderosa influência, levando as próprias famílias em que ocorrem os casos de reencarnação a uma curiosa posição de ambivalência: de um lado, elas se orgulham da ocorrência, que as torna objeto de interesse especial dos meios espiritualistas; de outro lado elas se esquivam e disfarçam a situação, com o receio de serem consideradas, pelos intelectuais, como redutos de superstições, e também com o receio (por sinal muito humano e muito de acordo com o sentimentalismo brasileiro) de exporem os seus parentes reencarnados ao ridículo e lhes criarem situações embaraçosas no futuro. Isso particularmente nos casos de reencarnação com mudança de sexo. Mas, apesar disso, os ventos do mar largo, que sopram de todos os quadrantes do mundo, e o desenvolvimento cultural acelerado dos últimos anos nos levam a esperar, talvez para mais breve do que se pensa, uma mudança favorável dessa situação opaca para a transparência necessária.

**Não é fácil fazer um levantamento geral dos pesquisadores atuais da reencarnação, em todo o mundo.**

Por toda a parte eles se multiplicam sem cessar. Basta correr os olhos em algumas publicações especializadas da Europa e da América, particularmente o ‘Journal of Parapsychology’, para se ver a abundância de estudos publicados a respeito. Mas o livro de Ian Stevenson, ‘20 Casos Sugestivos de Reencarnação’, oferece-nos, já nos agradecimentos do autor aos que com ele colaboraram, uma lista impressionante de figuras exponenciais das Ciências contemporâneas. Na abertura de um ciclo de conferências na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, em São Paulo, o Dr. Barnejee declarou que pôde verificar pessoalmente a existência, na Rússia, de duzentos cientistas empenhados na investigação da ‘memória

extracerebral'. Barnejee tem estado com certa freqüência nos Estados Unidos, na URSS e no Canadá, três países em que essas pesquisas se processam com mais intensidade.

Ian Stevenson é diretor do Departamento de Psiquiatria e Neurologia da Escola de Medicina da Universidade de Virgínia, EUA. Entre os cientistas atuais citados no seu livro, podemos destacar os seguintes: Dr. Karlis Osis, eminente Parapsicólogo norte-americano; Dr. Robert Laidlaw, Psicólogo e Diretor do Hospital Roosevelt, de New York; Prof. C. J. Ducasse, da American Society for Psychological Research; Prof. Gardner Murphy, famoso Psicólogo norte-americano; Dr. J. G. Pratt, do grupo de parapsicólogos da Universidade de Duke, EUA; Prof. P. Pal, do Itachuna College de Bengala Ocidental; Prof. B.L. Atreya, da Universidade Hindu de Benares; Dr. Jamuna Prasad, Diretor do Gabinete de Psicologia do Ministério da Educação da Índia; Dr. William A. Coates, da Universidade do Ceilão e atualmente na Universidade de Vidalankara, Índia; Dra. Louise Rhine, esposa e companheira de pesquisas do Dr. Joseph Banks Rhine, Duke University, EUA.

**“Mec” pertence ao campo de “psigama” no quadro de classificação dos fenômenos paranormais.**

Sua própria natureza o inclui nesse campo, pois tratando-se de ‘memória’ não tem nenhuma forma de manifestação exterior. Não obstante, como todos os fenômenos parapsicológicos, suas provas são sempre objetivas. Só podemos saber se estamos diante de ‘mec’ ou de uma fabulação inconsciente, pelo confronto das lembranças do paciente com a realidade histórica e social.

\*

**PSI E A REVOLUÇÃO CRISTÃ**

**PSI e a revolução cristã – Liberdade, Igualdade, Fraternidade – Os estados: teológico-metafísico, científico-positivo e psicológico; Fé, Razão e Intuição - (Explicação de José Herculano Pires em seu referido livro “Parapsicologia Hoje e Amanhã”, págs. 173-177)**

**Psi abre as portas do mundo extrafísico e completa a revolução da Física Nuclear.**

Rompida com a prova científica da existência das ‘funções psi’ a concepção organocêntrica da vida, a tendência egocentrista do homem sofre a sua última derrota no campo da Filosofia e da Ciência. O orgulho humano que, na sua futilidade, fizera do nosso planeta o centro do cosmos e, posteriormente, da nossa forma animal de vida, o centro do psiquismo, a única possibilidade de manifestações vitais e inteligentes, foi abatido (o orgulho humano) no seu último reduto. ‘Psi’ abre as portas do mundo extrafísico, segundo afirmou Rhine, e completa a revolução da Física Nuclear revelando a outra face do cosmos, até agora apenas vislumbrada pela intuição filosófica, artística e religiosa. Ao fazer isso, ‘psi’ transfere o problema humano do temporal para o atemporal, para a duração. O conceito estático de eternidade não seria admissível, a menos que aceitássemos a imobilidade aristotélica. Na duração, o dinamismo psíquico se apresenta em sua plenitude, como o revelam as experiências parapsicológicas, superando todas as barreiras conceptuais de espaço e tempo. Temos, então, aquele ‘universo pleno de deuses’ de que falava Tales, não no sentido greco-mitológico, mas no sentido ‘psi’, ou se-



ja, da existência de entidades psíquicas além de todas as nossas possíveis barreiras. É claro que essa consequência lógica de ‘psi’ não poderá ser cientificamente demonstrada senão no futuro, com o avanço da investigação além das próprias barreiras físicas do método quantitativo. Mas teoricamente ela se impõe desde já, desde o momento em que, como num passe de mágica, dentro das próprias condições rigorosas da investigação de laboratório, as cartas Zener e os dados de Rhine abriram a primeira brecha na concepção física do Universo.

**A realidade extrafísica (o outro lado da vida) e as consequências para as relações sociais de ordem filosófica, política e econômica.**

Colocados, assim, diante daquela realidade extrafísica que Carl Du Prel chamava ‘outro lado da vida’, verificamos imediatamente algumas consequências para as relações sociais, da mais alta importância filosófica, política e econômica. Na primeira dessas ordens, a filosófica, temos a reafirmação prática do ‘princípio teórico da liberdade’. Os experimentos de precognição parecem contrariar esta dedução, revelando uma estrutura determinista do processo existencial. Essa primeira impressão decorre da nossa prisão conceptual, nos limites de tempo e espaço. A precognição, se de um lado revela a existência de um determinismo na sequência dos eventos, de outro lado demonstra a possibilidade de penetração da mente nesse determinismo e, conseqüentemente, a sua possibilidade de ação sobre ele. A mente não é apenas espectadora passiva dos acontecimentos, mas a modeladora e condutora destes. Esse fato se patenteia particularmente nas experiências de telepatia precognitiva, onde se verifica, como nas observações de Carington, que o pensamento deflagra uma ordem causal ou sincrônica de eventos. É o caso das estruturas ‘psicônicas’ ou das estruturas mentais, em que o percipiente consegue penetrar descobrindo os elementos não-revelados que constituem todo um plano de experimentação.

**Ordem Filosófica: ‘O princípio de liberdade’**, tão limitado no plano existencial, mas que assim mesmo serviu para a definição sartreana da essência do homem como sendo a própria liberdade, reafirma-se e amplia-se nessa outra face do existencial que é a existência extrafísica, em termos de ‘psi’. ‘Domínio do espaço e do tempo, ação da mente sobre a matéria e sobre a estrutura determinista dos eventos extrafísicos: são estas as características da liberdade psíquica muito mais ampla e fecunda que a liberdade humana do plano temporal’. A mente é livre de penetrar o espaço e o tempo em todos os sentidos – do que podemos ter a nossa experiência comum através do pensamento – e livre para se determinar a si mesma e determinar a cadeia de eventos que lhe convém ou não desencadear. Não temos apenas a reafirmação, mas também a ampliação do princípio de liberdade.

**Ordem Política: ‘Reafirmação e ampliação dos princípios de igualdade’** – A seguir, na ordem política – que também se abre para as perspectivas místicas da ‘polis celeste’ – temos a reafirmação e a ampliação do princípio de igualdade. Os homens já não são iguais somente perante a lei, no plano dos direitos convencionais, mas também e, sobretudo, perante a sua funcionalidade, a sua função na ordem cósmica. A igualdade humana rompe as comportas do convencionalismo, supera os conflitos do organocentrismo – provenientes da extrema variabilidade orgânica no plano étnico – e projeta-se como realidade extrafísica, superando o existencial (que no caso se apresenta simplesmente como o circunstanci-

al) para afirmar-se como essencial. Os homens são essencialmente iguais, como o comprova a observação de suas possibilidades mentais, intelectuais e emocionais (ou estéticas) na própria observação comum. A natureza mesma das ‘funções psi’, como manifestações de um psiquismo primitivo comum aos animais e ao homem, revelando apenas graduações evolutivas, demonstra a igualdade psíquica fundamental como potencialidade sujeita às mesmas leis e aos mesmos processos de atualização, de maneira universal. Assim como no plano biológico o recém-nascido é potencialmente igual ao adulto, no plano psíquico a igualdade potencial se apresenta válida, e ainda mais, enriquecida pela irredutibilidade e a irreversibilidade do psiquismo. As experiências de ‘psi’ com retardados mentais demonstrou que a atrofia psíquica é apenas decorrente das deficiências orgânicas do plano físico, podendo os retardados, como os psicopatas em geral, exercer suas ‘funções psi’ tão bem, ou melhor, que os indivíduos normais.

**Ordem Econômica: ‘Princípio da fraternidade’** - No tocante à economia, ‘psi’ nos arranca da infra-estrutura material, como o mineiro que arrancasse minérios das entranhas da terra, para convertê-los em utilidades da superestrutura cultural. A economia de ‘psi’ não é simplesmente econômica, mas ético-econômica. Nesse novo plano da ético-economia nossos conceitos se elevam acima da matéria e da energia, para atingirem, além do que conhecemos comumente por psiquismo, a área de ‘psi’ propriamente dita. Nessa área temos uma superestrutura de funções psíquicas ‘onde a fraternidade se apresenta como lei’. As experiências parapsicológicas revelam a inviabilidade de ‘psi’ entre pessoas que não se estimam. A simpatia é condição básica para a sintonia mental e psíquica, que produz os resultados significativos na experimentação de laboratório. Simpatia, sintonia, harmonia, eis os termos que nos podem abrir as portas da concepção ético-econômica do Universo, reafirmando e ampliando o princípio da fraternidade.

**Dessa maneira, vemos que “psi” nos aparece como a seqüência lógica do processo histórico do Cristianismo.**

A revolução cristã, que minou a estrutura de injustiças do mundo clássico e preparou o advento do mundo contemporâneo, através do Renascimento e da Revolução Francesa, renova-se e amplia-se na conquista desta nova concepção do homem e do mundo que a Parapsicologia nos propõe. Não nos esqueçamos de que, segundo Wilhelm Dilthey e Whitehead, o milênio medieval não foi mais do que a preparação do Renascimento, predispondo o homem para a volta à cultura clássica, mas através do enriquecimento conceptual do Cristianismo. ‘Psi’ prossegue essa revolução ao provar, cientificamente, a transcendência do homem.

**A Fé, A Razão e a Intuição.**

Estamos no fim de outra fase de preparação histórica. O processo dialético se evidencia novamente: à fase teológica do medievalismo (com acentuação metafísica) sucede a fase positiva da era científica. Aquela preparou o advento da razão, esta prepara o advento da intuição. Às formas fragmentárias – porque racionais, analíticas, da percepção e do conhecimento – sucedem-se as formas ‘gestálticas’ da percepção intuitiva que proporcionam o conhecimento global. Passamos da tese teológico-metafísica à antítese científico-positiva, e desta à síntese psicológica que se inicia com as investigações da Parapsicologia. Aos três estados da lei positivista de Augusto Comte, o Prof. Rhine acrescenta o ‘estado psicológico’,

com a descoberta científica das ‘funções psi’, repetindo o gesto de Kardec em abril de 1868, como se pode ver na “Revue Spirite”.

\*

## PSI E A CIVILIZAÇÃO DO ESPÍRITO

**PSI e a civilização do espírito – (Explicação de José Herculano Pires no seu referido livro “Parapsicologia Hoje e Amanhã”, págs.179-182).**

**O Cristianismo é uma revolução em marcha. Sua finalidade é instituir na Terra o Reino de Deus. O manifesto do Reino é o Sermão da Montanha – (A estrutura político-religiosa da Igreja – A Reforma e a Contra-Reforma).**

Mas como chegar à realização desse manifesto na ordem social, quando nos afastamos do seu princípio básico que é a natureza espiritual do homem? A partir da pregação de Jesus a revolução cristã se desencadeou. Não demorou muito e punha abaixo o mundo clássico greco-romano para iniciar uma nova ordem. Essa nova ordem começava por um longo processo histórico de fusão conceptual. Daí o ‘caldeirão medieval’ de que fala Dilthey, em que a concepção greco-romana do mundo se fundiu lentamente com a concepção judeu-cristã. Arnold Toynbee coloca o problema em termos de física ondulatória: fusão da onda grega com a onda siríaca. Victor Hugo já o dissera, no prefácio de ‘Cromwell’: “Uma religião espiritual, suplantando o paganismo material e exterior, se infiltra no coração da sociedade antiga, mata-a e sobre o cadáver de uma civilização decrépita depõe o germe da civilização moderna”. Nada mais claro e mais preciso. O Cristianismo se infiltra na velha estrutura minando-lhe os alicerces. Quando sopra a tempestade bárbara o Império não resiste. Mas em meio à ruína total alguma coisa se mantém firme e vai dirigir o caos; é a estrutura político-religiosa da Igreja, que se apresenta como síntese formidável das conquistas do passado. Encarna a estrutura imperial romana, o monoteísmo judaico e o politeísmo mitológico, a dogmática do mosaísmo e o racionalismo grego, o direito romano e a mística evangélica. Delta histórico em que deságuam e se misturam os rios das diversas civilizações, o Cristianismo é o momento de sístole (contração) da evolução humana. Por isso mesmo se apresenta terrível e contraditório. É o ‘point d’optique’ da expressão hugoana, em que “tudo o que existe no mundo, na história, na vida, no homem, tudo pode e deve ali se refletir, mas sob a vara mágica da arte”. O desespero judaico e o trágico grego se misturam à esperança cristã da salvação, e dolorosamente se funde a concepção romântica do mundo que florescerá na galanteria cavalheiresca e eclodirá em frutos no Renascimento. A Reforma e a Contra-Reforma assinalam o momento da diástole (dilatação) histórica do Cristianismo, o conflito fecundo em que o germe se rompe para que a germinação se realize. Morre o grão de trigo, segundo a expressão evangélica, para multiplicar-se na colheita futura.

**A civilização contemporânea é ainda um momento da diástole. Mas os sinais da sístole são visíveis.**

Na diástole o Cristianismo alienou-se, fragmentou-se e perdeu-se no mundo. Mas o fez para conquistá-lo. Na verdade ele apenas continuou a infiltrar-se nas estruturas arcaicas, mas agora para apossar-se delas, dominá-las e fundi-las preparando o Reino de Deus. O racionalismo nos deu as Ciências, que superaram

as superstições mitológicas e quiseram reduzir o mundo a uma equação matemática. O homem se transformou em número – não o fecundo número pitagórico, mas a fria e estéril cifra do economismo utilitarista – e esse número passou a existir em termos de soma, multiplicação, subtração e divisão. A qualidade desapareceu alienada na quantidade. Mas como a qualidade é substância e a quantidade é apenas atributo, a primeira voltará a se impor.

A sístole cristã é o momento de volta à qualidade, à essência, ao Ser, ao homem como homem e não como número, ao homem como espírito e não como acidente biológico. O racionalismo se salva da alienação quantitativa, superando suas próprias limitações, através do avanço científico. É por isso que o rompimento da concepção física do mundo se verifica no próprio campo da Física: os números se opõem ao homem e o definem como o anti-número, da mesma maneira por que o mundo, na concepção sartreana, se opõe à consciência e a define como não-mundo. Nas ciências psicológicas, esse fato se patenteia de maneira dramática através das experiências quantitativas da Parapsicologia. O método fragmentário conduz à reunificação do objeto, as provas quantitativas reafirmam a qualidade una do psiquismo. Isso é o que permite a Rhine proclamar que a Parapsicologia devolve à Psicologia o ‘seu objeto perdido’.

**É assim que vemos o retorno do homem a si mesmo, através da descoberta parapsicológica de suas “funções psi”.**

Torna-se agora possível, não apenas em sentido individual, mas no sentido coletivo, obedecer à ordem do Oráculo de Delfos – “conhece-te a ti mesmo”. ‘Psi’, essa espécie de mistério moderno, racionalmente definido por uma letra grega, surge como nova esfinge no caminho de Édipo. Por isso muitos a temem, outros zombam dela, outros querem negá-la, outros reduzir a sua significação ao mínimo possível e outros, ainda, simplesmente desviá-la do caminho. Mas eis que ela está aqui, diante de nós, irremediável e irrevogavelmente. Não há como escapar ao seu fascínio. Denis de Rougemont disse que o Cristianismo primitivo aprendeu a falar grego para cumprir sua missão universal. O mundo moderno será espiritualmente alfabetizado por uma letra grega.

**Interpretação científica dos princípios evangélicos. A importância de ‘psi’.**

A importância de ‘psi’, como se vê, é fundamental para o momento de transição que estamos vivendo. A demonstração científica da natureza espiritual do homem, ainda apenas em início, mas já suficientemente realizada pela investigação parapsicológica, abre a possibilidade de interpretação científica dos princípios evangélicos. Surge, não somente no plano da cogitação filosófica, mas na polaridade teórico-prática das ciências modernas – a hipótese parapsíquica como potência atualizada na experimentação – a possibilidade de construção de uma civilização do espírito que superará as limitações da civilização materialista do presente. O homem-cósmico da Astronáutica é também o homem-psíquico das ‘funções psi’. E é graças a essa verdadeira ação de pinça – o ataque sincrônico através da Física e da Psicologia – que o arcabouço materialista cederá mais rápido do que o supõem os seus defensores.

**O “racionalismo-fideísta”, signo sob o qual se desenvolverá a Civilização do Espírito.**

O mundo consciencial, ou a ‘República dos Espíritos’, que René Hubert proclama na corrente néo-kantiana do relativismo-crítico, já não se assemelha à República de Platão, mas a um resultado fatal do processo dialético hegeliano. Este processo, por sua vez, revela a sua mola oculta, que o Marxismo e o Existencialismo sartreano ignoraram: é o elã vital bergsoniano em trânsito psíquico através das formas orgânicas. A Parapsicologia animal revela a identidade psíquica do reino biológico, quebrando mais uma vez a aparente dicotomia cartesiana. As ‘funções psi’ dos animais se elevam no plano hominal, onde a conquista e a elaboração da razão as enriquecem, predispondo-as à criação do novo tipo de racionalismo com que precognitivamente sonharam os escolásticos: o ‘racionalismo-fideísta’, signo sob o qual se desenvolverá a Civilização do Espírito. Mas o que podemos entender por esse tipo de civilização? O racionalismo-fideísta é a síntese da razão e da fé, a unificação do espírito. O homem dividido reencontra a sua metade perdida, segundo o mito platônico. O amor então se realiza na plenitude do espírito. Se o homem racional era incerteza e desespero, conquista e ganância, em oposição ao homem de fé, que era acomodação e espera, mortificação e medo, o novo homem espiritual será compreensão e esperança, na percepção intuitiva das suas potencialidades, o que vale dizer da sua perfectibilidade. O desabrochar das ‘funções psi’ o terá sobrelevado às contradições da dialética evolutiva. Não se trata de um simples sonho, pois são as próprias investigações científicas que abrem essas perspectivas para o nosso século. Estamos no limiar de um mundo renovado pelo poder do espírito, que é o construtor das civilizações.

\*

### PSI E O DESENVOLVIMENTO MORAL

**PSI e o desenvolvimento moral – (Explicação de José Herculano Pires em seu referido livro “Parapsicologia Hoje e Amanhã”, págs. 183-186).**

**Rhine não é apenas um pesquisador, é também um pensador.**

A investigação das ‘funções psi’ tem as conseqüências inevitáveis de um mergulho nas profundezas do psiquismo. Alguns parapsicólogos de tipo fanaticamente científico, não querem reconhecer esse fato e protestam contra as ilações de Rhine no campo das conseqüências morais, sociais, políticas e ideológicas da Parapsicologia. Mas o que mais valoriza o trabalho de Rhine e seu grupo é exatamente a amplitude de vistas que o caracteriza. Rhine não é apenas um pesquisador, é também um pensador. E um pensador capaz de tratar os resultados de suas experiências não apenas de maneira matemática e lógica, mas também emocional. É precisamente nesse ponto que o carro pega, segundo alegam os seus adversários. Porque um cientista deve ser frio, racional e não emotivo. Deve ser, sobretudo positivo, não passar além daquilo que os dados da experiência objetivamente oferecem ao seu exame. Essa é a mentalidade típica do mecanicismo. O cientista apresentado como uma espécie de ‘robot’, de homem metálico que abdica da parte fundamental de sua natureza humana para funcionar como diafragma de máquina fotográfica. Rhine não é assim nem deseja parecer assim. Como Einstein, tem a coragem de sentir febre diante das conclusões da sua pesquisa.

**“Vós e eu, os seres humanos, o que somos? Ninguém o sabe. É quase incrível essa ignorância do conhecedor a respeito dele mesmo!”**

Em seu livro ‘The Reach of the Mind’, apresentando os resultados de mais de quinze anos de investigação, começa por colocar o que chama, com muita razão, “o problema central do homem”. Sua primeira frase é socrática: “Vós e eu, os seres humanos, o que somos?” E ele mesmo responde: “Ninguém o sabe”. A seguir exclama: “É quase incrível essa ignorância do conhecedor a respeito dele mesmo!” Sim, porque o homem é um conhecedor insaciável que estende a sua curiosidade em todas as direções, que tudo conquista e domina, menos a si mesmo. O que leva Rhine a advertir: “Os historiadores do século XXI ficarão assombrados ao constatarem que o homem demorou tanto em concentrar as suas investigações sobre o problema da sua própria essência”. Mais assombrados ficarão ao se lembrarem de que Sócrates já proclamava a necessidade de ‘conhecer-se a si mesmo’ antes ‘de conhecer o mundo’. A pesquisa científica de ‘psi’ não pode, por isso, limitar-se à zona periférica das percepções. Deve aprofundar-se, como o faz Rhine, em termos de estrutura e essência. Inútil criticá-lo por isso. O processo de investigações ‘psi’, uma vez desencadeado, terá forçosamente de prosseguir até às suas últimas conseqüências. E as últimas conseqüências, tanto na prática científica quanto na cogitação filosófica, tanto na experiência quanto no pensamento – na ordem empírica e na racional – são sempre de sentido moral.

**A incapacidade da Ciência para provar que o homem é apenas corpo só encontra equivalente na incapacidade da Religião para provar que o homem é espírito.**

Rhine acentua este aspecto contraditório do nosso tempo: enquanto nas Faculdades de Teologia preparam-se jovens pregadores instruídos em velhos princípios de fé, nas Faculdades de Medicina, a poucos metros de distância das primeiras, formam-se jovens médicos instruídos nos princípios da descrença. E ambos, o sacerdote e o médico vão operar no meio social, muitas vezes encontrando-se aos pés do mesmo leito, cada um com sua verdade particular, oposta e irredutível à verdade do outro. O mesmo enfermo, entretanto, aceita e ajusta as duas verdades diante dos dois perigos que enfrenta: o da morte e o da sobrevivência. A incapacidade da Ciência para provar que o homem é apenas corpo só encontra equivalente na incapacidade da Religião para provar que o homem é espírito. Nada mais justo que nessa situação de conflito insanável, o Existencialismo sartreano nos proponha a moral da ambigüidade. Moral, aliás, que antes de sua formulação por Simone de Beauvoir, já superava na prática os antigos padrões morais derruídos ao impacto das transformações sociais e culturais. Acusado de espiritualismo, no sentido de preconceito prejudicial à investigação científica, Rhine responde com a colocação das cartas na mesa. Literal e efetivamente é essa a sua atitude. As cartas e os dados sobre a mesa para que o problema seja solucionado nos termos da evidência cartesiana.

**As conseqüências morais que Rhine pretende tirar da investigação de “psi” não são de ordem espiritualista ou materialista, mas de ordem real ou verídica.**

No final de ‘The Reach of the Mind’ declara serenamente: “Se as futuras descobertas excluïrem toda possibilidade de aceitação da hipótese da sobrevivência, podemos antecipar, com segurança, que o desaparecimento das teorias de toda espécie sobre a ressurreição, não seria mais lamentável que o da existência dos

antigos anjos alados, ou o da velha doutrina do enxofre, entre os intelectuais das escolas teológicas de hoje”. As conseqüências morais que Rhine pretende tirar da investigação de ‘psi’ não são de ordem espiritualista ou materialista, mas de ordem real ou verídica. O que importa não é a posição mental diante dos fatos, mas a realidade das comprovações. Porque tanto é prejudicial, do ponto-de-vista científico, o preconceito espiritualista quanto o materialista. Ambos, como assinala Ernst Cassirer, acabam por fazer os fatos empíricos deitarem no leito de Procusto das simples teorias. A verdade, portanto, e não as suposições – a verdade que resalte dos fatos – eis o que importa. E essa verdade, como o demonstra Rhine, já não admite contradições no estado atual das investigações parapsicológicas. Quando publicou o livro a que aludimos, as investigações ainda não haviam atingido o desenvolvimento de hoje. Mas, assim mesmo, Rhine podia afirmar que “as experiências de ESP e PK demonstram que a mente está livre das leis físicas”. E acrescentava: “Estas investigações oferecem a única comprovação indiscutível que pode contribuir para a solução do problema da liberdade moral”.

**A conclusão de Rhine é um anúncio dos novos tempos. É um programa do Reino, que renova em bases científicas o manifesto do Sermão da Montanha.**

A descoberta das “funções psi” e de seu alcance oferece bases experimentais para a formulação de uma nova moral. Não a moral ambígua destes tempos de incertezas e de contradições, mas a moral positiva dos tempos que já se abrem diante de nós, a moral apoiada no conhecimento da natureza extrafísica do homem. Uma coisa é a crença nessa natureza, outra coisa, e bem diversa, é a certeza científica. Como dizia Denis Bradley: “Afirmar ‘eu creio’ não é o mesmo que afirmar ‘eu sei’”. Por isso, ‘psi’ se apresenta no quadro científico do nosso tempo como o resgate moral da Ciência e, portanto, da razão. A malsinada razão atinge em ‘psi’ o momento de afirmar a sua vitória decisiva, superando a si mesma. Dessa vitória e dessa superação resulta a ‘moral psi’ que, na precognição de Rhine, estruturará o novo mundo.

**Razão da ignorância... Razão da astúcia... Razão do sábio... Razão do sábio-santo (razão iluminada pela intuição e a fé).**

Muitos perguntam o que entendemos por uma razão que supera a si mesma. Basta olhar para a graduação do processo racional em nosso mundo para ter a resposta. Vamos da razão da ignorância à razão da astúcia (a chamada razão diabólica), até à razão do sábio. Mas acima desta existe a razão do sábio-santo, que é o verdadeiro sábio, a razão iluminada pela intuição e a fé. Porque a razão é a experiência vital dinamizada no espírito em forma de categorias mentais. Essa experiência e suas categorias dinâmicas se elevam ao plano da intuição, e com ela se fundem na visão global e endopática do todo. A razão que supera a si mesma é a que rompe os limites sensoriais e se eleva além do tempo e do espaço nas asas de ‘psi’.

**QUINTA PARTE**

**PARAPSICOLOGIA**

**ASPÉCTOS GERAIS**

**Pesquisa recente na Internet (julho/2007)**



**QUINTA PARTE**  
**PARAPSIKOLOGIA**  
**ASPECTOS GERAIS**

**Pesquisa recente na Internet (julho/2007)**

**PARAPSIKOLOGIA – INTERNET**

(Pesquisa realizada no mês de julho de 2.007)

**O que é Parapsicologia? O que os parapsicólogos estudam?**

O aspecto dos fenômenos parapsicológicos que causa mais estranheza e interesse a muitas pessoas é que eles parecem não sofrer as conhecidas limitações de espaço e tempo. Além disso, eles “turvam” a clara distinção que se faz entre a mente e a matéria. Popularmente, os fenômenos parapsicológicos básicos são categorizados da seguinte forma:

**Telepatia:** Comunicação direta de mente para mente.

**Precognição:** Também chamada de premonição. Obtenção de informações sobre eventos futuros, em que a informação não possa ter sido inferida através de meios normais. Muitas pessoas relatam sonhos que parecem ser precognitivos.

**Clarividência:** Algumas vezes chamada de visão à distância; obtenção de informação sobre eventos em localizações distantes, ou seja, além da possibilidade de apreensão sensorial normal.

**ESP:** Do inglês *extra-sensory perception* (percepção extra-sensorial); um termo geral que designa a obtenção de informações sobre eventos que se encontram além da possibilidade de percepção sensorial normal. Esse termo inclui a telepatia, a clarividência e a precognição.

**Psicocinesia:** Também conhecida como PK (do inglês *psychokinesis*) é a interação mental direta com objetos físicos, animados ou inanimados.

**Bio-PK:** Interações mentais diretas com sistemas vivos.

**Experiência próxima da morte:** Também conhecida como NDE (do inglês *near-death experiences*) é a experiência relatada por aqueles que reviveram de uma quase-morte. Frequentemente se refere a uma experiência profunda que abrange sentimentos de paz, experiências fora-do-corpo, visão de luzes e outros fenômenos.

**Experiência fora-do-corpo:** Também conhecidas como OBE (do inglês *out of body experiences*) é a experiência de se sentir separado do corpo, frequentemente acompanhada por percepções visuais, como se a pessoa estivesse acima do corpo físico.

**Reencarnação:** Relatos, tipicamente infantis, de aparente lembrança de vidas anteriores.

**Assombração:** Fenômeno repetitivo que se diz estar associado a uma localização em particular e que inclui aparições, sons, movimentos de objetos e outros efeitos.

**Poltergeist:** Fenômenos psicocinéticos (PK) de grandes proporções, freqüentemente atribuídos aos espíritos, mas que são compreendidos atualmente como sendo produzidos por pessoas vivas, freqüentemente adolescentes.

**Psi:** Um termo neutro para designar os fenômenos parapsicológicos. “Psi” e “parapsicológico” também são usados como adjetivos sinônimos.

**Nota técnica: Termos básicos**

Os termos acima são representativos do uso comum, mas os parapsicólogos geralmente definem o fenômeno psi em termos mais neutros ou termos operacionais. Isto porque, em geral, os rótulos carregam fortes conotações que podem levar a más interpretações.

Por exemplo, pensa-se, geralmente, que a telepatia é um tipo de “leitura mental”. Entretanto, na prática, e em algumas pesquisas de laboratório, as experiências de telepatia raramente envolvem percepções de pensamentos reais, e a experiência em si mesma, de um modo geral, não requer uma comunicação entre duas mentes, mas pode ser “explicada” como clarividência ou precognição. Lembre-se de que os nomes e conceitos usados para descrever psi, na verdade, dizem mais sobre as situações em que os fenômenos são observados do que sobre qualquer propriedade fundamental dos fenômenos em si mesmos. O fato de dois eventos serem classificados da mesma forma não significa que eles sejam, na realidade, os mesmos.

Além disso, na prática científica, muitos dos termos básicos usados acima são acompanhados de adjetivos como “aparente”, “suposto”, e “ostensivo”. Isto ocorre porque muitas das alegações de fenômenos que supostamente envolvem psi podem não envolver psi, mas causas normais.

**Adendo do Inter Psi:** é importante salientar a diferença entre experiência e interpretação de um fenômeno. O fato de uma pessoa sentir-se fora do corpo, não significa, necessariamente, que algo, de fato, tenha deixado seu corpo. O mesmo acontece com as experiências de reencarnação, em que pessoas relatam lembrar-se de vivências que interpretam como sendo de vidas passadas. Tais interpretações são fundamentais para a pesquisa, uma vez que mostram de que forma a cultura e o conhecimento científico de uma pessoa pode influenciar na maneira como ela interpreta suas experiências. Essas interpretações são, ainda, importantes por gerarem hipóteses científicas. A ciência não deve, por outro lado, nem descartar, nem apoiar quaisquer interpretações de maneira apriorística, sem que dados de pesquisas rejeitem ou aceitem hipóteses testadas de maneira científica.

\*

### **O que não é Parapsicologia? Por que a Parapsicologia é interessante?**

A Parapsicologia é interessante principalmente devido às suas implicações. Para listar alguns poucos exemplos, os fenômenos psi sugerem (a) que o conhecimento da ciência sobre o universo é incompleto; (b) que as pretensas capacidades e limitações do potencial humano têm sido subestimadas; (c) que as hipóteses fundamentais e as crenças filosóficas sobre a separação entre mente e corpo podem estar incorretas e (d) que as suposições religiosas sobre a natureza divina dos “milagres” podem estar equivocadas.

Como um aparte, devemos notar que muitos parapsicólogos científicos, da

atualidade, incluindo a maioria dos autores deste material, abordam os fenômenos psi de forma empírica, de acordo com os dados colhidos, e evitam especialmente especular sobre implicações que não são sustentadas por esses dados. Entretanto, alguns pesquisadores consideram que os resultados atuais da Parapsicologia têm uma ampla variedade de implicações fundamentais, incluindo aquelas sobre a natureza espiritual da humanidade. Assim, em consideração à ampla gama de expectativas dos leitores deste documento, apresentaremos, a seguir, nas Notas Técnicas, algumas das possíveis implicações de psi, reconhecendo que esta seção é meramente especulativa.

#### **Nota técnica: Implicações**

Os físicos, em geral, tendem a se interessar por Parapsicologia por deduzirem que não entendemos nada sobre espaço, tempo e transmissão de energia e informação. Os biólogos estão interessados porque psi implica na existência de métodos inexplicados e suplementares de sentir o mundo. Os psicólogos estão interessados pelas implicações de psi sobre a natureza da percepção e da memória. Os filósofos se interessam porque os fenômenos psi apontam muitos problemas filosóficos antigos, incluindo o papel da mente no mundo físico e a natureza do objetivo *versus* a natureza do subjetivo.

Os teólogos e o público em geral tendem a se interessar porque suas experiências psi pessoais são freqüentemente acompanhadas de sentimentos de expressão inefável e profunda. Como resultado disso, pensa-se que psi tem implicações “espirituais”.

De uma perspectiva materialista, que é um dos fundamentos da visão de mundo científica, a consciência humana nada mais é do que um produto emergente do funcionamento do cérebro, do corpo e do sistema nervoso (CCSN). Isto é, não importa quão diferente a mente possa parecer do material corporal, ela é gerada somente pelo funcionamento eletroquímico do CCSN e, dessa forma, é absolutamente dependente dele. Quando o CCSN morre, morre a consciência. Dessa perspectiva, alegações de sobrevivência à morte corporal, ou fantasmas, ou aparições, devem-se à criação ilusória de fatos que se desejaria que fossem verdade. Além disso, os limites do funcionamento material automaticamente determina os limites definitivos do funcionamento mental. Assim, ESP e PK parecem ser impossíveis, dado nosso atual conhecimento sobre o funcionamento do mundo.

Além disso, os fenômenos psi têm ocorrido em todas as culturas ao longo da história, continuam a ocorrer e alguns fenômenos relatados têm sido verificados de forma convincente através de métodos científicos. Devido ao fato de psi aparentemente transcender os pressupostos limites do funcionamento material, e, portanto, do CCSN, alguns interpretam que psi representa um apoio à idéia de que há alguma coisa a mais na mente do que apenas CCSN, de que existe algum tipo de “alma” ou algo semelhante.

Esse aspecto “não-físico”, um aspecto que não parece estar tão estreitamente limitado pelo espaço e pelo tempo como requerem os modelos científicos atuais, poderia sobreviver à morte corporal. Se for assim, pode haver importantes verdades contidas em algumas idéias e práticas espirituais. É claro que a Parapsicologia está muito longe de ser capaz de dizer que “os dados mostram que os “X” (substitua X pelo nome de seu grupo religioso favorito) estão especificamente certos sobre as doutrinas religiosas A, B e C, mas totalmente errados sobre os dogmas P, Q e R.

Devemos enfatizar que há uma grande diferença entre simplesmente notar que os resultados da Parapsicologia podem ter implicações em conceitos religiosos e a idéia de que os parapsicólogos são guiados por algum plano secreto a nível espiritual. Alguns críticos da Parapsicologia parecem acreditar que todos os parapsicólogos têm motivações religiosas ocultas e que eles têm, na verdade, a intenção de provar a existência da alma. Isto é tão verdade quanto alegar que todos os químicos, na realidade, nutrem ambições secretas sobre a alquimia e assim seu real compromisso seria com a transmutação do mercúrio em ouro. As razões pelas quais os investigadores sérios são atraídos por qualquer disciplina são tão diversas quanto suas experiências.

<< [O que os parapsicólogos estudam?](#) | [FAQ](#) | [Quais são as aplicações práticas de psi?](#) >>

*Page last modified on October 07, 2005, at 05:31 AM*

\*

## POR QUE A PARAPSIKOLOGIA É CRONICAMENTE CONTROVERSA?

A Parapsicologia permanece polêmica ainda hoje, mesmo com resultados substanciais, persuasivos e cientificamente aceitáveis, por três razões principais:

1ª.) A mídia e grande parte do público frequentemente confunde Parapsicologia com crenças sensacionais e não científicas e histórias sobre “o paranormal”. A difusão dessas idéias confusas tem levado muitos cientistas a simplesmente rejeitar o campo como sendo indigno de estudo sério e, assim, pensam que não valeria a pena gastar seu tempo para examinar a demonstração empírica existente. Além disso, compreender a natureza da demonstração empírica existente em Parapsicologia está longe de ser fácil. Apesar de os resultados meta-analíticos serem consistentes e persuasivos, a meta-análise requer conhecimento especializado para que se compreenda esse tipo de demonstração empírica. Para pessoas que não estão familiarizadas com a Estatística, ou não confiam nela (o que geralmente é sinal de mau entendimento), a demonstração não parecerá muito convincente. Essas mesmas pessoas podem, então, ter em mãos um bom material, estar com a psi “bem debaixo de seus narizes”, ou ter acesso a provas auto-evidentes, e, mesmo assim, elas vão encontrar grandes quantidades de demonstrações factuais, mas quase nenhum dado cientificamente confiável. Elas podem então entender as longas discussões sobre Parapsicologia, como esta que você está lendo neste material, como prova de que ninguém sabe o que está se passando e que os cientistas ainda estão basicamente “enrolando”, indecisos sobre esse assunto. Nossa resposta é simples: as demonstrações científicas para algumas formas de psi é extremamente convincente. Em essência, psi existe e estamos começando a aprender um pouco mais sobre ela e sobre quem a possui. Leia todo este material e cheque as referências.

2ª) Mesmo que alguém procure estudar as demonstrações empíricas, muitos dos trabalhos persuasivos estão publicados em revistas profissionais especializadas que têm uma circulação limitada. Essas revistas podem ser encontradas nas bibliotecas das grandes universidades, mas, em muitos casos, os estudantes devem procurar reedições e relatórios técnicos dos autores. Este material que você está lendo foi preparado em parte para amenizar esse problema e para fornecer re-

ferências de fontes variadas.

3ª) Algumas pessoas têm medo de que psi possa existir de verdade. O medo da psi surge, por exemplo, porque as pessoas pensam o seguinte:

1. A psi está associada a forças diabólicas, à goécia e à bruxaria.
2. A psi sugere a perda dos limites normais do ego.
3. As pessoas podem ser capazes de ler sua mente e saberem que você, secretamente (ou inconscientemente), alimenta pensamentos sexuais, agressivos ou coisas piores.
4. Se você fala sobre psi, as pessoas podem pensar que você está louco (a).
5. Se você pensa que vivencia fenômenos psi, talvez você esteja louco (a).
6. Antes de você completar seis anos de idade, seus pais desaprovaram suas pequenas demonstrações de telepatia.
7. Refletir sobre psi nos leva a uma mentalidade supersticiosa medieval que, por sua vez, irá manter uma corrente crescente de pensamentos primitivos e perigosos.
8. Com a ESP você pode saber coisas que você não quer saber sobre você e sobre outras pessoas – isto é, acidentes que estão por acontecer e coisas que você preferiria não ter a responsabilidade de sabê-las.
9. Se isso (8) acontece com você, especialmente se você é uma criança, há uma tendência de que você se sinta responsável pelo que fato que você previu.
10. A psi pode interferir nos processos humanos normais de separação e desenvolvimento do ego. Portanto, nós planejamos estratégias sutis para a inibição cultural.
11. Se você for um telepata, como vai distinguir seus próprios pensamentos dos pensamentos dos outros? Talvez isto leve a doenças mentais.
12. Muitas pessoas têm um traço auto-destrutivo de personalidade. Que danos poderiam ocorrer se a psi fosse usada a serviço desse fator? Jule Eisenbud escreveu sobre isto em seu livro: “A Parapsicologia e o Inconsciente”.
13. Se psi existe, quais das minhas crenças terei que abandonar?
14. Se psi existe, isto significa que um agente psi (pessoa que tem habilidades psi, popularmente chamado de “paranormal”) poderia me ver enquanto eu estivesse usando o banheiro?
15. Se psi existe, então talvez eu não possa me isolar tão facilmente da dor e do sofrimento do mundo.

A lista acima foi uma cortesia de Jeffrey Mishlove, Diretor da Rede de Intuição do [Instituto de Ciências Noéticas](#).

*Page last modified on October 07, 2005, at 05:35 AM*

\*

## QUAL É A HISTÓRIA DA PARAPSIKOLOGIA?

*Nota: Esta história está limitada ao resumo de uma parte do desenvolvimento da Parapsicologia que ocorreu nos países de língua inglesa. Como um fenômeno antigo e trans-cultural, a psi tem sido estudada por muitos grupos e de muitas maneiras, ao longo da história. [N.ts. Um texto a respeito da história da Pesquisa de Psi no Brasil pode ser encontrado na seção Artigos, da [Revista Virtual de Pesquisa de Psi?](#), no Portal Psi].*

## 1880

A Parapsicologia, como é praticada no mundo ocidental, originou-se de um interesse sério e científico pelo espiritismo no final do século XIX na Grã Bretanha e nos Estados Unidos.

A [Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres](#) (Society for Psychical Research, SPR), fundada em 1882 e a [Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas](#) (American Society for Psychical Research, ASPR), fundada em 1885, foram criadas por cientistas eminentes da época para estudar médiuns que diziam poder entrar em contato com os mortos ou produzir outros efeitos paranormais: precognitivos, descrições de levitações de mesas, narrativas de visões de fantasmas e assim por diante.

Grande parte das primeiras demonstrações empíricas foram descritivas e casuais, incluindo relatos de sonhos.

Alguns membros das Sociedades de Pesquisas Psíquicas projetaram instrumentos especiais para testar os fenômenos que os médiuns de efeitos físicos diziam realizar.

Alguns dos estudos de casos e livros publicados por membros dessas sociedades, mais notavelmente por Frederic Myers no Reino Unido e William James nos Estados Unidos, são clássicos da literatura parapsicológica.

## 1900 à década de 1960

Em 1917, J. E. Coover, um psicólogo da Universidade de Stanford, foi um dos primeiros investigadores a aplicar técnicas experimentais para estudar as habilidades psi em laboratório. Mas apenas em 1927 a nova era da pesquisa de psi foi estabelecida pelo biólogo J.B.Rhine. Rhine e seus colegas desenvolveram técnicas experimentais originais e ajudaram a popularizar os termos “ESP” (*extra-sensory perception*, em português, percepção extra-sensorial) e “parapsicologia”. Contaram também com a colaboração da esposa de Rhine, a bióloga Louisa E. Rhine, mais dedicada ao estudo de casos espontâneos.

O laboratório de Rhine, que inicialmente fazia parte do Departamento de Psicologia da Universidade de Duke em Durham, Carolina do Norte, desenvolveu uma reputação mundial de pioneirismo e pesquisa cientificamente ortodoxa de psi. Em 1935, Rhine criou o primeiro laboratório independente de Parapsicologia, tendo sua base acadêmica na Universidade de Duke. Sua pesquisa mais conhecida envolveu testes de ESP utilizando um baralho especial e testes de PK utilizando dados de jogar. Em 1965, Rhine se aposentou da Duke e mudou seu laboratório para fora do campus. Hoje, o legado de Rhine, o Instituto de Parapsicologia do [Centro de Pesquisas Rhine](#) (Rhine Research Center) conduz ativamente pesquisas psi, tendo como diretor, John Palmer.

## Década de 1960

O interesse em Parapsicologia explodiu na década de 60, resultante do estabelecimento dos seguintes programas: William G. Roll fundou a Fundação de Pesquisa Psíquica (Psychical Research Foundation) na Carolina do Norte, EUA. Roll é mais conhecido por seus estudos sobre fenômenos poltergeists e assombrações. Atualmente, Roll está ativo na pesquisa de psi na Georgia.

Ian Stevenson deu início à Divisão de Parapsicologia como parte do Departamento de Psiquiatria da Escola Médica da Universidade de Virgínia. Steven-

son enfatizou a pesquisa sobre os casos espontâneos, incluindo sonhos precognitivos e impressões telepáticas, e é mais conhecido pelo trabalho pioneiro sobre os fenômenos relacionados à sobrevivência - basicamente, casos de reencarnação em crianças de países como a Índia, Birmânia e Tailândia. A seção chama-se, agora, [Divisão de Estudos da Personalidade](#) (Division of Personality Studies) e Stevenson está trabalhando ativamente em pesquisa.

Karlis Osis se tornou o Membro Pesquisador Chester Carlson na Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, na Cidade de Nova York. Osis conduziu pesquisas sobre EFC (experiências fora do corpo), pesquisas de levantamentos de dados sobre crenças e atitudes, estudos de casos de aparições e talvez seja mais conhecido por seu trabalho original sobre visões no leito de morte. Osis é falecido.

A pesquisa parapsicológica foi iniciada no Departamento de Psicologia da Universidade de Edimburgo por John Beloff. Em 1985, a [Cátedra Koestler de Parapsicologia](#) foi estabelecida no departamento devido a uma doação feita por Arthur Koestler e sua esposa Cynthia. O Professor Robert L. Morris é o primeiro chefe dessa cátedra. Morris, sua equipe de pesquisa e os estudantes pós-graduandos estão insistindo ativamente em uma abordagem que enfatiza a compreensão e a facilitação das interações psi.

Um programa especializado de pesquisa foi instituído por Montague Ullman e Stanley Krippner no Maimonides Hospital no Brooklyn, Nova York, EUA. Essa equipe, que mais tarde incluiu Charles Honorton, é mais conhecida por seu trabalho com sonhos telepáticos. Como o programa do Maimonides terminou em 1979, Charles Honorton abriu um novo laboratório, chamado Laboratórios de Pesquisa Psicofísicas (Psychophysical Research Laboratories), em Princeton, Nova Jersey, EUA. O laboratório de Honorton, que continuou operando até 1989, foi o mais conhecido pela pesquisa sobre telepatia em ganzfeld, pelos testes de micro-PK e pelo trabalho meta-analítico. Krippner está atualmente engajado em pesquisa ativa no [Saybrook Institute](#), São Francisco, CA. Honorton morreu tragicamente em 1992, enquanto tentava seu Ph.D em Parapsicologia na Universidade de Edimburgo.

[Charles Tart](#), um professor de Psicologia mais conhecido por seu trabalho pioneiro sobre estados alterados de consciência, lecionou e conduziu pesquisas parapsicológicas na Universidade da Califórnia, em Davis. Agora ele está aposentado das funções que exercia na universidade, mas leciona e faz pesquisas no Instituto de Psicologia Transpessoal em Palo Alto, CA, entre outros lugares.

### **Década de 1970**

Em 1972, iniciou-se um esforço para a especialização na pesquisa de psi na Califórnia, EUA, no SRI Internacional, em Menlo Park, anteriormente chamado de Instituto de Pesquisas de Stanford (Stanford Research Institute). O programa foi estabelecido pelos físicos Harold Puthoff e por Russel Targ; mais tarde, o físico Edwin May juntou-se à equipe. O programa SRI concentrava-se em pesquisa de visão à distância (e cunhou o termo). May assumiu o programa em 1985, quando Puthoff o deixou para assumir uma outra posição. Quando May deixou o SRI Internacional em 1989, reinstalou um programa semelhante em Palo Alto, no [Laboratório de Ciências Cognitivas](#) da Corporação Internacional de Aplicações da Ciência (Science Applications International Corporation, SAIC). Esse programa

ainda está envolvido com a pesquisa e é mais conhecido por usar tecnologias sofisticadas, como, por exemplo, magnetoencefalógrafos para estudar o funcionamento do cérebro enquanto indivíduos desempenham tarefas psi. O laboratório também desenvolve modelos teóricos de micro-PK e trabalha na pesquisa de visão remota, fundamentalmente da perspectiva “fiscalista”.

Também em 1979, um outro programa de pesquisa começou em Princeton, Nova Jersey, dentro da Escola de Engenharia da Universidade de Princeton. Foi fundado por Robert Jahn, que era, na época, Reitor da Escola de Engenharia. O [Laboratório de Pesquisas de Anomalias da Engenharia de Princeton](#) (Princeton Engineering Anomalies Research, PEARL) ainda está realizando pesquisas, e é mais conhecido por seu grande banco de dados sobre testes de micro-PK, testes de PK envolvendo outros sistemas físicos, experimentos de “percepção precognitiva à distância” e seu trabalho teórico na tentativa de relacionar metáforas da física quântica ao funcionamento de psi.

### Anos 90

No final de 1993, Dean Radin instituiu o [Laboratório de Pesquisas da Consciência](#) (Consciousness Research Laboratory), um programa de pesquisa de psi dentro do Centro Harry Reid para Estudos Ambientais na Universidade de Nevada, Las Vegas. O laboratório conduzia pesquisas básicas e aplicadas sobre os efeitos psi. Atualmente o Consciousness Research Laboratory continua suas atividades privadamente.

Em 1995, Richard Wiseman iniciou um programa de pesquisa de psi no [Departamento de Psicologia na Universidade de Hertfordshire](#), Reino Unido, e Susan Blackmore iniciou um programa semelhante no Departamento de Psicologia da Universidade de West England, em Bristol, também Reino Unido.

*Page last modified on October 07, 2005, at 05:41 AM*

\*

## A PESQUISA DE PSI NÃO OBTVEU NENHUM PROGRESSO DEPOIS DE MAIS DE 1 SÉCULO DE PESQUISAS.

### **Crítica:**

A Parapsicologia não obteve nenhum avanço depois de mais de 1 século de pesquisas.

### **Resposta:**

No núcleo dos argumentos atuais dos críticos está a afirmação retórica de que 100 anos de investigação falharam em fornecer evidência convincente dos fenômenos parapsicológicos. Enquanto os parapsicólogos não tiveram a oportunidade de responder, afirmaram que 130 anos da investigação não produziram a evidência de psi (Druckman e Swets, 1988). Um crítico inglês que foi designado recentemente para um período de 4 anos por 100.000 libras esterlinas para investigações psíquicas na faculdade de Darwin de Cambridge para que escrevesse um livro sobre o porque das pessoas acreditarem em coisas impossíveis, foi mencionado na *New Scientist* dizendo que após 150 anos de investigações psíquicas "não há evidência alguma de que haja um fenômeno" (Marrom, 1992). Tais conhecimentos são afirmações extraordinárias, já que a investigação psíquica não existiu



até 1882 e as investigações sistemáticas em laboratório que usam métodos quantitativos não começaram até princípios dos anos 1930. Através da história a investigação parapsicológica foi mantida através de pouquíssimos recursos. O psicólogo Sybo Schouten da Universidade de Utrecht (na imprensa) comparou os patrocínios financeiros da parapsicologia com aqueles da psicologia americana. Encontrou que o total dos recursos financeiros e humanos dedicados à parapsicologia desde 1882 no melhor dos casos, apenas são iguais às despesas por dois meses da investigação psicológica convencional no ano de 1873.

Como se pode reconciliar o argumento de "um século de falhas" com a admissão da parte dos críticos de que existem efeitos "astronomicamente significativos" e a falha em demonstrar ao menos alguma explicação alternativa possível para estes efeitos?

A resposta dizem eles, é que falta à parapsicologia "acumulação". "Toda a ciência exceto a parapsicologia," diz Hyman "constrói sobre seus dados precedentes. A base de dados se expande outra vez com cada geração e as investigações originais são ainda incluídas. Na parapsicologia, a base de dados expande muito pouco porque as experiências antigas são rejeitadas continuamente e as novas tomam seu lugar".

Os efeitos astronomicamente significativos para os quais não existe uma explicação alternativa razoável são, diz Hyman, baseados em meta-análises "retrospectivas" de muitas experiências similares.

Todo o leitor verdadeiramente cético seria alarmado pela contradição lógica neste argumento: se a parapsicologia fosse "não-acumulativa" e cada geração nova os parapsicólogos rejeitassem os resultados da geração precedente, como poderia ter efeitos "astronomicamente significativos" nas meta-análises que são, pela definição, a acumulação dos resultados de muitos estudos precedentes? Hyman se refere somente a meta-análises relativas a duas áreas de investigação, Ganzfeld e das experiências de geradores de número aleatório (Honorton, 1985; Hyman, 1985; Randi e Nelson, 1989). Ele deprecia outras meta-análises, como discutido por Broughton e por Morris, que envolvem as experiências do precognição (Honorton e Ferrari 1989) e a investigação do psicoquinese com dados (Radin e Nelson, 1989) que envolvem a acumulação dos resultados das investigações que datam dos anos 1930. Na seção 3, eu apresento um exemplo detalhado de uma linha da investigação da parapsicológica que foi construída.

sistematicamente em investigações precedentes.

### **Direitos Autorais**

Este artigo foi publicado originalmente no livro "Charles Honorton and the Impoverished state of Skepticism. Essays on a Parapsychological Pioneer." [McFarland?](#) & Company, Inc. Publishers North Carolina 28640 (1994). Traduzido para o português por Vitor Visioni.

\*

EXISTEM DIFERENTES ESCOLAS OU LINHAS DE  
PARAPSIKOLOGIA?

Parapsicologia é uma ciência e a ciência, enquanto saber universal, não tem partidos, não tem facções, não tem segmentações! Correntes ou linhas são abordagens distintas, ênfases que cientistas adotam em suas teorias e práticas. Mas todos são cientistas e nunca “independentes”. Não existe uma “Parapsicologia católica” ou a “Parapsicologia espírita” assim como não existe uma “Química Protestante” ou uma “Sociologia Adventista”!!! O que existe é o uso (indevido) da Parapsicologia para objetivos religiosos e, portanto, bastante diferentes dos objetivos científicos reais.

A existência de uma escola implicaria na existência de teorias distintas de lidar com o objeto em questão. Como se sabe, a Pesquisa Psi não dispõe de UMA teoria amplamente aceita por ser suficiente para integrar os dados das pesquisas (tanto de casos quanto de laboratório). O problema é que existem VÁRIAS teorias, cada uma procurando dar conta de uma parte da realidade psi. Mas, cada uma dessas teorias não foi capaz de arregimentar grupos de pesquisadores delas afiliados. Se isso tivesse ocorrido, talvez pudéssemos falar em escolas.

Mas... não há dúvidas que cada grupo pode ter ênfases distintas. O grupo de pesquisadores de Virginia está interessado, sobretudo no estudo de fenômenos que possam contribuir com a questão da sobrevivência após a morte. Essa ênfase não significa desprezo, desconhecimento, ou mesmo oposição aos demais grupos. Ao contrário. O grupo de Virginia (<http://www.healthsystem.virginia.edu/internet/personalitystudies/>) está em contato com outros grupos, recolhe muito do que é feito na pesquisa experimental, por exemplo, para poder avaliar os casos que estuda de maneira ampla. Vamos a outro grupo, o de Ciências Noéticas, nos Estados Unidos, que conta atualmente com alguns pesquisadores de ponta, como Dean Radin e Marilyn Schlitz, interessados, sobretudo na ação fisiológica de psi (bio-PK, staring effect) (<http://www.noetic.org/research/capacities.cfm>) Este último grupo, tem como principal base a futura aplicação de psi, a ampliação das capacidades humanas. Um terceiro grupo-exemplo é a Unidade Koestler de Parapsicologia (<http://moebius.psy.ed.ac.uk/index.php3>). Como se trata de um grupo formado basicamente de alunos de mestrado e doutorado, não há uma ênfase temática, mas conceitual: todos estão interessados nas relações entre Psicologia e Psi, mesmo porque o grau oferecido é o de Mestre e Doutor em Psicologia, com ênfase em estudos psi.

Muito bem, tais ênfases formam a Pesquisa Psi. Nenhum dos grupos diria não fazerem parte da área psi. Não há oposição, mas, novamente, ênfases que representam diferentes interesses, distintos aspectos do campo como um todo.

Assim, o que ou qual é a “verdadeira Parapsicologia”: aquela feita por cientistas que, empiricamente, dão sua contribuição para a compreensão de alegações paranormais. A “verdadeira Parapsicologia” é feita por quem não tem interesses outros que não a avaliação imparcial de psi por meio do Método Científico. A “verdadeira Parapsicologia” não se constrói com retórica e objetivos escusos, mas de um fiel apego aos objetivos que norteiam e nortearão o campo rumo ao conhecimento desprendido de dogmatismos.

\*

## QUAIS OS PRINCIPAIS EXPERIMENTOS DA ATUALIDADE?

### A INFLUÊNCIA DA “PK” SOBRE GERADORES DE NÚMEROS ALEATÓRIOS.

O advento das tecnologias relativas à eletrônica e à informática tem permitido aos pesquisadores desenvolverem experimentos automatizados para estudar a interação entre a mente e a matéria. Em um desses experimentos, um Gerador de Números Aleatórios (GNA), que funciona com base em um ruído radioativo ou eletrônico, produz um fluxo de dados que são registrados e analisados por um programa de computador.

Em um típico experimento em que o GNA é utilizado, um sujeito tenta alterar mentalmente a distribuição dos números aleatórios. Seria praticamente o mesmo que tentar tirar mais caras do que coroas a partir do lançamento de moedas. Obviamente, os experimentos eletrônicos e computadorizados têm grandes vantagens sobre os antigos experimentos em que se utilizavam arremessos de dados ou moedas. Em um experimento com GNA, uma grande flexibilidade é combinada com um cuidadoso controle científico, aliados a um alto índice de aquisição de dados.

Uma meta-análise do conjunto de dados obtidos por esse tipo de experimento, publicada em 1989, examinou 800 experimentos realizados por mais de 60 pesquisadores ao longo dos 30 anos anteriores. O tamanho do efeito encontrado foi muito pequeno, mas notavelmente consistente, resultando em um desvio estatístico global de aproximadamente 15 erros padrão do efeito esperado pelo acaso. A probabilidade de que o efeito observado fosse realmente zero (isto é, não relacionado a psi) foi menor do que uma parte em um trilhão, verificando-se que a consciência humana pode, de fato, afetar o comportamento de sistemas físicos aleatórios. Além disso, embora a qualidade experimental melhorasse significativamente com o passar do tempo, isto não teve correlação com o tamanho do efeito, ao contrário da freqüente, mas aparentemente infundada crítica dos céticos.

([Mais sobre Micro-PK I](#) - Texto introdutório ilustrado, produzido pela Koestler Chair of Parapsychology.

([Mais sobre Micro-PK II](#) - Texto introdutório ao tema: “*Micro-Pk*”, por Davis Plunkett e Kristen Seikel, do Franklin Peirce College.

([Mais sobre Micro-PK III](#) - Texto técnico: “Observation of a Psychokinetic Effect Under Highly Controlled Conditions”, por Helmut Schmidt, publicado originalmente no *Journal of Parapsychology*, Vol. 57, Dec. 1993.

([Mais sobre Geradores de Eventos Aleatórios](#) - Texto introdutório ilustrado sobre [GE As?](#), produzido pela Koestler Chair of Parapsychology.

([Participe de um experimento on-line de Micro-PK](#)) - Nesta página do Anomalous Cognition Group (Universidade de Amsterdam, Holanda) podem ser encontrados vários experimentos on-line de Micro-PK

\*

### A INFLUÊNCIA DA “PK” SOBRE SISTEMAS VIVOS

Esse tipo de experimento é também conhecido como bio-PK e, mais recentemente alguns pesquisadores se referem a ele como Interações Mentais Diretas com Sistemas Vivos (IMDCV). A possibilidade de monitorar funções internas do corpo, inclusive atividades do sistema nervoso usando as tecnologia do EEG (eletroencefalógrafo) e do bio-feedback (retro-alimentação), tem oferecido uma oportunidade de verificar se os sistemas biológicos também podem ou não ser afetados pela intenção de forma semelhante à ação da PK sobre Geradores de Números Aleatórios (GNA).

Um experimento de IMDCV que particularmente tem alcançado bons resultados é o que analisa a “sensação de estar sendo observado”, relatada com frequência. O “observador” e o “observado” são isolados em diferentes localizações. Pede-se periodicamente ao observador que simplesmente olhe fixamente para o observado por intermédio de um circuito fechado de vídeo. Enquanto isso, a atividade do sistema nervoso do observado é monitorada de forma automática e contínua. O conjunto de dados cumulativo desses experimentos e de outros semelhantes provê forte demonstração empírica de que a atenção de uma pessoa diretamente voltada para uma outra que está isolada e distante pode ‘ativar ou ‘acalmar’ significativamente o sistema nervoso da segunda, de acordo com as instruções dadas ao observador.

([Mais sobre interação mental direta sobre sistemas vivos I](#)) - Texto introdutório, produzido pela Koestler Chair of Parapsychology.

([Mais sobre interação mental direta sobre sistemas vivos II](#)) - Trecho de: D. Delanoy: "Experimental Evidence Suggestive of Anomalous Consciousness Interactions", 2nd Gauss Symposium, Munich, August 1993

([Mais sobre interação mental direta sobre sistemas vivos III](#)) - Estudo realizado por um cético de psi. “Can We Tell When Someone Is Staring at Us?”, por Robert A. Baker. Publicado originalmente em: Skeptical Inquirer magazine : March/April 2000

([Mais sobre interação mental direta sobre sistemas vivos IV](#)) - Estudo realizado por um cético critica o método de aleatorização utilizado por Rupert Sheldrake em suas pesquisas de *staring' effect*: **“The Psychic Staring Effect: ”An Artifact of Pseudo Randomization**, por David F. Marks and John Colwell. Publicado originalmente em: Skeptical Inquirer magazine : September/October 2000

([Página de Rupert Sheldrake](#)) - O leitor poderá encontrar nesta página artigos de Sheldrake, inclusive comentando algumas das críticas que seus trabalhos têm recebido.

<< [A influência da PK sobre geradores de números aleatórios](#) | [FAQ](#) | [A ESP no ganzfeld](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

*Page last modified on October 07, 2005, at 05:50 AM*

\*

Uma teoria a respeito de como a psi perceptiva funciona sustenta que os “sinais” psi estão freqüentemente presentes no cérebro, mas é difícil atendê-los conscientemente devido ao ruído da entrada sensorial normal. A técnica *ganzfeld* (“campo completo”) foi desenvolvida para “silenciar” esse ruído externo, proporcionando um campo sensorial ameno e não padronizado, para mascarar o ruído do mundo externo. Em um experimento *ganzfeld* típico, o “emissor” e o “receptor” telepáticos são isolados. O receptor é colocado no estado *ganzfeld* e apresenta-se ao emissor um video-clipe ou uma figura e pede-se que ele envie mentalmente aquela imagem ao receptor.

Pede-se ao receptor que, enquanto ele estiver em *ganzfeld*, relate continuamente em voz alta todos os seus processos mentais, inclusive imagens, pensamentos e sentimentos. Ao fim do período de emissão, que se estende, geralmente, de 20 a 40 minuto, o receptor é retirado do estado *ganzfeld*. São, então, mostradas a ele, quatro imagens ou trechos de vídeos, sendo que um deles é o alvo verdadeiro, enquanto que os demais são meras “armadilhas”. O receptor tenta selecionar o verdadeiro alvo, utilizando as percepções experimentadas durante o estado *ganzfeld* como pistas para descobrir a imagem “enviada” mentalmente. Sem a ocorrência da telepatia, o resultado esperado de acordo com as regras da probabilidade seria de um acerto em quatro tentativas, o que daria uma “taxa de acerto” de 25%. Após a contagem da taxa de acertos de tais experimentos, atualmente totalizando cerca de 700 sessões individuais realizadas por cerca de vinte pesquisadores, no mundo todo, os resultados demonstram que o alvo correto foi selecionado em uma média de 34% das vezes. Tal índice é altamente significativo, sugerindo que a telepatia, pelo menos como é definida operacionalmente neste experimento, existe.

([Mais sobre ganzfeld I](#)) - Texto introdutório ilustrado, produzido pela Koestler Chair of Parapsychology

([Mais sobre ganzfeld II](#)) - Texto introdutório ao tema: “Reduced Sensory Input and Psi: Enter the Ganzfeld”, por Jason Brown, da Franklin Peirce College.

([Mais sobre ganzfeld III](#)) - Texto técnico, “Does psi Exist? Replicable Evidence for an Anomalous Process of Information Transfer”, por Daryl J. Bem e Charles Honorton, publicado em: Psychological Bulletin, 1994, Vol. 115, No. 1, 4-18.

([Posição dos críticos a respeito do experimento psi-ganzfeld I](#)) - “The Best Case for ESP?”, por Matt Nisbet

([Posição dos críticos a respeito do experimento psi-ganzfeld II](#)) - “The Evidence for Psychic Functioning: Claims vs. Reality”, por Ray Hyman. Publicado originalmente em: Skeptical Inquirer magazine : March/April 1996.

#### **Novo**

1- Nova meta-análise realizada por Richard Wiseman e Julie Milton (“Does Psi Exist? Lack of Replication of an Anomalous Process at Information Transfer,” Psychological Bulletin 125(4): 387-391, 1999) inclui estudos não relacionados no artigo de Bem & Honorton de 1994 (ver acima) e questiona resultados favoráveis de psi em experimentos psi-ganzfeld. O artigo original de Wiseman e Milton não está disponível na web. O artigo seguinte apresenta um resumo da pesquisa e do posicionamento dos céticos sobre o referido estudo.

[“Research Review: New Analyses Raise Doubts About Replicability of ESP Findings”](#), por

Scott O. Lilienfeld. Publicado originalmente em: Skeptical Inquirer magazine: November/December 1999

2- Bem, Palmer & Broughton realizam uma atualização meta-analítica, incluindo estudos não considerados na meta-análise de Wiseman e Milton (ver texto disponível acima). Com estes novos estudos, os resultados voltam a ser favoráveis a psi. [Bem, D. J., Palmer, J., Broughton, R. S. \(Under editorial review\). Updating the Ganzfeld Database: A Victim of Its Own Success?](#)

<< [A influência da PK sobre sistemas vivos](#) | [FAQ](#) | [Visão Remota](#) >>

\*

## VISÃO REMOTA

A técnica *ganzfeld* indica que uma informação pode ser enviada mentalmente depois que o receptor é colocado em um estado alterado de consciência. O experimento de visão remota, em uma de suas muitas formas, investiga se a informação pode ou não ser obtida sem a necessidade de um estado alterado especial e sem um emissor. Por exemplo, em um tipo de experimento de visão remota, um conjunto de centenas de fotografias é criado. Uma das fotografias é, então, aleatoriamente selecionada para ser a figura alvo e é colocada à parte, em um local afastado. A pessoa que participa do experimento tenta, então, esboçar através de desenhos ou descrever de alguma outra forma a imagem-alvo que se encontra à distância. Este procedimento é repetido para um total, digamos, de sete imagens diferentes. Muitas formas de avaliar os resultados desse teste têm sido desenvolvidas, inclusive alguns métodos são altamente sofisticados. Um método comum (e fácil) consiste em pegar essas sete fotografias e as respostas dadas pelo sujeito, embaralhá-los aleatoriamente, e então pedir a juízes independentes que ordenem ou combinem os alvos corretos com as respostas dos participantes. Se houve transferência real de informações, as respostas deverão ter correspondência maior com os alvos corretos do que com os demais alvos.

Muitos milhares de testes foram realizados por dezenas de investigadores nos últimos 25 anos, envolvendo centenas de participantes. O banco de dados cumulativo indica fortemente que a informação sobre fotos que se encontram à distância, cenas reais e eventos, podem ser percebidos. Alguns desses experimentos têm sido usados também para o estudo da precognição, quando o participante descreve uma foto que deverá ser selecionada aleatoriamente no futuro.

([Exemplos de Visão Remota](#)) - 9 Exemplos de imagens descritas durante as sessões experimentais realizadas com o sujeito Joe *Mc Moneagle*?

([A posição dos críticos a respeito dos experimentos de Visão Remota I](#)) - Texto introdutório / entrada “Visão Remota” do Skeptic’s Dictionary, por Robert Todd Carroll.

Debate entre proponentes e críticos de psi a respeito dos experimentos de Visão Remota:

([Crítica dos experimentos de Visão Remota](#)) - Texto técnico, escrito por um dos mais importantes críticos de psi: Evaluation of Program on Anomalous Mental Phenomena, pelo Dr. Ray Hyman, Depto. de Psicologia, Universidade do

Oregon.

([Resposta à crítica I](#)) - Texto técnico, escrito por uma das mais importantes proponentes de psi: “Response to Ray Hyman’s Report of September 11, 1995 ‘Evaluation of Program on Anomalous Mental Phenomena’”, pela Dr. Jessica Utts, Divisão de Estatística, Universidade da Califórnia, Davis.

([Resposta às críticas II](#)) - Texto técnico escrito por um dos pesquisadores de Visão Remota, como resposta ao parecer crítico do Instituto Americano de Pesquisas: “The American Institutes for Research Review of the Department of Defense's STAR GATE Program: A Commentary”, pelo Dr. Edwin C. May, , do Cognitive Sciences Laboratory. Originalmente publicado em: *The' Journal of Parapsychology*. 60". 3-23. March, 1996.

<< [A ESP no ganzfeld](#) | [FAQ](#) | [Existem experimentos parapsicológicos on-line?](#) >>

*Page last modified on October 07, 2005, at 05:53 AM*

\*

1. [The Anomalous Cognition \(or PSI\) section of the Faculty of Psychology of the University of Amsterdam](#)

2. [Pacific Neuropsychiatric Institute](#)

3. [The Retropsychokinesis Project](#)

4. [Koestler Chair of Parapsychology, Univ. of Edinburgh](#)

<< [Visão Remota](#) | [FAQ](#) | [Os efeitos psicocinéticos \(PK\) de grandes proporções, como a levitação, são reais?](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

*Page last modified on October 07, 2005, at 05:54 AM*

\*

## OS EFEITOS PSICOCINÉTICOS (PK) DE GRANDES PROPORÇÕES, COMO A LEVITAÇÃO, SÃO REAIS?

Ao longo da história há muitos relatos de eventos espetaculares, tais como a levitação de indivíduos, pessoas santas que materializam objetos no ar e pessoas que são capazes de mover, entortar ou quebrar objetos sem tocá-los. Infelizmente, em muitos casos, as pessoas que alegam poder fazer essas coisas querem ganhar dinheiro com suas “habilidades”.

Devido ao fato de o potencial de fraude ser elevado, e ser relativamente fácil criar efeitos convincentes que imitam rigorosamente os efeitos paranormais

(com técnicas fraudulentas), as demonstrações empíricas fidedignas para esses efeitos psicocinéticos de grandes proporções são muito pequenas. Há alguns poucos casos de aparente movimentação de pequenos objetos, mas em geral a existência de fenômenos psicocinéticos de grandes proporções (ou macro-PK, como são tecnicamente chamados) é ainda uma séria questão em aberto.

<< [Existem experimentos parapsicológicos on-line?](#) | [FAQ](#) | [Sucessos parapsicológicos se devem a Falhas Experimentais ?](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

*Page last modified on June 19, 2006, at 03:07 AM*

\*

### SUCESSOS PARAPSICOLÓGICOS SE DEVEM A FALHAS EXPERIMENTAIS?

Ao longo da história há muitos relatos de eventos espetaculares, tais como a levitação de indivíduos, pessoas santas que materializam objetos no ar e pessoas que são capazes de mover, entortar ou quebrar objetos sem tocá-los. Infelizmente, em muitos casos, as pessoas que alegam poder fazer essas coisas querem ganhar dinheiro com suas “habilidades”.

Devido ao fato de o potencial de fraude ser elevado, e ser relativamente fácil criar efeitos convincentes que imitam rigorosamente os efeitos paranormais (com técnicas fraudulentas), as demonstrações empíricas fidedignas para esses efeitos psicocinéticos de grandes proporções são muito pequenas. Há alguns poucos casos de aparente movimentação de pequenos objetos, mas em geral a existência de fenômenos psicocinéticos de grandes proporções (ou macro-PK, como são tecnicamente chamados) é ainda uma séria questão em aberto.

\*

### OS POLTERGEIST SÃO REAIS?

Os *poltergeists* (em alemão, “espíritos barulhentos”) geralmente se manifestam na forma de estranhos efeitos elétricos e movimentos inexplicáveis de objetos. Em certa época, pensava-se que esses fenômenos ocorriam devido à ação de fantasmas, mas depois de décadas de investigação por parte de pesquisadores, e mais notavelmente por William G. Roll, os estudos empíricos atuais sugerem que os poltergeists são efeitos psicocinéticos (PK) produzidos por um ou mais indivíduos, geralmente adolescentes com problemas emocionais. O termo RSPK (do



inglês *recurrent spontaneous psychokinesis*), que significa, em português, “psicocinesia recorrente espontânea”, foi cunhado para descrever esse conceito.

<< [Os fantasmas são reais?](#) | [FAQ](#) | [Espíritos existem?](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

*Page last modified on October 07, 2005, at 06:04 AM*

\*

## OS ESPÍRITOS EXISTEM?

### **Espíritos, Diabo, Capeta, Sacis e Boitatás...**

A ciência apenas tem competência de conhecer aquilo que seu método permite. A realidade de seres espirituais está para além da capacidade dos métodos científicos! Isso significa que, se tais entidades existirem ou não, não será pela ciência que saberemos!

Por outro lado, temos algo que em ciência é importantíssimo: a lei da economia das hipóteses! Se podemos explicar por hipóteses mais simples, não há porque queremos complicar! Se um fenômeno qualquer pode ser explicado por causas mundanas, naturais, prosaicas, conhecidas pelas ciências, então nada nos dá o direito científico de afirmar a existência de algo que vá para além dessas interpretações. As possessões demoníacas PODEM ser explicadas pela Psicologia e pela Psiquiatria e, dessa forma, não precisam ser interpretadas como sinal da manifestação de entidades espirituais!

Se o Diabo está aposentado é porque a ciência tem feito seu papel!

<< [Os poltergeist são reais?](#) | [FAQ](#) | [A mediunidade é real?](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

*Page last modified on October 28, 2005, at 01:07 AM*

## A MEDIUNIDADE É REAL?

A “canalização” (ou *channeling*) consiste na alegação de que o espírito de alguém que morreu, ou alguma outra entidade não física, pode falar ou agir através de uma pessoa *sensitiva*. No final do século XIX, a isto deu-se o nome de mediunidade. Semelhantes alegações de comunicação com espíritos dos mortos podem ser encontradas ao longo da história e em outras culturas. Alguns pesquisadores acreditam que os casos de prodígios excepcionais, como Mozart na música ou Ramanujan na matemática, oferecem demonstrações empíricas de uma mediunidade genuína.

Embora uma parte do material supostamente canalizado por espíritos dos mortos ou por seres de outro mundo não tenham nenhum sentido, outras obras têm inspirado um grande número de pessoas e servem como fonte contínua de esclarecimento. Religiões reveladas e algumas experiências visionárias são exemplos de versões de informações canalizadas. Porém, se as informações provêm de uma fonte paranormal genuína ou do inconsciente do canalizador ou médium, é um assunto que provoca debates infundados.

<< [Espíritos existem ?](#) | [FAQ](#) | [Reencarnação existe?](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

*Page last modified on October 07, 2005, at 06:05 AM*

## A REENCARNAÇÃO EXISTE?

### **Há milhares de relatos,**

...pessoas que dizem, alegam lembrar-se de vivências passadas. Apressadamente, alguns preferem interpretar tais alegações como prova da reencarnação, algo que nem mesmo os que têm inclinação por esta interpretação o fazem, preferindo utilizar a expressão "casos sugestivos de reencarnação".

É papel da ciência e, especificamente da Pesquisa Psi, avaliar quaisquer alegações paranormais, dentre elas as de lembranças de vidas passadas. Avaliar alegações de lembranças de vidas passadas, NÃO SIGNIFICA ASSUMIR a existência de vidas passadas. Da mesma forma como estudar qualquer outra alegação paranormal NÃO SIGNIFICA ASSUMIR a existência, de modo apriorístico, de qualquer processo paranormal.

É prematuro e, portanto, equivocado, afirmar-se que tais relatos sejam reais lembranças de vidas passadas. Minha tese básica é que, para se falar em lembranças dessa natureza, seria necessário já ter excluído alternativas mais prosaicas, como a influência do meio cultural (e, por conseguinte, do grupo mais próximo) e, ter excluído a outra alternativa que têm sido levantada por outros pesquisadores, a da percepção extra-sensorial. Relativamente à hipótese de influência do meio cultural: as pesquisas revelam prevalência de casos em regiões culturalmen-

te "adeptas" à crença da reencarnação, o que torna essa hipótese extremamente forte. Por seu turno, a hipótese de percepção extra-sensorial ainda NÃO PODE SER EXCLUÍDA já que, nem sua existência e, portanto, nem seus possíveis limites foram estabelecidos.

Ou seja, nesse momento histórico-científico, não se pode excluir que as informações relatadas por alguém que sejam provenientes de seu ambiente cultural ou (quando as informações são confirmadas) pela possível manifestação da percepção extra-sensorial. Esta última possibilidade é aventada dada a existência de evidências empíricas da percepção extra-sensorial, ainda que sejam consideradas como prova da existência desse processo.

<< [A mediunidade é real?](#) | [FAQ](#) | [Técnica de Regressão de memória](#) >>

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

*Page last modified on October 28, 2005, at 12:54 AM*  
[skin config](#) \*\* pmwiki-2.0.10 \*\*

TÉCNICA DE REGRESSÃO DE MEMÓRIA

### **A regressão de fato é eficaz para lembrar-mos de fatos de infância e etc**

Sim, mas o processo de lembrar, como todos os processos psicológicos, são altamente sobredeterminados, ou seja, recebem influência de múltiplos fatores psicológicos, como os desejos, as fantasias, as lembranças correlatas, etc.

### **Quanto de interferência existe neste processo?**

Muito e é sempre muito difícil saber se o que é dito é apenas o que aconteceu e/ou também uma reelaboração atual da pessoa que viveu algo no passado! Às vezes é possível checar as informações e sabemos o quanto houve de interferência. Mas nem sempre isso é possível de ser feito.

### **Até quando podemos "regredir" ? 2 anos de idade ? 1 ano ?**

Sabemos que o processo de mielinização cerebral (mielina é uma substância que "permite que o cérebro funcione") se dá por volta dos 3 meses de vida intra-uterina, de modo que, antes disso, dificilmente podemos falar de registro de memórias!

### **A regressão é comprovada cientificamente?**

A regressão de memória é, na verdade, um aumento da memória que a pessoa hipnotizada pode apresentar. Há pessoa que efetivamente têm um grande avivamento da memória. Nesse sentido, mais do que "regressão", prefiro falar em aumento da memória durante a sessão hipnótica.

[<< Reencarnação existe? | FAQ | Se as pesquisas que sugerem a existência de fenômenos psi são verdadeiras, basta envia-las ao Randi e receber US\\$ 1.000.000. >>](#)

- [Edit](#)
- [Page History](#)
- [Source](#)
- [Attach File](#)
- [Backlinks](#)
- [List Group](#)

*Page last modified on September 17, 2006, at 07:15 AM*

\*

## **SEXTA PARTE**

### **PERFEIÇÃO MORAL E SAÚDE PLENA (MENTE SÃ E CORPO SÃ)**

#### **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**

*ALLAN KARDEC*

#### *CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA*

**(Projeto de José Fleuri Queiroz. Editora Mundo Jurídico.  
2006).**

## SEXTA PARTE

### O LIVRO DOS ESPÍRITOS

*ALLAN KARDEC*

**PERFEIÇÃO MORAL E SAÚDE PLENA**

*(MENTA SÃ E CORPO SÃO)*

#### CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA

**(Projeto de José Fleuri Queiroz. Editora Mundo Jurídico, SP, 2006)**

I – AS VIRTUDES E OS VÍCIOS – (O Livro dos Espíritos: Itens 893 a 906)

Artigo 288 – Todas as virtudes têm o seu mérito, porque todas são indícios de progresso no caminho do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento das más tendências; mas a sublimidade da virtude consiste no sacrifício do interesse pessoal para o bem do próximo, sem segunda intenção. A mais meritória é aquela que se baseia na caridade mais desinteressada.

#### **Prática espontânea do bem**

Artigo 289 – Há pessoas que fazem o bem por um impulso espontâneo, sem que tenham de lutar com nenhum sentimento contrário. São as que já realizaram o progresso: lutaram anteriormente e venceram; é por isso que os bons sentimentos não lhes custam nenhum esforço e suas ações lhes parecem tão fáceis: o bem tornou-se para elas um hábito.

#### **Indício mais característico da imperfeição: interesse pessoal**

Artigo 290 – O indício mais característico da imperfeição é o ‘interesse pessoal’. As qualidades morais são geralmente como a douração de um objeto de cobre, que não resiste à pedra de toque. Um homem pode possuir qualidades reais que o fazem para o mundo um homem de bem; mas essas qualidades, embora representem um progresso, não suportam em geral certas provas, e basta ferir a teca do interesse pessoal para se descobrir o fundo. O verdadeiro desinteresse é de fato tão raro na Terra que se pode admirá-lo como a um fenômeno, quando ele se apresenta. ‘O apego às coisas materiais é um indício notório de inferioridade, pois quanto mais o homem se apega aos bens deste mundo, menos compreende o seu destino. Pelo desinteresse, ao contrário, ele prova que vê o futuro de um ponto de vista mais elevado’.

#### **Prodigalidade irrefletida**

Artigo 291 – As pessoas que prodigalizam os seus haveres sem proveito real, têm o mérito do desinteresse, mas não o do bem que poderiam fazer. Se o desinteresse é uma virtude, a prodigalidade irrefletida é sempre, pelo menos, uma ‘falta de juízo’. A fortuna não é dada a alguns para ser lançada ao vento, como não o é a outros para ser encerrada num cofre. É um depósito de que terão de prestar contas, porque terão de responder por todo o bem que poderiam ter feito e

não o fizeram; por todas as lágrimas que poderiam ter enxugado com o dinheiro dado aos que na verdade não estavam necessitados.

### **Caridade desinteressada e egoísmo**

Artigo 292 – Aquele que faz o bem sem visar a uma recompensa na Terra, mas na esperança de que lhe seja levado em conta na outra vida, e que naquela a sua posição seja melhor, é repreensível, e esse pensamento prejudica o seu adiantamento. Pois, é necessário fazer o bem por caridade, ou seja, com desinteresse. Aquele que faz o bem sem segunda intenção, pelo prazer único de ser agradável a Deus e ao seu próximo, já se encontra num grau de adiantamento que lhe permitirá chegar mais rapidamente à felicidade do que o seu irmão que, mais positivo, faz o bem por cálculo e não pelo impulso do ardor natural do coração.

Assim, aquele que calcula o que lhe pode render cada uma de suas boas ações, na outra vida ou mesmo na vida terrena, procede de maneira egoísta. Mas não há nenhum egoísmo em se melhorar com a intenção de se aproximar de Deus, pois esse é o objetivo que todos devem ter em vista.

### **Conhecimentos científicos que se referem somente às coisas e necessidades materiais**

Artigo 293 – Embora a vida corpórea seja apenas uma efêmera passagem por este mundo, e que o nosso futuro deva ser a nossa principal ocupação, é útil esforçar-nos por adquirir conhecimentos científicos que se referem somente às coisas e necessidades materiais: primeiro, porque isso nos torna capazes de aliviar os nossos irmãos; depois, nosso Espírito se elevará mais depressa se houver progredido intelectualmente. No intervalo das encarnações, aprenderemos em uma hora aquilo que na Terra demandaria anos. Nenhum conhecimento é inútil; todos contribuem mais ou menos para o adiantamento, porque o Espírito perfeito deve saber tudo e, devendo o progresso realizar-se em todos os sentidos, todas as idéias adquiridas ajudam o desenvolvimento do Espírito.

### **Dois ricos esbanjadores**

Artigo 294 – De dois homens ricos, um nasceu na opulência e jamais conheceu a necessidade, o outro deve a sua fortuna ao seu próprio trabalho; e ambos a empregam exclusivamente em sua satisfação pessoal. Entre eles, o mais culpado é aquele que conheceu o sofrimento. Ele sabe o que é sofrer, conhece a dor que não alivia, mas como geralmente acontece, nem se lembra mais dela.

### **Acumular riquezas apenas para os herdeiros**

Artigo 295 – Aquele que acumula sem cessar e sem beneficiar a ninguém, não terá uma desculpa válida ao dizer que ajunta para deixar aos herdeiros. É um compromisso de má consciência.

### **Dois avarentos e dois ideais diferentes**

Artigo 296 – De dois avarentos, o primeiro se priva do necessário e morre de necessidade sobre o seu tesouro; o segundo é avaro só para os demais e pródigo para consigo mesmo; enquanto recua diante do mais ligeiro sacrifício para prestar um serviço ou fazer uma coisa útil, nada lhe parece muito para satisfazer aos seus gostos e às suas paixões. Peçam-lhe um favor, e estará sempre de má

vontade, ocorra-lhe, porém, uma fantasia, e estará sempre pronto a satisfazê-la. O mais culpável deles e que terá o pior lugar no mundo dos Espíritos é aquele que goza. É mais egoísta do que avaro. O outro já recebeu uma parte de sua punição.

### **Cobiçar a riqueza com o desejo de praticar o bem**

Artigo 297 – Não é repreensível cobiçar a riqueza com o desejo de praticar o bem; o sentimento é louvável, sem dúvida, quando puro. Mas esse desejo é sempre bastante desinteressado? Não trará oculta uma segunda intenção pessoal? A primeira pessoa a quem se deseja fazer o bem não será muitas vezes a si próprio?

### **Há culpa em estudar os defeitos alheios?**

Artigo 298 – Há muita culpa em estudar os defeitos alheios se é com o fito de criticar e divulgar, porque isso é faltar com a caridade. Se é com intenção de proveito pessoal, para evitar aqueles defeitos, pode ser útil. Mas não se deve esquecer que a indulgência para com os defeitos alheios é uma das virtudes compreendidas na caridade. Antes de censurar as imperfeições dos outros, vede se não podem fazer o mesmo a vosso respeito. Tratai, pois, de possuir as qualidades contrárias aos defeitos que criticais nos outros. Esse é um meio de vos tornardes superior. Se os censurais por serem avaros, sede generosos; por serem orgulhosos, sede humildes e modestos; por serem duros, sede dóceis; por agirem com mesquinhez, sede grandes em todas as vossas ações. Em uma palavra, fazei de maneira que não vos possam aplicar aquelas palavras de Jesus: “Vedes um argueiro no olho do vizinho e não vedes uma trave no vosso”.

### **É culpado o escritor que sonda os males da sociedade e os desvenda?**

Artigo 299 – É preciso levar em conta o sentimento daquele que sonda os males da sociedade e os desvenda. Se o escritor só quer fazer escândalo, é um prazer pessoal que se proporciona, apresentando quadros que são, em geral, antes um mau do que um bom exemplo, o Espírito faz uma apreciação, mas pode ser punido por essa espécie de prazer que sente em revelar o mal.

Julgar, nesse caso, a pureza das intenções e a sinceridade do escritor, nem sempre é útil. Se ele escreve boas coisas, procure aproveitá-las; se escreve más, é uma questão de consciência que a ele diz respeito. De resto, se ele quer provar a sua sinceridade, cabe-lhe reforçar os preceitos com o seu próprio exemplo.

Parágrafo único – “Moral sem ações”- Alguns autores publicaram obras muito belas e moralmente elevadas, que ajudam o progresso da Humanidade, mas das quais eles mesmos não tiraram proveito. Como Espíritos, não lhes será levado em conta o bem que fizeram por meio de suas obras. A “moral sem ações” é como a semente sem o trabalho. De que vos serve a semente se não a fizerdes frutificar para vos alimentar? Esses homens são mais culpáveis porque tinham inteligência para compreender; não praticando as máximas que ofereciam aos outros, renunciaram a colher os seus frutos.

### **Auto-reconhecimento do bem que se faz**

Artigo 300 – Aquele que, fazendo conscientemente o bem e reconhecendo que o faz, não pode ser responsabilizado por reconhecer que triunfou das más



tendências e por estar satisfeito por isso, desde que não se envaideça, com o que cairia em outra falta. Desde que pode ter consciência do mal que fizer, deve tê-la igualmente do bem, a fim de saber se age bem ou mal. É pesando todas as suas ações na balança da lei de Deus e, sobretudo, na da lei da justiça, do amor e da caridade, que ele poderá dizer a si mesmo se as suas ações são boas ou más e aprová-las ou desaprová-las. (Ver item 919 de O Livro dos Espíritos).

## II – DAS PAIXÕES – (Itens 907 a 912 de O Livro dos Espíritos)

### **Uso e Abuso das Paixões: Limites de sua utilidade**

Artigo 301 – O princípio das paixões, sendo natural, não é mau em si mesmo. A paixão está no excesso provocado pela vontade, pois o princípio foi dado ao homem para o bem e as paixões podem conduzi-lo a grandes coisas. O abuso a que ele se entrega é que é a causa do mal. As paixões são como um cavalo que é útil quando governado e perigoso quando governa. Uma paixão se torna perniciosa ao homem no momento em que ele se deixa governar por ela e quando resulta num prejuízo qualquer para ele ou para seu semelhante.

#### **301.1 – “As paixões e os desígnios da Providência” - Comentário de Kardec no item 908 de O Livro dos Espíritos:**

As paixões são alavancas que decuplicam as forças do homem e o ajudam a cumprir os desígnios da Providência. Mas, se em vez de as dirigir, o homem se deixa dirigir por elas, cai no excesso e a própria força, que em suas mãos poderia fazer o bem, recai sobre ele e o esmaga.

Todas as paixões têm seu princípio num sentimento ou necessidade da Natureza. O princípio das paixões não é, portanto, um mal, pois repousa sobre uma das condições providenciais de nossa existência. A paixão, propriamente dita, é o exagero de uma necessidade ou de um sentimento; está no excesso e não na causa; e esse excesso se torna mau quando tem por consequência algum mal.

Toda paixão que aproxima o homem da Natureza animal o afasta da Natureza espiritual.

Todo sentimento que eleva o homem acima da Natureza animal anuncia o predomínio do Espírito sobre a matéria e o aproxima da ‘perfeição’.

#### **A “força de vontade” e a vitória sobre as paixões**

Artigo 302 – O homem poderia sempre vencer as suas más tendências pelos seus próprios esforços e, às vezes, com pouco esforço; o que lhe falta é a vontade. Ah, como são poucos os que se esforçam! E, se orarem a Deus e ao seu bom gênio com sinceridade, os bons Espíritos virão certamente em seu auxílio, fortalecer-lhe a vontade, porque essa é a sua missão. (Ver item 459 de O Livro dos Espíritos).

#### **Paixões irresistíveis**

Artigo 303 – Não existem paixões de tal maneira vivas e irresistíveis que a vontade seja impotente para as superar. Há muitas pessoas que dizem: “Eu quero!”, mas a vontade está somente em seus lábios. Elas querem, mas estão muito satisfeitas de que assim não seja. Quando o homem julga que não pode superar suas paixões, é que o seu Espírito nelas se compraz, como consequência de sua

própria inferioridade. ‘Aquele que procura reprimi-las, compreende a sua natureza espiritual; vencê-las é para ele um triunfo do Espírito sobre a matéria. E o meio mais eficaz de se combater a predominância da natureza corpórea é praticar a abnegação (renúncia)’.

### III – DO EGOÍSMO (Itens 913 a 917 de O Livro dos Espíritos)

#### **Perfeição moral e egoísmo (verdadeira chaga da sociedade)**

Artigo 304 – Entre os vícios, o que podemos considerar radical é o egoísmo. Dele deriva todo o mal. Estudando todos os vícios veremos que no fundo de todos existe egoísmo. Por mais que lutemos contra eles não chegaremos a extirpá-los enquanto não os atacarmos pela raiz, enquanto não houvermos destruído a causa. Que todos os nossos esforços tendam para esse fim, porque nele se encontra a verdadeira chaga da sociedade. Quem nesta vida quiser se aproximar da perfeição moral deve extirpar do seu coração todo sentimento de egoísmo, porque é incompatível com a justiça, o amor e a caridade: ele neutraliza todas as outras qualidades.

#### **O egoísmo e a educação**

Artigo 305 – Estando o egoísmo fundado no interesse pessoal, parece difícil extirpá-lo inteiramente do coração do homem. Chegaremos a isso, entretanto, à medida que os homens se esclareçam sobre as coisas espirituais, dando menos valor às materiais; em seguida, é necessário reformar as instituições humanas, que o entretêm e excitam. Isso depende da educação.

#### **O egoísmo e as reencarnações dos Espíritos**

Artigo 306 – Sendo o egoísmo inerente à espécie humana, não será um obstáculo permanente ao reino do “bem absoluto” sobre a Terra?

- É certo que o egoísmo é o vosso mal maior, mas ele se liga à inferioridade dos Espíritos encarnados na Terra e não à Humanidade em si mesma. Ora, os Espíritos se purificam nas encarnações sucessivas, perdendo o egoísmo assim como perdem as outras impurezas. Não tendes na Terra algum homem destituído de egoísmo e praticante da caridade? Existem em maior número do que julgais, mas conheceis poucos, porque a virtude não se procura fazer notar. E se há um, porque não haverá dez? Se há dez, por que não haverá mil, e assim por diante?

#### **O egoísmo e seu crescimento: necessidade urgente de destruí-lo**

Artigo 307 – O egoísmo, longe de diminuir, cresce com a civilização, que parece excitá-lo e entretê-lo. Como poderá a causa destruir o efeito?

- Quanto maior é o mal, mais horrível se torna. Era necessário que o egoísmo produzisse muito mal para fazer compreender a necessidade de sua extirpação. Quando os homens se tiverem despidido do egoísmo que os domina, viverão como irmãos, não se fazendo o mal, e se ajudarão reciprocamente pelo sentimento fraterno de ‘solidariedade’. Então, o forte será o apoio e não o opressor do fraco e não mais se verão homens desprovidos do necessário, porque todos praticarão a lei da justiça. Esse é o reino do bem que os Espíritos estão encarregados de preparar. (Ver item 784 de O Livro dos Espíritos).

#### **Meios de destruir o egoísmo**

Artigo 308 – De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de desenraizar é o egoísmo, porque se liga à influência da matéria, da qual o homem, ‘ainda muito próximo da sua origem’, não pôde libertar-se. Tudo concorre para entreter essa influência; suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material e, sobretudo, com a compreensão que o Espiritismo vos dá quanto ao vosso estado futuro ‘real’ e não desfigurado pelas ficções alegóricas (céu, inferno etc.). O Espiritismo bem compreendido, quando estiver identificado com os costumes e as crenças, transformará os hábitos, as usanças e as relações sociais. ‘O egoísmo se funda na importância da personalidade (orgulho); ora, o Espiritismo bem compreendido, repetido-o, faz ver as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece de alguma forma perante a imensidade. Ao destruir essa importância, ou pelo menos ao fazer ver a personalidade naquilo que de fato ela é, ele combate necessariamente o egoísmo’.

É o contato que o homem experimenta do egoísmo dos outros que o torna geralmente egoísta, porque sente a necessidade de se pôr na defensiva. Vendo que os outros pensam em si mesmos e não nele, é levado a ocupar-se de si mesmo mais que dos outros. Que o princípio da caridade e da fraternidade seja a base das instituições sociais, das relações legais de povo para povo e de homem para homem, e este pensará menos em si mesmo quando vir que os outros o fazem; ‘sofrerá, assim, a influência moralizadora do exemplo e do contato’. Em face do atual desdobramento do egoísmo, é necessária uma verdadeira virtude para abdicar da própria personalidade em proveito dos outros, que em geral não o reconhecem. É a esses, sobretudo, que possuem essa virtude, que está aberto o reino dos céus; a eles, sobretudo, está reservada a felicidade dos eleitos, pois em verdade vos digo que no dia do juízo, quem quer que não tenha pensado senão em si mesmo será posto de lado e sofrerá no abandono. (Ver item 785 de O Livro dos Espíritos – o orgulho e o egoísmo).

### **308.1 – “O Egoísmo e a Educação Moral” - Comentário de Kardec no item 917 de O Livro dos Espíritos:**

Louváveis esforços são feitos, sem dúvida, para ajudar a Humanidade a avançar; encorajam-se, estimulam-se, honram-se os bons sentimentos, hoje mais do que em qualquer outra época, e, não obstante, o verme devorador do egoísmo continua a ser a praga social. É um verdadeiro mal que se espalha por todo o mundo e do qual cada um é mais ou menos vítima. É necessário combatê-lo, portanto, como se combate uma epidemia. Para isso, deve-se proceder à maneira dos médicos: remontar à causa. Que se pesquisem em toda a estrutura da organização social, desde a família até aos povos, da choupana ao palácio, todas as causas, as influências patentes ou ocultas que excitam, entretêm e desenvolvem o sentimento do egoísmo. Uma vez conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo; só restará então combatê-las, senão a todas ao mesmo tempo, pelo menos por parte, e pouco a pouco o veneno será extirpado. A cura poderá ser prolongada porque as causas são numerosas, mas não se chegará a esse ponto se não se atacar o mal pela raiz, ou seja, com a EDUCAÇÃO. Não essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas a que tende a fazer HOMENS DE BEM. A educação se for bem compreendida, será a CHAVE DO PROGRESSO MORAL. Quando se conhecer a ARTE DE MANEJAR OS CARACTERES (caráter, moral) como

se conhece a de manejar as inteligências, poder-se-á endireitá-los, da mesma maneira como se endireitam as plantas novas. Essa arte, porém, requer MUITO TATO, MUITA EXPERIÊNCIA E UMA PROFUNDA OBSERVAÇÃO. É um grave erro acreditar que basta ter a ciência para aplicá-la de maneira proveitosa. Quem quer que observe, desde o instante do seu nascimento, o filho do rico e do pobre, notando todas as influências perniciosas que agem sobre eles em consequência da fraqueza, da incúria (negligência, desmazelo) e da ignorância dos que os dirigem, e como em geral os meios empregados para MORALIZAR fracassam, não pode admirar-se de encontrar no mundo tanta confusão. **Que se faça pela moral tanto quanto se faz pela inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, há também, em maior número do que se pensa, as que requerem apenas boa cultura para darem bons frutos. (Ver item 872 de O Livro dos Espíritos).**

O homem quer ser feliz e esse sentimento está na sua própria natureza; eis por que ele trabalha sem cessar para melhorar a sua situação na Terra e procura as causas de seus males para os remediar. Quando compreender bem que o egoísmo é uma dessas causas, aquela que engendra o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme, dos quais a todo momento ele é vítima, que leva a perturbação a todas as relações sociais, provoca as dissensões, destrói a confiança, obrigando-o a se manter constantemente numa atitude de defesa em face ao seu vizinho, e que, enfim, do amigo faz um inimigo, então ele compreenderá também que esse vício é incompatível com a sua própria segurança. Dessa maneira, quanto mais sofrer, mais sentirá a necessidade de o combater, como combate a peste, os animais daninhos e todos os outros flagelos. A isso será solicitado pelo seu próprio interesse. (Ver item 784 de O Livro dos Espíritos).

O EGOÍSMO É A FONTE DE TODOS OS VÍCIOS, COMO A CARIDADE É A FONTE DE TODAS AS VIRTUDES. Destruir um e desenvolver a outra deve ser o alvo de todos os esforços do homem, se ele deseja assegurar a sua felicidade neste mundo tanto quanto no futuro.

\*

IV – “EGOÍSMO E ORGULHO”: ‘Causas, Efeitos e Meios de Destruí-los’ – (Vide Livro ‘Obras Póstumas’ de Allan Kardec, Ed. Lake, 11<sup>a</sup> ed. 1995. Tradução de João Teixeira de Paula. Introdução de José Herculano Pires.)

### **O Egoísmo tem origem no Orgulho**

Artigo 309 – É fato reconhecido que a maior parte das misérias da vida provém do egoísmo dos homens. Desde que cada um só pensa em si, sem pensar nos outros, e, ainda, só quer a satisfação dos próprios desejos, é natural que a procure a todo preço, sacrificando, embora, os interesses de outrem, quer nas pequenas, quer nas maiores coisas, tanto na ordem moral, como na material. Daí, todo o antagonismo social, todas as lutas, conflitos e misérias, visto como cada um quer pôr o pé adiante dos outros.

O egoísmo tem origem no orgulho. A supremacia (supervalorização) da própria individualidade arrasta o homem a considerar-se acima dos demais. Julgando-se com ‘direitos preferenciais’, molesta-se por tudo o que, em seu enten-

der, o prejudica. A importância que, por orgulho, atribui à sua pessoa, naturalmente o torna egoísta.

### **O Egoísmo e o Orgulho têm origem no Instinto de Conservação**

Artigo 310 – O egoísmo e o orgulho têm origem num sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm razão de ser e utilidade, pois que Deus não faz coisa inútil. Deus não criou o mal; é o homem que o produz por abuso dos dons divinos, em virtude do livre-arbítrio.

Este sentimento (instinto de conservação) contido em justos limites é bom em si; a sua exageração é que o torna mau e pernicioso. O mesmo acontece às paixões, que o homem desvia do seu fim providencial. Deus não criou o homem egoísta e orgulhoso, mas simples e ignorante; foi o homem que, ao malversar o instinto, que Deus lhe deu para a própria conservação, se tornou egoísta e orgulhoso.

### **Egoísmo e Orgulho: obstáculos à paz, fraternidade, liberdade e igualdade**

Artigo 311 – Os homens não podem ser felizes enquanto não viverem em paz, isto é, enquanto não forem animados pelos sentimentos de benevolência, indulgência e condescendência recíprocas e enquanto procurarem esmagar uns aos outros. ‘A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e deveres sociais, mas reclamam abnegação’. Ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e com o orgulho; logo, com estes vícios não pode haver verdadeira fraternidade, e, em consequência, igualdade e liberdade; porque o egoísta e o orgulhoso tudo querem para si. Serão sempre eles os vermes roedores de todas as instituições progressistas, e, enquanto reinarem, os mais generosos sistemas sociais, os mais sabiamente combinados, cairão aos golpes deles.

Faz gosto ver proclamar-se o reino da fraternidade, mas para que fazê-lo, se uma causa destrutiva existe? É construir na areia; o mesmo fora decretar a saúde numa região malsã. Em tal região, para que os homens passem bem, não bastará se mandem médicos, pois que estes morrerão como os outros. Insta destruir as causas da insalubridade.

Se quisesdes que os homens vivam como irmãos, na Terra, não basta dar-lhes lições de moral; é preciso destruir a causa do antagonismo existente e atacar a origem do mal: o orgulho e o egoísmo. É aquela a chaga que deve merecer toda a atenção daqueles que desejem seriamente o bem da humanidade. Enquanto subsistir aquele obstáculo, estarão paralisados os seus esforços, não só por uma resistência de inércia, como, também, por uma força ativa que trabalhará incessantemente para destruir a obra que empreendam; porque toda idéia grande, generosa e emancipadora, arruína as pretensões pessoais.

### **Meios de destruir o egoísmo e o orgulho: “*identificação do homem com a vida futura*”**

Artigo 312 – Destruir o egoísmo e o orgulho é impossível, dir-se-á, porque esses vícios são inerentes à espécie humana. Se assim fosse, impossível seria o progresso moral; entretanto, quando consideramos o homem em diversas épocas, reconhecemos, à evidência, um progresso incontestável. Logo, se temos sempre

progredido, em progresso continuaremos. Por outro lado, não haverá algum homem limpo de orgulho e de egoísmo? Não há exemplos de uma pessoa dotada de natureza generosa, em quem o sentimento do amor ao próximo, da humildade, do devotamento e da abnegação, parece inato? O número é inferior ao dos egoístas, bem o sabemos, e se assim não fosse, estes não fariam a lei; mas não é tão reduzido, como pensam, e se parece menor é porque a virtude, sempre modesta, se oculta na sombra, ao passo que o orgulho se põe em evidência. Se, pois, o egoísmo e o orgulho fossem condições de vida, como a nutrição, então, sim, não haveria exceção.

O essencial, portanto, é fazer que a exceção passe a ser regra e, para isso, incumbe destruir as causas produtoras do mal. **A principal é, evidentemente, a falsa idéia, que faz o homem da sua natureza, do seu passado e do seu futuro. Não sabe donde vem, julga-se mais do que é; não sabendo para onde vai, concentra todos os pensamentos na vida terrestre. Deseja viver o mais agradavelmente, procurando a realização de todas as satisfações, de todos os gozos. É por isso que investe contra o vizinho, se este lhe opõe obstáculo; então entende dever dominar, porque a igualdade daria aos outros o direito que ele quer só para si, a fraternidade lhe imporá sacrifícios em detrimento do próprio bem-estar, e a liberdade, deseja-a só para si, não concedendo a outrem, senão a que não fira as suas prerrogativas. Se todos têm essas pretensões, hão de surgir perpétuos conflitos, que farão comprar bem caro o pouco gozo, que conseguem fruir.**

Identifique-se o homem com a vida futura e a sua perspectiva mudará inteiramente, como acontece a quem sabe que pouco tempo deve estar em ruim pouso e que, dele saindo, alcançará um excelente para o resto da vida.

A importância da presente vida, tão triste, tão curta e efêmera, desaparece diante do esplendor da vida futura infinita, que se abre à frente. A consequência natural e lógica desta certeza é o sacrifício voluntário do presente fugidio a um futuro sem fim, ao passo que, antes tudo era sacrificado ao presente. Desde que a vida futura se torna o fim, que importa gozar mais ou menos nesta? Os interesses mundanos são acessórios, em vez de principais. Trabalha-se no presente a fim de assegurar-se uma boa posição no futuro, sabendo quais as condições para alcançá-la. Em matéria de interesses mundanos, podem os homens opor obstáculos que ocasionem a necessidade de combatê-los, o que gera o egoísmo. Se, porém, erguerem os olhos para onde a felicidade não pode ser perturbada por ninguém, nenhum interesse se lhe deparará em oprimir a quem quer que seja e, conseguintemente, não haverá razão de ser para o egoísmo, embora subsista o estimulante do orgulho.

**Crença em Deus, na preexistência da alma, na reencarnação e na vida futura são os principais requisitos para destruir o orgulho.**

Artigo 313 – A causa do orgulho está na crença que o homem tem, da sua superioridade individual, e aqui se faz ainda sentir a influência da concentração do pensamento nas coisas da vida terrestre. O sentimento de personalidade arrasta o homem que nada vê diante de si, atrás de si ou acima de si; então o seu orgulho não conhece medidas.

A incredulidade, além de não ter meio para combater o orgulho, estimula-o e dá-lhe razão, pelo fato de negar a existência de um poder superior à humanidade. O incrédulo só crê em si; é, portanto, natural que tenha orgulho, não vendo nos contratempos que se lhe oferecem senão obra do acaso; ao passo que o crente vê a mão do Senhor naqueles contratempos e curva-se submisso, enquanto o outro se revolta.

Crer em Deus e na vida futura é, pois, a principal condição para quebrar o orgulho; mas não é a única. Conjuntamente com o futuro, é preciso ter em vista o passado, para poder fazer justa idéia do presente. ‘Para que o orgulhoso cesse de crer em sua superioridade, é preciso provar-lhe que ele não é mais que os outros e que todos lhe são iguais, que a igualdade é um fato e não uma teoria filosófica. São verdades que derivam da preexistência da alma e da reencarnação’.

Sem a preexistência da alma, o homem, que crê em Deus, é levado a acreditar que Deus lhe conferiu vantagens excepcionais; e o que não crê em Deus rende graças ao acaso e ao seu próprio mérito. A preexistência, dando-lhe a noção da vida anterior da alma, ensina-o a distinguir a vida espiritual, infinita, da vida corporal, temporária. Ele chega por aí a compreender que as almas saem iguais das mãos do Criador, têm o mesmo ponto de partida e o mesmo fim – a perfeição –, que todos atingirão em mais ou menos tempo, segundo os esforços empregados; que ele próprio não chegou ao ponto em que se acha senão depois de ter longa e penosamente vegetado, como os outros, nos planos inferiores; que não há entre os mais e os menos adiantados senão questão de tempo; que as vantagens do nascimento são puramente corporais e não afetam o Espírito; que o proletário pode, noutra existência, nascer em um trono e o mais poderoso vir como proletário.

### **O orgulho, as desigualdades sociais e as vidas sucessivas (reencarnação)**

Artigo 314 – Se o homem não considerar senão a vida corporal, vê as desigualdades sociais e não as pode explicar; mas se lançar a vista para o prolongamento da vida espiritual, para o passado e o futuro, desde o ponto de partida até o terminal, todas aquelas desigualdades se lhe desfazem perante os olhos e reconhecerá que Deus não deu a nenhum de seus filhos vantagens que negasse a outros; que fez a partilha com a mais rigorosa igualdade, não preparando o caminho melhor para uns do que para outros; que o mais atrasado de hoje, dedicando-se à obra do seu aperfeiçoamento, pode ser amanhã mais adiantado; enfim, reconhece que, não se elevando ninguém a não ser pelos esforços pessoais, ‘o princípio da igualdade tem o caráter de um princípio de justiça e de lei natural’, diante das quais não prevalece o orgulho dos privilégios.

A reencarnação, provando que os Espíritos podem renascer em diferentes condições sociais, quer como expiação, quer como prova, faz-nos saber que muitas vezes tratamos desdenhosamente uma pessoa que foi, noutra existência, nosso superior ou igual, amigo ou parente. Se soubéssemos disso, tratá-lo-íamos com atenção, mas neste caso não haveria nenhum mérito; e, se soubéssemos que o amigo de hoje fora antes um inimigo, um servo, um ‘escravo’, não o repeliríamos? Deus não quis que fosse assim, e por isso lançou um véu sobre o passado para que em todos víssemos irmãos e iguais, como é mister para estabelecer-se a ‘fraternidade’; sabendo que podemos ser tratados como houvermos tratado os outros, fir-

maremos o princípio de ‘caridade como dever e necessidade, fundados nas leis da natureza’.

### **Caridade, igualdade, fraternidade são leis naturais, como prova o Espiritismo**

Artigo 315 – Jesus assentou o princípio da caridade, da igualdade e da fraternidade, fazendo dele uma condição expressa para a salvação; mas, estava reservado à terceira manifestação da vontade de Deus, ao Espiritismo, pelo conhecimento que faculta da vida espiritual, pelos novos horizontes que desvenda e pelas leis que revela, sancionar esse princípio, provando que ele não encerra uma simples doutrina moral, mas uma ‘lei da Natureza’ que o homem tem o máximo interesse em praticar. Ora, ele a praticará desde que, deixando de encarar o presente como o começo e o fim, compreenda a solidariedade que existe entre o presente, o passado e o futuro. No campo imenso do infinito, que o Espiritismo lhe faz entrever, anula-se a sua importância capital e ele percebe que, por si só, nada vale e nada é; que todos têm necessidade uns dos outros e que uns não são mais do que os outros: ‘duplo golpe, no seu egoísmo e no seu orgulho’.

### **A Fé Cega e a Fé Raciocinada**

Artigo 316 – Para a realização do que foi dito no artigo anterior, porém, é preciso que os homens tenham fé, sem a qual ficarão detidos dentro do círculo do presente, mas não a fé cega, que foge da luz, que acanha as idéias e, portanto, alimenta o egoísmo, ‘mas sim a fé inteligente, racional’, que pede a luz e não as trevas, que rasga, ousadamente, o véu dos mistérios e alarga os horizontes. Essa fé, elemento essencial de todo progresso, é a que o Espiritismo proclama: fé robusta, porque se firma na experiência e nos fatos, dá as provas palpáveis da imortalidade da alma e nos ensina donde ela vem, para onde vai e porque está na Terra e, finalmente, fixa as nossas idéias a respeito do futuro.

Uma vez encaminhados por esta larga via, não daremos mais ao orgulho e ao egoísmo o pasto, que os alimenta, resultando daí o seu aniquilamento progressivo e a modificação de todos os laços sociais pela caridade e pela fraternidade bem compreendidas.

Pode dar-se essa modificação bruscamente? Não, isso é impossível, pois nada vai de um salto em a natureza; a saúde não volta subitamente; e, entre a moléstia e a cura, há sempre a convalescença. O homem não pode, instantaneamente, mudar de sentimentos e elevar os olhos da terra ao céu; o infinito deslumbra-o e confunde-o; precisa de tempo para assimilar as novas idéias.

### **Espiritismo: elemento mais potente de moralização**

Artigo 317 – O Espiritismo é, sem contestação, o elemento mais potente de moralização, porque mina pela base o egoísmo e o orgulho, dando sólido fundamento à moral; faz milagres de conversão. Não são ainda, é certo, senão curas individuais, e, quase sempre, parciais; mas o que ele produz nos indivíduos é prenúncio do que produzirá um dia nas massas populares. Não pode, de uma vez, arrancar toda a erva daninha; mas dá a fé, que é boa semente e que não precisa senão de tempo para germinar e frutificar. Eis porque ainda não são todos perfeitos. Ele encontrou o homem no meio da vida, no ardor das paixões, na força dos preconceitos, e se em tais condições tem operado prodígios, como não operará quan-



do o tomar no berço, virgem de todas as impressões malélicas, quando lhe der, com o leite, a caridade, e o acalantar com a fraternidade, quando, enfim, uma geração inteira vier alimentada por idéias que a razão fortificará em vez de debilitar? ‘Sob o império dessas idéias, que serão mandamentos de fé racional para todos’, o progresso, limpando a estrada de egoísmo e orgulho, penetrará nas instituições que se reformarão a si mesmas, e a humanidade caminhará rapidamente para os destinos que lhe estão prometidos na Terra, enquanto não chega a hora de alcançar os do céu.

V – CARACTERES DO HOMEM DE BEM (Item 918 de O Livro dos Espíritos)

**O verdadeiro homem de bem é o que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade na sua mais completa pureza**

Artigo 318 – O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos da sua vida corpórea constituem a prática da lei de Deus e quando compreende por antecipação a vida espiritual.

**318. 1 – “O verdadeiro homem de bem” – Comentário de Kardec no item 918 de O Livro dos Espíritos:**

O verdadeiro homem de bem é aquele que pratica a ‘lei de justiça, de amor e de caridade’ na sua mais completa pureza. Se interroga sua consciência sobre os atos praticados, perguntará se não violou essa lei, se não cometeu nenhum mal, se fez todo o bem ‘que podia’, se ninguém teve de se queixar dele; enfim, se fez para os outros tudo o que gostaria que os outros lhe fizessem.

O homem possuído pelo sentimento de caridade e de amor ao próximo faz o bem pelo bem, sem esperança de recompensa, e sacrifica o seu interesse pela justiça.

Ele é bom, humano e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem exceção de raças ou de crenças.

Se Deus lhe deu o poder e a riqueza, olha essas coisas como ‘um depósito’ do qual deve usar para o bem, e disso não se envaidece porque sabe que Deus, que lhas deu, também poderá retirá-las.

Se a ordem social colocou homens sob a sua dependência, trata-os com bondade e benevolência porque são seus iguais perante Deus; usa de sua autoridade para lhes erguer a moral e não para os esmagar com o seu orgulho.

É indulgente para com as fraquezas dos outros, porque sabe que ele mesmo tem necessidade de indulgência e se recorda destas palavras do Cristo: “Que aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra”.

Não é vingativo; a exemplo de Jesus, perdoa as ofensas para não se lembrar senão dos benefícios, porque sabe ‘que lhe será perdoado assim como tiver perdoado’.

Respeita, enfim, nos seus semelhantes, todos os direitos decorrentes da ‘lei natural’, como desejaria que respeitassem os seus.

VI – CONHECIMENTO DE SI MESMO – (Itens 919 e 919-a)

### **Meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal**

Artigo 319 – Qual o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal?

- Um sábio da Antigüidade vos disse: “Conhece-te a ti mesmo”.

- A dificuldade está precisamente em se conhecer a si próprio. Qual o meio de se chegar a isso?

#### **319.1 – “Conhecimento de si mesmo: meio de se chegar a ele” - Explicação do Espírito Santo Agostinho, no item 919-a de O Livro dos Espíritos:**

Fazei o que eu fazia quando vivi na Terra: no fim de cada dia interrogava a minha consciência, passava em revista o que havia feito e perguntava a mim mesmo se não tinha faltado ao cumprimento de algum dever, se ninguém teria motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e ver o que em mim necessitava de reforma. Aquele que todas as noites lembrar-se de todas as suas ações do dia, e se perguntar o que fez de bem ou de mal, pedindo a Deus e ao seu anjo guardião que o esclareçam, adquirirá uma grande força para se aperfeiçoar, porque, acreditai-me, Deus o assistirá. Formulai, portanto, as vossas perguntas, indagai o que fizestes e com que fito agistes em determinada circunstância, se fizestes alguma coisa que censuráreis nos outros, se praticastes uma ação que não ousáreis confessar. Perguntai ainda isto: Se aprovesse a Deus chamar-me neste momento, ao entrar no mundo dos Espíritos, onde nada é oculto, teria eu de temer o olhar de alguém? Examinai o que pudésseis ter feito contra Deus, depois contra o próximo e, por fim, contra vós mesmos. As respostas serão motivo de repouso para vossa consciência ou indicarão um mal que deve ser curado.

#### **Como julgar a si mesmo?**

O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do melhoramento individual. Mas, direis, como julgar a si mesmo? Não se terá a ilusão do amor-próprio, que atenua as faltas e as torna desculpáveis? O avaro se julga simplesmente econômico e previdente, o orgulhoso se considera tão somente cheio de dignidade. Tudo isso é muito certo, mas tendes um meio de controle que não vos pode enganar. ‘Quando estiverdes indecisos quanto ao valor de uma de vossas ações, pergunteis como a qualificáreis se tivesse sido praticada por outra pessoa’. Se a censurardes em outros, ela não poderia ser mais legítima para vós, porque Deus não usa de duas medidas para a justiça. Procurai, também, saber o que pensam os outros e não negligencieis a opinião dos vossos inimigos, porque eles não têm nenhum interesse em disfarçar a verdade e, geralmente, Deus os colocou ao vosso lado como um espelho, para vos advertirem com mais franqueza do que o faria um amigo. Que aquele que tem a verdadeira vontade de se melhorar explore, portanto, a sua consciência, a fim de arrancar dali as más tendências como arranca as ervas daninhas do seu jardim; que faça o balanço da sua jornada moral como o negociante o faz dos seus lucros e perdas, e eu vos asseguro que o primeiro será mais proveitoso que o outro. Se ele puder dizer que a sua jornada foi boa, pode dormir em paz e esperar sem temor o despertar na outra vida.

#### **Consagrar alguns minutos diários à conquista da felicidade eterna**

Formulai, portanto, perguntas claras e precisas e não temais multiplicá-las; pode-se muito bem consagrar alguns minutos à conquista da felicidade eterna. Não trabalhais todos os dias para ajuntar o que vos dê repouso na velhice? Esse repouso não é objeto de todos os vossos desejos, o alvo que vos faz sofrer as fadigas e as privações passageiras? Pois bem: o que é esse repouso de alguns dias, perturbado pelas enfermidades do corpo, ao lado daquilo que aguarda o homem de bem? Isto não vale a pena de alguns esforços? Sei que muitos dizem que o presente é positivo e o futuro incerto. Ora, aí está, precisamente, o pensamento que fomos encarregados de destruir em vossas mentes, ‘pois desejamos fazer-vos compreender esse futuro de maneira a que nenhuma dúvida possa restar em vossa alma’. Foi por isso que chamamos primeiro a vossa atenção por meio de fenômenos capazes de ferir-vos os sentidos, ‘e depois vos demos instruções que cada um de vós tem o dever de difundir. Foi com esse propósito que ditamos O Livro dos Espíritos’.

**319.2 – “Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas” - Comentário de Kardec no item 919-a de O Livro dos Espíritos:**

Muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas. Se, com efeito, seguindo o conselho de Santo Agostinho, interrogássemos mais frequentemente a nossa consciência, veríamos quantas vezes falimos sem disso nos apercebermos, por não perscrutarmos a natureza e o móvel dos nossos atos. A forma interrogativa tem alguma coisa de mais preciso do que uma máxima que, em geral, não aplicamos a nós mesmos. Ela exige respostas categóricas, por um sim ou um não, que não deixam lugar a alternativas; respostas que são outros tantos argumentos pessoais, pela soma das quais podemos computar a soma do bem e do mal que existe em nós.

## APÊNDICE

### I

#### O VAMPIRISMO

##### J. HERCULANO PIRES

**Livro: Mediunidade (Vida e Comunicação). Ed. Edicel. 3ª. Ed. 1980.**

##### Considerações gerais

A obsessão é uma infestação da alma, semelhante à infecção do corpo carnal, produzida por vírus e bactérias. A alma é o espírito enquanto encarnado. Morto o corpo, a alma se liberta e reassume a sua condição livre de espírito. Dessa maneira, no Espiritismo não existe a chamada *alma do outro mundo*. O espírito encarnado torna-se alma de um corpo. Dizia o Padre Vieira, nos seus sermões: “Quereis ver o que é a alma? Olhai um corpo sem alma”. Tinha razão o grande pregador. Sai a alma do corpo e só temos o cadáver. Mas enquanto se acha no corpo, encarnada, a alma está sujeita à infestação produzida por espíritos inferiores. O Dr. Karl Wikland abriu em Nova York, há mais de trinta anos, uma clínica especial para obsessões. Sua esposa era médium e lhe servia ao mesmo tempo de enfermeira e pneumoscópio. Observava os clientes pela vidência e dava o diagnóstico ao marido. O Dr. Wikland publicou um livro curioso, intitulado *30 anos entre os Mortos*, no qual relatou os casos surpreendentes da sua clínica. Todos sofriam de infestação, ou seja, de vários tipos de obsessão por espíritos.

Kardec classificou a obsessão em três categorias: obsessão simples, subjugação e fascinação. O primeiro tipo se caracteriza por perturbações mentais e alterações de comportamento, sem muita gravidade. O segundo, pelo domínio do corpo, produzindo-lhe os chamados tiques nervosos e sujeitando-o a atitudes ridículas em público. O terceiro consiste no domínio hipnótico de corpo e alma, através de um processo de fascinação que deforma a personalidade. É uma escala simples, como Kardec gostava de fazer para não complicar as coisas. O importante, para Kardec, não era dar nome aos fatos, mas encontrar o meio de resolvê-los.

Nos relatos publicados na *Revista Espírita* Kardec nos oferece uma visão assustadora dos processos obsessivos no seu tempo, há mais de um século. O Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, médico e senador do Império, e posteriormente o Dr. Inácio Ferreira, diretor clínico do Hospital Espírita de Uberaba, publicaram importantes trabalhos sobre os processos obsessivos no Brasil. Essas obras são: *A Loucura sob Novo Prisma*, de Bezerra, e *Novos Rumos à Medicina*, de Inácio Ferreira. Infelizmente, o nosso meio médico-espírita não foi muito além disso. O crescimento assustador dos casos de obsessão fez surgir, só no Estado de São Paulo, mais de trinta Hospitais Psiquiátricos Espíritas, hoje reunidos numa Federação e mais de vinte nos demais Estados. Mas ainda não temos uma Psiquiatria Espírita cientificamente estruturada. A massa das ocorrências obsessivas continua sobrecarregando os Centros e Grupos Espíritas, nos quais colaboram alguns médicos abnegados.

A Medicina oficial se mostra hostil e aproveita-se dos organismos estatais para fazer pressão contra as práticas mediúnicas, chegando ao cúmulo de proibir trabalhos de desobsessão nos próprios hospitais espíritas. O desenvolvimento da

Parapsicologia, que poderia contribuir para dar um pouco de claridade a esse quadro sombrio, foi tumultuado entre nós pela baderna sectária de padres gananciosos e ignorantes, que conseguiram desinteressar as áreas universitárias, temerosas de tratar do assunto. Um médico e intelectual paulista de renome chegou a publicar artigos contra a criação de hospitais espíritas, batendo na ilha tecla reacionária da sua pianola de superstições. Afirmou, com toda a sua sapiência, que os espíritas fabricam loucos e depois, levados pela dor de consciência, fundam hospitais para loucos. Não podia compreender que os hospitais espíritas são frutos do abandono em que se encontra a imensa massa de obsedados, entregues à violenta terapêutica de tóxicos e choques elétricos. Na maioria absoluta estão entregues a si mesmos, aos Centros Espíritas perseguidos e sem recursos, e aos delírios dos consultórios psiquiátricos materialistas.

Nesse panorama desolador, proliferam os terreiros do sincretismo, com suas defumações à pólvora, seus exorcismos leigos e sua terapêutica de herbanários, apoiada nos ritos selvagens do sangue de galinhas pretas e gatos pretos. Pelo menos em defesa desses animais inocentes, é necessário que o nosso meio espírita reaja, pondo um pouco de lado os inócuos processos de uma *reforma íntima* artificial e ilusória, para lutar contra a falta absoluta de assistência terapêutica adequada aos casos de obsessão. O que vai por aí de clínicas parapsicológicas papanotas ameaça-nos de um dilúvio de charlatanice. São os espíritas, que conhecem de perto essa situação e as suas ameaças, os que devem esquecer um pouco os seus piedosos anseios de santificação individual, para lutar corajosamente em favor dos obsedados diariamente lançados às feras.

### **Vampirismo**

No capítulo trágico da obsessão em massa temos o tópico especial do vampirismo. Desde a mais alta Antigüidade, os casos de obsessão e loucura foram conhecidos e tratados a pancadas para expulsão dos demônios causadores. Na Idade Média, como disse Conan Doyle, houve uma “invasão de bárbaros”, que os clérigos combatiam com afogamento das vítimas nos rios e lagos, e a queima dos hereges, vivos, em praça pública, sobre montes de lenha a que se ateava o fogo da purificação.

Nos conventos e mosteiros houve a infestação dos súcubos e incubos, demônios libertinos que se apossavam das vítimas, homens e mulheres, para relações sexuais delirantes. A Eclosão da Renascença, após o milênio de torturas e matanças, aliviou o planeta com a renovação da cultura mítico-erótica. Voltam os vampiros, em bandos famintos, ansiosos pelo sangue das novas vítimas. No meio espírita surgem livros mediúnicos de advertência, como *Sexo e Destino*, na psicografia de Chico Xavier, e livros de elaboração humana, mas baseados em experiências mediúnicas, como *Sexo Depois da Morte*, do Dr. Ranieri. São revelações chocantes, mas necessárias, de um aspecto aterrador do problema mediúnico. Não atestam contra a Mediunidade, mas tentam despertar os incautos quanto aos perigos do mediunismo selvagem.

### **Vampirismo e sexualidade mórbida**

São muitos os casos de sexualidade mórbida, exasperada pela atividade dos vampiros. Esta denominação é dada aos espíritos inferiores que se deixaram arrastar nos delírios da sensualidade e continuam nessa situação após a morte. A Psi-

quiatria materialista, impotente diante da enxurrada, incapaz de perceber a ação parasitária dos vampiros, desiste da cura dos desequilíbrios sexuais e cai vergonhosamente na aceitação desses casos como normais, estimulando as vítimas no desgaste desesperador de suas energias vitais, em favor do vampirismo. Não obstante, mesmo ignorando as causas profundas do fenômeno ameaçador, poderia ela contribuir para o socorro a essas criaturas, através de teorias equilibradas sobre os desvios sexuais. Ao invés de dar-lhes a falsa cidadania da normalidade, podiam os psiquiatras da libertinagem recorrer às teorias da dignidade humana, que se não são espirituais, pelo menos defendem os direitos do espírito. Mas preferem deixar-se envolver, que é mais fácil e mais rendoso, tornando-se os camelôs ilustres da homossexualidade, os protetores e incentivadores pseudocientíficos da depravação.

### **Vampirismo sexual**

A existência de certas formas de vampirismo, como a sexual, que viola princípios morais e religiosos, foi pouco tratada no Espiritismo em virtude do escândalo que provocava, podendo até mesmo causar perturbações às criaturas simples ou excessivamente sensíveis. Não obstante, foi sempre conhecida dos estudiosos e pesquisadores e incluída no rol das obsessões. Trata-se realmente de um tipo de obsessão no campo das viciações sensoriais. A denominação de vampirismo decorre de sua principal característica, que é a sucção de energias vitais da vítima pelos obsessores. É uma modalidade grave de obsessão que pode reduzir o obseado à inutilidade, afetando-lhe o cérebro e o sistema nervoso, tirando-lhe toda disposição para atividades sérias. Nos Centros e Grupos espíritas bem orientados, esses casos são tratados de maneira especial, em pequenas reuniões privativas, com médiuns que disponham de condições para enfrentar o problema. Como no caso das obsessões alcoólicas, toxicômanas, e outras do mesmo gênero, é necessário o máximo cuidado na seleção das pessoas que vão tratar do assunto e o maior sigilo a respeito, a fim de evitar-se o prejuízo dos comentários negativos, que influem fatalmente sobre o caso, provocando agravamentos inesperados da situação das vítimas.

### **Homossexualismo adquirido**

A maioria dos casos do chamado *homossexualismo adquirido*, senão todos, provêm de atuação obsessiva de entidades animais, entregues a instintos inferiores. Mas a responsabilidade não é só dessas entidades, é também das vítimas que, de uma forma ou de outra, se deixaram dominar pelos primeiros impulsos obsessivos, ou até mesmo provocaram a aproximação das entidades. A experiência de vários casos dessa natureza revela-nos, ainda, os motivos de provação, decorrentes de atrocidades praticadas no passado pelas vítimas atuais, que são agora colocadas na mesma posição em que colocaram criaturas inocentes em encarnações anteriores. A lei de causa e efeito, determinando o *karma* da terminologia indiana, colhe suas vítimas geralmente no período da adolescência, quando essas ocorrências são mais favorecidas pela crise de transição da idade. Mas, também, há casos ocorridos na idade madura e na velhice, dependentes, ao que parece, de crises típicas desses períodos. Nos casos chamados de ‘perversão constitucional’, a presença dos obsessores não está excluída, pois eles são fatalmente atraídos e ligam-se às vítimas excitando-lhes as sensações e agravando-lhes a perturbação.

Em todos esses casos, o auxílio de práticas espíritas específicas dá sempre resultados. E, se houver boa-vontade da parte das vítimas, os casos serão resolvidos, por mais prolongado que se torne o tratamento. Em casos difíceis e complexos, como esses, é necessária uma boa dose de compreensão e paciência da parte dos que os tratam e uma estimulação constante das vítimas na busca da normalidade.

### **Desvios sexuais e suas procedências**

Os desvios sexuais têm procedências diversas. Suas raízes genésicas podem vir de profundidades insondáveis. A própria filogênese do sexo, que começa aparentemente no reino mineral, passando ao vegetal e ao animal, para depois chegar ao homem, apresentando enorme variação de formas, inclusive a autogênese dos vírus e das células e a bissexualidade dos hermafroditas, justifica o aparecimento de desvios sexuais congênitos. Mais próximos de nós, nas linhas de hereditariedade germinal (que se refere às células reprodutivas dos seres vivos), estão os 'ritos da virilidade' de antigas civilizações, entre as quais a Grécia e a Roma arcaicas, onde, em várias épocas, esses ritos vigoraram de maneira obrigatória, como em Esparta, onde os efebos, adolescentes, deviam receber a virilidade transmitida por homens adultos e viris através da prática homossexual; fornecem, esses ritos, elementos possíveis de explicação para o fenômeno.

Além da hereditariedade filogenética (evolução das espécies, segundo a doutrina do transformismo), há o problema das sensações que se gravam, de maneira mais ou menos intensa, nas estruturas supersensíveis do perispírito, projetando-se em formas dinâmicas na memória profunda ou inconsciente. Essas formas sensoriais podem aflorar na afetividade atual, atraídas por sensações afins, no processo do associacionismo sensorial. Tudo isso, entretanto, não elimina a tendência à normalidade da espécie, principalmente num sistema básico como a da reprodução.

### **O Espiritismo nos fornece os recursos do esclarecimento científico e racional do problema dos desvios sexuais e sua solução**

Dessa maneira, os indivíduos afetados por essas deformações sensoriais, encontram no seu próprio organismo atual, e na sua consciência, os fatores de resistência necessários ao restabelecimento do seu equilíbrio genésico. A ação paralela do vampirismo, que agrava as manifestações de desequilíbrio, recebe das práticas de desobsessão o reforço de que necessitam para a correção de seu desequilíbrio. A Psiquiatria materialista, que desconhece os processos dinâmicos do espírito, pode considerar esses casos como irremediáveis e recorrer ao processo escuso de normalizar o anormal. Mas o Espiritismo nos fornece os recursos do esclarecimento científico e racional do problema.

Enganam-se as entidades espirituais e os estudiosos humanos de Espiritismo, quando atribuem a responsabilidade dos desvios sexuais à reencarnação, aludindo ao problema das mudanças de posição sexual de uma encarnação para outra. Sabemos hoje, com segurança, que a sexualidade é um 'sistema de polaridade' (qualidade, condição ou estado do que possui pólos, ou sentidos opostos, exemplo: pólo sul e pólo norte; masculino e feminino) não adstrito à forma específica do aparelho sexual. Na verdade, a sexualidade é a fonte única dos dois sexos, o masculino e o feminino. Para a mudança de sexo na reencarnação, em face da necessidade de experiências novas no plano evolutivo, basta a inversão da polaridade na adaptação do espírito

ao novo corpo material. Essas inversões se processam no perispírito, como ensina Kardec, pois é este, e não o corpo, o controlador de todo o funcionamento orgânico e fisiológico do corpo material. Seria estranho que, num caso de importância básica para a evolução humana na Terra, essas mudanças não estivessem sujeitas a rigoroso controle das inteligências responsáveis. O que parece evidente nesses casos – mudança de sexo na reencarnação -, é a predominância de elementos da sensibilidade feminina na reencarnação masculina e vice-versa, como nova aquisição do espírito que deve consolidar-se em nova vida.

A concepção de Balzac em *Spirite*, uma das mais belas obras da sua série de romances filosóficos e mais aceitável, embora ainda não verídica: *Spirite* é um ser superior que reúne em sua personalidade, na fusão das *almas gêmeas*, as duas personalidades da dupla polaridade: a masculina e a feminina. Mas essa fusão, essa reunião da parilha humana num indivíduo único, aparece como a síntese dialética das duas metades opostas e complementares, para a integração da unidade biológica da espécie. A unificação biológica, no esquema evolutivo, não pode implicar desajustes e desequilíbrios que perturbem as conquistas superiores da evolução psico-afetiva. Por outro lado, é muito mais lógico e de acordo com a lógica de toda a estrutura legal do Universo, montada num equilíbrio perfeito de minúcias teleológicas.

Não se pode esquecer o princípio da finalidade lógica do Todo Universal, para explicar de maneira ilógica um fato específico do processo lógico universal. O que, às vezes, nos parece um erro da Natureza, nada mais é que um momento de ajustamento de conquistas da evolução para o aprimoramento da espécie. Nesse sentido, as tendências anormais aparecem como conseqüências de faltas ou crimes dos indivíduos que as sofrem, sempre com a finalidade de as superar na encarnação presente, jamais de entregar-se a elas. A objeção psiquiátrica e psicológica de que a repressão produz recalques, frustrações, traumas e outras conseqüências desastrosas para ao indivíduo, provém da visão parcial do problema no campo materialista. Todas as vitórias do homem, no sentido de seu ajustamento às condições normais da espécie, são recompensadas com a tranqüilidade proporcionada pelo ajuste, eliminando a inquietação do desajuste. Um ser bem integrado em sua espécie, corresponde à ordem natural da realidade e às exigências de transcendência de sua própria existência.

### **Quando cessa o vampirismo?**

O vampirismo cessa no momento em que o obsedado se dispõe a reintegrar-se em si mesmo, na posse de sua personalidade, não aceitando sugestões e infiltrações de vontade estranha em sua vontade pessoal e soberana. Sim, porque em nosso foro íntimo todos os direitos são nossos. A supremacia da nossa jurisdição pessoal sobre nós mesmos, é garantida pelos poderes superiores do espírito, desde o instante em que tomamos consciência do nosso valor espiritual e do nosso destino humano. O ajustamento aos planos inferiores, sugeridos como solução do caso, é ilógico e atenta contra os objetivos superiores da vida. Não vivemos para refocilar (refestelar-se) nas esterqueiras (impurezas, imundícies) da espécie, mas para libertar-nos dela. Cabe aos espíritas, que conhecem a outra face da existência, medir a distância qualitativa entre o entregar-se às forças negativas do passado, como escravos de uma situação miserável entre os homens, e o ato de empossar-se nos



seus direitos de criatura humana em evolução, avançando na direção dos anseios superiores da sua consciência humana. E cabe aos médiuns, auxiliar os que estão ameaçados de ser devorados pela esfinge por não terem decifrado os seus enigmas.

### **Os médiuns e a doutrinação dos ‘espíritos-vampiros’ e dos obsedados**

No tratamento mediúnico dos problemas humanos, os médiuns são instrumentos vivos e conscientes da batalha contra o vampirismo de todas as tendências. A idéia simbólica da Mitologia, de que os deuses aspiravam as emanções das coisas que não mais podiam comer ou beber, é a imagem exata da vampirização das criaturas encarnadas pelas entidades desencarnadas inferiores, espíritos ainda em estágio evolutivo primário, que buscam suprir a ausência do seu corpo carnal com a exploração impiedosa e vil dos corpos alheios. Quem repele essa exploração aviltante não age apenas em causa própria, mas na defesa do futuro dos espíritos vampirescos e na sustentação da dignidade humana.

Mas a verdade é que o vampirismo é uma parceria sinistra. Daí a necessidade de se doutrinar primeiro o obsedado, despertando-lhe a consciência das suas responsabilidades, para que ele feche a porta da sua vontade às insinuações dos obsessores.

Um jovem de pouco mais de vinte anos procurou-nos para expor o seu caso. Começou dizendo em lágrimas, de mãos trêmulas: “Sou um desgraçado que goza mais do que muitos rapazes felizes. Toda noite sou procurado, em meu leito, por uma deidade (deusa, divindade) loira e belíssima, extremamente amorosa, que se entrega a mim. É uma criatura espiritual, bem sei, e não quero aceitá-la, mas não posso repeli-la. Após, ela desaparece como nos contos de fadas e eu me levanto e grito por ela em tamanho desespero que acordo os vizinhos. Todos pensam que sou um sonâmbulo ou um louco. Ajude-me, por piedade!”. O caso vinha de longe, desde os seus 16 anos. A jovem lhe aparecera pela primeira vez como sua filha de outra encarnação. Essa referência filial era um embuste, destinado a aumentar as sensações com o excitante do pecado. Seis anos depois o reencontro por acaso. Fugira envergonhado pela confissão e com medo de que o libertássemos da obsessão. Mas já parecia um velho, cada vez mais trêmulo e de cabelos precocemente grisalhos. Prometeu ir ao Centro que lhe indicamos, mas não foi. Tornou a desaparecer e nunca mais tivemos notícias dele. O vampirismo o exaurira e deve tê-lo levado à morte precoce. Os casos desta espécie são mais freqüentes do que geralmente supomos, mas permanecem em sigilo. A situação de ambivalência da vítima auxilia o vampirismo destruidor. A Idade Média se foi, mas esses casos medievais continuam às portas da Era Cósmica.

### **Se o obsedado não quer curar-se, nada se pode fazer**

Mais dois casos conseguimos solucionar em trabalhos de desobsessão em que os pacientes compareciam e as entidades se manifestavam. Mas se o obsedado não se quer curar, nada se pode fazer. A cura está em suas mãos, não nas nossas. O livre-arbítrio do obsessor e do obsedado não será violado. Kardec relata um caso em que conseguiu salvar a vítima em sessões que ele não comparecia, mas o obsessor se manifestava. Eram sessões diárias, realizadas com absoluta pontualidade por um pequeno grupo coeso. Outro caso foi de um bancário, já de trinta anos, que nos procurou e escreveu ao Chico Xavier. Pedia socorro e ameaçava suicidar-se. Não obstante, alegava que era um caso de disfunção no campo estritamente bioló-

gico e não queria submeter-se a trabalhos espíritas. Tratava-se de homossexualismo masculino. Chico Xavier nos respondeu dizendo que só nos restava orar pelo obsedado e sua vítima. A vítima era o espírito vampiresco...

Não podemos nos esquecer, em casos desses, de que o livre-arbítrio é indispensável à evolução do espírito. Cabe a ele procurar com afinco a cura, se realmente a desejar, e então terá toda a assistência espiritual de que necessita. Basta um dos parceiros querer de verdade para que o caso possa ser superado. Este é um dos momentos cruciais em que a responsabilidade individual, no processo evolutivo, se mostra soberana. “Choro de vergonha – dizia – mas se ele voltar eu ficarei feliz.” Apesar dessa teimosia, curou-se após dez anos de luta solitária, orando dia e noite, segundo nos explicou mais tarde. Sua mãe o auxiliava com aparições periódicas, sem nada dizer, mas de olhos cheios de lágrimas. Graças a essa ajuda materna conseguiu despertar a sua vontade anestesiada e livrar-se das tentações vampirescas. Tornou-se espírita e casou-se. Hoje frequenta regularmente um Centro Espírita em São Paulo e se interessa, especialmente, pelos casos de vampirismo. Quer pagar com o seu auxílio aos outros o benefício imenso que recebeu. Ninguém sabe nada do seu passado infeliz e todos o consideram e estimam. Não foi esse o caso de Madalena, que Jesus socorreu e transformou na primeira testemunha da sua ressurreição?

#### **A Mediunidade: luz divina no campo da Comunicação**

A Mediunidade – luz divina no campo da Comunicação – tão desprezada, aviltada e caluniada pelos que não a conhecem, segue humilde na Terra as pegadas de Jesus, semeando bênçãos nos caminhos de urzes e espinheiros impiedosos do mundo dos homens. Graças a ela as mães sofredoras, que deixaram filhos no mundo em resgates dolorosos, conseguem libertá-los de provas esmagadoras, que os homens, em geral, só sabem aumentar e agravar. Os médiuns precisam conhecer esses episódios emocionantes, para compreenderem o esplendor secreto de sua missão e a utilidade superior e humilde do mediunato que lhes foi concedido. Chegou a hora em que esses fatos secretos devem ser proclamados de cima dos telhados, segundo a previsão de Jesus, registrada nos Evangelhos. Mais do que nunca se comprova o adágio: “Ajuda-te e o Céu te ajudará”.

\*

**APÊNDICE**  
**II**  
**ASSOCIAÇÕES MÉDICO-ESPÍRITAS**

[Principal](#)

## Histórico

A Associação Médico Espírita de São Paulo (AME-SP) é uma organização religiosa, científica, cultural, beneficente e sem fins lucrativos, que tem por finalidade o estudo da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec e de sua fenomenologia, tendo em vista as suas relações, integração e aplicação nos campos da Filosofia, da Religião e das Ciências, em particular da Medicina, procurando fundamentá-las através de estudos, idealização e realização de experiências e investigações nesse sentido.

A construção deste conhecimento Médico - Espírita ocorre por meio de estudos e pesquisas que comprovem o Paradigma Espírita – entre outros princípios, a sobrevivência da alma, a comunicabilidade entre espíritos, a reencarnação, a constituição do ser humano em corpo físico, corpos sutis e espírito – demonstrando sua contribuição para o progresso da Ciência e da Medicina como um todo, dada a importância de que se revestem, evidenciando o caráter bio-psico-sócio-espiritual de cada individualidade. Desta forma, está atrelada à área educacional, pois visa levar estes conceitos à Universidade e contribuir, efetivamente, para a mudança do paradigma materialista da Ciência, vigente até o presente momento.

Faz parte, igualmente, de seus objetivos, difundir o ideal médico-espírita, através de simpósios, congressos, vídeos, boletins e outros meios de comunicação, e vivê-lo no ambiente hospitalar e ambulatorial, não se reduzindo exclusivamente ao atendimento médico.

A idéia da criação desta instituição deu-se nos idos de 1968, por um grupo de médicos que se reunia na casa do médium, Spartaco Ghilardi, à Rua Rosa e Silva, em São Paulo, e evidentemente só poderia ter sido “programada” antes da reencarnação. A 30 de março daquele ano, sua fundação foi concretizada na biblioteca do Hospital São Lucas, em São Paulo, sob as bênçãos do Dr. Bezerra de Menezes e Batuira.

Mais tarde, por volta de 1995, foi criada a Associação Médico-Espírita do Brasil ([www.amebrasil.org.br](http://www.amebrasil.org.br)) com o intuito de agregar todas as AMEs existentes em nosso país.

Desde a fundação da AME-SP, fizeram parte de seu quadro associativo, nos mais diversos cargos, espíritos da mais elevada consideração, como Antonio Ferreira Filho, Luiz Monteiro de Barros, Roberto Brólio, Reynaldo Kuntz Busch, Adroaldo Modesto Gil, Eurico Branco Ribeiro, Oswaldo Jesus de Oliveira Lima, Ary Lex, Elisete Santana, Luiz Carlos e Miguel Dorgan, Antonio Godinho de Mônaco, Maria Júlia e Ney Prieto Peres, Marlene Nobre, Abrahão Rotberg, Alberto Lyra, Ney Coutinho, Alfredo de Castro, Homero Pinto Vallada, Elisabeth Rezende Nicodemos, Marco Antonio Palmieri e Sérgio Felipe de Oliveira, somados a outros diversos colaboradores.

Desde 1980, a AME abraça também outras classes de profissionais liberais interessados na Área da Saúde ou em pesquisas afins, mantendo a exigência de que sejam espíritas kardecistas.

Dentre as atividades já desenvolvidas pela entidade, podemos citar três SIBRAPAMEs – Simpósio Brasileiro de Parapsicologia, Medicina e Espiritismo – realizados no auditório principal da USP; palestras com autoridades internacionais tais como Dr. Ian Stevenson, H. N. Banerjee, Thelma Moss e Cleve Baxter; produção de Boletins, em um total de onze, além de vídeos dos cursos e palestras produzidos por seus membros.

A partir de 1991, a cada dois anos, realizou-se o Mednesp, congresso médico-espírita de âmbito nacional, que deu origem, em 1995, à Associação Médico-Espírita do Brasil - instituição que congregou as AMEs de todo o país e que passou, em 1997, a ser responsável pela realização dos congressos nacionais, tendo trazido desde 2003, ilustres convidados estrangeiros que abrilhantaram o evento, como os Professores Drs. Harold Koenig, Amit Goswami e Peter Fenwick.

Atualmente, em sua sede, são realizadas reuniões às 4as feiras, com estudo e discussão de obras e trabalhos científicos, tanto espíritas quanto de revistas científicas.

\*

## **Além do corpo**

**A medicina espiritual desperta cada vez mais interesse. Dois eventos científicos serão realizados para discutir o tema, enquanto centros espíritas que oferecem tratamento estão lotados**

Celina Côrtes, Juliane Zaché e Lena Castellón

Colaborou Lia Bock

Nesta semana, a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – uma das mais importantes da América Latina – será sede de um encontro que, anos atrás, dificilmente ocorreria em suas instalações. No sábado 31, médicos, estudantes e outros profissionais da saúde estarão reunidos em um dos auditórios da instituição para participar do 1º Simpósio de Medicina e Espiritualidade, organizado pela Associação Médico-Espírita de São Pau-

lo. O objetivo do encontro é fazer uma revisão da literatura científica sobre o tema e confeccionar uma proposta de inclusão da disciplina “medicina e espiritualidade” no currículo das escolas médicas. A realização do evento dentro da USP é sintomática. Mostra que a comunidade científica começa a se abrir para o estudo dos fenômenos que envolvem a crença em um mundo espiritual e suas repercussões na saúde.



**Procura:** No centro do médium Waldemar são atendidas 300 pessoas por semana. A fila de espera é de um mês

Outra evidência da crescente importância do tema será a realização, também na capital paulista, em junho, do IV Congresso Nacional da Associação Médico-Espírita do Brasil. O encontro reunirá 2,5 mil profissionais brasileiros e do Exterior. O evento trará cientistas de instituições estrangeiras respeitadas, como o médico Harold Koenig, diretor do Centro para o Estudo da Religião/Espiritualidade e Saúde da Universidade de Duke (EUA). Boa parte dos especialistas estrangeiros não segue o espiritismo, doutrina que conta com mais de dois milhões de adeptos no Brasil. Ela é baseada na crença da existência e imortalidade de espíritos, na sua capacidade de influenciar a vida e a saúde dos habitantes na Terra e na possibilidade de comunicação com eles.

**Mágoas** – A realização dos eventos é apenas uma mostra do crescimento da medicina espírita no Brasil. Outra prova da sua força é o aumento do número de associações médico-espíritas. Em 1995, existiam nove entidades. Hoje, são 30. Essas entidades reúnem profissionais que praticam a medicina convencional, mas usam sua crença para tentar melhorar a saúde do paciente que quiser receber esse atendimento. De acordo com eles, o organismo pode ser influenciado por espíritos que partiram da Terra – chamados de desencarnados – ou por pensamentos das próprias pessoas. “Indivíduos que guardam mágoas, por exemplo, sofrem alterações químicas que podem levar ao aparecimento de doenças ou ao seu agravamento”, diz Kátia Marabuco, oncologista da Universidade Federal do Piauí. “Nós, espíritas, também acreditamos que as pessoas negativas podem atrair espíritos desencarnados que contribuem para o surgimento de desequilíbrios físicos e mentais”, explica. A tática dos profissionais que seguem a doutrina é adotar medidas preconizadas pelo espiritismo para reverter esses quadros. Uma delas é fazer a a-

plicação de passes (imposição de mãos para energização e transferência de bons fluidos). Foi dessa forma que a paisagista paulistana Celeste Nardi, 62 anos, se tratou de depressão e outros problemas. Há quatro anos, frequenta uma clínica onde recebe atendimento psicológico e espiritual. Hoje, Celeste está bem. Para ajudar outros pacientes, ela aprendeu a aplicar o passe. “Quem passou por uma situação semelhante transmite uma energia de cura para quem necessita”, diz.

Essas práticas também fazem parte do tratamento aplicado nos hospitais espíritas existentes no País. Hoje, há 100 instituições do gênero. São entidades que oferecem atendimento espiritual gratuito. A maioria delas é destinada à assistência psiquiátrica. Nesses locais, o doente é submetido ao tratamento tradicional – o que inclui remédios e terapia psicológica – e, se desejar, cuida do espírito. Uma dessas instituições é a Fundação Centro Espírita Nosso Lar Casas André Luiz, em Guarulhos (SP). Na instituição moram cerca de 700 portadores de deficiências mentais e outros 500 são atendidos no ambulatório. A maior parte nasceu com paralisia cerebral.



**MIX:** Lúcio tem paralisia cerebral e controlou crises de inquietação com a associação das terapias convencional e espiritual

**Tese** – O psiquiatra Frederico Leão é um dos médicos da fundação. Surpreso diante da evolução de doentes que combinavam o atendimento espiritual e o convencional, ele está fazendo uma tese de mestrado sobre o assunto, que será

defendida na USP. “Vi casos em que, quando os doentes se submetiam ao tratamento médico e espiritual, tinham uma evolução boa”, conta. Um dos casos é o do paciente Lúcio (nome fictício), 30 anos, que nasceu com paralisia cerebral. Ele não se expressa direito e se locomove numa cadeira de rodas. Há cinco anos, passou a ficar inquieto e manchas escuras apareceram em sua pele. “Os médicos fizeram de tudo e nada adiantou”, lembra-se Márcia Lopes, psicóloga da instituição. Continuaram com os remédios, mas também aplicaram o passe. Os sintomas desapareceram.

Outra instituição é o Hospital Espírita de Psiquiatria Bom Retiro, de Curitiba. Lá, os médicos também adotam uma prática da doutrina que ajudaria no tratamento. São as sessões de “desobsessão”, reuniões nas quais médiuns (pessoas por meio das

quais os espíritos se manifestariam) serviriam como instrumento para que espíritos que estão atormentando o doente se comunicassem e fossem convencidos a deixá-lo em paz. “Quando isso acontece, o paciente fica mais calmo e seu estado clínico melhora”, garante o psicólogo Mário Sérgio Silveira, da instituição. O Hospital Espírita André Luiz, de Belo Horizonte, também usa o tratamento de “desobsessão”. “Em casos difíceis de esquizofrenia, por exemplo, fazemos essa recomendação”, afirma Roberto Lúcio de Souza, psiquiatra e diretor da instituição. Em nenhum desses locais, no entanto, deixasse a terapia convencional de lado. “O tratamento espírita é complementar e não alternativo. Quem passa pelo atendimento, para qualquer doença, não pode deixar de tomar os remédios”, alerta Marlene Nobre, presidente da Associação Médico-Espírita do Brasil.



**Mudança:** Celeste tinha problemas de saúde e foi tratada com passes. Ela aprendeu o método e hoje o aplica em outras pessoas

Além dos hospitais, outros lugares bastante procurados para tratamento espiritual são os centros espíritas. Uma das maiores referências é o Lar de Frei Luiz, no Rio de Janeiro. A instituição conta com 800 médiuns e recebe cerca de quatro mil visitantes em cada um dos dias de atendimento (quarta-feira e domingo). Há 12 anos, essa média era de 800 pessoas. Todos buscam curas físicas, espirituais ou algum consolo. Há salas de cura, de “desobsessão” e de passes. Uma das histórias mais incríveis relacionadas ao centro foi a do compositor Tom Jobim (1927-1994). Quando se submetia a tratamentos convencionais para tratar um câncer de bexiga, Tom esteve duas vezes no Frei Luiz. Na véspera de viajar para Nova York, em 1994, quando morreu de parada cardíaca no Hospital Mount Sinai, o músico conversou com Ronaldo Gazolla, já falecido, na época presidente do centro. Tom estava na dúvida se viajaria e quis saber a opinião de Gazolla. O médico desconversou, não queria influenciar o maestro, embora soubesse que os espíritos já o consideravam curado. “Mas se fosse com você?”, insistiu Tom. “Se fosse eu, não iria”, recomendou Gazolla. Não se sabe o que teria acontecido ao compositor se ele tivesse ouvido o conselho, mas com certeza não teria morrido na mesa de cirurgia. Ana Lontra Jobim, viúva do músico, fala do assunto com reserva. “Quando estive lá, ele saiu mais aliviado”, conta. A farmacêutica Helena Gazolla, viúva de Ronaldo Gazolla, que assumiu a presidência da instituição, explica que, se ocorreram curas, são consequência do merecimento dos doentes. “A pessoa se cura por meio de sua fé. Os médiuns são apenas um canal de energia para ajudar na recuperação de cada um”, diz.

Um dos atendimentos mais importantes e incomuns em centros espíritas, oferecido pelo Lar de Frei Luiz, são as sessões de materialização, nas

quais os espíritos poderiam ser vistos. A matéria-prima que daria forma física ao espírito é chamada de ectoplasma (substância que, de acordo com o espiritismo, seria liberada pelos médiuns para possibilitar a materialização das almas). Nessas reuniões, ocorrem também cirurgias espirituais, feitas por espíritos desencarnados que usariam o corpo do médium.

**Cirurgia** – Em Leme, no interior de São Paulo, há outro centro famoso pelas cirurgias. É a instituição comandada pelo médium Waldemar Coelho, 65 anos, que realiza essas operações há quatro décadas. “Curamos o corpo quando o problema é material e o espírito quando o problema é um carma”, garante. Dois espíritos se manifestariam por meio de Waldemar – um chinês e um médico austríaco. Seriam eles que, sem nenhum corte ou sangue, operariam as pessoas de câncer, diabete e dor nas costas, entre outros males. Cerca de 300 pessoas são atendidas por semana. A fila de espera é de um mês. O procedimento é feito num quarto reservado, na presença do médium e de seus ajudantes.

Na verdade, a cirurgia espiritual não é consenso entre os espíritas. Muitos acreditam que a prática dá margem ao charlatanismo e não deveria ser realizada. De qualquer forma, o fenômeno da medicina espírita intriga a ciência e tem suscitado a realização de estudos. Um deles foi feito no Núcleo de Estudos de Problemas Espirituais e Religiosos do Hospital das Clínicas de São Paulo, vinculado à Faculdade de Medicina da USP. Os cientistas acompanharam o trabalho de um famoso cirurgião espiritual de Goiás em seis pacientes. Eles verificaram que, embora não tivesse sido dada anestesia, praticamente não houve queixa de dor. Também não havia assepsia, mas nenhum doente teve infecção no período observado (quatro dias). “Houve intervenção na região afetada, mas não podemos garantir que funcionou”, observa o psiquiatra Alexander Almeida, coordenador do núcleo. Outro médico que também faz pesquisas é o psiquiatra Sérgio Felipe de Oliveira, presidente da Associação Médico-Espírita de São Paulo. “Há evidências suficientes para que a ciência se interesse pelo assunto. Na minha clínica, observo que quem recebe atendimento médico e espiritual toma menos remédios e adere melhor ao tratamento em relação aos que só passam pela consulta”, afirma.

Santuário Espiritual Ramatís, Rua Carlos Krempel 70, Jardim Bosque, Leme - SP. CEP: 13610-000. Telefone: (19) 572-1100

**Pesquisa** – Oliveira é um dos cientistas que defendem o aprofundamento das investigações sobre a medicina e a espiritualidade, até para que seja possível encontrar a resposta para os casos bem-sucedidos desse casamento. A idéia é estudar não só os efeitos das práticas espíritas, mas o poder da oração e da fé, por exemplo. Essa proposta já é seguida por instituições estrangeiras. Alguns cientistas chegaram a conclusões interessantes. “A religiosidade fortalece o sistema de defesa dos pacientes”, disse a ISTO É Harold Koenig, da Universidade de Duke. Porém, nem sempre os tratamentos que unem medicina e religiosidade, inclusive o espiritismo, têm final feliz. Por isso, muitos cientistas vêem com reservas essa relação. O psiquiatra Richard Sloan, da Universidade de Columbia (EUA), é radical. “Os estudos feitos até agora são fracos. Não mostram evidências de que a espiritualidade pode ajudar no tratamento”, disse a ISTO É. Para o infectologista



Caio Rosenthal, de São Paulo, não cabe ao médico entrar nessa área. “Ele deve se ater àquilo que é comprovado pela ciência”, defende. Já o Conselho Federal de Medicina não critica os médicos que estimulam a prática religiosa a seus pacientes. “Mas somos contra as pessoas que praticam a medicina sem ser médicos, como as que realizam as cirurgias espirituais”, avisa Luiz Salvador de Miranda Sá Júnior, primeiro secretário do CFM.

\*

## **A CONSTRUÇÃO DA ESPIRITUALIDADE NA MEDICINA**

*Por Dra. Marlene Nobre  
Presidente da AME-Brasil*

Cada vez mais, “minorias criativas” (1) buscam a integração entre Fé e Razão, tendo em vista que é impossível compreender o mundo, o universo e o próprio ser humano, sem as luzes de um paradigma, de um modelo, que contemple todas as áreas das cogitações humanas. As revoluções conceituais da física, no século XX, muito contribuíram para essa nova visão da realidade, demonstrando que a matéria cedeu lugar à energia, o tempo é variável, o movimento descontínuo, a interconectividade não localizada, e a consciência é capaz de influir nos eventos, selecionando possibilidades. Nesse novo tempo, especialistas passaram a enxergar o ser humano de forma integral, conectado a uma imensa rede invisível, que engloba todas as coisas, do micro ao macrocosmo, e não têm nenhum pudor em reconhecer a complementaridade entre Ciência e Religião, valorizando a integração da Espiritualidade à vida humana.

Neste site, você acompanhará todos os desdobramentos do novo paradigma para a saúde proposto pelo Espiritismo e também notícias de outras propostas de Medicina e Espiritualidade. Esperamos que ele possa lhe ser útil.

Cada vez mais, “minorias criativas” (1) buscam a integração entre Fé e Razão, tendo em vista que é impossível compreender o mundo, o universo e o próprio ser humano, sem as luzes de um paradigma, de um modelo, que contemple todas as áreas das cogitações humanas. As revoluções conceituais da física, no século XX, muito contribuíram para essa nova visão da realidade, demonstrando que a matéria cedeu lugar à energia, o tempo é variável, o movimento descontínuo, a interconectividade não localizada, e a consciência é capaz de influir nos eventos, selecionando possibilidades. Nesse novo tempo, especialistas

passaram a enxergar o ser humano de forma integral, conectado a uma imensa rede invisível, que engloba todas as coisas, do micro ao macrocosmo, e não têm nenhum pudor em reconhecer a complementaridade entre Ciência e Religião, valorizando a integração da Espiritualidade à vida humana.

Foi assim que ganhou impulso, na década 1970, uma dessas minorias criativas, formada por médicos que buscam implantar nas universidades estudos de Medicina e Espiritualidade. Sob essa denominação, já há cursos regulares ou opcionais, e também de pós-graduação, em 2/3 das universidades americanas, entre outras, nas Escolas Médicas de Harvard, com Herbert Benson, judeu, de Duke, com Harold Koenig, católico, do Novo México, com William Miller, luterano. Afirmamos, com renovada alegria, que nós, médicos espíritas, fazemos parte de uma dessas minorias criativas que tenta levar Espiritualidade às universidades, porque os fundamentos da Medicina Espírita estão em sintonia com o que é realizado, hoje, na maioria das universidades norte-americanas.

A obra do ilustre físico e humanista Fritjof Capra, especialmente, *O Ponto de Mutação*, está na vanguarda dessa luta em favor de um novo paradigma para a humanidade, em particular para a Medicina, com sua proposta de Assistência Holística à Saúde, que contempla o ser humano integral – Mente-Corpo. Nessa luta por um novo modelo de saúde, engajou-se também o físico quântico, Amit Goswami, com sua teoria sobre a Consciência, exposta em sua obra, especialmente, *O Universo Autoconsciente*. Nela, ele sustenta que a Consciência está fora da matéria, sendo, na verdade, fonte criadora do mundo material.

Hoje, tanto quanto nos séculos XIX e XX, há fortes evidências científicas da existência do Espírito. Pesquisadores, em sua maioria não espíritas, têm investigado casos de Experiências de Quase Morte (EQM), Visões no Leito de Morte, Experiências Fora do Corpo, Transcomunicação Instrumental e Reencarnação, acumulando evidências em favor da sobrevivência da alma.

O neuropsiquiatra, Peter Fenwick, os cardiologistas Michael Sabom e Pim Van Lommel, os psiquiatras, Raymond Moody Jr, Elizabeth Kübler-Ross e Sarah Kreutziger, o pediatra Melvin Morse, os psicólogos, Kenneth Ring, Phillis Atwater e Margot Grey, entre outros, relataram casos de EQM, contando o que centenas de sobreviventes da morte vivenciaram, quando foram considerados clinicamente mortos. A conclusão dos pesquisadores e dos

sobreviventes é de que algo imaterial sobrevive à morte do corpo físico.

Na alentada obra *Reincarnation and Biology*, de Ian Stevenson, professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de Virgínia, EUA, constatamos também, nos 2.600 casos pesquisados, não apenas evidências da sobrevivência do espírito, mas igualmente da reencarnação, podendo-se acompanhar, inclusive, a correlação entre as marcas de nascença e os defeitos congênitos da existência atual com as vivências anteriores.

Hoje, já há centenas de trabalhos publicados em revistas científicas prestigiadas, como *The Lancet*, *New England Journal of Medicine*; *British Medical Journal*, *JAMA* etc. sobre o valor da prece na terapêutica (ver site: [www.ncbi.nlm.nih.gov](http://www.ncbi.nlm.nih.gov), do NIH). Do mesmo modo, experiências realizadas pelo psicólogo brasileiro, Júlio Peres, em parceria com o neurocientista, Andrew Newberg, da Universidade da Pensilvânia, EUA, evidenciaram áreas do cérebro em funcionamento, que são ativadas e rebaixadas, durante as sessões de Terapia por Regressão de Memória, realizadas com pacientes do Instituto Nacional de Terapia de Vivências Passadas (INTVP) do Brasil. Essas pesquisas, somadas às que o dr. Newberg realizou com pessoas em estado de vigília e meditação, mostram um campo promissor para o estudo do Espírito e sua atuação sobre a matéria.

No Japão, Massaru Emoto, após 8 anos de investigação, publicou o livro, *Messages from the Water*, mostrando como a água pode formar cristais perfeitos ou não, conforme a ação exercida sobre ela pelos pensamentos e sentimentos humanos. Tanto as experiências de Andrew Newberg e Júlio Peres, quanto as de Massaru Emoto trazem subsídios importantes para validar a Terapêutica Complementar Espiritual e entreabrem novos campos para a pesquisa em medicina energética.

Hoje, com o progresso vertiginoso da Ciência e, igualmente, o aumento maciço das doenças da alma, é imperioso que esses cursos de Medicina e Espiritualidade se multipliquem nas Escolas Médicas do mundo. A mudança de mentalidade, porém, não é nada fácil. Há três séculos, a ênfase tem sido para a visão de um ser humano esquizofrênico, dividido entre as investigações científicas e a busca religiosa, consideradas e alimentadas como irreconciliáveis. Esse paradigma antigo, materialista reducionista, está calcado no predomínio do egoísmo sobre o amor, do intelecto sobre o sentimento, e tem sido responsável pelo re-

crudescimento da violência, da ambição sem freios, dos vícios, da intolerância religiosa e das grandes desigualdades e calamidades sociais. Nele, o ser humano é reduzido tão-somente às funções neuroquímicas do cérebro, destituído de qualquer elemento imaterial que anime suas células. Com esse modelo, não haverá paz no mundo.

Contra ele, a favor da integração espírito-matéria, coloca-se o movimento em prol da Medicina e da Espiritualidade. Com a preponderância deste modelo, que tem na solidariedade uma de suas importantes vigas-mestras, acreditamos que os médicos estarão muito mais aptos a lidar com a dor humana, esforçando-se por diminuir os sofrimentos e angústias dos seus irmãos em humanidade.

**Notas:** (1) Expressão do historiador Arnold Toynbee, que designa grupos minoritários de pessoas, defensoras de mudanças evolutivas, em contraposição, à grande maioria, arraigada à mentalidade arcaica. (2) Tese desenvolvida no seu livro *O Universo Autoconsciente*

\*

*Este trabalho foi apresentado no 2º Congresso Espírita Mundial, em Lisboa, em outubro de 1998, pelo Dr. Sérgio Thiesen.*

Ao lermos os objetivos que é a demonstração pelo Espiritismo que o ser humano, na Terra é antes de tudo um Espírito reencarnado, com seu perispírito e seu corpo transitório e como este último tem sido o único objeto da Medicina faz-se necessário o estudo de suas relações com as enfermidades ou desequilíbrios do Espírito que se manifestam no perispírito e por conseqüência no próprio corpo físico, no decorrer da encarnação.

Mais adiante o articulista coloca o seguinte: “Apesar de todas as luzes acumuladas em milênios de civilização até meados do século 19 ainda não surgira uma tentativa racional, embasada em métodos científicos, de estabelecer uma ponte entre a Ciência materialista e a imaterialidade do Espírito.” Esse, aliás, o grande sonho de Kardec quando no *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 1º, item 8 vamos encontrar Aliança da Ciência com a Religião, s Ciência e a Religião, diz Allan Kardec não puderam entender-se até agora porque encarando cada uma coisa do seu ponto de vista exclusivo, repeliram-se mutuamente. Era necessária alguma coisa para preencher o espaço que as separava, um traço de união que as ligasse. Esse traço está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo corporal.

Graças a esse conhecimento, alguns cientistas começaram a pesquisar e esse trabalho e estudos foram apresentados por Sérgio Thiesen, no O Reformador.

1º caso – Publicado em julho de 1988, na Revista Southern Medical Journal, da autoria do Dr. Randolph C. Bryrd, um estudo que buscava verificar a importância da prece intercessora e seus efeitos segundo critérios aceitos pela Medicina por sua própria metodologia. Foi realizado numa população de 393 pacientes internados por problemas cardíacos graves numa Unidade Coronariana de São Francisco – Califórnia, EUA, analisando de maneira prospectiva, randomizada e duplo-cega\* a evolução comparada de dois grupos semelhantes de pacientes com diagnósticos de Infarto Agudo do Miocárdio ou Angina Instável. Um dos grupos recebeu a prece intercessora a distância (prece e irradiações segundo a prática espírita) e o outro não.

Os pacientes do grupo que recebeu o tratamento espiritual apresentaram menos falência cardíaca, necessitaram menos de diuréticos e antibióticos, tiveram menos episódios de pneumonia, menos paradas cardíacas e necessitaram menos de respiradores artificiais.

2º caso – Paciente de 53 anos, engenheiro, apresentou quadro súbito de mal estar epigástrico e elevação de pressão arterial. Foi constatado Infarto Agudo do Miocárdio. O paciente submeteu-se a exames e tratamentos médico – da medicina convencional.

Procurou um grupo espírita, tendo recebido três atendimentos, sendo dois a distância. Em novo exame, após seis meses foi constatada a presença de uma artéria que nutria a região anteriormente afetada do miocárdio e esta mesma região apresentava recuperação de função contrátil. Estes resultados são surpreendentes sob o ponto de vista da Cardiologia. “Não acredito no que estou vendo” foi a frase do médico.

Este é um exemplo de manipulação fluídica, efeito físico realizado por entidades espirituais.

Thiesen cita mais dois casos, mas para que esta narrativa não fique longa vamos parar por aqui e encerramos afirmando que num futuro próximo unidas a Ciência e a Religião como afirmou Kardec, unindo as Leis que regem o mundo espiritual e o mundo material viveremos melhor e mais felizes.

\* Os trabalhos de pesquisa em Medicina são realizados com algumas características para que seus resultados possam ser validados. Randomização – é a característica que torna as composições do grupo principal em dois grupos - controle semelhante. Duplo-Cego significa que na análise dos resultados, o analista não sabe, de antemão, se o caso pertence ao grupo tratado pela modalidade terapêutica ou ao grupo-controle que não recebeu o tratamento em questão.

\*


## Fenómenos Espíritas e a Ciência

A investigação dos fatos e causas do fenómeno mediúnico é objecto de estudo pela Pesquisa Psíquica, ramo da [parapsicologia](#) (substituindo a [metapsíquica](#)). Seu primeiro interesse é o de verificar a ocorrência dos aludidos factos, mediante o uso de metodologia própria, que inclui a [estatística](#) e o chamado teste [duplo-cego](#). Faz-se investigação científica <sup>[2]</sup> também em âmbito universitário, mas os resultados obtidos até o momento não permitem a conclusão científica da existência de espíritos<sup>[3]</sup>.

Para além dos aspectos doutrinários, existe uma diversidade de práticas que vêm suscitando uma crescente curiosidade dos pesquisadores da área - a ectoplasmia, psicoquinesia, levitação, telepatia, clarividência, pré-cognição, via onírica (sonhos), a psicografia, arte mediúnica, medicina e cirurgia mediúnica, radiestesia e rdomancia.

Kardec, no preâmbulo de *O que é o Espiritismo*, afirma que o espiritismo "é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal". Dentro dessa perspectiva, Kardec teria fundado o que naquele momento se chamou de *Ciência Espírita* <sup>[4]</sup>, tendo como objecto de estudo o [espírito](#) e adotando uma postura teórico-metodológica *própria*, ou seja, não baseada no [método científico](#) <sup>[5]</sup>. Na *Revista Espírita*, que publicou até sua morte, analisa vários relatos de fenômenos aparentemente mediúnicos ou sobrenaturais oriundos de diversas partes do mundo. Esmerava-se por distinguir os acontecimentos que considerava verossímeis de charlatanismo e da simples imaginação superexcitada pela fé.

### Tratamentos espirituais

 *Ver artigo principal: [Tratamento espiritual](#).*

### Cirurgia espiritual

Actualmente, o termo "cirurgia espiritual" é associado a uma prática onde uma suposta [entidade espiritual](#), com ou sem a [incorporação](#) num [médium](#) hospedeiro, e sem [cortes](#), executariam [cirurgias](#) buscando a reabilitação do [enfermo](#). Existem [relatos anedóticos](#) de sucesso na cura em grande número de casos, gerando algum confronto com os conhecimentos actuais da ciência, mas não há nenhuma demonstração científica dessas curas que não seja explicada por outros mecanismos, como o [efeito placebo](#). O caso do [médium João Teixeira de Faria](#) que executa as suas "cirurgias" na [Casa de Dom Inácio de Loyola](#) é para alguns um exemplos actual de "cirurgia espiritual".

Porém, o [Conselho Federal de Medicina](#) e a comunidade científica de modo geral, alertam que esse tipo de cirurgia não deve ser feita em substituição da [medicina](#) tradicional, principalmente em casos graves. Se alguém convencer um paciente de que esse método é eficaz, no [Brasil](#) este pode ser enquadrado na lei por [charlatanismo](#), principalmente se a "cirurgia espiritual" for cobrada ou

causar algum dano no paciente por negligência de socorro, podendo pagar multas e ser condenado a até 1 ano de prisão.

Apesar de o espiritismo não negar a sua eficácia, a prática de cirurgias espirituais por intermédio de médiuns não é abordada na [Codificação espírita](#).

\*

### **Tratamento espiritual**

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Ir para: [navegação](#), [pesquisa](#)

A expressão **tratamento espiritual** é utilizada para abranger um conjunto de métodos de cura praticados em [centros espíritas](#), [espiritualistas](#), de [umbanda](#), ou afins, que têm como objetivo o auxílio no tratamento de [doenças](#) do [corpo](#) ou da [mente](#). Apesar de serem estudados desde o final do [século XVIII](#) (ver [Mesmerismo](#)), a eficácia destes tratamentos ainda não pôde ser comprovada através de pesquisas que utilizem o [método científico](#) experimental.

São denominados de "*espirituais*" pelo fato de, segundo afirmam aqueles que praticam estes tratamentos, serem realizados por [espíritos](#) desencarnados, com o eventual auxílio de um [médium](#). No [Brasil](#), por exemplo, ficaram famosas as cirurgias praticadas pela entidade que se denominava [Dr. Fritz](#), através do médium [José Arigó](#).

Os centros espíritas e espiritualistas que estão comprometidos verdadeiramente com os princípios ético-morais desaprovam a cobrança de qualquer taxa pelo tratamento, e **jamais orientam** os [pacientes](#) a abandonar os tratamentos médicos que fazem. Ao contrário, é comum em muitos deles a recomendação do auxílio de um profissional da área de [saúde](#), como um [psiquiatra](#), por exemplo.

## Índice

[\[esconder\]](#)

- [1 Origem das doenças](#)
- [2 Sobre a eficácia do tratamento espiritual](#)
- [3 As formas de tratamento](#)
  - [3.1 Aplicação de passes](#)
  - [3.2 Fluidoterapia \(água fluidificada\)](#)
  - [3.3 Receituário homeopático](#)
  - [3.4 Tratamento à distância](#)
  - [3.5 Anti-goécia](#)
  - [3.6 Apometria](#)
  - [3.7 Cirurgia espiritual](#)
- [4 A ciência médica](#)
- [5 Bibliografia](#)
  - [5.1 Aplicação de Passes](#)
  - [5.2 Apometria](#)
  - [5.3 Anti-goécia](#)
- [6 Ver também](#)
- [7 Notas e referências](#)

[\[editar\]](#) **Origem das doenças**

 *Ver artigo principal: [Doença espiritual](#).*

Sob a ótica espírita, as doenças tem origem e solução no próprio indivíduo<sup>[1]</sup>. Da mesma forma que para muitas pessoas a felicidade é o fruto da abnegação de um indivíduo, a doença, para um espírita, pode ser considerada como o início da cura. Segundo o neurocientista **Núbor Facure**, "*toda doença, de qualquer natureza, tem sempre uma motivação espiritual*". No entanto, é importante ter em mente que esta motivação pode agir de diversas formas.

[\[editar\]](#) **Sobre a eficácia do tratamento espiritual**

Informam a [Doutrina Espírita](#) e outras crenças espiritualistas que o sucesso de um tratamento espiritual dependeria das seguintes condições serem atendidas simultaneamente:

- o paciente e quem o acompanha necessitam ter fé no tratamento, pois, se eles não acreditarem, suas mentes trabalharão contra o mesmo, bloqueando qualquer benefício possível que possa haver;
  - a doença não deve ser mais necessária para o fim a que se destinava;
  - o médium precisa estar equilibrado emocionalmente e se dedicar ao seu trabalho com amor, o que seria necessário para que ele obtivesse o auxílio de bons [espíritos](#).



Podem ocorrer casos, entendem alguns estudiosos espíritas, de a fé do paciente não ser necessária se as duas outras condições forem atendidas. Isso ocorreria quando o paciente não tivesse fé no tratamento mas tampouco duvidasse dele. Assim, a mente dele não trabalharia a favor, mas tampouco trabalharia contra.

É interessante notar que, segundo os relatos dos Evangelhos sobre as curas que [Jesus](#) teria feito, as condições acima teriam sido cumpridas, senão vejamos:

- nas curas da hemorroíssa (Mt 9, 2-22; Mc 5, 25-34 e Lc 8, 43-48) e do servo do Centurião (Mt 8, 5-8.13 e Lc 7, 1-10), Jesus teria atribuído o bom resultado à fé, no primeiro caso, da própria beneficiada e, no segundo, do patrão do beneficiado;
- em outras curas, Jesus teria despedido o beneficiado recomendando que ele não voltasse a pecar, isto é, que andasse no caminho do bem;
- Jesus, segundo os Evangelhos, estava equilibrado emocionalmente até no momento de sua morte e obtinha o auxílio dos bons espíritos, como o Centurião teria afirmado na comparação que fez e Jesus teria confirmado ao elogiar a fé do Centurião pelo que ele havia dito.

Vale dizer ainda que, no tocante à [importância da fé](#) em qualquer processo de cura, já há estudos sobre o assunto.

[\[editar\]](#) **As formas de tratamento**

[\[editar\]](#) **Aplicação de passes**

 *Ver artigo principal: [Passe espírita](#).*

O *passé*, segundo definido pela [Doutrina Espírita](#), corresponde a uma transmissão de fluidos magnéticos e/ou espirituais de um indivíduo para outro, podendo, uns e outros, estar [encarnados](#) ou não.

Nos centros espíritas e em outras instituições espiritualistas há, durante as sessões públicas, um momento reservado para a aplicação de passes. Acreditam os [espíritas](#) que, nessa atividade, o [médium](#) age como diz o nome, isto é, como intermediário entre os [espíritos](#) e os beneficiados, sendo eles, os espíritos, os emissores dos fluidos benéficos. Dizem ainda os [espíritas](#) que, para que as energias benéficas fluam livremente, é necessário que o médium faça seu trabalho em estado de prece e com amor no coração.

O *passé* espírita é feito sempre com o médium utilizando as suas mãos, que podem ser impostas de forma estática sobre o beneficiado ou movimentadas a redor de seu corpo, sempre, no entanto, sem se dar o toque físico entre os dois. Em outras casas espiritualistas, por outro lado, o *passé* pode incluir toques físicos da mão do médium sobre o beneficiado e sopros daquele sobre partes do corpo deste.

### [\[editar\]](#) Fluidoterapia (água fluidificada)

A chamada "*água fluidificada*" é utilizada nos centros espíritas e em diversos centros de outras tradições espiritualistas. Acreditam os seguidores de tais crenças que a água pode servir como uma espécie de depósito de fluidos espirituais benéficos que são nela mantidos durante um bom período.

Em alguns centros, os frequentadores são orientados a trazer de casa garrafas cheias de água e as deixarem em determinado local do centro para que ali receba, durante a sessão, os fluidos benéficos alegadamente transmitidos pelos [espíritos](#), podendo eles levá-la de volta para a sua casa ao final daquela e beber da água em pequenas doses, obtendo, assim, o benefício contido na água dita fluidificada. Em outros centros, a água dita fluidificada é servida em copinhos aos frequentadores, que a tomam no próprio local.

[Masaru Emoto](#) escreveu um livro intitulado "Os Milagres da Água", onde ele procura demonstrar as propriedades curativas da água com base em uma pesquisa que ele informa ter feito. Trechos da pesquisa de Masaru Emoto podem ser lidos em diversos sites da Internet, acessáveis por uma simples busca pelo seu nome. Pesquisadores [espíritas](#) questionam uma das conclusões de Masaru Emoto, qual seja, a de que, se deixarmos determinados nomes escritos junto à água, isto pode ter efeito sobre ela. Argumentam os ditos pesquisadores que nomes, por si só, não carregam emoção, podendo um mesmo nome pertencer a um homem violento ou a um pacífico. Outro questionamento, [este](#) feito por um cientista que é espírita, é quanto ao trabalho de Masaru Emoto não ter seguido as diretrizes básicas para ser visto como um [trabalho científico](#), isto é, não ter sido publicado em [revista científica](#) especializada, mostrando os métodos empregados de forma a que o mesmo pudesse ser reproduzido por outros cientistas em qualquer canto do mundo, de modo a comprovar as conclusões alegadas.

### [\[editar\]](#) Receituário homeopático

É antiga a tradição de receituário [homeopático](#) em centros espíritas, não sendo, porém, muitos aqueles onde ocorre hoje em dia. Neste tipo de tratamento, há sempre um [médium](#) que escreve as receitas após ouvir os problemas dos pacientes que procuram o tratamento. Esse médium pode ser um [médico](#) homeopático, mas relata-se casos em que não é.

Os medicamentos são informados alegadamente por espíritos médicos, caso em que o médium faria apenas o que o nome diz, isto é, servir de meio pelo qual a receita seria passada para o papel.

Conforme o entendimento [espírita](#), é importante que o médium seja médico homeopata ou o tenha sido em existência anterior, de modo a facilitar a alegada utilização pelo espírito receitista dos seus registros mentais sobre o nome dos remédios e a dosagem de cada um, conforme apropriado para cada caso. Além disso, prefere-se a presença de médico pois a [Lei](#) não reconhece o médium que alega ter recebido um espírito receitista como um médico, portanto o

diagnóstico seguido de prescrição poderia ser qualificado como "exercício ilegal da medicina, arte dentária ou farmacêutica", segundo artigo 282 do [Código Penal brasileiro](#).

### [\[editar\]](#) Tratamento à distância

O chamado "*tratamento à distância*" é praticado em muitos centros espíritas e espiritualistas. Destina-se a atender a pessoas que, por motivo da doença que têm, ou por morarem muito longe, não podem comparecer ao centro pessoalmente.

Nessa forma de tratamento, segundo dizem as obras espíritas que tratam do tema, um [médium](#) leria os dados do paciente que seriam por ele mentalmente passados a espíritos que, então, visitariam o doente com vistas a tratar de sua saúde.


### [\[editar\]](#) Anti-goécia

Antigoécia é um tratamento espiritual praticado em pouquíssimos centros espíritas e espiritualistas.

O termo "goécia" refere-se a um trabalho da chamada "[magia negra](#)", isto é, um cujo objetivo seria prejudicar a alguém com o alegado auxílio de [espíritos](#) voltados para o mal. Logo, "antigoécia" é um tratamento destinado a desfazer um trabalho de goécia que teria sido feito contra alguém.

No movimento [espírita](#), muitos são aqueles que acham que a magia negra não terá efeito contra eles. No entanto, na própria [Codificação Espírita](#), Allan Kardec aborda o assunto em [O Livro dos Espíritos](#) na questão 549, à qual deu o nome de "Pactos". A questão da divergência de entendimento sobre o tema existente no movimento espírita é abordada no artigo [Magia Negra é Bobagem?](#).

### [\[editar\]](#) Apometria

 *Ver artigo principal: [Apometria](#).*

A Apometria é uma técnica de tratamento espiritual criada pelo [farmacêutico](#) e [bioquímico porto-riquenho](#) [Luis Rodrigues](#), quando jovem e residente no [Rio de Janeiro](#). Afirmava ele ter descoberto que, através de uma contagem progressiva, se podia obter o [desdobramento anímico](#) das pessoas e levá-las a hospitais do mundo espiritual onde suas enfermidades seriam diagnosticadas e onde elas seriam tratadas.

Luiz Rodrigues denominou o tratamento de hipnometria, termo que, para evitar confusão com outras formas de tratamento que usam de hipnotismo, segundo relata o Dr. [José Lacerda Azevedo](#), foi rebatizado por este de Apometria. O termo Apometria deriva do grego "apo" = separar e "metron" = medir, tendo-se consagrado como designativo do tratamento espiritual por meio do alegado

desdobramento anímico provocado por uma seqüência de pulsos ou comandos energéticos mentais.

Como forma de tratamento espiritual, a Apometria é rejeitada por grande parte do movimento espírita com o argumento de que as técnicas empregadas nada possuem que seja baseado na [Doutrina Espírita](#). Apesar disso, é um tipo de tratamento espiritual praticado em diversos centros espíritas e espiritualistas dos vários cantos do Brasil, com alegados casos de sucesso.

### [\[editar\]](#) Cirurgia espiritual

A *cirurgia espiritual* para a [Doutrina Espírita](#) estaria associada à intervenção de uma [entidade espiritual](#) na saúde de um indivíduo. Esta intervenção poderia se dar através de um [médium](#) ou não e nenhum corte é realizado no corpo.

A cirurgia espiritual, ainda segundo a Doutrina Espírita, nada mais seria do que um tipo específico de passe que é aplicado para o restabelecimento energético de um determinado órgão interno de um indivíduo, sem qualquer intervenção física. Estas cirurgias aconteceriam muitas vezes sem o indivíduo se dar conta, principalmente enquanto dorme.

Como tratamento espiritual, a chamada "cirurgia espiritual" com intervenção de médiuns é praticada em pouquíssimos centros espíritas e espiritualistas. Os centros onde ocorre, entretanto, são procuradíssimos, geralmente por pessoas que se consideram desenganadas pela medicina tradicional.

Como ocorre com tudo mais que envolve tratamentos espirituais, a seriedade de um centro onde se pratica "cirurgia espiritual" costuma ser avaliada pelos espíritas a partir de dois critérios básicos: as cirurgias não devem ser cobradas aos doentes e o centro onde elas ocorrem deve insistir para que os doentes não abandonem de forma alguma o tratamento médico convencional que vem fazendo ou que procurem atendimento médico caso não o tenham ainda feito.

### [\[editar\]](#) A ciência médica

A [ciência médica](#) e a grande maioria dos profissionais de saúde não consideram os tratamentos espirituais como válidos, atribuindo quaisquer bons resultados observáveis nos pacientes ao tratamento médico convencional a que se submetem, ao [efeito placebo](#) (substância inofensiva e inativa administrada em lugar de um medicamento no decorrer de uma experimentação para determinar a eficácia real de um remédio, tendo em vista eliminar qualquer participação psicológica do doente) e à [remissão espontânea](#). Até o momento, não há nenhum caso cientificamente documentado de melhora após tratamento espiritual que não pudesse ser completamente explicado pelos fatores acima. E não há nenhum dado que comprove diferença na eficácia do tratamento espiritual em comparação com o placebo.

É de se notar, entretanto, um crescente número de médicos interessados em estudar a validade dos tratamentos espirituais como apoio aos procedimentos médicos, como mostra, por exemplo, a realização, nos dias 30 de junho e 1 de julho de 2007, do 1st British Congress on Medicine and Spirituality (Primeiro Congresso Britânico sobre Religião e Espiritualidade). No movimento espírita brasileiro, muitos deles se agregam nas chamadas AME (Associação Médico-Espírita) estaduais, havendo uma entidade nacional chamada de [Associação Médico-Espírita do Brasil](#). A existência dessa entidade, deve ficar claro, significa apenas uma organização de médicos espíritas e não um indicativo de que exista a comprovação de eficácia dos tratamentos espirituais que, como já foi dito, até o momento não há.

Existe um estudo nacional visando investigar a eficácia de tratamentos espirituais, mas que conclui: "As cirurgias são reais, mas, apesar de não ter sido possível avaliar a eficácia do procedimento, aparentemente não teriam efeito específico na cura dos pacientes. Sem dúvida, nossos achados são mais exploratórios que conclusivos. São necessários posteriores estudos para lançar luz sobre esse heterodoxo tratamento." <sup>[2]</sup>.

Verifica-se que o fato de serem, as três condições preconizadas na seção "Sobre a Eficácia do Tratamento", necessárias e suficientes ao sucesso de um tratamento espiritual, implicaria na dificuldade de comprovar a eficácia de tais tratamentos pelo método científico experimental. Desta forma, num experimento assim dirigido, a constatação prática de que o tratamento espiritual é inócuo pode ser justificado pela falta de fé do paciente no próprio tratamento, pela suposta "necessidade" espiritual da doença para a evolução do espírito do paciente ou, ainda, pela interferência do meio gerando desequilíbrio emocional no médium.

Como nenhuma das justificativas para a falência do tratamento espiritual são comprováveis, assim como não haveria comprovação de que os três fatores necessários e suficientes estariam presentes nos resultados positivos, a eficácia do tratamento espiritual só poderia ser pesquisada cientificamente com um espaço amostral grande em quantidade de casos e espaço de tempo, onde a comparação entre os grupos (tratado x não tratado) seria feita esperando-se que a incidência de pessoas que satisfariam todas as condições fosse a mesma em ambos. Não se tem notícia de que tal abordagem tenha sido feita até hoje (janeiro de 2007), o que se justifica pela grande dificuldade da empreitada.

\*

Notas: (Revista Espiritismo e Ciência 11, páginas

\*

14/07/2006

08h30

## **Entre treinos, cirurgia espírita e fofocas, Guga planeja volta por cima**

**Da  
Em São Paulo**

**Redação**

Enquanto os olhos do país estavam voltados para o tal quadrado mágico e a Copa do Mundo, ele esteve treinando. Agora que a onda patriótica cercando o futebol

nafragou, ele segue treinando, mas não tão despercebido. Mas a pergunta é: quando Gustavo Kuerten vai voltar às quadras?

Divulgação



Kuerten participa em comercial de calçado

Sempre transmitindo vibração nos jogos, algo que os brasileiros não viram na seleção nacional, Guga não sabe quando retornará, mas terá uma idéia a partir deste final de semana quando viajar aos EUA para encontrar o cirurgião Marc Philippon, que o operou em setembro de 2004. Com os exames terá idéia se competirá antes de fazer 30 anos, o que acontece no próximo dia 10 de setembro.

Sem jogar desde fevereiro, Kuerten tinha imaginado estar na ativa neste mês, no torneio de Stuttgart, que começa nesta segunda-feira. Mas a recomendação agora é não estabelecer prazos.

Morando há dois meses no Rio, ele segue uma rotina intensa de treinos com o técnico Hernán Gummy, o preparador físico Fernando Cao e o fisioterapeuta Nilton Petrone, motivo de sua estadia carioca. Conhecido pelo apelido Filé, Petrone fez fama nacional ao comandar a recuperação do atacante Ronaldo antes do pentacampeonato em 2002. Filé diz que, diferentemente de Ronaldo, Guga não se deixa abater e sabe muito bem como é esse período de recuperação.

AFP



Petrone tenta corrigir vícios de movimento

Correr na praia, bater bola na quadra, sessão na esteira ou na piscina tem sido a rotina do tricampeão de Roland Garros para que passem as dores no quadril que o atormentam há três anos. O método ganhou até o reforço heterodoxo: o médium Gilberto Arruda fez uma cirurgia espiritual no tenista no início de junho.

No centro espírita localizado no bairro de Jacarepaguá, Guga vestiu uma túnica branca, orou por mais de uma hora e entrou com mais 23 pessoas em uma sala escura.

O médium teria incorporado um médico alemão e atuou com "energia luminosa", nada de corte. Arruda diagnosticou que o tenista teria o fêmur de uma perna maior que o da outra.

O catarinense não foi o primeiro esportista a usar mão desse tipo não-convencional de tratamento. Em 1996, uma série de jogadores de vôlei, incluindo Gilson e Ana Moser, buscaram a "operação espiritual" de Waldemar Coelho, em Leme (SP).

AFP



O argentino Gumy cuida do trabalho em quadra

Guga fez várias visitas ao centro espírita Lar de Frei Luiz, com a aprovação da mãe, a católica dona Alice, e também de Filé, que se surpreendeu com a revelação das pernas diferentes.

Mas esse não foi a única escapadinha de Guga de seu retiro na Barra da Tijuca e Recreio dos Bandeirantes, bairros zona Oeste carioca onde mora e treina, respectivamente. O isolamento e o trabalho intenso, porém, não são suficientes para deixar Kuerten fora da mídia.

Deu tempo para gravar um comercial de calçado, fazer promoção de sua grife de roupa, aparecer nos desfiles do Fashion Rio e estampar nas páginas de fofoca supostos flertes com modelos. Entre elas, a mais conhecida de todas, a também sulista Gisele Bündchen, flagrada jantando com o tenista.

Muita coisa mudou na vida de Guga em seus dez anos de carreira. Quem já foi o primeiro do mundo hoje é 466º do ranking mundial, caindo pela inatividade. Quebrou a ligação com o treinador Larri Passos. Seu irmão Rafael, que fazia as vezes de agente, vive atualmente na Inglaterra.

Folha Imagem



Gisele jantou com o tenista, gerando rumores

Barbudo e cabeludo, ele sabe que o rei do saibro atende por outro nome: Rafael Nadal. Acredita, porém, que pode competir com os outros e dar canseira na revelação espanhola. "Vejo a minha evolução, mas preciso ser paciente, para só retornar ao circuito quando estiver 100%", disse em comunicado oficial nesta quinta.

Os torcedores, porém, não criam muitas expectativas com seu retorno. Pesquisa do site especializado *TênisBrasil* perguntou o que esperar da volta de Guga. As respostas e porcentagens até a noite de quinta: nada (53%), pouco (24%) e títulos (23%). A motivação de Guga é surpreendê-los.

#### UOL Busca - Veja o que já foi publicado com a(s) palavra(s)

- [Hernán Gumy](#)
- [Torneio de Roland Garros](#)
- [quadrado mágico](#)
- [Gilberto - Seleção Stuttgart](#)

**27/03 09:10**  
**Vera Gimenez: 'Me curei após uma cirurgia espiritual'**

Vera Gimenez é uma mulher de fé. Sempre ligada aos assuntos espirituais, a atriz, cujo último papel na tevê foi na novela *Cristal*, do SBT, conta a *OFuxico* que se curou após passar por cirurgia espiritual.

“No ano passado, realizei duas operações no joelho, num centro espírita aqui do Rio de Janeiro. Depois, realizei o folhetim na emissora de Silvio Santos, em São Paulo. E quando retornei para a capital carioca, liguei para o meu médico, fiz uma ressonância magnética e meus problemas no menisco tinham desaparecido. Foi incrível. A operação espiritual me curou”, diz a atriz.

Porém, nos últimos dias Vera tem sentido certo desconforto nos joelhos: “Mas deve ser por conta de outras coisas. Como por exemplo, meu peso”, admite.

A atriz revela que precisa perder uns quilinhos para ficar no seu peso ideal: “Tenho minha dieta, mas não tenho muito tempo para segui-la direitinho”.

•



## BIBLIOGRAFIA

**EMMANUEL** (Espírito). Emmanuel. Psicografia de Francisco Candido Xavier. Editora FEB, RJ, 18ª. edição, 1997.

Leis de Amor, Idem. Editora FEESP, SP. 15ª. edição, 1993.

Pensamento e Vida. Idem. Editora FEB, RJ. 7ª. edição, 1983.

**KARDEC**, Allan. Revista Espírita: 1864, 1865, 1866 e 1868. Editora EDICEL, SP, tradução de Júlio Abreu Filho e J. Herculano Pires (trecho em poesias).

O Livro dos Espíritos. Tradução de J. Herculano Pires. Editora LAKE, SP. 63ª. edição, 2002.

O Livro dos Médiuns. Idem. Editora LAKE, SP. 5ª. edição, 2002.

A Gênese. Tradução de Victor Tollendal Pacheco. Apresentação e notas de J. Herculano Pires. Editora LAKE, SP. 21ª. edição, 2003.

Obras Póstumas. Tradução de João Teixeira de Paula. Introdução e notas de J. Herculano Pires. Editora LAKE, SP. 12ª. edição, 1998.

**PIRES**, José Herculano. Curso Dinâmico de Espiritismo. Editora PAIDÉIA, SP, 1ª. edição, 1979.

Mediunidade. Vida e Comunicação. Editora EDICEL, SP, 3ª. edição, 1980.

Ciência Espírita e suas implicações Terapêuticas. Editora PAIDÉIA, SP, 1ª. edição, 1979.

O Espírito e o Tempo. Editora EDICEL, SP, 7ª. edição, 1995.

Parapsicologia Hoje e Amanhã. Editora EDICEL, SP, 6ª. edição, 1981.

**QUEIROZ**, José Fleurí. A Educação Como Direito e Dever À Luz da Filosofia e do Direito Natural. Editora Mundo Jurídico, SP, 1ª. edição, 2003.

Código de Direito Natural Espírita. Projeto Comentado. Editora Mundo Jurídico, SP, 1ª. edição, 2006.

**QUEIROZ**, José Fleurí e Allan Francisco. Suicídio É Ou Não É Crime? Editora Mundo Jurídico, SP, 1ª. edição, 2007.

**VIEIRA**, Erivam Felix. Parapsicologia. Curas Por Métodos Não Convencionais. Internet. Live Search. (Curandeirismo: a eficácia simbólica das práticas rituais – pesquisa realizada na cidade do Recife durante os anos de 2001 e 2002). Live Search, Revista Virtual de Pesquisa. 2007.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO E RESUMO.....	06
CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	09
MEDICINA E ESPIRITISMO.....	09
<b>J. HERCULANO PIRES</b>	
2 – MEDICINA ESPÍRITA.....	12
<b>J. HERCULANO PIRES</b>	
MEDIUNIDADE CURADORA: A MAIS PERIGOSA DE TODAS, PARA OS MÉDIUNS.....	15
TIPOS DE MEDIUNIDADE CURADORA.....	16
ALLAN KARDEC - SENHORA CONDESSA ADELAIDE DE CLÉRAMBERT. MÉDIUM MÉDICO.....	18
OZUAVO JACOB .....	26
<b>DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.</b>	
CONSELHOS SOBRE A MEDIUNIDADE CURADORA. ....	30
<b>3 - ENSAIO TEÓRICO DAS CURAS INSTANTÂNEAS</b>	
ALLAN KARDEC.....	34
4 - CURAS POR MÉTODOS NÃO- CONVENCIONAIS.....	39
PARAPSIKOLOGIA.....	39
ERIVAM FELIX VIEIRA .....	39
<b>PRIMEIRA PARTE</b>	
<b>A CIÊNCIA ESPÍRITA</b>	
I - ALLAN KARDEC.....	49
<b>A CIÊNCIA ESPÍRITA</b>	
II - JOSÉ HERCULANO PIRES.....	52
<b>A CIÊNCIA ESPÍRITA</b>	
III - EMMANUEL (Espírito).....	60
<b>SEGUNDA PARTE</b>	
EMMANUEL (Espírito).....	66
<b>DAS DOENÇAS E OBSESSÕES: - CAUSAS E CURAS</b>	
CONSIDERAÇÕES GERAIS PELO ESPÍRITO “EMMANUEL” ...	66
<b>TERCEIRA PARTE</b>	
CIÊNCIA ESPÍRITA.....	90
<b>ALLAN KARDEC</b>	
MEDIUNIDADE CURADORA.....	90
<b>CAUSAS MATERIAIS E ESPIRITUAIS DAS DOENÇAS</b>	
OBSESSÃO – SUBJUGAÇÃO – POSSESSÃO.....	90
<b>3 - AÇÃO MAGNÉTICA CURADORA.</b>	
“A VONTADE” .....	96
5 - OS FLUIDOS.....	98
<b>EXPLICAÇÃO DE ALGUNS FATOS CONSIDERADOS</b>	
COMO SOBRENATURAIS.....	107
<b>Vista espiritual, ou psíquica; vista dupla;</b>	
<b>Sonambulismo; sonhos.</b>	
CURAS.....	111
Aparições; transfigurações.....	112
6 - DOS MÉDIUNS.....	119
7 - DA OBSESSÃO E DA POSSESSÃO.....	126

<b>(Livro: Obras Póstumas. § 7º.)</b>	
<b>8 - PODER CURATIVO DO MAGNETISMO ESPIRITUAL PURO (Sem qualquer mistura com o magnetismo humano)</b>	
<b>Espírito do Doutor Demeure.....</b>	<b>131</b>
<b>9 - DA MEDIUNIDADE CURADORA PELA IMPOSIÇÃO DAS MÃOS.....</b>	<b>134</b>
<b>10 - CURA DE UMA FRATURA PELA MAGNETIZAÇÃO ESPIRITUAL, SEM INTERFERÊNCIA MEDIÚNICA.....</b>	<b>139</b>
<b>13 - CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPAGAÇÃO DA MEDIUNIDADE CURADORA.....</b>	<b>154</b>
<b>14 - O ESPIRITISMO É UMA RELIGIÃO? A COMUNHÃO DE PENSAMENTOS.....</b>	<b>161</b>
<b>QUARTA PARTE</b>	
<b>CIÊNCIA ESPÍRITA</b>	
<b>JOSÉ HERCULANO PIRES</b>	
<b>Livro: “CIÊNCIA ESPÍRITA E SUAS IMPLICAÇÕES TERAPÊUTICAS”.....</b>	<b>171</b>
<b>4 - PARAPSIKOLOGIA E ESPIRITISMO</b>	
<b>JOSÉ HERCULANO PIRES</b>	
<b>Livro: PARAPSIKOLOGIA - HOJE E AMANHÃ (Editora Edicel. 6ª. Ed. 1.981).....</b>	<b>186</b>
<b>QUINTA PARTE</b>	
<b>PARAPSIKOLOGIA</b>	
<b>ASPECTOS GERAIS</b>	
<b>Pesquisa recente na Internet (julho/2007).....</b>	<b>211</b>
<b>SEXTA PARTE</b>	
<b>O LIVRO DOS ESPÍRITOS</b>	
<b>ALLAN KARDEC</b>	
<b>PERFEIÇÃO MORAL E SAÚDE PLENA (MENTE SÃ E CORPO SÃ).....</b>	<b>232</b>
<b>APÊNDICE I</b>	
<b>O VAMPIRISMO</b>	
<b>J. HERCULANO PIRES.....</b>	<b>246</b>
<b>APÊNDICE II</b>	
<b>ASSOCIAÇÕES MÉDICO-ESPÍRITAS.....</b>	<b>253</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>275</b>

## CAPA TRASEIRA

### O INSTITUTO PAULISTA DE PARAPSIKOLOGIA

Herculano Pires participou ativamente da criação do Instituto Paulista de Parapsicologia, o primeiro científico em todo o país. O nobre instituto foi fundado em 30 de agosto de 1963 em sessão solene no auditório da Biblioteca Pública de São Paulo (Biblioteca Mário de Andrade). Herculano Pires registrou o fato em seu “diário”.

“Recusei-me a aceitar a presidência ou uma vice, e graças a Deus conseguimos que a presidência fosse ocupada pelo prof. Aníbal Silveira, da Universidade de São Paulo (professor de psicologia clínica na Faculdade de Filosofia e na Faculdade de Medicina) e as duas vices, respectivamente, pelo prof. Candido Procópio Ferreira de Camargo, também da USP, e pelo psiquiatra Alberto Lyra. Fiquei como secretário-geral. Fiz, na instalação, em nome da Diretoria, uma comunicação sobre “Aspectos da metodologia parapsicológica”, definindo a orientação científica do Instituto.”

Note o leitor que entre os diretores e os professores dos cursos realizados pelo Instituto figuravam católicos, livres pensadores, protestantes e positivistas, os quais, mais tarde, colocaram Herculano Pires na presidência, evidentemente devido a sua cultura e caráter ímpoluto, de que é exemplo, inclusive, o fato de em nenhum momento o mestre se servir dos cursos ou das conferências promovidas pela instituição para combater religiões ou divulgar o Espiritismo.

“Certa vez (conta Herculano Pires) no encerramento de um curso na Faculdade de Ciências Médicas dos Hospitais da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, um dos assistentes me perguntou, em meio dos debates, como eu me arranjava entre o Espiritismo e a Parapsicologia. Respondi-lhe que não encontrava nenhuma dificuldade, pois o objeto da Ciência Espírita e da Parapsicologia é o mesmo, e no tocante à conclusão das pesquisas não houve, até o momento, nenhuma contradição. (...) As contradições com o Espiritismo são fruto apenas de teorias ou hipóteses pré-fabricadas e com endereço certo. Tudo quanto se concluiu até agora: a existência das faculdades paranormais ou psi; a natureza genérica de psi (mediunidade generalizada), sua diversificação em cada indivíduo (diversidade das manifestações mediúnicas) a divisão de psi em psigama e psikapa (mediunidade inteligente e de efeitos físicos), a faculdade psi como própria da mente do indivíduo e fundada no seu inconsciente, mas sujeita a interferências estranhas (animismo e espiritismo, fenômenos produzidos pelo espírito do médium e por espíritos estranhos), a natureza extrafísica da mente e do pensamento (a mente como órgão do espírito e não do corpo), tudo isso confirma simplesmente o que a Ciência Espírita descobriu, proclamou e vem sustentando há mais de um século. (...) Dessa maneira, o espírita só tem motivos para apoiar e incentivar o desenvolvimento da Parapsicologia, tanto mais que esta se originou, declaradamente, das pesquisas espíritas.” (Livro: “J. Herculano Pires – O Apóstolo de Kardec”. Autor: Jorge Rizzini, Editora Paidéia, 1ª. edição, 2001).

**PRIMEIRA DOBRA DA CAPA (DIANTEIRA)****JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ**

Nascido na cidade de Buri-SP, aos 16/10/1941 é Auditor Fiscal da Receita Federal, aposentado em 1991; bacharel em Ciências Contábeis e Atuariais pela Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo – Fundação Álvares Penteado (1966); bacharel em Direito pela Faculdade FKB, de Itapetininga (1973). Pós-graduado em Direito Penal – lato sensu -, pela FMU-SP – Faculdades Metropolitanas Unidas – (1996); Mestre em Filosofia do Direito e do Estado – scricto sensu -, pela PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica – (1998). Advogado criminalista e professor universitário de 1998 até 2.001, nas cadeiras de Direito Penal, Instituições de Direito Público e Privado, Filosofia Geral, Filosofia do Direito e do Estado, Filosofia e Ética Profissional, nas Faculdades de Direito de Itapetininga-SP (FKB) e de Administração de Itapeva-SP (FAIT). É autor dos livros sobre Filosofia do Direito, pela Editora Mundo Jurídico: “A EDUCAÇÃO COMO DIREITO E DEVER À Luz da Filosofia e do Direito Natural” (2003), “CÓDIGO DE DIREITO NATURAL ESPÍRITA” - Projeto Comentado (2006), “SUICÍDIO É OU NÃO É CRIME?” (em parceria com seu filho Allan Francisco Queiroz, 2007). “A VIOLÊNCIA. A CRIMINALIDADE. O CRIMINOSO. A SUPERLOTAÇÃO CARCERÁRIA” (No prelo).

